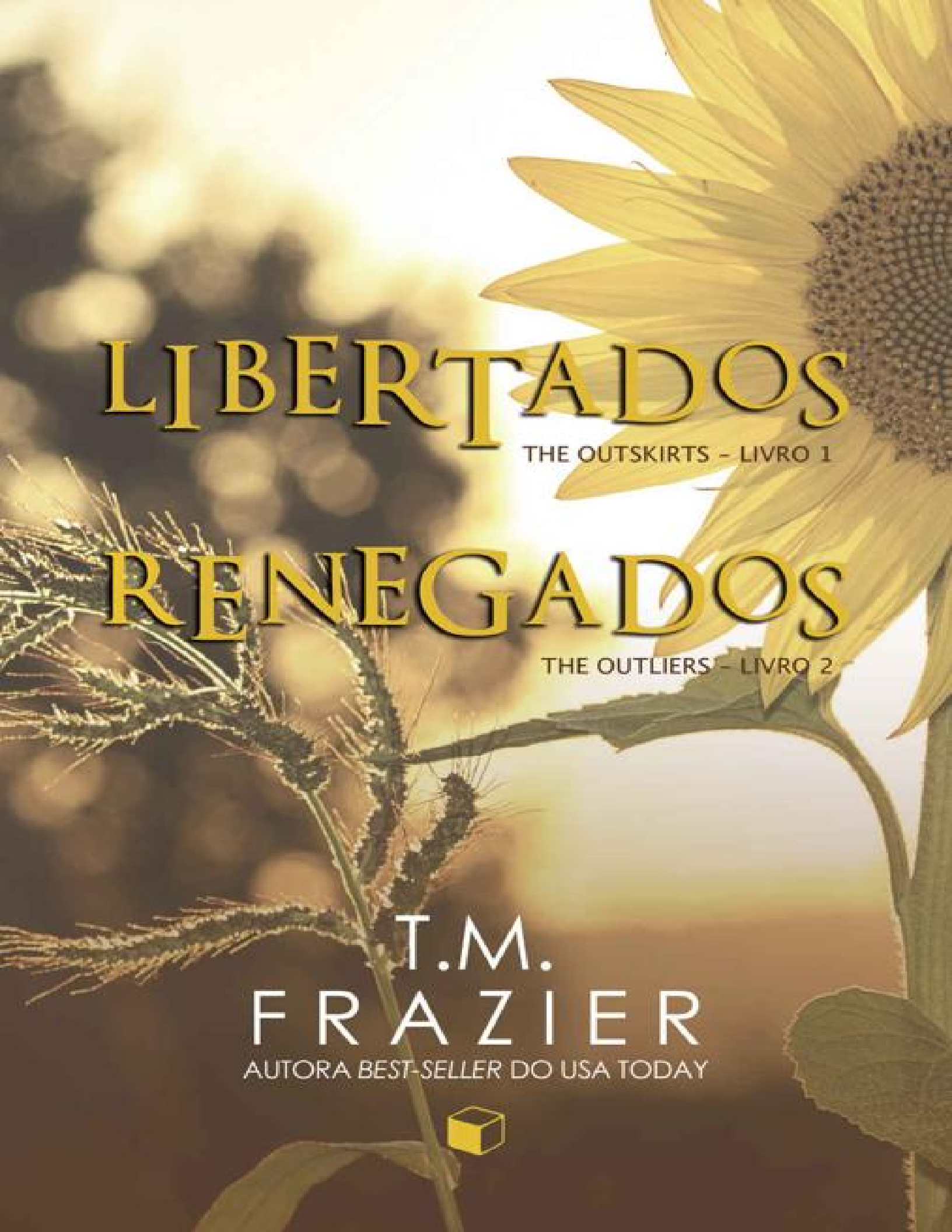




LIBERTADOS

THE OUTSKIRTS - LIVRO 1

RENEGADOS

THE OUTLIERS - LIVRO 2

T.M.
FRAZIER

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY





Sumário

[Início](#)

[Libertados](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Renegados](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

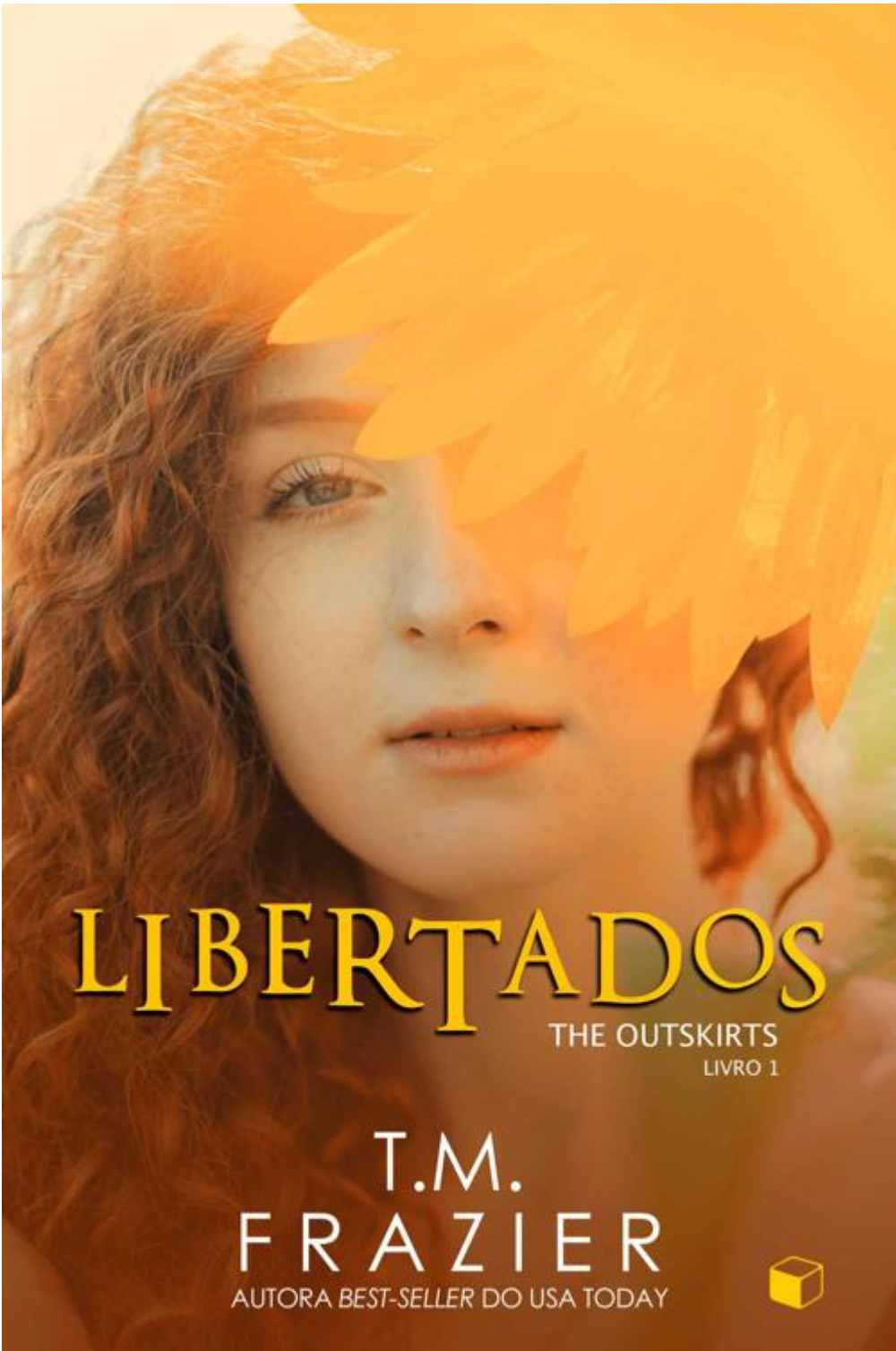
[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Cena bônus](#)

[Cena bônus 2](#)

[Agradecimentos](#)



LIBERTADOS

THE OUTSKIRTS
LIVRO 1

T.M.
FRAZIER

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY



T.M.
FRAZIER

LIBERTADOS

THE OUTSKIRTS
LIVRO 1

Traduzido por Julia N Ventura

1ª Edição



2021

Copyright © T. M. Frazier, 2017
Copyright © The Gift Box, 2018
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Gerente Editorial:

Solange Arten

Tradução:

Julia N. Ventura

Arte de capa:

Bianca Santana

Revisão final:

Equipe The Gift Box

Diagramação e preparação de texto:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

F927L

Frazier, T. M.

Libertados [recurso eletrônico] : the outskirts / T. M. Frazier ; tradução
Júlia N. Ventura. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2018.
recurso digital ; 1 MB (The outskirts ; 1)

Tradução de: the outskirts

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-52923-35-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. 1. Ventura, Júlia N. II.
Título. III. Série.

18-53515

CDD:813

CDU: 82-31(73)

MEDO E AMOR SÃO PRATICAMENTE A MESMA COISA.
OS DOIS FAZEM O CORAÇÃO ACELERAR E O CORPO TREMER.
TE DEIXAM AGITADO E ALERTA.
TE DEIXAM INQUIETO COM PENSAMENTOS QUE TE CONSOMEM.
ABRAÇAR O MEDO É A MESMA COISA QUE ABRAÇAR O AMOR.
MACHUCA.
ACABA.
TUDO É PERDIDO.
TUDO PODE SER ENCONTRADO OUTRA VEZ.

PRÓLOGO



Os sons ao seu redor podem dizer muito sobre a sua vida. É terrivelmente assustador como eles podem mudar de uma hora para outra sem nenhum aviso.

Um dia é a euforia ensurdecadora de uma multidão no jogo local; o som das garrafas de cerveja batendo umas nas outras; as risadas das mulheres em seus jogos de sedução.

No dia seguinte, é o som de um rádio sendo desligado de repente.

A respiração forte.

A batida surda que você nunca vai conseguir apagar dos seus pesadelos.

E depois dos gritos vem o pior de tudo.

O silêncio.

Mas se você prestar bastante atenção, é possível escutar algo a mais. Um som tão singular que jamais poderia ser confundido

com outra coisa além daquilo que é.

O som do seu próprio coração se quebrando.

CAPÍTULO 1



Eu não chorei.

Nenhuma lágrima sequer.

Que tipo de pessoa não chora no funeral da própria mãe?

Nem sei por que fiquei me fazendo essa pergunta, já que a resposta era relativamente óbvia.

Não havia mais lágrimas em mim.

Do mesmo jeito que não havia mais na minha mãe.

O que eu fiz foi me concentrar no quanto ela teria odiado toda a cerimônia. Os homens estavam sentados na frente e as mulheres em pé no fundo, como era o costume na nossa igreja.

Todos estavam de preto.

A minha mãe detestava preto.

O reverendo Desmond proclamou:

— A família é a razão pela qual Deus nos coloca aqui nesse mundo. Ela pode nos fortalecer e nos derrubar. É um dia triste

quando perdemos um membro da nossa comunidade. Alguém que era mãe, que era esposa. Que era uma das filhas devotas do Senhor.

Mesmo tendo visto a minha mãe inúmeras vezes ao longo dos anos, ele não sabia nada sobre ela. O que fazia sentido, já que, na verdade, ele nunca tinha conversado com ela. Meu pai sempre falava em nome da nossa “família”, enquanto a minha mãe e eu ficávamos obedientemente atrás dele, de cabeça baixa e mãos cruzadas. Olhando para o chão.

E por não conhecer a minha mãe, o sermão do reverendo foi, na melhor das hipóteses, genérico.

Frio.

Sem nenhum detalhe pessoal.

O que ele disse foi que a minha mãe estava onde era seu destino. Feliz e a salvo nos braços do nosso Senhor Salvador.

Uma explosão de riso incontrolável escapou da minha boca e, com todos aqueles rostos se virando na minha direção, fingi que era um soluço de tristeza profunda. O que, apesar de ser melhor que uma risada, também era inaceitável.

Mesmo sem erguer o olhar, pude sentir a fúria de meu pai na fileira da frente. Mas não deu para evitar. A hipocrisia era hilária.

A salvo nos braços do nosso Senhor Salvador?

A Igreja da Luz de Deus acreditava que o suicídio dava a você uma passagem só de ida para o inferno. Claro, todos fingiam que aquilo tinha sido um acidente, mas eu sabia a verdade.

A minha mãe não foi acidentalmente atingida por um carro.

Ela se colocou no meio do trânsito naquele dia, consciente do que estava fazendo. Ela tinha um propósito.

Meu pai não sabia, ou não se importava, ou simplesmente não admitia a possibilidade de que aquilo não havia sido um acidente. Mas a postura dele não era nenhuma surpresa para mim. Ele acreditava no que queria e esperava que os outros acreditassem na mesma coisa. Mesmo que tudo fosse uma grande mentira.

Mesmo se as mentiras fossem a seu respeito.

Como ele ser um cidadão honrado.

Um líder na igreja.

Um marido e um pai dedicado e amoroso.

Um homem de Deus.

Meu pai interpretava bem o papel. Cabisbaixo, ele parecia realmente um viúvo sofrendo com a tristeza do luto. Quando, na verdade, provavelmente estava tentando não cochilar depois de ter virado boa parte de outra garrafa de uísque naquela manhã.

O reverendo continuou o seu sermão de meias-verdades:

— Ela era uma mulher obediente...

Obediente? Ele não conseguiu pensar em nada melhor que isso? Obediente?

Minha cabeça parecia girar enquanto eu ouvia o sermão.

A verdade é que a minha mãe, Caroline Dixon, era alguém que raramente sorria. Ela vivia debaixo de um teto onde as regras eram ditadas pelo medo constante. Raramente saía de casa. Estava sempre se desculpando. Se alguém fizesse uma pesquisa, a frase mais frequente de sua vida seria “me desculpe”, e ainda assim dita

em um sussurro inaudível, com a cabeça baixa.

De repente, eu me dei conta de algo que me atingiu de maneira tão intensa, que foi como se tivesse levado uma joelhada no estômago. Encolhi o corpo e cambaleei para trás, sussurrando um pedido de desculpas para as mulheres nas quais eu havia batido e que, com sorte, pensaram que eu estava tendo algum tipo de crise causada pela minha tristeza devastadora.

Meu pai olhou para mim e, apesar de seu sorriso triste ter parecido compreensivo para todas as outras pessoas, eu sabia muito bem o que estava acontecendo, podia ver a fúria ganhando força por detrás daqueles olhos frios. Os meus surtos certamente não ficariam impunes.

Continuei andando para trás até conseguir me afastar da cerimônia e de toda a multidão. Agachei-me e fui largando o corpo até ficar com as costas na grama e com o topo da cabeça pressionado contra uma lápide de granito reluzente.

A revelação daquele instante acabaria sendo um divisor de águas na minha vida. Naquele dia, tudo mudou para sempre, e eu me vi tomando um caminho sem volta.

Se eu continuasse a viver do jeito que estava, do mesmo jeito que a minha mãe vivera... Subserviente. Submissa. Abusada. Agredida. Então aquele mesmo sermão, com aquelas mesmas palavras genéricas e com aquelas mesmas mentiras a respeito de uma vida que ela nunca vivera, seria repetido em outro funeral algum dia.

No meu.

CAPÍTULO 2



SAWYER

Ansiedade era o eufemismo do século.

Meu joelho direito balançava tão rapidamente, que minha saia jeans formava um borrão. Eu estava sentada na beirada da cama, batendo o calcanhar com tanta força, que tinha certeza que, se ficasse ali tempo suficiente, um buraco se abriria no chão e eu cairia direto no andar de baixo.

Ansiedade não era permitido na casa dele.

Assim como qualquer peça de roupa que mostrasse mais do que um tornozelo ou cotovelo. Assim como celulares ou qualquer acesso à internet que não estivesse servindo a algum propósito pré-aprovado por ele.

O funeral da minha mãe havia acontecido horas atrás. Meu pai estava no encontro que segue a cerimônia, e que apenas os homens podem participar.

Deparei-me com meu próprio reflexo no pequeno espelho

acima da cômoda. Meu cabelo podia ser castanho–avermelhado — diferente do da minha mãe, que era loiro radiante —, mas, por trás das inúmeras sardas que cobriam meu nariz e bochechas, não havia dúvidas de que eu estava vendo o rosto dela me encarando de volta.

Empurrei as minhas cutículas e baixei o olhar para as minhas mãos, virando-as e analisando cada lado.

Eu também tinha as mãos dela.

E como a quietude era inimiga, eu me levantei e comecei a andar para lá e para cá no meu quarto pequeno e simples. Acima da cama, na parede branca, ficava o único quadro, uma pintura da Virgem Maria segurando o menino Jesus.

Meu pai sugeriu que eu combatesse a minha tristeza com orações e que, se não funcionasse, com algum trabalho pesado. Como faxina.

Faxina.

Ele realmente havia sugerido que para superar a morte da minha mãe... Eu deveria *fazer faxina*.

A sugestão era o verdadeiro problema. Não o luto. Meu pai não fazia ideia de que eu ainda tinha que viver a tristeza daquela perda. Eu me sentia anestesiada. Frustrada. Brava. Mas o luto estava demorando, e eu havia decidido que não ficaria com as luzes acesas, acordada, esperando-o chegar.

Com toda aquela andança pelo quarto, derrubei um pote cheio de lápis que estava sobre a minha escrivaninha. Ajoelhei no chão e comecei a recolher cada um deles. Ao esticar o braço

debaixo da cama para pegar aqueles que haviam rolado lá para baixo, a minha mão esbarrou em alguma coisa dura.

Analisando melhor, descobri que era uma caixa.

Uma caixa que eu não tinha colocado lá.

Arrastei-a para tirar de debaixo da cama e, depois de me sentar, coloquei-a no colo. Era uma caixa de sapato velha. Rosa desbotado com letras brancas. Havia um envelope grosso, do tipo que se usa para enviar documentos grandes, fixado na tampa com fita adesiva. Na parte superior do envelope, estava meu nome escrito com a letra apressada da minha mãe.

A primeira folha da pilha grossa que tirei de dentro do envelope era uma carta. Enquanto eu a lia para mim mesma, era a voz dela que eu ouvia.

Sanyer,

Minha menina linda.

Tem tanta coisa que eu gostaria de dizer.

Apesar de tudo, de alguma maneira você conseguiu se tornar uma jovem gentil, esperta e capaz. Você tem muita coisa a oferecer para esse mundo. Mais do que imagina.

Na minha vida, aprendi que existem dois tipos de pessoas: as fracas e as fortes. Aquelas que são fortes erguem as demais para que se sintam igualmente fortes. Aquelas que são fracas fazem o que podem para que as demais se sintam tão desamparadas quanto elas.

Cerque-se de pessoas fortes.

Apaixone-se pelas pessoas fortes.

Divida a sua vida com alguém que vai te fazer encarar as tempestades e não se esconder

delas.

Nunca vou conseguir me perdoar por não ter sido capaz de dar a vida que você merecia, mas saiba que te amei do fundo do coração e que, no final das contas, era em VOCÊ e só em você que eu pensava. Você é o melhor presente que eu já recebi. Aceite na sua vida apenas aqueles que sentem o mesmo.

Espero que o conteúdo dessa caixa possa te ajudar a me conhecer melhor e que, ao longo do processo, talvez, você possa acabar aprendendo um pouco mais sobre si mesma. Tome os meus segredos como seus.

Eu amo você, minha doce menina, e continuarei amando daqui até a eternidade.

Você fez cada segundo insuportável nesse mundo valer a pena.

Desculpa.

- Mãe

Qualquer outra pessoa provavelmente estaria chorando depois de ler uma carta da mãe recém-falecida, mas eu estava confusa demais.

Brava demais.

Como ela se atreve a me dizer para ter coragem? Como se atreve a escrever uma carta ao invés de ficar por perto o tempo suficiente para me dizer essas coisas pessoalmente?!

Larguei a carta.

A caixa de sapato estava coberta com vários tipos de adesivos e com rabiscos cheios de Is com pingos em forma de coração e de Os com carinhas sorridentes. Em voz alta, perguntei a mim mesma:

— O que é que você estava fazendo, mãe?

A curiosidade cresceu quando me deparei com uma Polaroid de uma caminhonete velha e enferrujada puxando um pequeno trailer. Até onde eu sabia, a minha mãe nem tinha licença para dirigir. Eu nunca nem a tinha visto atrás de um volante.

Rusty e Blue 1995 era a legenda embaixo da foto, escrita em tinta preta desbotada com a letra dela.

Dentro da caixa, havia um chaveiro com várias chaves de diferentes cores e tamanhos e outro bilhete da minha mãe.

Você vai encontrar o Rusty e a Blue no Armazém Queen, Boxe 23. Seja boazinha com eles.

Na caixa, também havia um delicado colar de ouro com um pingente de girassol. Joias que não fossem de natureza religiosa eram estritamente proibidas. Há quanto tempo a minha mãe tinha aquele colar? E como foi que conseguiu mantê-lo, assim como um boxe cheio de veículos em um armazém, em segredo do meu pai?

De MIM?

Larguei a caixa e tirei a carta de cima da pilha, revelando o documento que estava atrás dela. Mais uma vez, outro segredo muito bem guardado.

Tratava-se de uma escritura que concedia a mim, administradora do Bobcat Holdings, um terreno em uma cidadezinha chamada Outskirts.

Outskirts?

A minha mãe nunca tinha falado desse lugar. Eu me lembraria. E ela nunca ia a lugar nenhum sozinha, só viajava quando acompanhava meu pai nos cultos itinerantes.

Eram inúmeras as perguntas, mas eu não tinha tempo para refletir sobre todas, porque a janela do meu quarto foi iluminada pelos faróis de um carro que havia entrado no caminho de acesso à casa. Enfiei de volta o conteúdo para dentro do envelope e empurrei a caixa para debaixo da cama.

Desci correndo as escadas a tempo de receber meu pai, no momento exato em que ele entrou pela porta que ligava a garagem à lavanderia, o seu olhar habitual de reprovação e ódio.

Passei por ele apressada e em silêncio, e entrei na cozinha sem tirar os olhos do chão. Os passos pesados dele logo atrás de mim.

Eu me apressei para fazer o jantar, e ele abriu a geladeira para pegar uma cerveja. Mas, de repente, mudou de ideia, fechou a porta com força e apanhou uma garrafa de Wild Turkey que estava no armário.

Noites de uísque nunca eram noites boas.

Senti o cheiro da bebida antes mesmo de ele abrir a garrafa porque, como de costume, ele já tinha bebido.

E quando é que ele não bebe? Lembrei-me das palavras sussurradas pela minha mãe algumas semanas antes.

Devo ter dado uma risada em voz alta.

— Qual é a graça? — perguntou, irritado, enchendo mais da metade de um copo com o líquido amarelo-âmbar.

— Nenhuma, senhor — respondi, com uma falsa polidez praticada ao longo de toda a vida. Tirei um frango do congelador e algumas batatas da geladeira. — Só estava concluindo as minhas orações.

— Orações devem ser feitas de joelhos diante de Deus, não na cozinha — repreendeu-me, colocando um grosso envelope bancário em cima do balcão antes de ir para a sala de estar ao lado da cozinha.

— Preciso que faça o depósito no banco logo pela manhã.

— Sim, senhor.

Uma ideia que vinha se formando na minha cabeça começava a fazer cada vez mais sentido. Uma que tinha começado a tomar forma no funeral da minha mãe e que se fortalecera com a descoberta da caixa debaixo da cama. Naquele instante, olhando para o envelope em cima do balcão, ela tomou o lugar central do meu cérebro e se firmou. Já não era mais apenas uma ideia.

Era um *plano*.

Meu pai jogou os óculos sobre a mesa e senti um frio na espinha. Tentei continuar o que estava fazendo e ignorar a raiva que via crescer ao redor dele como uma tempestade de areia no momento em que empurrou a cadeira para longe e voltou pisando forte para a cozinha, mas era impossível ignorá-lo quando ficava com aquele olhar. Não tinha como escapar do que estava por vir.

Não importava o que eu dissesse.

Não importava o que fizesse ou deixasse de fazer.

Era sempre a mesma coisa.

— Eu não me esqueci do que aconteceu hoje cedo. Você tem que ficar quieta em público, a não ser que alguém se dirija a você. Independentemente de a sua mãe estar aqui ou não, as regras não mudam. Nem as minhas, nem as de Deus.

Ele parou atrás de mim e ouvi o som que eu mais odiava no mundo. O som da fivela do cinto dele tinindo enquanto deslizava pelos passadores. Ele estalou o couro no ar, um aviso do que estava por vir. Apoiei-me com os antebraços no balcão, assim como havia feito outras milhares de vezes.

— O Senhor não tolera esse tipo de insubordinação, nem eu.

Ele repetiu a mesma ladainha de sempre, descendo o cinto na minha lombar. O golpe parecia uma ferroadada de início, e então se transformava em uma lenta queimadura, um ardor que ia esquentando cada vez mais. E assim descontava em mim a raiva que sentia do mundo. Golpe após golpe.

Por sorte, eu não estava lá.

Depois da primeira investida, não senti mais dor. A minha mente fugiu dali e voltou para a carta da minha mãe. Para as chaves. Para a escritura das terras que eu nunca soube que ela tinha e que deixou para mim.

Eu me vi sorrindo em meio a tanta dor.

Depois de me bater pela última vez, meu pai me empurrou pelos ombros e me derrubou no chão. Caí com as mãos e os joelhos no piso da cozinha e com o rosto muito próximo do armário.

— Coloque a janta na mesa em vinte minutos — ordenou,

como se fosse um rei dando ordens a um de seus servos, e então atirou o cinto no chão. — Pegue.

Voltou para a sala pisando forte, sentindo algum tipo doentio de satisfação que sempre sentia ao me disciplinar. Independente de quantas vezes, em toda a minha vida, eu tenha escutado que o Senhor exige disciplina frequente das mulheres, nunca acreditei nisso.

Nunca acreditei em nada disso.

Apoiei-me na bancada para me erguer e, ao pegar o envelope bancário que ele havia deixado ali, fui repentinamente tomada por um sentimento com o qual eu não estava familiarizada. Um sentimento que deve ter surgido com a minha nova rebeldia.

Poder.

Os meus ombros estremeceram e virei de costas para a sala, cobrindo a boca para evitar que qualquer som escapasse. Mais uma vez, era tarde demais.

— Engole o choro. Ela se foi. Não há nada que a gente possa fazer a não ser rezar — gritou da sala.

Ele não sabia que, na verdade, eu não estava chorando.

Estava ocupada demais dando risada.

CAPÍTULO 3



SAWYER

Era meu aniversário.

Enquanto a maioria das jovens completando vinte e um anos (não as da igreja, claro) estaria fora de casa celebrando a nova etapa da vida com amigos e familiares, os meus planos não envolviam presentes ou festas.

Envolviam algo muito, muito diferente.

Fugir.

Rusty e Blue estavam exatamente onde minha mãe tinha dito que estariam. Precisei de muita discrição para chegar até eles, o que foi feito, sobretudo, enquanto meu pai participava do culto para os homens, achando que eu estava no centro das mulheres ajudando a preparar a refeição que costumava ser servida depois da reunião.

Tanto o Rusty quanto a Blue estavam... velhos. No entanto, quando virei a chave pela primeira vez e o Rusty rugiu para a vida,

gritei de alegria. Depois de uma semana aprendendo sozinha a dirigir um carro manual no estacionamento, eu ainda não era nenhuma expert, mas dava para encarar.

Não tinha tempo para alcançar a perfeição.

A porta da frente foi fechada com força, a minha espinha tremeu ao perceber o indesejável.

Ele tinha chegado em casa mais cedo.

— Desça aqui, Sawyer!

A voz forte do meu pai berrava lá debaixo.

— O depósito da semana passada não foi feito.

Consegui ouvi-lo abrir e fechar as gavetas da cozinha, revirando tudo que havia dentro delas.

Instintivamente, eu congelei, como se a minha falta de movimento pudesse fazê-lo acreditar que eu não estava ali. Meu coração batia com tanta força e tão alto que temia que ele pudesse ouvi-lo do outro lado da porta fechada do meu quarto. Prendi a respiração durante algumas batidas. O sangue subiu até as minhas orelhas, fazendo-as queimar. Era como se as paredes do meu quarto estivessem em chamas.

Se eu vou mesmo fazer isso, tem que ser agora.

Engoli o pânico que crescia cada vez mais e, apressadamente, comecei a jogar na mochila qualquer peça de roupa que estivesse ao meu alcance.

— Sei que está aí em cima! Responda, garota! — gritou meu pai, de novo. Dessa vez havia certa insinuação perceptível nas palavras dele. Seus passos pesados começaram a subir a escada.

O cheiro do álcool entrou no quarto por baixo da porta no mesmo instante em que ele chegou como um trovão no andar de cima. — Assim que se lembrar onde colocou o dinheiro da igreja, vou te dar a pior lição da sua vida.

Ele acha que eu não lembro onde coloquei o dinheiro.

Passei elásticos grossos em volta da velha caixa de sapato cor-de-rosa nas duas direções e enfiei-a na mochila.

A maçaneta da porta sacudiu, e os meus dedos se atrapalharam tentando fechar o zíper da bolsa sem estragar a caixa. Quando consegui finalmente fechar todo o zíper, pendurei a mochila nos ombros.

O que soava como um punho fechado atingiu a porta. Duas vezes. O terceiro golpe veio com o som da madeira começando a quebrar.

— Sawyer, abra a porra dessa porta agora!

Correndo silenciosamente até a janela, deslizei lentamente o grosso painel de vidro, abrindo-o com um grunhido. Eu estava sentada no parapeito com as pernas para fora quando uma pancada arrancou a porta das dobradiças e a arremessou para dentro do quarto.

— Onde é que a senhorita acha que vai? — gritou meu pai, furioso. Havia uma sutil oscilação nos passos dele e percebi que estava mais bêbado do que de costume para um dia de semana quando tropeçou para o lado e caiu na minha cômoda, derrubando no chão alguns porta-retratos.

Desci os pés até o telhado embaixo da janela. O espaço

era estreito e inclinado, então virei o corpo e fui arrastando os pés na direção dos fundos da casa.

Chegando à beirada, dei um suspiro de alívio ao ver que a escada que eu tinha deixado embaixo da cobertura ainda estava lá.

Eu a ergui e a descii sobre a grama com os músculos dos braços tremendo por causa do peso do metal.

Houve um estardalhaço atrás de mim, seguido pelo som das botas do meu pai sendo arrastadas sobre as ásperas telhas asfálticas.

Eu não tinha tempo para checar se a escada estava firme.

Ela balançava toda vez que eu colocava um pé em outro degrau. Meu pai se jogou na minha direção, indo parar na beirada do telhado quando eu ainda estava no meio da escada.

Ele olhou para baixo e, com os olhos escuros brilhando com a luz do luar, chutou a parte de cima da escada, me fazendo cair na grama antes de ser atingida pelo metal pesado.

Quando atingi o solo, o ar foi vigorosamente empurrado para fora dos meus pulmões. Por sorte, a minha mochila impediu que algo mais sério acontecesse. Fora o fato de ter ficado sem ar por um instante por conta do impacto, eu estava dolorida, mas inteira.

— Você está deixando para trás tudo que já conheceu. Não vai sobreviver lá fora, e eu não vou atrás de você. Está morta para mim, Sawyer. Morta!

Meu pai cambaleou levemente e então errou o passo. Ele balançou os braços no ar tentando recuperar o equilíbrio, mas foi

inútil. Começou a cair.

Eu tremia de tanta adrenalina enquanto tentava ficar de pé. Consegui me levantar justamente na hora em que ele caiu exatamente onde eu estava.

Mal consegui registrar o som do osso quebrando enquanto meu coração martelava nos meus ouvidos.

Meu pai gemeu de dor e agarrou a perna que se projetava do corpo dele em um ângulo nem um pouco natural.

Ajude, obedeça, e sirva ao seu pai.

Nunca mais.

Eu me virei e, sem a preocupação de que ele poderia vir atrás de mim, caminhei casualmente na direção da cerca dos fundos.

— Vai se foder! — vociferou para mim. — Não se atreva a voltar aqui. Você vai apodrecer nas profundezas do inferno por causa disso!

— Não se preocupe, eu não voltarei nunca mais — respondi, em um tom de voz tão tranquilo, que até eu mesma fiquei surpresa. Arrisquei olhar para trás e o vi tentando se levantar, para logo em seguida cair novamente sem conseguir que a própria perna cooperasse.

Talvez meu pai realmente acreditasse no que estava dizendo, apesar de não ser verdade. Talvez realmente acreditasse que não tinha nenhuma intenção de ir atrás de mim, mas, novamente, eu sabia da verdade.

Coloquei a mão em cima do bolso, aquele em que eu tinha

colocado a escritura. Pena que ele nunca conseguiria me achar.

Levantei a saia comprida e comecei a escalar a cerca que era um tanto alta. Ao chegar ao topo, parei.

Quando meu pai me viu olhando para ele, que se retorcia no gramado, ficou em silêncio. Por um instante, travamos uma guerra de palavras não ditas. Houve sim uma época para as palavras. Houve uma época em que eu teria sentido pena dele. Uma época em que eu teria corrido para ele sem hesitar.

Mas essa época ficou para trás.

— Me ajude! — implorou meu pai.

Afastei os olhos dos dele e desci para o outro lado da cerca.

— Saaaawyer! — Seus gritos ecoavam pela rua repetidamente. A raiva que ele tinha deixado de lado por um momento para implorar pela minha ajuda estava de volta com força total.

Ela sempre voltava.

A porta de Rusty rangeu quando a abri e entrei, jogando a mochila no banco do passageiro. Levar o Rusty e a Blue até aquela rua tinha sido quase um milagre. E lá estava eu, ligando o motor. O barulho alto felizmente abafava os berros do meu pai.

Eu não era burra. Sabia que ainda ia ouvi-lo. Nenhum motor era alto o suficiente para encobri-lo por completo. Nenhuma distância entre nós conseguiria silenciá-lo verdadeiramente. Jamais.

Mas eu tentaria de qualquer maneira.

Soltei um suspiro que havia segurado por muito tempo. Por

vinte e um anos. E aí, então, saí com a caminhonete. Saí dirigindo pela noite. Antes de pegar a estrada que daria na rodovia, olhei pelo retrovisor e sussurrei as minhas últimas palavras para o homem que havia se transformado em um monstro.

— Adeus, pai.

CAPÍTULO 4



— Não consigo acreditar que já se passaram dois anos — falei, sentindo o efeito do uísque que esquentava a minha pele e entorpecia os meus sentidos.

Perfeito.

— Dois anos sem você — continuei. — Dois anos pensando em você todo santo dia.

Dei uma risada.

— Dois anos sentando nesse lugar, falando comigo mesmo e fingindo que você ainda está aqui. Oh, desculpa, Jackie.

Notei que as minhas palavras saíam arrastadas. Já fazia tempo que eu não me importava se bebia demais.

Dois anos para ser exato.

— Eu não ofereci nenhum gole — continuei. — Lembra disso? — Apontei para o rótulo. — Essa coisa aqui é a merda nojenta que a gente costumava beber depois de um jogo. Lembra?

É a porcaria mais barata que a Donna vende no Go-Mart, mas ela vendia três vezes mais caro porque éramos menores de idade. Que esquema.

Eu ri, lembrando de como a Jackie era especialista em fazer com que as pessoas fizessem o que ela queria. Podia até ter um preço, mas ela sempre conseguia. De um jeito ou de outro.

Virei a garrafa e derramei uma boa quantidade da bebida barata no escorregador. Fiquei assistindo o líquido girar e girar no plástico coberto de pichação até ouvi-la cair no concreto da piscina vazia.

— Beba tudo.

Saudei o ar com a garrafa e engoli o que sobrou em goles generosos.

Os meus olhos se encheram de lágrimas e a minha garganta queimou. Tossi e uísque escorreu pelo meu queixo. Enxuguei com as costas da mão.

— Acho que o uísque não foi feito para se beber desse jeito — declarei, dando risada. — Mas isso nunca foi um problema, não é mesmo?

Joguei a garrafa vazia no ar e fiquei assistindo ela girar e girar até virar a parte superior do meu corpo para girar com ela. O som do vidro sendo estilhaçado ecoou ao meu redor quando ela caiu no chão, cinco andares abaixo de onde eu estava.

— Você sabe. Odeio você pra caralho — eu disse, fungando com força. O tempo devia ter mudado porque o ar estava mais denso e mais úmido do que quando eu tinha chegado. — Era

pra gente ter feito... era pra gente ter feito muito mais, caralho.

Acendi um baseado.

— A Josh me disse um tempo atrás que eu não chorei sua perda o suficiente. — Cocei a testa com o polegar. — Mas ela está errada, entende? Eu só sinto tristeza. A única coisa que fiz de errado nesse processo foi seguir adiante. Foi esquecer você. Não consigo entender. A Josh pode ter nome de homem, mas é toda cheia de coisas de mulher, de indignação e de coisas que eu não quero nem chegar perto.

Bati forte no peito com o punho fechado, rugindo as minhas frustrações.

— Dói pra caralho, sabe. — A minha voz falhou. Limpei a garganta. — Ainda dói do mesmo jeito que doía dois anos atrás. Se você estivesse aqui agora, eu... — Senti uma pontada no meu peito ao ouvir as minhas próprias palavras. — Não importa — murmurei. — Porque você não está aqui.

Meu coração bateu descompassado algumas vezes e tossi. Depois que ele se acalmou e voltou ao ritmo normal, dei um bom trago no baseado e soltei a fumaça no espaço vazio ao meu lado. Era o lugar de Jackie.

Era onde ela ainda deveria estar sentada.

Se não fosse por minha causa, ela ainda poderia estar.

Levantei o baseado.

— Não é a mesma merda que eu pegava com o Miller, mas até que funciona.

Dei um suspiro.

— Sabe, eu não o vejo já tem um tempo. Nem a Josh. Depois que você morreu, não consegui mais olhar na cara deles. Eles me deram o espaço que eu precisava, e agora tem essa cratera enorme entre nós três. Eu consigo vê-los do outro lado, mas para chegar até eles eu teria que pular dentro desse buraco enorme e ver o que tem lá no fundo. — Balancei a cabeça. — Não estou pronto. E não sei se algum dia estarei. Eles me fazem lembrar de como as coisas nunca mais serão as mesmas. Perder você foi um golpe forte pra caralho. Não preciso de mais lembranças de que você não está aqui — expliquei.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu provavelmente estava soltando a fumaça perto demais do rosto.

— Cada construção dessa cidade maldita. Cada estrada secundária. Cada milímetro de musgo e cada música que eu ouço me fazem lembrar de que você não está aqui. Deveria ter sido eu. — Levantei com dificuldade e pendurei-me na grade, buscando apoio. — Não é justo, porra.

A grade cedeu e, de repente, eu estava olhando para o chão cinco andares abaixo de onde eu estava, caindo para frente.

Lá embaixo, vi Jackie sorrindo para mim. Cabelos loiros perfeitos e um sorriso tão perfeito quanto. Estava acenando para mim.

Esperando por mim.

Jackie desapareceu quando fui puxado de volta para a plataforma com tamanha força que fui parar em cima da pessoa que tinha me puxado.

— Jackie? — perguntei, no meu estado de confusão, bebedeira e delírio.

Fui empurrado e então erguido do chão. Meu braço estava apoiado em ombros largos que me ajudaram a descer os degraus instáveis de metal enquanto uma voz forte resmungava todo tipo de palavrão que podia existir.

— Jackie, é você? — insisti, incapaz de focar no rosto da pessoa, já que o fundo de árvores e pântano não parava de girar em volta da gente. — Você tem levantado peso?

— A Jackie está morta, cara. E já faz um bom tempo.

A voz forte parecia irritada.

— Sim, eu sei disso. Mas eu ainda falo com ela... — Dei um soluço. — Às vezes.

— É bom saber que tem conversado com alguém ultimamente. Por que não tenta focar nas pessoas que ainda estão respirando? Pode ser que te faça bem.

A voz era familiar, mas eu não conseguia me lembrar de quem era.

Então, mais uma vez, não tinha muita coisa que eu conseguia fazer, inclusive colocar um pé na frente do outro. Tropecei, mas fui mantido de pé e encorajado a seguir em frente.

— Tudo bem, Jackie. Faço tudo que você mandar — resmunguei, enquanto era colocado em um veículo.

Não sabia se era um carro ou uma caminhonete. Poderia ser um ônibus escolar até onde o meu cérebro embriagado era capaz de compreender. Tudo que eu queria era dormir. Os meus

olhos foram ficando cada vez mais pesados com o efeito da bebedeira.

— Amo você, Jackie. Sempre amei. Sempre vou amaaaaaaaaaaaaaar.

— Fique longe do maldito parque aquático ou você também vai acabar morrendo — disse a voz, ligando o motor. — Aí vai ter ainda mais gente se sentindo do jeito que você está agora. Como se tivessem sido deixados para trás.

— Nãããããão, isso é impossível — argumentei.

— É mesmo, *rock star*? E por quê?

— Porque eu já estou morto — expliquei, apesar de não estar dizendo coisa com coisa. Encostei a cabeça no vidro e fechei os olhos.

— Você pode fingir que está morto o quanto quiser, cara, mas não engana ninguém.

Senti um tapa no rosto e preguiçosamente dei um golpe no ar como retaliação.

— É melhor mesmo começar a agir dessa maneira.



Acordei no banco do motorista do meu Bronco, usando o cinto de segurança e sentindo como se tivesse passado as últimas horas em pé na frente dos amplificadores em um show de *death metal*... durante o solo de bateria.

Ainda estava escuro e eu estava estacionado na frente da

casa onde já não morava havia anos.

— Caralho! Como foi que eu vim parar aqui? — resmunguei, ligando o motor.

Era o último lugar onde eu queria estar.

Olhei para o relógio. Eram dez da noite. Eu me lembrava vagamente de ter ido ao parque aquático mais cedo.

Jackie.

Lembrar o motivo pelo qual eu tinha ido até lá foi algo que me atingiu como um martelo no coração. O aniversário da morte dela.

Aumentei o volume do rádio para abafar as lembranças que sempre vinham quando eu pensava nela. Acendi um baseado e saí com o Bronco.

Tinha acabado de entrar na rodovia, ainda alterado pelo torpor induzido pela Jackie e pelo álcool, quando quase não vi o trailer no meio da estrada.

Nem a garota.

Com uma expressão de pânico no rosto, ela fixou o olhar em mim enquanto eu me aproximava cada vez mais. Ela provavelmente estava se perguntando por que eu não estava freando.

Ela tinha um bom motivo.

Pisei com tudo no freio, ou pelo menos foi o que achei.

Meu cérebro demorou para mandar a mensagem para o meu pé. Quando ele finalmente cooperou, a parada foi repentina, fazendo o freio gritar com o atrito de metal com metal. Quando puxei

o volante, o carro virou de lado e começou a girar.

Olhei para cima e vi as estrelas girando no céu. Perguntei-me se aquela seria a noite em que eu finalmente pararia de sentir saudade da Jackie.

Porque havia uma possibilidade real de que eu logo a encontraria.

CAPÍTULO 5



SAWYER

A rodovia foi ficando cada vez menor até eu ter certeza de que ela ia realmente desaparecer. A suave pavimentação de piche era agora um buraco corroído e misturado com trechos de poeira ou pedra. Meu cóccix já estava doendo de tanto que o carro chacoalhava.

Passei por uma rampa de acesso que parecia nunca ter sido concluída. Alguns metros depois de sair da rodovia, o pavimento danificado se transformou em terra com mato crescendo. Fitas amarelas de segurança, a maioria bastante comprometida, bloqueavam a saída da estrada principal.

Era essa a saída?

Não tinha placa, mas eu sabia que não devia estar longe.

E também sabia que estava um pouco perdida.

Outskirts não passava de um ponto no velho mapa desbotado que eu havia encontrado no porta-luvas. Ficava

localizada na parte mais alta do Everglades, bem no meio das duas costas da Flórida. Estava dirigindo havia dois dias, mas se por um lado os meus olhos ficavam cada vez mais pesados, meu espírito crescia com determinação.

Pisei no acelerador para aumentar a velocidade para algo além do nível de vovozinha, mas nada aconteceu.

O único carro na rodovia além do meu passou voando por mim, e não porque estava correndo, mas porque estava perdendo velocidade.

O som de alguma coisa explodindo debaixo do capô me fez dar um grito de susto e uma fumaça branca tomou conta do ar da noite como uma pequena nuvem de cogumelo.

— Não! Não! Não! — gritei para ninguém, enquanto o Rusty, que havia recebido um nome bastante apropriado, cuspiu e tossiu.

Todas as luzes do painel se apagaram de repente e a caminhonete, de maneira melancólica e dramática, rodou alguns centímetros a mais antes de parar no meio da rodovia deserta.

— Agora não. Por favor. Eu faço o que você quiser. Guardo você na sombra. Lavo todos os dias. Canto para você de noite. Mas, por favor, não pare agora.

Prometi todas essas coisas e outras em que consegui pensar na tentativa de mantê-lo vivo, mas, com um último suspiro, tanto minha euforia quanto a coragem desapareceram, levando com elas qualquer esperança de um renascimento espontâneo.

Rusty tinha me deixado.

Rangi os dentes e dei um murro no volante. Ao sentir a lateral da mão pulsar de dor até o cotovelo, gritei como se ele tivesse realmente me batido de volta:

— Ai!

Saí do carro e chutei várias vezes a porta do motorista, que reagiu se soltando parcialmente das dobradiças. Fragmentos de tinta velha e ferrugem caíram no asfalto rachado e, com um último grunhido de frustração, me virei para encarar a rodovia escura e vazia. Largando o corpo no chão e apoiando as costas no pneu desgastado da frente, deixei a minha cabeça cair entre os joelhos.

— E agora o que é que eu faço? — resmunguei, quando uma nuvem escura encobriu as estrelas, transformando a noite em um breu total. — E você, Blue? Também vai me deixar na mão? — perguntei ao trailer, que vinha sendo rebocado pelo Rusty.

A lateral metálica da Blue era branca na parte de cima e na parte de baixo, e uma faixa azul-clara desbotada percorria o centro, separando as partes brancas. A faixa era larga e horizontal, com a mesma largura e altura da única janela.

Quando a vi pela primeira vez, achei que a minha mãe a tinha chamado de Blue por causa da faixa azul. Mas eu estava enganada. Do lado de dentro, as paredes, os pequenos armários acima do colchão, o fogão minúsculo, e até mesmo as bancadas e o banheiro seco, tudo era azul-bebê. Até mesmo o linóleo rasgado que cobria o assoalho era quadriculado em azul e branco.

Tudo tinha começado tão bem. Quando resgatei o Rusty e a Blue da prisão que era aquele boxe, achei que não precisava de

mais nada. Havia cobertores, comida enlatada, galões de água no local de armazenamento na parte de trás, que só podia ser aberta do lado de fora. Um tanque cheio de água para o banheiro minúsculo.

Houve muito planejamento e esforço para deixar tudo pronto para mim. Por mais que eu tentasse, ainda não conseguia entender como foi que a minha mãe fez isso tudo sozinha.

De repente, senti no pavimento uma vibração avisando que um veículo estava se aproximando. Levantei o olhei para os dois lados da rodovia escura.

Nada.

No entanto, o eco de um motor rompeu o silêncio. O ronco foi ficando cada vez mais alto, mas eu ainda não conseguia enxergar nada.

Quando a caminhonete ficou visível, já era tarde demais.

CAPÍTULO 6



SAWYER

O som de freio gritando preencheu o ar da noite. O cheiro de borracha queimada invadiu as minhas narinas. Havia atrito de metal com metal quando o SUV mais antigo balançou como um rabo de peixe pelas duas pistas da rodovia, atravessando para a pista oposta antes de virar de lado e deslizar, indo parar a apenas alguns metros de onde eu estava.

— Que porra foi essa? — resmungou a voz de um homem que parecia tão confuso quanto eu.

De repente, os faróis foram acesos, assim como uma fileira de outras luzes ainda mais brilhantes que ficavam em uma barra acima do para-brisa, cegando-me com uma explosão de luz branca.

— Então AGORA você acende as luzes! — berrei na direção do carro, protegendo os olhos.

Com um passo para o lado, fugindo da luz, voltei a enxergar e pude ver um homem se virando no banco. A

caminhonete era um Ford de modelo mais antigo sem portas e sem teto, e era alto com pneus grandes e grossos, maiores do que a metade do meu corpo.

Foi aí então que senti o cheiro de algo familiar.

Uísque.

Reprimi o medo que estava subindo do meu estômago até a garganta, e endireitei os ombros na hora exata em que a sombra enorme de um homem se aproximou. Seus passos eram uma sequência de batidas lentas e pesadas na pista danificada.

— Por que você estava no meio da estrada? — perguntou uma voz forte e grave, em tom acusativo.

Quando o homem se colocou na luz, metade de mim esperava que o próprio diabo surgisse das sombras. Mas não era isso que estava diante de mim.

O homem era pelo menos uns trinta centímetros mais alto do que meu um metro e sessenta. Estava vestindo uma calça jeans preta bastante justa e de cintura baixa, e uma camiseta branca esticada no peitoral largo. Ela era regata e revelava bíceps musculosos. O material fino também exibia músculos no torso que ficavam menores conforme seguiam um após o outro formando um V que desaparecia debaixo do jeans.

Senti as bochechas queimarem quando percebi que estava olhando demais, e então desviei o olhar do corpo dele. Ele usava um boné preto de beisebol que escondia os olhos, e a barba de alguns dias cobria o seu queixo quadrado.

Ele ficou ali parado por alguns instantes. Sem dizer nada.

Então limpei a garganta, e ele olhou do meu trailer para mim como se só então estivesse notando que eu estava ali. Ele me olhou de cima a baixo lentamente, e então cruzou os braços na frente do peito, flexionando os bíceps.

— Você está bem? — perguntou, impaciente.

— Sim, eu estou bem, mas...

— Bom. — Ele virou bruscamente e entrou outra vez no carro. — Fique fora da pista.

Bati com o pé no chão.

— Bem, talvez você tivesse me enxergado se não estivesse dirigindo com os faróis apagados! — gritei para ele.

Que arrogância! Era ele que tinha quase me atropelado!

— Você vai simplesmente me deixar aqui? — berrei, quando ouvi o motor do carro. Ele passou tranquilamente por mim antes de cruzar para a outra pista, fazendo um retorno obviamente ilegal. Os pneus dele rodaram com velocidade. Poeira e lama levantaram nas caixas de roda antes de a caminhonete cair com violência na estrada. — Você podia ter me matado! — gritei.

— Todo mundo tem que morrer um dia — respondeu, erguendo a voz para que eu o ouvisse mesmo com o barulho do motor.

Então ele aumentou o volume do rádio, e um cara cantando sobre uma estrada para o inferno começou a berrar nos alto-falantes. Conforme o carro se afastava, a música, o eco dos pneus enormes e os olhos vermelhos, grandes e redondos das luzes traseiras foram se apagando, até que desapareceram por

completo. E mais uma vez éramos apenas eu e a rodovia.

Sem ter um celular, a minha única opção era esperar por outro carro. Olhei nas duas direções da estrada vazia e escura. Ia demorar um pouco.



Eu sentia como se tivessem passado horas, quando finalmente um par de faróis apareceu ao longe. Um quase tangível feixe de luz iluminava a estrada escura. De repente, tanto as árvores quanto o pavimento estavam iluminados de azul e vermelho.

Era uma caminhonete enorme.

Uma caminhonete enorme da *polícia*.

Será que meu pai tinha chamado a polícia?

Fazer algo ilegal era uma coisa tão nova para mim, que eu nem sabia se deveria ficar nervosa ou não, pois não fazia ideia de como realmente funcionava o processo de ser pega.

Foi então que uma voz feminina se pronunciou:

— Parece que você se meteu em apuros.

Uma policial alta e de pele escura, com cachos naturais e macios emoldurando o rosto, veio na minha direção com uma lanterna. Ela a apontou para mim e depois para o trailer. E então para mim novamente e depois para a caminhonete. E, enfim, apenas para mim.

— A minha caminhonete quebrou e eu quase fui jogada para fora da estrada por um cara em um Ford preto — expliquei,

tentando manter meu tom de voz o mais casual possível, apesar do pulso acelerado.

— Era um Bronco? — perguntou, abaixando a luz.

— Pode ser.

A policial não parecia ser muito mais velha do que eu, apesar de vários centímetros mais alta.

— De onde você está vindo? — perguntou, analisando as minhas roupas e olhando para mim de um jeito que dizia que se eu mentisse, ela sentiria o cheiro no ar.

Passei as mãos na minha saia comprida.

— De nenhum lugar para onde eu queira voltar — respondi, com honestidade, e ela acenou brevemente.

— E para onde é que você está tentando ir nessa merda? — indagou, batendo levemente no para-choque do Rusty.

Senti necessidade de defendê-lo, afinal de contas, não era culpa dele ter ficado trancado por... por sei lá quanto tempo.

— A minha mãe tem um terreno... Quer dizer, eu tenho um terreno por aqui.

Ela iluminou a janela do trailer para conseguir olhar o lado de dentro.

— Onde?

— Aí é que está o problema. Na verdade, eu nunca estive lá e acho que estou perdida. Não vi nenhuma placa nem saída sinalizada, mas acho que não deve ser longe daqui.

— Você tem o endereço? — perguntou, guardando a lanterna.

Tirei o papel dobrado do bolso de trás e entreguei a ela, que o pegou com unhas longas e afiadas perfeitamente pintadas de branco.

Um sorriso largo se abriu no rosto dela, revelando uma boca com dentes perfeitamente brancos e alinhados.

— Vamos lá, vamos desengatar uma merda da outra. A gente reboca o trailer até o seu terreno e depois, assim que eu terminar meu turno, volto e levo a caminhonete para você.

— Não precisa fazer isso tudo. Eu posso simplesmente ligar para um guincho, se me deixar usar o seu telefone — sugeri, mas ela me ignorou e começou a desengatar a Blue do Rusty.

— O serviço de guincho mais próximo fica em Albrahma, no mínimo uma hora de carro na direção norte. Sabe o que eles fazem quando recebem uma ligação pedindo guincho? — Ela não me esperou responder. — Eles ligam para mim. Então por que é que a gente não economiza tempo? Só estou me propondo a fazer aquilo que vou acabar tendo que fazer de qualquer maneira.

— Ok — concordei, como se houvesse outra opção.

Ela me pediu para entrar na caminhonete e colocar no ponto morto. Fiz o que ela pediu e juntas empurramos o veículo para a lateral da pista, deixando os pneus sobre o mato, a poucos centímetros de uma valeta íngreme.

Ela, então, passou uma fita amarelo neon em volta e em cima do Rusty várias vezes.

— Cena do crime? — perguntei, lendo o que estava escrito.

— Você quer que alguém mexa na sua caminhonete? — questionou, colocando as mãos sobre o coldre, e eu balancei a cabeça, dizendo que não.

— Então, por ora, esse é o local de um crime. — Piscou. — Você tem um nome ou devo chama-la de garota perdida?

— Sawyer — respondi.

— Sou a delegada Hugo, mas as únicas pessoas que me chamam assim são... Bem, ninguém me chama assim. Pode me chamar de Josh.

— Josh? — perguntei curiosa, seguindo-a até a caminhonete da polícia. Demorei um pouco até levantar a saia e subir.

— É uma abreviação de Joshwanda — respondeu, com uma expressão neutra, e fechou a porta do lado dela. — É tribal. Da minha terra.

— É um nome... Único.

Josh abriu um sorriso e bateu no próprio joelho.

— Estou brincando, mas você deveria ter visto a sua cara. Da minha terra? Garota, eu sou da Geórgia, mas me mudei para Outskirts antes da adolescência. Meu nome verdadeiro é Brittany, mas, na época do colégio, meus amigos sugeriram que Brittany era feminino demais para mim, então começaram a me chamar de Josh. Pegou. Agora é assim que todo mundo me chama. Até os meus próprios pais.

Josh olhou para trás e deu ré na caminhonete até o trailer com uma precisão incrível. Ela fez um sinal me dispensando quando

tentei sair para ajudá-la a fazer o engate e voltou em menos de dois minutos.

Pegamos a rodovia na direção oposta daquela pela qual eu estava seguindo, e olhei pelo espelho lateral, torcendo para que o Rusty passasse bem a noite ali sozinho. Josh percebeu minha preocupação e comentou, olhando pelo retrovisor:

— Não precisa se preocupar. Logo mais eu volto para pegá-lo. O Gary tem uma oficina na cidade, ele vai saber dizer o que tem de errado com o seu carro. Mas acho que você vai precisar de uma pequena ajuda de Jesus para fazer aquilo funcionar de novo.

— Ou de muito dinheiro — retruquei.

— Sim, disso também — concordou. — Mas e então, o que te trouxe para essas bandas? A gente não vê muita gente se mudando para cá.

— Honestamente? — Eu ri ao pensar no absurdo que era a minha situação. — Não tenho cem por cento de certeza. Acho que só vou descobrir quando chegar lá.

— Que tipo de coisa você precisa descobrir?

Olhei para o céu através do vidro e fixei na lua cheia que agora brilhava.

— Tudo.

A viagem foi tomada por um silêncio confortável quando saímos da rodovia e entramos em uma estrada de terra atrás da rampa de acesso interditada que eu tinha visto mais cedo.

— Obrigada — agradei, quebrando o silêncio. — Se não tivesse aparecido, não sei por quanto tempo eu teria que ficar lá

esperando.

— Não precisa me agradecer. Por sorte, você estava no meu local de soneca favorito. Essa foi a maior agitação que tive nas últimas semanas. Porra, eu é que tinha que estar te agradecendo.

Passamos por um espaço entre galhos cortados o suficiente apenas para a passagem de dois carros e chegamos a uma clareira de forma oval com árvores de todos os lados. Na parte mais distante, havia uma casa de fazenda retangular que precisava de reparo tanto quanto o Rusty. Pelo que tudo indicava, a varanda da frente estava em risco de desmoronar, assim como o teto que parecia afundado no meio. Arbustos e figueiras-de-bengala com barba de velho encharcada cercavam a casa dos dois lados e se curvavam por cima do telhado como se quisessem derrubá-lo no chão com um tapa.

Estacionado na frente dos degraus da varanda havia um Ford escuro.

Um Bronco escuro.

— É essa a caminhonete! — exclamei.

— Pois é. — Josh suspirou, sem parecer nem um pouco surpresa. — Eu meio que tinha imaginado.

— Você o conhece? — perguntei.

Ela balançou a cabeça, confirmando.

— Finn Hollis. E sim, eu o conheço. Bom, eu costumava conhecê-lo.

— E não conhece mais?

— Já faz muuuuuuito tempo...

Uma luz se acendeu atrás das cortinas finas sem nenhum sinal de movimento vindo de dentro. Foi só quando eu saí da caminhonete que tive a sensação de que estava sendo observada.

A sensação persistiu por todos os vinte minutos que levamos para encontrar para a Blue algum lugar na terra que não estivesse coberto de água, lama ou raízes emaranhadas e mato.

Finalmente, encontramos um espaço entre duas árvores grandes onde, apesar de úmido, o solo não estava debaixo de água como todas as outras partes pareciam estar. Foi quando um pequeno lagarto marrom subiu na porta do trailer. Josh o afastou com um tapa e disse:

— Vou dar outra olhada no terreno quando estiver de dia.

— Ela entrou na caminhonete, fechou a porta, abriu a janela e olhou para mim. — Se a gente conseguir encontrar uma área mais seca, eu mudo o trailer de lugar para você.

— Obrigada mais uma vez.

Josh olhou para a casa do outro lado.

— Se o Finn a incomodar de alguma maneira, você me conta. — E, como se estivesse irritada com as próprias palavras, ela colocou o corpo para fora da janela e gritou na direção da casa: — Porque aí eu volto e dou um tiro no traseiro de ermitão dele! — Ela sentou outra vez e resmungou: — Merda!

— O que foi? — perguntei, esticando o pescoço.

— Por mais que aquele cara precise de uns gritos vez ou outra, acabei de me dar conta de que hoje não é o dia para isso.

— Por quê?

Josh sorriu.

— Não se preocupe. Mas faça um favor a si mesma: mantenha as janelas e portas bem fechadas durante a noite. Os mosquitos por aqui são grandes o bastante para te carregar para fora.

Com isso, ela saiu, deixando-me sozinha com meu trailer, com o zumbido dos mosquitos barulhentos mencionados anteriormente, com o coaxar forte de um sapo ou outro e com um novo vizinho bastante misterioso e bravo.

Abri a porta do trailer e coloquei um pé do lado de dentro quando ergui o olhar para a casa do outro lado. As cortinas balançavam sutilmente, já que uma leve brisa soprava naquele momento. De repente, uma sombra enorme entrou na frente da janela, bloqueando a luz. Ela virou e ficou parada me observando através da cortina fina.

Um arrepio subiu pela minha espinha. O mesmo arrepio que eu sentia quando o carro do meu pai chegava em casa. Era uma sensação que me dizia que as coisas estavam prestes a ficar muito, muito ruins.

E como sempre, a minha intuição estava certa.

CAPÍTULO 7



SAWYER

O colchão era duro. Algumas das molas internas tinham começado a desenrolar e ficavam me cutucando nas costas. O cheiro dentro do trailer era de bolor e mofo. Cheiro de guardado, eu diria.

Eu o amava. Cada centímetro dele.

Estava em uma cidadezinha estranha, no que parecia ser o meio de um brejo, a milhares de quilômetros da vida que eu conhecia. Estava sozinha.

Apavorada.

E incrivelmente livre.

Com a carta da minha mãe agarrada contra o peito, relaxei e consegui dormir, sabendo que o que quer que estivesse reservado para mim seria melhor do que aquilo que eu tinha deixado para trás.

Fiz uma promessa para mim mesma, que eu a manteria independente do que acontecesse. A minha mãe tinha me dito para

ser forte. Para ser corajosa. Prometi a mim mesma que continuaria a fazer exatamente isso.

Houve um estrondo no meu sonho. No mesmo instante, a minha mente me levou ao meu pai. À escada. Ao momento em que ele caiu no chão. Ao estalo do osso.

Assim que despertei do estado de sonolência, tive certeza de que o barulho não tinha vindo de um sonho. Ele era real. BEM real.

E vinha de dentro do trailer.

A minha minúscula moradia balançava de um lado para outro a cada passo forte na minha direção.

Foi aí que eu senti. O pavor subiu pela minha espinha como se fosse uma aranha se movendo lentamente.

Ele tinha me achado.

Abri os olhos e parado na minha frente estava a sombra enorme e escura de um homem.

— Não, não faça isso! — gritei, subindo no colchão e, sem nada por perto para usar como arma, ergui os antebraços na frente do rosto para me proteger. — Ou então acabe logo com isso. Pode me bater até as suas juntas sangrarem. Pode me matar se é o que tem que fazer. Mas eu não vou voltar. Nem agora, nem nunca!

— Quem você está achando que eu sou? — perguntou uma voz grave.

Uma voz que não era a do meu pai.

Hesitante, espiei através dos meus braços e, conforme a névoa de sonolência se dissipava, entendi que era Finn que estava

ao pé da cama. Os braços dele estavam erguidos acima da cabeça, apoiados na viga de metal que atravessava o teto. Ele estava inclinado para frente, olhando desconfiado para mim.

— E o que foi que essa pessoa fez para você? — perguntou ele, com uma veia pulsando na têmpora e com a mandíbula travada.

— Ninguém. Não foi nada não. Só um sonho ruim — respondi, sem querer parecer fraca para o homem que tinha quase me jogado para fora da estrada. E, apesar de estar feliz por ele não ser meu pai, no final das contas, ele ainda era um estranho com o corpo inclinado sobre a minha cama no meio da noite.

— Mentira — retrucou Finn, com as narinas dilatadas.

— O quê? O que você está fazendo aqui? — perguntei, sentindo o medo de antes espalhar a adrenalina pelo meu corpo outra vez. — O que você quer de mim? — Coloquei o cobertor velho sobre o peito para cobrir a minha camisola.

— O que você está achando que eu quero de você?

Eu podia me cobrir o quanto quisesse. Do jeito que Finn me olhava, com tanta intensidade, era como se pudesse ver não só através do cobertor, mas também através das minhas roupas.

— Não sei o que você quer de mim. Mas sei que tem que sair daqui. Agora — respondi, usando a minha voz mais forte.

— Eu não vim aqui para te *foder*, se é isso que está pensando.

Ele enfatizou a palavra “foder” e eu respirei fundo.

— O quê?

Ele riu e o som vibrou pelo espaço pequeno com tanta força, que eu pude senti-lo no peito.

— Você nunca tinha ouvido alguém usar a palavra foder?

— Já... Já tinha ouvido...

Eu tinha ouvido, mas nunca tinha *sentido* aquela palavra antes.

De repente, a luz fluorescente no teto começou a piscar e a fazer um zumbido. Foi quando ela acendeu sozinha, deixando Finn completamente visível. Ele já não era mais uma sombra ameaçadora.

Ele não estava mais usando o boné de beisebol, e pude ver que seu cabelo era liso e loiro, mas estava sujo e bagunçado e chegava à altura do maxilar. O nariz era ligeiramente torto e os lábios eram os mais carnudos que já tinha visto em um homem. Fortes olheiras criavam meias-luas debaixo de cada um dos olhos, que não eram pretos nem vermelhos de tom demoníaco, como eu meio que tinha imaginado, mas sim claros como eu achava que era o oceano do Caribe. Acima do olho esquerdo, havia a cicatriz de um ferimento recente, que, apesar já ter sarado, tinha deixado uma cor levemente mais clara do que o bronzeado de sua pele. Irregular, ela se estendia de cima da sobrancelha até a linha do cabelo.

Ele era diferente de todas as pessoas que eu tinha conhecido na vida. Homens ou mulheres. Aquele homem bravo e grosseiro era de longe a pessoa mais bonita que eu já tinha visto.

Se a perda da minha mãe não tinha sido prova suficiente de que a vida não é justa, o fato de Finn ter aquela aparência era a

prova de que eu precisava.

O meu coração acelerou. Eu não estava acostumada a ficar tão perto de um homem com tanta pele à mostra.

Aquele corpo enorme fazia a minha moradia, que já era minúscula, parecer ainda menor. O topo da cabeça de Finn chegava a encostar no teto. Os ombros dele eram tão largos, que só tinha espaço para ele no pequeno corredor.

— Quem é você? — perguntou, meio que fechando os olhos.

— Sawyer — respondi, com toda a força que consegui juntar. — Eu me chamo Sawyer.

Finn riu outra vez e algumas linhas de expressão de sua testa desapareceram.

— Finn — ele se apresentou.

— Eu sei o seu nome. Josh me disse quando me trouxe para cá.

Finn ficou ali parado como se estivesse esperando que eu dissesse mais alguma coisa.

— *Finn e Sawyer* — disse, erguendo as sobrancelhas.

— Sim. Finn e Sawyer — confirmei. Talvez ele só tivesse alguma coisa com nomes.

— Tom Sawyer e Huckleberry Finn? — perguntou. — Mark Twain?

— São seus amigos?

— Você realmente não... — Ele parou e meneou a cabeça, endurecendo o semblante. — Esquece. Só me diz uma coisa,

Sawyer, por que você está aqui? — Ele levantou o canto do lábio.

— Estou aqui porque tenho direito de estar aqui. Esse terreno é MEU. — Apontei para a escritura em cima da pequena tábua de cortar que servia de balcão. Ele pegou o documento e imediatamente o colocou de volta.

— O seu terreno fica no brejo, cerca de doze metros mais para trás. — Ele apontou para trás de mim. — Nesse momento, é você que está na minha propriedade e é você que tem que sair.

— Como você acha que eu vou...

— Não interessa. Você tem uma semana para sair daqui ou vou colocar fogo nesse negócio.

— Por quê? — Foi tudo que eu consegui dizer.

— É para o seu próprio bem. Estou avisando. Você não vai querer ser minha vizinha.

Levantando-me do colchão, fiquei esperando que ele desse um passo para trás para me dar espaço, mas ele nem se mexeu. Eu sentia o calor do hálito dele enquanto me lançava um olhar de ódio, como se fosse sair fogo de suas narinas. Ele tinha cheiro de cedro e uísque.

— Bem, goste você ou não, daqui para frente seremos vizinhos sim, porque eu vou mudar o meu trailer de lugar, mas não vou desistir das MINHAS terras. — Eu o desafiei, cruzando os braços.

O olhar de Finn desceu para onde eu sabia que ele podia ver os meus mamilos através do tecido fino da minha camisola de algodão branca e comprida. Senti um calor se espalhar pela minha

pele.

— Você é bem briguenta para alguém que se veste como uma freira — falou, olhando para minha boca.

Instintivamente, ergui a mão para cobrir os meus lábios com os dedos. Por alguns instantes, simplesmente ficamos ali parados, encarando um ao outro.

Finn foi o primeiro a desviar o olhar, dando finalmente um passo para trás.

— Depois não vai dizer que eu não avisei — reforçou o aviso antes de se virar e sair.

O trailer balançou no momento em que ele tirou o pé do degrau, batendo a porta ao sair.

Corri e fechei a trava frágil do trailer, como se aquela tira fina de plástico pudesse impedir Finn de entrar como um trovão novamente.

Curvando o corpo e apoiando as mãos nos joelhos, tentei acalmar o coração instável e recuperar o fôlego.

Eu tinha acabado de chegar em Outskirts. Não tinha nem começado a entender por que motivo a minha mãe queria que eu viesse aqui. De jeito nenhum eu deixaria que as vontades de alguém como Finn me colocassem para correr.

A minha mãe disse para me afastar de qualquer pessoa que tentasse fazer os outros se sentirem tão fracos como ela.

Finn Hollis era uma dessas pessoas.

Ergui o corpo e não pude evitar ficar na ponta dos pés para arriscar dar uma olhada lá fora através da pequena janela.

Finn estava na varanda da casa dele. Virou-se para mim e fez cara de bravo.

O terreno. A cidade. As pessoas. Tudo era novo para mim.

Mas homens bravos não eram, e eu não seria intimidada.

Não pelos meus próprios medos.

Não pela igreja.

Não pelo meu pai. Nem por ninguém.

NUNCA MAIS.

CAPÍTULO 8



De todos os dias, tinha que ser hoje.

Bati a porta da casa com toda a força e fui direto pegar o uísque. Ergui a garrafa e fui virando a bebida direto na boca até ter engolido o suficiente para sentir a tensão dos meus ombros diminuir pelo menos um pouco.

Eu tinha ido até aquele trailer ainda bêbado, achando que conseguiria espantá-la para longe daqui. Mas depois de ter dado uma boa olhada em Sawyer, fiquei absolutamente sóbrio, e não sei ao certo qual de nós dois ficou mais assustado.

Quando ela gritou para mim, achando que eu era alguma outra pessoa, pedindo para que não a machucasse e dizendo que preferia morrer do que voltar, todas as ameaças que eu tinha na ponta da língua morreram. Senti uma pontada no coração.

Mas aquilo era impossível. Há anos eu não tinha mais um coração.

O pensamento era quase tão ridículo quanto a camisola comprida e branca que ela estava vestindo. Aquele era o tipo de roupa que a minha avó teria usado.

Ainda assim... Quis ver o que ela escondia ali debaixo.

Quis ver mais *dela*.

Tudo dela.

E foi esse pensamento que me deixou tão irritado.

De todos os dias, logo hoje...

Um cabelo rebelde, ondulado e de um tom castanho meio avermelhado emoldurava o rosto que parecia ter o formato de um coração. A pele de porcelana tinha sardas pra caralho. E não apenas daquelas pequenas e delicadas levemente salpicadas na altura do nariz, ou daquelas do tipo que a garota tem que mencionar para você notar. Não, as dela eram grossas e, em sua maioria, concentradas no lado direito do rosto, criando um efeito de meia-lua em volta dos grandes olhos castanhos, que, sob a luz fluorescente do trailer, notei que tinham manchas douradas salpicadas por toda a coloração castanha. Era como se os seus olhos tivessem as suas próprias sardas.

Sawyer tinha uma aparência incomum. Certamente não tinha uma beleza clássica, mas talvez tenha sido justamente por ser tão incomum que a achei deslumbrante. A coisa MAIS deslumbrante que eu já tinha visto. Quanto mais eu olhava para ela, mais ela mexia comigo.

Talvez fosse só a minha curiosidade imaginando até onde as sardas dela avançavam por debaixo daquela camisola. Mas eu

sabia que não era isso. O que estava mexendo comigo era outra coisa.

Algo que eu não sentia havia anos.

Algo que eu precisava arrancar do meu corpo antes que as coisas ficassem fora de controle.

Virei outra vez a garrafa e perguntei em voz alta:

— Quem não conhece Tom Sawyer ou Huckleberry Finn?

Dei outra sequência de goles generosos até a minha garganta queimar e os cabelos rebeldes e as sardas que não saíam da minha cabeça ficarem borrados.

Fui cambaleando até a janela e olhei para o outro lado do quintal no momento exato em que a luz de dentro do trailer se apagou.

Uma raiva absurda tomou conta do meu corpo. Um rugido saiu rasgando pela minha garganta e eu atirei a garrafa para o outro lado do cômodo. Ela se estilhaçou na parede oposta. Cacos de vidro e respingos de uísque escorriam pela parede até o chão e, enquanto eu olhava aquilo, fiz o mesmo, até sentir a lateral da minha cabeça tocar o piso de madeira.

Antes de tudo ficar escuro, uma imagem veio como um flash na minha mente.

Camisola de vovozinha.

Sardas que não acabavam mais.

Inocência de olhos arregalados.

O tipo de mulher que vestia camisolas compridas e que pedia para ser corrompida.

Eu tinha feito a coisa certa indo até lá ameaçá-la. Sawyer tinha que ir embora.

E não só para o MEU próprio bem.

Para o bem *dela*.

CAPÍTULO 9



SAWYER

Minha mãe costumava dizer que “tudo parece melhor sob a luz da manhã”. Tive certeza quando olhei para o solo pantanoso lá fora em volta do trailer, que, nesse caso em particular, ela estava errada.

Ah, muito, *muito* errada.

Sob a luz do dia, eu não estava apenas em solo úmido ou com um pouco de lama ou AO LADO do brejo.

Eu estava NO brejo.

O terreno inteiro — eu não sabia dizer onde ele começava ou acabava — estava coberto de galhos e mato. Fiquei surpresa de ver como Josh tinha conseguido colocar o trailer no único triângulo minúsculo de terra que não tinha pelo menos um centímetro da água que cobria a maior parte do solo, desde o trailer até o pequeno caminho que ia dar na parte mais alta do outro lado, onde ficava a casa. Se bem que aquilo era mais uma choupana do que uma casa

de fato. Eu não consegui identificar nenhuma cor de tinta, a não ser que revestimento de madeira desbotado e podre possa ser considerado uma cor.

O teto baixo que cobria a varanda da frente pendia como sobancelhas reprovadoras, e contava com uma mistura de telhas dos mais variados tons, dos claros aos escuros, como se elas tivessem sido substituídas ao longo do tempo conforme a necessidade.

Pequenas pilhas de blocos de concreto abaixo da casa pareciam manter a construção alguns centímetros acima do brejo e da lama que boiavam embaixo.

Parecia um lugar apropriado para um assassinato.

Como o trailer não tinha nenhuma água com o que se conectar, eu me limpei o melhor que pude com uma toalha de rosto e um galão de água que tinha comprado em um posto de gasolina para economizar a água do pequeno reservatório. Eu me vesti rapidamente e, no segundo em que fechei a porta do trailer, pude sentir a presença dele antes mesmo de vê-lo. Virei-me lentamente com a certeza de que ele estava ali, e lá estava ele de fato.

Finn.

Sem camisa.

Os músculos dele se mexiam como ondas enquanto carregava o que pareciam ser peças de um veículo do fundo da casa até a beira da água atrás dela. Sua pele bronzeada brilhava com o suor e eu conseguia ver as gotas surgindo e escorrendo pelos músculos retesados de suas costas largas.

Fiquei literalmente boquiaberta.

Sempre me ensinaram que o corpo era uma fraqueza. Uma vulnerabilidade do ser humano. Mas eu não via nada disso em Finn. Quando estava em casa, ouvia que o certo era desviar o olhar e orar por aquela pessoa cuja moral estava obviamente corrompida o suficiente para vestir tão pouca roupa. Mas eu não estava em casa.

Agarrando-me exclusivamente a essa lógica, eu me permiti ficar olhando por mais alguns instantes enquanto Finn empurrava um barco de metal para tirá-lo de uma rampa que parecia uma vala cavada na margem. Quando ele estava dentro da água lamacenta, longe o suficiente, puxou um cordão, dando vida a um pequeno motor.

Ele parou como se pudesse sentir que eu o estava observando. Foi se virando lentamente. Seus olhos azuis brilharam sob a luz da manhã, e de maneira alguma combinavam com a testa franzida em seu rosto.

Desviei imediatamente meu olhar e saí caminhando pela lama com dificuldade e torcendo para acabar chegando na área principal da cidade.

Eu tinha acabado de pular uma poça de aparência particularmente intimidadora quando Josh surgiu do meu lado naquela caminhonete monstruosa da polícia com o Rusty sendo rebocado.

— Para onde você está indo, Sawyer? — perguntou ela, debruçando-se para fora da janela.

— Para a cidade. Eu acho.

— Algum lugar em especial?

— Eu estava indo ver se conseguia algum emprego e suprimentos. — Ergui a saia até o tornozelo para mostrar para ela o meu tênis branco cheio de lama. — E algum tipo mais apropriado de sapato, talvez.

— Não tem muita gente por aqui... — comentou Josh. — Já lama... — Josh empurrou a porta do passageiro, abrindo-a por dentro. — Lama a gente tem de sobra. Sobe aí. Eu dou uma carona para você.

Subi na cabine e, depois de manobrar o Rusty para perto da Blue, Josh desceu para soltá-la do engate. Assim que voltou para a caminhonete, seguimos para a cidade.

Josh se virou para mim e, como se estivesse me analisando, perguntou:

— Você não está com calor com essa roupa? — perguntou, balançando a cabeça para a minha camisa de manga comprida, para a minha saia cáqui bastante larga que cobria até os tornozelos e para o meu conservador par de tênis brancos, que mais pareciam de uma enfermeira. — Sei que é cedo, mas com certeza já passou dos trinta graus. Você vai acabar com um quadro sério de insolação se ficar na rua por muito tempo vestindo isso. A minha irmã Emily teve um problema sério de insolação quando estávamos no colégio. Ela teve que ser internada porque estava vomitando sangue que nem um vampiro superaquecido.

Se eu estava com calor?

— Sim, estou com calor. Estou derretendo, para ser mais

exata.

— Posso fazer uma pergunta? — Apoiou o cotovelo na janela.

— Claro.

— Existe alguma razão em particular para você estar coberta da cabeça aos pés em um dia com mais de trinta graus?

— Eu venho de uma... — eu queria encontrar a palavra certa — família conservadora. Era assim que eu devia me vestir.

— Você pode até ser a pessoa mais conservadora desse planeta, mas alguns dias em Outskirts fazem até mesmo uma republicana de oitenta anos que só usa terno vestir um biquíni em um instante.

Eu ri.

— Dá para entender por quê. — Puxei a camisa de gola alta que eu estava vestindo para deixar um pouco de ar entrar.

— Essa sua família conservadora. São pessoas próximas a você? — perguntou, mantendo os olhos na estrada.

— Não. Não são mais.

— Então talvez você queira visitar o bazar beneficente da cidade. Lá tem algumas coisas decentes e você não precisa gastar o salário de uma semana. Deveria dar uma olhada. Bebe é a dona. Ela está sempre por lá. Você vai gostar dela.

— Obrigada — agradei, achando que roupas novas pareciam uma ótima ideia, mas conseguir um emprego, um jeito de ganhar dinheiro, era a minha prioridade.

No caminho para a cidade, os estabelecimentos comerciais

pelos quais passamos, independente da distância entre um e outro, estavam em sua maioria fechados e com as janelas vedadas com tábuas.

— Bem-vinda a Outskirts — ironizou Josh. — A terra dos prédios vedados com tábuas e...

— Passamos pelo que parecia ter sido uma concessionária de carros, onde estava escrito FECHADO na sua pequena marquise que dava para a rua. FECHADO... de tudo que é tipo de abandono.

— O que aconteceu com esse lugar? — perguntei, enquanto passávamos por um conjunto habitacional com uma vistosa portaria de tijolos caindo aos pedaços que o anunciava como Heritage Acres. Não havia nada ali além do mato alto atrás da portaria e uma guarita inacabada. Tubos brancos cercados pelo mato espetavam para fora do chão a cada quinze metros mais ou menos até onde a vista alcançava.

— A pergunta é o que NÃO aconteceu com esse lugar — Josh zombou da situação. — Só faltam alguns devoradores de cérebros para que isso aqui seja um apocalipse zumbi. Não há nada aqui além de pântano e sonhos não realizados. — Ela deu um suspiro e olhou para fora da janela, como se estivesse vendo a cidade com os meus olhos. — Apareceu um grande empreendedor prometendo que Outskirts seria a próxima Disneyworld. Muitos moradores acabaram entrando na onda dele. Usaram cada dólar que tinham e que não tinham para fazer melhorias em seus negócios para que estivessem prontos para receber todo o povarêu que tinham dito que viria para a cidade. Estacionamentos foram

construídos, lojas e até hotéis começaram a surgir por todo lado. Alguns moradores chegaram a vender partes enormes de suas fazendas e terras e refinanciaram suas casas para que pudessem bancar a vida que tinham dito que viria junto com todo o dinheiro dos turistas que eles acreditaram que cairiam do céu como chuva. Aries, era esse o nome do empreendedor, começou a construir conjuntos habitacionais onde uma casa para uma única família ia custar mais do que aquilo que normalmente se paga por uma fazenda inteira aqui na região. Mas as pessoas caíram na armadilha e o Aries acabou conseguindo construir o tal parque aquático. Mas, assim que ficou pronto para ser inaugurado, ele juntou as coisas e foi embora. E foi isso. Deixou a cidade com nada além desculpas a respeito das condições do mercado e de um cemitério de projetos construídos pela metade e casas que não valiam nem metade do novo valor de suas hipotecas. As pessoas perderam os seus meios de subsistência. Algumas perderam tudo.

— E o que foi que elas fizeram? — perguntei.

— Muita gente fez as malas e foi embora para procurar trabalho em outro lugar ou para morar com parentes em outras cidades. Mas também teve muita gente que ficou. Determinação em cidade pequena não é uma coisa com a qual se brinca. As pessoas daqui não gostam de ser forçadas a saírem de casa, então elas aguentaram como puderam e tentaram lidar com a situação da melhor maneira possível. A maioria ainda está por aqui. Abalada, absurdamente mais cansada, mas... ainda por aqui — concluiu, com orgulho na voz.

— E como isso tudo afetou você? — perguntei, apoiando o corpo mais perto da saída do ar-condicionado no painel.

— A mim? — perguntou Josh, balançando a mão no ar. — Eu fiquei bem. O aluguel não tinha tido a chance de mudar muita coisa e eu não vendi a minha alma para o Aries, como algumas pessoas fizeram. — Suspirou. — Já com os meus pais, a história é outra. Eles refinanciaram a casa para que pudessem aumentá-la e transformá-la em uma pousada. A casa não valia um terço do que eles deviam na época em que tudo foi dito e feito.

— E eles perderam a casa? — Apesar de não conhecer a família de Josh, senti-me triste por eles.

— Eles estavam prestes a perder até que outro investidor comprou do banco a cédula hipotecária e ofereceu alugar a casa de volta para eles por um valor ridiculamente baixo. Não sei exatamente como ou por que fazem isso e ainda lucram, mas acho que funciona para eles e não vou ser eu que vou questionar uma coisa que não precisa ser questionada. Sinto-me grata porque meus pais, e uma porção de outras pessoas nessa cidade que estavam na mesma situação, pois teriam que se mudar para algum outro lugar. — Josh virou o volante. — Essa é a rua principal.

Era uma estrada larga com pequenos prédios de apartamentos dos dois lados sem nenhum semáforo à vista. Parecia ter sido pavimentada um dia, mas agora estava cheia de buracos e com uma camada grossa de poeira e lama. Mal dava para ver a faixa amarela.

— Uau! — exclamei, observando cada detalhe. E, de

repente, fui tomada pelo desânimo. — Você acha possível que alguém esteja contratando? — Apontei para o posto de gasolina onde as bombas tinham sido removidas e os vidros das janelas tinham sido cobertos com pinceladas grossas de tinta preta.

Josh deu de ombros.

— Não sei ao certo, mas se algum estabelecimento estivesse procurando por ajuda, esse lugar seria o Critter's. É o bar da cidade. E o único restaurante também. Fica ao lado da lavanderia. Você vai gostar do Critter. Todo mundo gosta. Ele viveu a vida inteira aqui. Porra, ele praticamente é a cidade de Outskirts. Garanto a você que parte da gordura daquelas fritadeiras é mais velha que eu.

Ela olhou para mim como se estivesse me analisando e perguntou:

— Quantos anos você tem, falando nisso?

— Fiz vinte e um alguns dias atrás.

— Parece mais nova. Deve ser essa coisa de não usar maquiagem.

Levei a mão ao rosto.

— Não estou dizendo que isso é ruim — explicou. — Você não precisa de nada cobrindo esse rosto. É que, hoje em dia, a maioria das garotas da nossa idade, eu tenho vinte e cinco, a propósito, esconde a cara com aquela merda toda como se elas fossem morrer se alguém visse como realmente se parecem.

Uma placa amassada na estrada mostrava uma seta que apontava na direção do parque aquático Sun-N-Fun. Alguém tinha

pichado nela um círculo cortado com uma linha.

Josh, de repente, mudou de assunto:

— Olha, sobre o Finn... Peço desculpas por ele ter deixado você do jeito que deixou. Ele nem sempre foi assim.

— Você não precisa me dar explicação nenhuma.

Finn podia morar na frente do meu trailer, mas eu já tinha colocado na cabeça que ele não seria um problema. Fingiria que ele não estava lá e, com sorte, ele acabaria fazendo o mesmo em relação a mim.

— Eu sei, mas queria que você soubesse que ele costumava ser... ele costumava ser outra coisa. — Josh olhou para fora, como se estivesse revivendo alguma memória, e o seu tom de voz ficou mais suave: — Outra *pessoa*.

— Não importa. — Balancei a cabeça. — Vou ficar bem longe dele. Assim, longe tipo quinze metros, pelo menos.

— Mas eu quero que você saiba que é bem complicado. Ele é complicado. E é super reservado, também, o que não ajuda muito. — Ela abriu um pequeno sorriso. — Eu estava na oitava série quando a minha família se mudou para cá. Meu pai conseguiu um emprego como supervisor de construção em uma das subdivisões que estavam construindo. Eu era a única criança negra na escola. Aparentemente, algumas pessoas ainda não tinham percebido que estávamos em 2010 e ainda tinham problemas em ter uma garota negra indo para a escola com crianças brancas. E aí algum valentão caipira escreveu alguma coisa desagradável no meu armário no primeiro dia. Alguma merda dizendo para eu ir para casa, na África.

Poético, não?

Ela ergueu os dedos do volante e inspecionou as unhas antes de continuar:

— Então, voltando ao que eu estava dizendo, quando éramos mais novos, Finn era o maior de todos os caras. Tanto em personalidade quanto em tamanho. Ele jogava beisebol. Era arremessador, para ser mais exata. Ele era o mais popular. Podia pegar qualquer menina que quisesse e, acredite, todas elas ficavam o tempo todo jogando aquelas bundas cheias de ossos em cima dele. Mas no dia em que nos conhecemos, ele não só conversou comigo, mas me pegou pela mão e me levou até a sala. E aí, quando o sinal tocou, ele pegou a minha mão de novo e me levou até a próxima, e depois para a próxima também. Quando aquele mesmo valentão gritou alguma besteira para o Finn enquanto ele segurava a minha mão, Finn me puxou para a frente da escola onde todo mundo estava esperando os ônibus... — Ela olhou para mim. — E sabe o que ele fez?

— Jogou no meio do trânsito? — perguntei, erguendo os ombros.

— Ele me deu um *beijo*. Um beijo na boca. Bem ali, na frente de todo mundo. Dos professores, dos alunos, do garoto encenqueiro, dos amigos dele, na frente de *todo mundo*.

O orgulho era nítido na voz dela.

— Uau! — exclamei. Eu estava realmente surpresa. Não por causa da gentileza por trás daquele gesto, mas porque eu não conseguia imaginar o Finn que eu tinha conhecido fazendo aquilo

tudo.

Josh estava certa, ele realmente tinha se transformado em uma pessoa muito diferente.

— Os adolescentes às vezes eram bem cruéis, mas naquele dia eu vi que também podiam ser corajosos.

— Por causa do Finn?

— Ele era o mais corajoso de todos.

— Então vocês dois começaram a namorar? — Eu me arrependi imediatamente de ter feito uma pergunta tão pessoal, e me desculpei: — Sinto muito, isso não é da minha...

Josh virou os olhos e balançou a cabeça.

— Não, não! Jamais! A gente não sentia nada nesse sentido um pelo outro. Nunca sentimos. Mas a partir daquele momento, nos tornamos inseparáveis. Ele me carregava para todo lugar que ia, e até me colocou no pequeno grupo de amigos delinquentes que ele tinha, Miller e Jackie. Nós quatro? Aprontamos muito naquela época.

— CÂMBIO, CÂMBIO UM NOVE RESPONDA! — O rádio de Josh fez um barulho agudo quando a voz de um homem surgiu em meio à estática.

Josh pressionou os lábios.

— Falando no Miller... — Depois de resmungar, ela apertou um botão que tinha no ombro dela. — Miller, eu já ligo para você. — Ela já estava colocando as mãos de volta no volante quando mudou de ideia e apertou o botão outra vez, mantendo-o pressionado. — E pare de brincar com a droga do rádio!

— DEZ QUATRO. MÁQUINA DE SEXO À SOLTA.

— É um idiota de merda. — Josh quis parecer irritada, mas quando virou o rosto na direção da janela dela, pude ver no reflexo que ela estava tentando não rir.

— O que você contou sobre o Finn é bem legal... — retomei a conversa. — Mas é impossível que esse cara de quem você está falando seja o mesmo cara que invadiu o meu trailer e me ameaçou no meio da noite.

— Ele fez o quê? — perguntou Josh entredentes, com as narinas dilatadas e os nós dos dedos pálidos por conta da força com a qual apertava o volante. Ela respirou fundo e deu um sorriso forçado. — Não se preocupe com nada. Eu vou cuidar do nosso Finn Hollis. Você não vai a lugar algum.

Ela piscou, e entramos em um pequeno estacionamento de chão de cascalho.

— Foi exatamente isso que eu disse a ele.



CRITTER'S LOUNGE. Era esse o nome anunciado em uma placa pintada a mão com respingos de tinta uma letra sim outra não. O prédio em si era um pequeno retângulo de teto baixo. Ficava tão perto da estrada, que um carro compacto regular mal conseguia estacionar na frente. A caminhonete de Josh parada ali avançava para o meio da rua mais de um metro talvez, o que não parecia ser um problema, já que eu não tinha visto outro carro na estrada

durante todo o nosso trajeto até ali.

Ao lado do bar ficava a LAVANDERIA, e ao lado dela havia uma livraria, que eu não tive tempo de ver se estava aberta, porque Josh já estava fora do carro acenando para mim.

— Vamos lá, vamos entrar que apresento você — disse Josh.

Apesar de a placa na entrada dizer que o estabelecimento estava FECHADO, Josh empurrou a porta e entrou. Eu a segui.

Assim que os meus olhos se ajustaram ao ambiente escuro, observei tudo que estava ao meu redor. O bar era muito maior do lado de dentro do que parecia lá de fora. Bandeiras de plástico anunciando marcas diferentes de cerveja ficavam penduradas no balcão de madeira. Centenas de fotos emolduradas — algumas coloridas, outras em preto e branco — cobriam a maior parte do espaço disponível na parede acima dos bancos velhos com mesas que não combinavam entre si. Algumas eram escuras e de metal, algumas eram bordô com detalhes claros de madeira e algumas eram em xadrez preto e branco, como se costuma ver em lanchonetes. O balcão era largo e em forma de U, ocupando a maior parte do espaço da parede direita até o centro. Os banquinhos empurrados para debaixo dele também não combinavam. Alguns tinham encosto e outros eram apenas simples almofadas redondas e pretas com remendos tão finos que ainda dava para perceber o corte embaixo.

O lugar cheirava a cigarro velho e peixe frito. Apesar de parecer uma combinação horrível, eu não me incomodei muito.

Havia algo de reconfortante naquele lugar. Convidativo. Acolhedor até.

Talvez fosse o revestimento de madeira nas paredes ou o cavalete apoiado no balcão com um quadro onde estava escrito a giz:

PROMOÇÃO: NÃO TEMOS NENHUMA.
SOMOS O ÚNICO BAR DA CIDADE.

O teto parecia ainda mais baixo com os milhares de barbantes pendurados nas telhas. No final de cada um, havia um clipe ou um alfinete segurando um guardanapo rasgado ou uma folha desses bloquinhos de papel autoadesivo.

— O que são essas coisas? — perguntei, apontando para o teto.

Josh olhou para cima.

— É uma tradição. As pessoas fazem isso já há muito tempo, a gente nem tinha nascido quando começaram. Escrevem alguma lembrança de quando estiveram aqui e a data. Tem noivado. Casamento. Primeiro encontro. Melhor resultado no pôquer.

Ela apontou para o canto onde ficava uma pequena mesa com duas cestas para *fast food*. Uma tinha papéis rasgados e a outra tinha barbante. Entre elas havia um grampeador aparentemente industrial.

— Apenas boas lembranças? — perguntei, enquanto girava para conseguir ver todas as milhares e milhares de

anotações acima de mim.

Josh balançou a cabeça.

— Não. Não precisa ser boa. Apenas significativa — respondeu, apontando para uma perto do final da parede que dizia “PEGUEI ELE COM A LÍNGUA NA GARGANTA DA MINHA IRMÃ... DE NOVO. Bessy, Junho de 1976”, escrito com letras enormes em um pedaço rasgado de guardanapo.

— Você já escreveu alguma? — perguntei, levantando na ponta dos pés para conseguir ler um pouco mais daquelas anotações fascinantes. Algumas eram bem engraçadas.

Ela tocou nele acidentalmente por debaixo da mesa com o pé.

- Justin, 15 anos, agosto de 1984.

Abaixo tinha uma anotação feita com a letra de outra pessoa:

Dei uma surra no Justin por ter tentado fazer a minha filha tocar no pintinho minúsculo dele.

- O pai dela, agosto de 1984.

— Eu fiz a minha parte — respondeu. — O pessoal local geralmente deixa as nossas anotações nos mesmos lugares. A maior parte das minhas está ali naquele canto — contou, apontando para a parede oposta. — Acho que a minha última foi algo do tipo “levando outro bêbado para descansar na prisão”. Na verdade, acho

que todas as minhas dizem isso, só mudam de data. Bom, todas exceto a minha primeira... — Ela esticou o braço e virou um dos papéis.

Fiz amizade com um garoto branco maluco.

- Brittany, mais conhecida como Josh, 2010.

— Vocês dão algum nome para elas? — perguntei, ainda na ponta dos pés para ler as mensagens.

— A gente as chama de tinidos.

— Tinidos?

— Sim. Não sei de onde saiu esse nome, nem sei quem foi que começou a chamá-las assim, mas acabou pegando.

O rádio de Josh bipou e ela o colocou próximo à orelha enquanto a pessoa do outro lado falava em códigos e números.

— E eu tenho cara de taxista por acaso? — questionou, com irritação, pelo rádio.

— Não, para mim você tem cara de princesa turbinada — respondeu a voz de um homem do outro lado, antes de um forte ruído de estática. — Ah, Josh... Venha me pegar, vai — implorou.

— Ah, não, porra! Você não acabou de dizer isso, Miller — reclamou, jogando o cabelo sobre o ombro. — Você vai ficar bem? — perguntou para mim. — Tenho que atender esse... chamado.

— Vou sim. Obrigada pela carona.

Assim que Josh saiu, as portas da cozinha se abriram, e veio de lá um senhor mais velho que eu imaginei que deveria ser o

Critter. Era um homem alto, um metro e oitenta mais ou menos, com uma estrutura mais larga do que a média. Seu cabelo era completamente branco, dividido no meio, longo o suficiente para tocar o topo das orelhas. Seu bigode tradicional combinava com a cor do cabelo, e era bem cuidado e grosso, um pouco mais longo dos lados, parando pouco depois do lábio inferior. Seu rosto era bronzeado e exibia linhas que marcavam bem sua idade, mas não tanto a ponto de esconder que ele ainda era um homem bonito e que deveria ter sido bastante atraente na juventude. Seus olhos âmbar escuro, encobertos pela escuridão, pareciam negros, e suas sobrancelhas eram tão fartas quanto seu bigode.

Ele olhou para cima e derrubou o copo que carregava na mão. O copo caiu no chão, mas não quebrou, apenas rolou e foi parar na perna de uma cadeira perto dele.

— É você.

CAPÍTULO 10



SAWYER

A voz do Critter era a mais grave que eu já tinha ouvido. E era suave também. Era como se fosse a nota mais grave de um contrabaixo. Eu não só ouvi suas palavras. Eu as senti.

Olhei em volta para ver com quem ele poderia estar falando, mas não tinha ninguém atrás de mim.

— Eu? — perguntei.

Ele não respondeu. Só ficou me encarando em silêncio por alguns segundos, comprimindo os olhos como se o sol estivesse ofuscando sua visão, apesar de quase não haver luz no ambiente. Ele caminhou com longos passos lentos na minha direção até que a única coisa que nos separava era o balcão.

— Desculpe — disse, piscando rapidamente. Ele foi lá dentro, pegou sua vassoura, apoiou-a no balcão, pegou um pano e começou a enxugar os copos. — Achei que fosse outra pessoa.

Ele jogou o pano sobre o ombro, ergueu as mangas

enroladas de sua camisa azul e inclinou o corpo para frente com suas mãos abertas apoiadas sobre o balcão.

De repente, ocorreu-me que aquele homem poderia ter conhecido minha mãe. Josh dissera que ele tinha passado a vida inteira em Outskirts.

— Talvez você tenha conhecido minha mãe.

— O nome dela era Geraldine O’Conner, por acaso? — perguntou, enquanto se ocupava com alguma coisa atrás do balcão.
— Por aqui a gente a chamava de Gerry.

— Não. O nome da minha mãe era Caroline Dixon — respondi, sentindo toda a empolgação daquela possibilidade ser drenada do meu organismo, da mesma maneira que a água suja desceu pela pia quando o Critter puxou o tampão.

— Desculpe, mas não me é familiar — disse, enxugando o mesmo local que tinha acabado de enxugar um segundo atrás.

— Estou me sentindo uma estúpida, na verdade. Não teria como você conhecê-la.

A minha mãe tinha crescido na igreja e nunca saía sozinha. Ela nunca teria vindo aqui.

A verdade era que ela, muito provavelmente, tinha guardado por anos o que sobrava do dinheiro da mercearia, e muito provavelmente tinha comprado o pedaço de terra mais barato que conseguiu achar usando o computador da nossa vizinha. A Sra. Jacobson não era membro da igreja, era apenas uma mulher gentil de meia-idade que sempre olhava para as nossas saias longas e para os nossos rostos sem maquiagem com tristeza em seus olhos

emoldurados com longos cílios falsos.

— Agora que está claro que a gente não conhece a mesma pessoa... — Critter sorriu. — O que posso fazer por você, Senhorita...

— Dixon. Sawyer Dixon. — Estendi a mão. — Suponho que seja o Senhor Critter. Josh me falou sobre o senhor.

— Critter apenas. Senhor Critter era o meu pai — corrigiu, com um firme aperto de mão.

— É mesmo?

— Não, na verdade não — respondeu, em tom de brincadeira. Ele era tão acolhedor e agradável quanto o seu bar.

— Estou à procura de emprego — revelei, esperançosa. — Mas imagino que não esteja contratando...

— Que tipo de serviço está procurando?

— Qualquer coisa. Eu aprendo rápido.

— Bom, que tipo de experiência você tem?

Ele apoiou o quadril no balcão e começou a polir algumas taças. Quando terminou, deslizou e pendurou uma por uma em um suporte no teto.

— Hmmmmmm — Vasculhei meu cérebro em busca de uma resposta que não o fizesse me chutar para fora. Eu não queria mentir, mas realmente precisava de um emprego.

— Então... sem experiência? — respondeu por mim, com um olhar de quem sabia a verdade, um olhar com o qual eu não tinha como argumentar.

Mas eu tentei. Fui tão longe a ponto de abrir a boca para

mentir, mas a verdade empurrou a mentira para o lado e tropeçou para fora.

— Eu nunca trabalhei, mas realmente preciso de um emprego.

O meu estômago roncava como se quisesse reforçar o que eu dizia. Ainda não tinha comido nada naquele dia. A minha intenção tinha sido pegar umas bolachas de água e sal da minha mochila, mas com o meu novo vizinho enlameando os meus pensamentos, tinha me esquecido.

— Espere aqui — ordenou Critter, voltando para a cozinha e, depois de alguns minutos fazendo a maior barulheira lá dentro, voltou e colocou um prato com um sanduíche na minha frente.

— O que é isso? — perguntei, olhando para o prato e depois para ele.

— Isso é comida. É para o seu estômago. Ele está roncando tão alto, que vai acabar atraindo os gatos da rua. Então é por conta da casa, para o bem do meu bar. Além do mais, o barulho me tira a atenção.

Eu ia empurrar o prato de volta quando o Critter olhou feio para mim.

— Coma — insistiu, e o meu estômago roncou outra vez, como se estivesse respondendo por mim.

— Obrigada.

Sentei-me em um banco e, instintivamente, cruzei as mãos e abaixei a cabeça para rezar. No instante em que fechei os olhos, percebi o que tinha feito, e logo mudei de ideia, mergulhando no

sanduíche.

Não sabia se ia rezar outra vez na vida, mas, se acontecesse, seria meu jeito.

— Posso até ser velho, menina, mas o único por aqui que acha que eu estou ficando velho é o Edie. — Curvou o polegar por cima do ombro, apontando para as portas da cozinha que eram baixas e de estilo faroeste. O vapor que passava por cima delas vinha acompanhado de uma porção de ruídos de potes e panelas produzidos na cozinha. — Então seja direta comigo. Diga exatamente o que precisa e por quê. E aí então eu digo se a gente pode ajudar um ao outro ou não.

Engoli quase que sem mastigar a mordida que eu tinha dado no sanduíche e esvaziei metade do copo de água que ele tinha colocado na minha frente. Então respirei fundo e comecei a falar:

— Essa é a minha primeira vez fora da minha cidade. Tenho um lugar para ficar, mas tenho uma reserva de dinheiro muito pequena. E você está certo, não tenho experiência. Nenhuma. Nem tenho um diploma válido do ensino médio. É a primeira vez que entro em um bar. Nunca tive um emprego, a não ser que você chame de emprego o serviço voluntário na igreja. Eu mesma não chamaria. Mas realmente aprendo rápido, sou esforçada, e a minha mãe costumava dizer que sou confiável, até o ponto de me prejudicar com isso. Eu sou assim já há muito tempo, porque ela disse isso quando eu era muito nova e lembro-me de ter que procurar no dicionário o significado da palavra “prejudicar”. Mas sei

que nesse caso ser tão confiável assim vai ser uma coisa muito boa, se me der uma chance. Você não vai se arrepender. Eu juro.

— Você sempre fala rápido desse jeito? — perguntou Critter, depois de uma longa pausa.

— Nem sempre — respondi, com a boca cheia.

— Ótimo. — Critter balançou a cabeça bruscamente. — Porque o pessoal por aqui não é devagar para pensar, mas é devagar para falar, então pode ser que você tenha que pisar no freio quando for anotar os pedidos.

— Claro, eu vou... — Eu não tinha percebido que estava olhando para baixo na direção das minhas mãos até as palavras do Critter me fazerem erguer o olhar na direção de seu enorme sorriso.

— Espere, o quê?

— Devagaaaaaaaar com os pediíííidos — repetiu, alongando as sílabas em câmera lenta.

— Sério? — perguntei, sem conseguir acreditar. — Eu tenho um emprego?

— Sim, senhorita. — Critter apontou para as paredes do bar com a taça que estava segurando. — Você parece desesperada e, se ainda não percebeu... desespero é meio que... o nosso lance por aqui.

— Obrigada. — Senti um alívio imenso naquele instante.

— Você pode começar amanhã à noite. Por onde você está ficando?

Na mesma hora, a minha mente foi levada de volta para o outro problema a ser resolvido.

Finn.

— Off Orange Grove.

— Tem bastante brejo por lá — disse, pegando outra taça.

— Um pouco. Sabe onde fica?

— Tem uma choupana caindo aos pedaços na beira da água, não tem?

Eu balancei a cabeça.

— Fico surpreso de ver que aquilo ainda está em pé, mas... sim, todo mundo por aqui conhece aquele lugar. Bom, todo mundo conhece todo mundo. A cidade não é grande o suficiente para que gente nova chegando ou gente velha saindo passe despercebido. Embora não tenhamos visto muito nem de uma coisa nem de outra ultimamente.

Terminei a última mordida do meu sanduíche.

— Sim. Bem, espero que eu consiga deixar o terreno de lama que herdei um pouco mais estável para o meu trailer.

— Herdou? — perguntou ele, curioso.

— Da minha mãe — expliquei.

Uma voz aguda de mulher gritou da cozinha.

— Critter, aquele maldito maçarico está quebrado de novo e eu tenho que fazer o molho para os petiscos!

Critter se afastou do balcão com um olhar questionador.

— Você está fugindo de alguma coisa, Sawyer Dixon?

Parei por um instante.

— Prefiro pensar que estou buscando algo novo.

— E o que seria, exatamente?

O ar-condicionado ligou e os tinidos acima de nós dançaram com a nova brisa gentil.

Ergui o olhar na direção deles e virei novamente para o Critter.

— Liberdade.

CAPÍTULO 11



FINN

Um estrondo fez a casa tremer e os meus olhos se abriram de repente.

— Finn Hollis, você vai tirar essa bunda de ermitão daqui agora, caralho, ou eu vou explodir isso aqui abrindo um buraco no seu barraco do tamanho de Okeechobee!

Josh.

Merda.

Tentei me mexer e gemi quando a minha cabeça berrou uma mensagem desagradável por trás dos meus olhos. Rolei para fora do sofá e caí em pé, derrubando as garrafas vazias de cerveja que estavam em cima da pequena mesa de centro.

Piscando com a luz invasora que brilhava através da janela da frente, eu me amaldiçoei por não ter me lembrado de fechar as cortinas na noite anterior... mas tudo era um grande borrão, cortesia do meu amigo Jim Beam.

O barulho de um tiro ecoou pela casa. O som que vibrou pelo meu corpo intensificou cada dor que eu sentia e cada sensação indesejada.

— Que porra é essa, Josh? — Saí para a varanda, colocando uma camiseta que estava pendurada na grade. Não havia dúvidas, Josh estava ali no meu quintal com uma arma na mão. — Que porra é essa?

Ela colocou uma das mãos na cintura e ergueu a arma com a outra.

— Eu é que tinha que estar perguntando isso, considerando que você tentou jogar uma garota inocente para fora da estrada e depois invadiu o trailer dela para tentar colocá-la para fora das terras que por lei pertencem a ela.

— Que garota? — perguntei, sabendo muito bem de quem ela estava falando, apesar de o meu cérebro ainda estar enlameado.

— Aquela garota! — Josh respondeu, apontando para o pequeno trailer enferrujado que estava estacionado do outro lado.

— A estrada. Aquilo foi um acidente — admiti, coçando o maxilar. Eu tinha que fazer aquela barba antes que começasse a coçar tanto a ponto de me fazer arrancar a própria pele. — Os faróis estavam apagados.

— Foi o que eu imaginei — resmungou Josh.

— E ela está na MINHA propriedade — acrescentei.

— Ele é dona dos mil metros quadrados logo atrás, ela só não consegue chegar até lá. Ainda — argumentou.

— Isso não é problema meu. — Cruzei os braços. — Agora, é melhor você ir embora.

Josh levantou a arma, mirou e atirou.

O para-brisa traseiro do meu Bronco foi estilhaçado em um instante.

— Não venha me dizer o que fazer, Finn. Eu sou a lei por aqui. Não você. Não somos mais crianças. A gente nem é mais amigo. Então vou te dizer como as coisas vão funcionar.

— A lei sempre estoura os vidros das caminhonetes das pessoas para conseguir a atenção delas? — perguntei, apoiando na grade.

— Eu faço o que precisa ser feito. E a única razão para não abrir um buraco no seu peito é que eu sei que dia foi ontem. Mas você VAI deixar a Sawyer em paz. Se chegar aos meus ouvidos que andou se metendo com ela de novo, ou que tentou botá-la para correr, ou que, Deus me livre, a machucou de alguma maneira... — Ela olhou nos meus olhos. — Eu juro por Deus que te enterro lá no fundo com os jacarés e com as cobras.

— Josh... — vacilei.

— Não. — Ela ergueu a mão. — Que JOSH o quê? Não me venha com essa. Acabou. Eu sou a Delegada Hugo para você.

Senti um negócio no estômago. Os gritos eu encarava de boa. A mágoa na voz dela era o mais difícil de engolir.

— Você pode afastar todo mundo, Finn, mas sei que aquela garota já passou por muita merda, então ela não precisa de ainda mais problema vindo de gente como você.

Ela abaixou a arma.

Desci um dos degraus da varanda, mas Josh me olhou com um aviso de lágrimas naqueles grandes olhos castanhos e deu um passo para trás, jogando a arma na caçamba da caminhonete dela.

— Não. É tarde demais para isso. Você sente necessidade de se enfiar no seu barraco no meio do pântano e fingir que o mundo ao redor não existe? Ótimo então. Faça isso. Mas deixa a Sawyer em paz. Considere esse o seu único aviso.

Ela abriu a porta da caminhonete dela.

— Faça aquilo que você faz muito bem, Finn. Faça com ela aquilo que você tem feito com todo mundo. — Abaixou o tom da voz. — Fique longe, porra.

Entrei na minha sala escura e úmida e peguei do chão, do lado do sofá velho, uma garrafa de uísque que estava pela metade.

Josh estava certa. Eu devia continuar a fazer aquilo que faço tão bem. Virei a garrafa na minha boca e tentei fingir que não tinha acabado de aprender por que é que as pessoas dizem que *a verdade dói*.

CAPÍTULO 12



SAWYER

Não importava o que eu fizesse. Não importava que botão eu apertasse ou quantos apelos eu fizesse ao universo, não saía água nem da minha pia nem do meu chuveiro. O tanque estava cheio. Chequei três vezes. Também não tinha nenhum vazamento. Ou tinha alguma coisa obstruindo a passagem da água, ou o universo estava conspirando contra mim.

As duas hipóteses tinham a mesma chance de ser a razão pela qual a água tinha parado de funcionar de repente.

Olhei para o relógio. Eu tinha que estar no Critter's em menos de uma hora. Pelos meus cálculos, eu levaria cerca de meia hora andando até lá e, se não tomasse banho e ficasse pronta nos próximos dez ou quinze minutos, eu chegaria atrasada para o meu primeiro dia de trabalho.

Os galões que eu tinha comprado dias antes já estavam vazios e eu não sabia como tirar água do tanque do lado de fora do

trailer.

Decidi que, mesmo contra a minha vontade, pediria ao Finn para usar o chuveiro dele. Para o meu azar, eu estava quase na frente da porta dele quando um único olhar foi suficiente para que eu percebesse que pedir aquele favor a ele seria uma ideia muito, muito ruim.

Primeiro, porque o chuveiro dele ficava *do lado de fora* da casa, no lado esquerdo da varanda.

Segundo, porque ele já estava nele.

Terceiro, porque ele estava muito, MUITÍSSIMO nu.

Finn estava debaixo da ducha com as mãos apoiadas na lateral da casa, deixando a água cair na nuca e nos ombros, e escorrer por cada centímetro de músculo firme na descida até o seu traseiro redondo e suas coxas fortes e grossas. Seus olhos estavam fechados, como se estivesse perdido em pensamentos.

A minha intenção era me virar e correr na direção contrária ou, no mínimo, cobrir os olhos. Na minha cabeça, era exatamente isso que eu estava fazendo.

Mas, na verdade, eu estava ali parada, encarando-o, sem conseguir desviar o olhar, até que Finn limpou a garganta e me tirou do transe. Ergui o rosto e me deparei com ele olhando para mim enquanto ensaboava o corpo nu. Ele deu um passo, voltando para debaixo da ducha, e a espuma escorreu, descendo pelo V fortemente marcado que ia dar no lugar privado entre suas duas coxas fortes.

E então lá estava ele.

Simplesmente pendurado ali.

Comprido.

Grosso.

Parei de respirar.

— Deixa eu adivinhar, na outra noite você ouviu a palavra foder pela primeira vez e hoje você viu um pau de verdade pela primeira vez. Acertei?

Não consegui ouvir todas as palavras que ele disse. Estava fortemente distraída com uma sensação de tensão entrando pela minha pélvis.

— Você precisa de alguma coisa? — perguntou, enquanto subia até a grade, molhando todo o deque de madeira e me dando uma visão muito mais próxima daquilo que tinha entre as pernas. Ele sacudiu o cabelo e bagunçou os fios com a mão.

— Uh. — Virei a cabeça, escondendo meu rosto corado. — Deixa pra lá.

— Tem certeza?

Quando me virei para olhar para ele novamente, imaginei que já estaria coberto, mas não tive essa sorte. Ele estava segurando uma toalha, mas não a usou para se cobrir, apenas para esfregar o corpo, enxugando o torso e as pernas.

— Eu ia perguntar se podia usar o seu chuveiro — expliquei, mantendo os meus olhos, agora treinados, acima da cabeça dele. — Mas acho que não foi uma boa ideia.

— Pode usar o meu chuveiro.

— Sério? — Tinha sido fácil demais.

— Sério — respondeu, de maneira perversa. — Eu já estava terminando. Você pode se juntar a mim.

— Não era isso que eu... — tentei explicar, apesar de o brilho nos olhos dele me dizer que ele sabia muito bem que não era aquilo que eu estava dizendo.

Ele sorriu de maneira obscena.

— Eu consegui um emprego no Critter's, e o tanque de água no meu trailer não está funcionando... Quer saber? Vou pensar em outra coisa.

Saí em disparada pelo quintal.

As minhas bochechas estavam quentes de frustração, vergonha e algo mais. Tentei fazer o tanque funcionar mais algumas vezes, mas não tive sucesso.

Cinco minutos depois, vi pelo canto do olho que Finn estava colocando um pequeno barco nas águas atrás da casa. Ele puxou a corda do motor e alguns segundos depois, tinha sumido, e tudo que restava era o ruído do pequeno motor ecoando.

Era agora ou nunca. Não havia tempo para hesitação.

Disparei pelo quintal com os meus pés afundando no solo molhado. Nem notei o vidro quebrado do Bronco de Finn enquanto jogava as minhas roupas nos degraus da varanda. Corri para o lado da casa, entrei na bacia de metal e virei o registro do chuveiro. Dei um grito debaixo da ducha gelada, mas depois de alguns segundos ela começou a ficar morna.

Havia dois potes de plástico perto dos meus pés. Um era sabão líquido e o outro, xampu, os dois com rótulos de feira.

Coloquei um pouco do xampu na palma das mãos e massageei o couro cabeludo. O cheiro era de cedro e roupa limpa. Inspirei profundamente, mas não podia perder tempo. Enxaguei o cabelo em tempo recorde. Peguei o pote de sabão, fiz um pouco de espuma e deslizei a mão por cada centímetro do meu corpo e do meu rosto.

Tinha acabado de me enxaguar e estava estendendo a mão na direção do registro para fechar a água quando o chuveiro fez um barulho e desligou.

Eu nem tinha tocado no registro.

As minhas mãos tremiam enquanto eu enxugava os olhos. Não precisava abri-los para saber quem eu encontraria na minha frente. Podia sentir que ele estava ali.

Os olhos dele estavam em mim. No meu corpo.

No meu corpo nu.

Estremeci muito antes de os olhos azuis dele se fixarem nos meus. Cruzei os braços na frente do peito para tentar me esconder o máximo possível, inclusive os meus mamilos, que agora estavam enrijecidos.

— Tarde demais, eu já vi tudo — avisou, com um sorriso.

— Você estava me observando?

As minhas bochechas queimavam quando perguntei. Olhei ao redor, procurando por algum lugar para onde eu pudesse ir, algum lugar para onde pudesse correr, mas não conseguia focar no que estava ao meu redor e não tinha como eu chegar a lugar algum sem revelar mais de mim.

Os olhos de Finn escureceram. Ele inclinou o corpo para

frente e fiquei tão surpresa com o movimento que tropecei para trás, batendo com as costas na parede.

— O que você está fazendo?

Ele inspirou profundamente e deu um passo para trás.

— Prefiro lavanda.

— O quê?

— Na outra noite. No trailer. Você tinha cheiro de lavanda.

— Eu... Eu preciso das minhas roupas.

Agachei-me desconfortavelmente sobre os meus joelhos. Finn balançou a cabeça na direção de uma cadeira de plástico que estava no canto distante da varanda, onde uma toalha estava esticada no encosto.

Eu não tinha escolha a não ser me arrastar de lado para conseguir pegá-la, mantendo as minhas pernas duras e travadas nos joelhos. Soltei-me por um microssegundo para pegar a toalha e colocá-la em volta do meu corpo nu. Senti um frio na barriga e, quando me virei para olhar para Finn novamente, senti calor e frio ao mesmo tempo.

Ele franziu o cenho, formando linhas em sua testa. Então, encostou-se na grade da varanda.

As palavras do meu pai venceram a barreira que eu tinha construído no meu cérebro para mantê-lo longe. *Nenhum homem além do seu marido pode ver a sua carne despida. A mulher que se oferece como banquete para os olhos de outra pessoa vai queimar nas profundezas do Inferno.*

Ouvir suas palavras mudou algo dentro de mim. De

repente, eu não estava apenas nervosa e confusa.

Estava furiosa.

— Obrigada por me deixar usar o seu chuveiro — agradei, endireitando os ombros. Já me sentindo mais corajosa, marchei na direção de Finn com a intenção de passar direto por ele.

— Quem disse que eu deixei você fazer alguma coisa? — perguntou, esticando o braço para me impedir de passar e brincando com a parte debaixo da toalha, como se quisesse me lembrar de que ele poderia rasgá-la e arrancá-la de mim a qualquer momento.

— Eu estava sendo irônica — afirmei, fracassando na tentativa de bravura.

— Você gosta de me torturar, não é mesmo? — perguntou Finn, inclinando a cabeça para o lado.

— Eu? É você que... deixa pra lá. É melhor eu ir embora.

Ele puxou a toalha novamente e eu parei, não querendo ficar nua na frente dele pela segunda vez em tão poucos minutos.

Finn continuou ali parado, olhando-me de cima. Usando sua presença marcante em seu benefício.

— Você não precisa me torturar. Já tem gente ocupando essa função.

— Não sei do que você está falando — retruquei com sinceridade. Mas, no momento em que os olhos dele encontraram os meus, reconheci neles algo familiar que não consegui decifrar.

— Você realmente não sabe, não é?

Ele usou as pontas dos dedos para contornar a toalha,

tocando a pele da minha coxa e fazendo-a esquentar por onde passavam.

— Sabe de uma coisa? — Eu não conseguia respirar direito e, de repente, comecei a me sentir tonta.

— Tão... inocente — cantarolou, em voz baixa, balançando a cabeça.

Tentei me recompor.

— Eu... eu vou me atrasar para o trabalho.

— Você só precisa me contar uma coisa antes de ir.

Finn agarrou a toalha outra vez. Não tive escolha a não ser subir de volta, deixando o quadril encostar na coxa dele.

— O quê?

— Conte-me alguma coisa sobre você.

— Tipo o quê? A minha cor favorita? Acho que não tenho uma — respondi.

— Não. — Ele lambeu o lábio inferior. — Conte o que foi que você pensou quando me viu hoje. Quando ficou me olhando tomar banho.

— Por quê?

Senti um calor ao me lembrar daquele corpo molhado e brilhante.

— Eu vi o jeito que você ficou me olhando.... Digamos que a sua curiosidade me deixou curioso.

Eu me virei desconfortavelmente, pressionando as coxas uma na outra, e mordi o lábio inferior.

— Por favor, eu realmente tenho que ir. E...

— É só falar. Aí você pode ir.

Finn não estava me segurando, nem me machucando. Ele só estava me fazendo uma pergunta, e eu realmente tinha que ir, ou iria me atrasar.

Fechei os meus olhos com força para revelar a verdade.

— Eu pensei...

— Abra os olhos, olhe para mim — insistiu.

Olhei para ele, respirei fundo e de repente consegui entender o que via nos olhos dele que era tão familiar para mim.

Dor.

— Pensei que eu não sabia que um homem nu... — Juntei toda a coragem que eu tinha. Se Finn estava fazendo aquilo apenas para me intimidar, eu não deixaria que ele vencesse. Respirei fundo e escolhi as palavras. E olhando no fundo dos olhos azuis dele, falei diretamente com a dor que existia ali. — Pensei que não sabia que um homem nu podia ser tão bonito.

Finn soltou o meu braço e não esperei para ver a sua reação. Corri para os degraus, juntei as minhas roupas e atravessei o quintal rapidamente.

Chegando no trailer, vesti-me com pressa, peguei a bolsa e comecei minha caminhada acelerada rumo ao Critter's. Eu não tinha tempo para perder com aquilo que tinha acabado de acontecer.

Mesmo porque eu não fazia ideia do que tinha acontecido.

CAPÍTULO 13



SAWYER

Apesar do incidente no chuveiro com Finn, consegui chegar pontualmente ao trabalho. Um tanto sem fôlego. Mas pontualmente.

Havia três outras garçonetes trabalhando. Missy e Maya eram gêmeas idênticas com longos cabelos loiros e com o mesmo dente faltando em seus sorrisos. Elas se mantiveram um tanto afastadas e peguei uma troca suspeita de olhares entre elas enquanto enxugava algumas taças.

— O que foi? — perguntei.

— É que a Missy queria saber... — Maya começou a falar, mas Missy a cutucou no ombro e falou entre os dentes:

— Não, eu não. VOCÊ queria saber.

— Saber o quê? — insisti, largando a taça.

— Sobre as suas roupas — responderam as duas juntas.

Olhei para a minha longa saia jeans e para a minha

camisa.

— O que querem saber?

— Elas querem saber por que você está vestida assim. —

Outra voz entrou na conversa. Era a Kayla, uma garçonete que parecia ter a minha idade. Sua pele era perfeita e seu grande sorriso de lábios vermelhos exibia dentes brancos incrivelmente brilhantes.

As três vestiam blusas apertadas e shorts curtos, com tênis ou botas. A roupa da Kayla parecia ter sido pintada, exibindo sua pequena cintura e seus seios perfeitamente redondos.

Assim como quando vi o corpo de Finn, não fiquei aterrorizada como aprendi que deveria ficar. As mulheres deviam esconder seus corpos. Mas bastou um único olhar para elas e para as suas belas curvas para que eu soubesse que aquele jeito de pensar só poderia estar errado. Por que esconder justamente aquilo que faz de nós mulheres? Justamente aquilo que nos faz bonitas?

Isso me fez pensar no que Finn poderia ter achado quando me viu completamente nua naquela manhã. Será que ele tinha achado o meu corpo nu bonito?

Tão bonito quanto eu tinha achado o dele?

— Eu venho de uma família conservadora. — Usei a mesma explicação simples que tinha dado para Josh.

— Voltem ao trabalho e parem de se meter da vida dos outros. — Critter entrou na conversa e as garotas se espalharam como baratas diante da luz.

Fiquei pensando no que elas estavam vestindo e perguntei:

— Desculpe. Eu deveria estar vestindo outra coisa? —

Olhei para a minha saia. — Não perguntei sobre a roupa...

Critter ergueu a mão e me interrompeu:

— Se são essas as roupas que você quer usar, então é assim que você deve se vestir. — Ele deu de ombros. — É realmente simples assim. Não tem nenhuma regra por aqui em relação à roupa, a não ser... usar alguma coisa.

— Na verdade, não é bem isso que eu queria estar vestindo — admiti, olhando de volta para a Kayla, que tinha uma bandeja de copos erguida acima da cabeça. Ela ia de mesa em mesa com confiança e com um sorriso.

— Então sugiro que você vá até a loja da Bebe. Ela vai poder ajudá-la.

Critter apertou alguns números em uma calculadora velha embaixo de uma registradora que parecia mais velha ainda e fez algumas anotações em um livro caixa.

— Josh disse a mesma coisa.

— E aquela garota sabe muito bem o que vestir. Apesar do uniforme da polícia e daquele olhar de quem está prestes a meter a faca em você — brincou Critter.

Ele voltou para a cozinha e deixou a Kayla encarregada de me ensinar o serviço. Ela foi bastante paciente comigo enquanto eu tentava pegar o conceito.

Eu não tinha comido fora muitas vezes na vida, e em lugares com serviço de mesa menos ainda, mas estava começando a aprender. Na metade do dia, já conhecia a abreviação de quase tudo que estava no menu e sabia como escrevê-las nos papéis dos

pedidos.

— E onde é que você está ficando, Sawyer? — perguntou Maya. Ela me jogou um pano e eu a acompanhei na limpeza das mesas e no preenchimento dos frascos de ketchup e mostarda. Estávamos no período entre o almoço e o jantar.

— Off Orange Grove Boulevard. Se algum dia quiser dar uma passada, é só procurar por uma choupana velha no meio do nada. Eu estou no trailer em frente, debaixo de quase um metro de lama.

— Lama é o símbolo da nossa cidade — interrompeu-me Kayla, enquanto pegava uma vassoura e começava a varrer todo o bar. Ela arrastava os banquinhos para lá e para cá, fazendo um ruído horrível ao puxá-los pelo chão de concreto.

— Foi o que eu ouvi dizer.

— Você teve a chance de conhecer mais alguém na cidade? — perguntou Maya, borrifando a janela da frente com limpavidros e enxugando-a com um grande filtro de café. — Deixa menos marca do que papel toalha — explicou, quando notou que eu estava estranhando

— Eu conheci a Josh... — comecei a listar e todas elas balançaram a cabeça. Nenhum tipo de descrição de Josh foi necessário. — Critter, é claro... — A imagem de um par de olhos de um azul caribenho e uma expressão irritada me veio à cabeça. — E... Finn? — O nome dele saiu como uma pergunta.

As três pararam o que estavam fazendo. Kayla derrubou a vassoura. Maya deixou o borrifador cair no chão. Missy, que estava

lixando as unhas, ergueu o olhar.

— Finn Hollis? — perguntou Maya

— A não ser que tenha outro Finn... — Apertei a tampa do frasco de ketchup.

— Você tem certeza que era o Finn? Loiro. Alto. Forte. Olhos sedutores em um corpo sedutor? — perguntou Kayla.

— Ele mesmo.

— E ele FALOU com você? — Maya apoiou o queixo na mão. — Ele não fala com ninguém. Pelo menos não fala mais.

— Uh, sim. Ele falou comigo. — Se ameaçar for a mesma coisa que falar... — Muito brevemente. — Eu com certeza não contaria a elas o que tinha acontecido horas atrás.

Quando me dei conta, todas estavam em volta da mesa que eu estava limpando.

— O quê... O que vocês estão escondendo de mim? — perguntei.

Kayla apoiou os cotovelos sobre a mesa e juntou as mãos com apenas as pontas dos dedos, que estavam esticados, se tocando. Ela abaixou a voz de maneira que nós três tivemos que nos aproximar para que pudéssemos escutar o que diria.

— Quer que eu conte uma história? Um conto de fadas?

— Quero. — Larguei o pano e me sentei do outro lado da mesa, de frente para ela. As gêmeas também se sentaram.

Kayla olhou de forma dramática para cada uma de nós, como se aquilo que ela nos diria fosse informação confidencial.

— Era uma vez... — começou ela — um rapaz de nome

Finn Hollis. Ele era conhecido como o senhor do pântano. Era uma pessoa de atitude. Uma pessoa capaz de fazer qualquer coisa em um piscar de olhos. Algumas das coisas que ele fazia viravam o assunto da cidade. Outras eram apenas sussurradas discretamente depois da igreja de domingo. Ou você o amava. Ou o odiava. Ou o temia. — Ela mordeu o lábio inferior. — Ou o *desejava*.

As gêmeas riram.

— De qualquer maneira, Finn ERA a cidade Outskirts. O nosso garoto de ouro. Ele era mais popular do que o prefeito. Aí, um dia, uma tragédia terrível o levou para o fundo do pântano, onde ele passou a remoer a sua profunda tristeza. Ele ainda aparece de tempos em tempos, mas vê-lo é quase tão raro quanto ver o Macaco do Pântano. Apesar de causar mais comentários surpresos e espantados entre os residentes de Outskirts.

— Macaco do pântano? — questionei.

— É tipo um abominável homem das neves, só que caipira — interrompeu Maya.

— Ahhhhhh, tá.

Coloquei a minha cadeira no lugar e me afastei da mesa, sentindo uma necessidade repentina de me distanciar um pouco da lenda de Finn Hollis. Mas ainda havia uma pergunta que não saía da minha cabeça.

— E o que foi que aconteceu? — perguntei. — Qual foi a grande tragédia que fez com que ele se isolasse?

Maya esvaziou a pá de lixo na lixeira e virou o rosto por cima de seu ombro, olhando de volta para mim. Ela tinha um sorriso

triste no rosto.

— O senhor do pântano perdeu a sua amada.

CAPÍTULO 14



Dezesseis anos de idade

Era o aniversário de dezesseis anos de Jackie, e nós dois tínhamos nos afastado discretamente da fogueira onde a maior parte do pessoal da escola continuava com a festa.

John Anderson cantava “Straight Tequila Night” nos alto-falantes do Honda de Miller, tentando abafar o som menos agradável de Josh e Miller brigando.

Miller, em seu estado alcoolizado, tinha espantado Scott, o cara que estava ficando com Josh, depois de dizer que ela estava grávida dele.

Quando ele foi atrás de Josh por entre as árvores, apostei que não voltaria vivo. Mas a culpa era dele. Eu tinha outras coisas mais importantes em mente.

Jackie e eu entramos sem ninguém ver na barraca que eu tinha montado antes do começo da festa. Estávamos nos beijando e

nos abraçando. Dando uns amassos sem parar nem para recuperar o fôlego, como a gente sempre fazia.

Depois de alguns minutos, eu já estava com muita dor. Sabia que ia terminar a noite com uma passagem direta para a terra da dor nos ovos. Mas sempre valia a pena. Jackie sempre valia a pena.

Mesmo quando as coisas não estavam incríveis, quando ela estava em uma daquelas fases em que passava o tempo todo brava comigo, ou em que faltava aula para ficar em casa dormindo o dia inteiro, ainda assim as coisas ainda eram incríveis.

Havia mais momentos bons do que ruins, e aquela não era apenas uma noite boa.

Era uma noite *incrível*.

— O que você quer de aniversário? — perguntei, precisando parar o que estávamos fazendo para não passar vergonha e sujar as calças.

Jackie mordeu o lábio e, tímida, desviou o olhar. O lindo cabelo loiro dela estava espalhado à sua volta. Peguei um cacho e fiquei sentindo a maciez dele nos meus dedos.

— Ah, pode falar... — Fiz cócegas nas costelas dela. — Pode me contar!

Jackie deu uma risada e aquele som foi como um tiro direto no meu pau dolorido.

— Eu... Eu quero você — sussurrou.

E simplesmente assim, zum, o ar foi arrancado dos meus pulmões.

Jackie ficou vermelha e os olhos verdes dela brilharam.

Eu engoli com dificuldade.

— Você... você quer? Quando? — perguntei, tentando não parecer muito ansioso. Enquanto isso, o meu pau dava piruetas, forçando o zíper da calça.

Jackie entrou no saco de dormir. Eu me afastei para o lado para dar mais espaço para ela.

— Pode ser agora? — perguntou, entregando-me uma camisinha.

Sem encontrar nenhuma palavra que pudesse descrever a minha excitação, simplesmente balancei a cabeça e esperei o meu coração se acalmar para que eu não morresse com um ataque cardíaco antes de ter a chance de perder a virgindade.

Tiramos a roupa e subi em cima da Jackie, colocando-me entre as suas pernas abertas. Ergui o corpo apenas o suficiente para tentar abrir a embalagem da camisinha.

— Na verdade, não sei bem o que fazer — admitiu Jackie, dando uma risada nervosa.

— Vamos descobrir. — Eu a tranquilizei enquanto colocava a camisinha, desejando que os vídeos pornô não pulassem aquela parte, assim eu me sentiria mais preparado. Quando estava pronto, abaixei-me por cima dela.

Nós dois estávamos tremendo.

Quando finalmente nossos corpos se uniram, teve trombada de testa, dente batendo, puxão de cabelo acidental... Foi desajeitado na melhor das hipóteses.

Foi de longe a melhor noite da minha vida.
Ou pelo menos foi o que eu pensei.



Dezenove anos de idade

Jackie e eu estávamos sentados com um grupo de amigos no deque dos fundos da casa dos meus pais enquanto eles estavam fora da cidade.

As últimas semanas tinham sido ruins. Eu praticamente tive que arrancar Jackie de casa para sair comigo. E, por um tempo, eu estava feliz por ter feito aquilo.

Nós dois tínhamos bebido um pouco, e Jackie estava aconchegada no meu colo enquanto ouvíamos os nossos amigos contarem suas histórias malucas de cidade pequena.

Quando Miller falou sobre o lance de perdermos a virgindade, não pude evitar o sorriso diante da lembrança. Apertei o quadril da Jackie, e senti o balanço dos ombros dela enquanto ela ria. A voz dela saiu aguda. Estridente. Eu nunca tinha ouvido a voz dela daquele jeito.

— Ah, por favor, todo mundo mente em relação a virgindade. Estou errada? — perguntou, batendo a garrafa de cerveja dela na de Josh, que ainda estava segurando. — Quer dizer, eu falei para o Finn que ele era o meu primeiro e ele realmente acreditou. Lembra disso, amor?

Eu congelei.

Jackie olhou para mim, mas, diferente dela, eu não estava sorrindo.

Ninguém estava.

Ela não parecia ter percebido que todo mundo à nossa volta tinha ficado em silêncio.

— Vamos embora — falei, tirando Jackie do meu colo e pegando na sua mão. — Vou levar você para casa.

— Agora? — perguntou, empurrando-me. — Eu não vou a lugar nenhum. Você me arrasta até aqui e espera que eu fique sentada conversando e sendo legal com essas pessoas. — Ela olhou em volta da mesa com nojo. — Pessoas que, em anos, eu não aprendi a gostar. — Eu a segurei com mais força, mas ela puxou a mão de mim. — E a gente estava começando a se divertir, não é pessoal?

Miller e Josh olharam para mim. Os outros olharam para o chão ou uns para os outros.

— O que eu ia dizer... — Ela riu. — Era que eu tinha dado para o Anthony Steward tipo seis horas antes. — O sorriso nos lábios da Jackie morreu de repente, e ela olhou para mim. Ao invés de humor em seu rosto, havia apenas rancor. Menosprezo. Ela estreitou o olhar e continuou: — Conte para ele a mesma história que contei a você, que ele era o meu primeiro, mas, diferente de você, ele não acreditou nem por um segundo.

Ela deu uma gargalhada.

— Sério, Finn. Como você pode ser tão burro?

Eu queria culpar a bebida por seu comportamento, mas ela

só tinha bebido duas cervejas.

Não era o álcool que estava falando.

Era Jackie.

— Chega! — gritei, agarrando-a pelo punho e puxando-a na direção da minha caminhonete.

Ela continuou rindo, como se estivesse louca mesmo quando a peguei no colo e a joguei por cima do ombro. Ela riu durante a maior parte do caminho até em casa.

Só quando consegui ouvir a minha própria voz outra vez foi que percebi que ela tinha finalmente parado.

Quando olhei para o banco do passageiro, vi que ela tinha caído no sono encostada no vidro.

Bati a mão contra o volante. Os meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Aquela foi a primeira noite em que percebi que o pequeno problema da Jackie era na verdade um problema muito, muito maior do que eu tinha imaginado.

Também foi a primeira noite em que questionei os meus sentimentos por ela.

A primeira noite em que me senti culpado por isso.

O laço que nos unia, que eu achava que jamais poderia ser cortado, começava a desfilar.

Aquilo deu uma virada não apenas na minha vida, mas na de todos nós.

Na minha, na de Josh, na de Miller e na de Jackie.

Uma virada que não esperávamos.

Aquela noite foi o começo do fim.

CAPÍTULO 15



SAWYER

O Critter's era um lugar muito mais movimentado do que eu esperava. A maior parte do tempo em que eu estava lá, ajudava o Critter atrás do balcão pegando pedidos simples e lavando copos enquanto ele completava as bebidas.

— Ei, Sawyer, quer fazer alguma coisa depois do serviço?
— perguntou Sterling, colocando a cerveja sobre o balcão.

Sterling era um cliente que estava sempre no bar. Eu o tinha visto quase todos os dias desde que começara. No mesmo instante em que se sentou, ele se apresentara como o dono da casa de ração e fizera questão que eu soubesse que o prato executivo de segunda-feira, bolo de carne, era o seu favorito.

Ele tinha cerca de um metro e oitenta. Seu cabelo bagunçado, castanho-escuro quase preto, destacava os olhos cinza-escuro. Enquanto o sorriso de Finn era levemente torto, o dele era reto. Sterling não tinha o corpo musculoso de Finn, mas tinha bíceps

que preenchiam cada pequeno espaço da camisa jeans de manga curta, provavelmente porque carregava sacos de ração o dia inteiro.

Mentalmente, dei um tapa em mim mesma quando percebi que o estava comparando a Finn — que, a propósito, eu não via desde o incidente do chuveiro, notando apenas o balançar ocasional de suas cortinas e o som do motor de seu barco ecoando do outro lado da casa.

Mesmo depois de me censurar por estar comparando Sterling com Finn, eu me vi fazendo aquilo outra vez.

Sterling era de longe mais amigável. Ele nunca me olhava com cara de raiva e nunca me fazia sentir desagradável. Não parecia instável, nem ameaçador, nem disposto a me deixar desconfortável.

Sterling era exatamente o tipo de cara que eu deveria querer por perto. Eu tinha vinte e um anos de idade e nunca tinha tido um encontro de verdade com alguém. No entanto, a minha empolgação com a possibilidade disso caiu por terra quando o óbvio me atingiu em cheio. Não havia nenhum tipo de faísca entre mim e Sterling.

Nenhum ruído de energia.

Nenhum tipo de conexão.

Nada daquelas coisas que eu não queria sentir quando Finn estava por perto, mas que eu SENTIA.

— Obrigada, Sterling. Você é... muito gentil.

O sorriso do Sterling escureceu sutilmente.

— Mas...

Apoiei o quadril no balcão.

— Tem pouco tempo que estou aqui. E meio que não estou querendo nada por enquanto — expliquei. — Ainda estou me encontrando.

Sterling riu e deu um gole na cerveja.

— E o que é tão engraçado? — perguntei, quando me vi rindo com ele.

— Eu estava pensando em talvez acompanhar você na caminhada até a sua casa, e não em levá-la para o altar, Sawyer. — Ele debruçou no balcão e sussurrou: — Sabe, porque é isso que AMIGOS fazem. Passam um tempo juntos. Saem para caminhar. Não tem muito mais o que se fazer por aqui.

O sorriso dele se iluminou novamente, e senti que fiquei vermelha de vergonha.

— É, eu meio que atropelei as coisas, não foi? — Ri de mim mesma, sentindo-me ridícula por ter pensado que o convite dele era algo a mais. — Desculpe — disse, encolhendo-me.

— Sem problema. Ninguém saiu ferido!

— Então está tudo bem, amigo. Saio em trinta minutos. Se a oferta ainda estiver de pé, eu gostaria de aceitar a sua companhia na caminhada.

— Então vejo você em trinta minutos — respondeu Sterling, com uma piscadinha.

Ele se levantou, empurrando o banco para trás. Foi até a bandeja de tinidos no final do bar, pegou um pedaço de papel e um barbante azul. Escreveu alguma coisa, pendurou no teto logo acima

de onde ele estava e, então, se sentou novamente.

Curiosa, eu me ergui nas pontas dos meus pés, e ele ficou me olhando enquanto eu lia o que ele tinha escrito no papel.

9 de junho de 2017

Ganhei uma nova amiga. Eu gosto das sardas dela.

- Sterling

— Aí está — disse Critter, vindo até mim e colocando um grande maço de dinheiro na minha mão no final do meu turno.

— O que é isso?

— Isso é o que chamam de dinheiro — respondeu, com sarcasmo, rindo da própria piada. — E por coincidência também é o total das gorjetas que você não quis aceitar ao longo da semana.

Quando ele sorria era como se o bigode dele sorrisse também.

— Ah... Eu vou ter que me lembrar disso. — Dei um tapinha com o dedo na cabeça.

— Pegue o dinheiro, Sawyer. Logo você vai pegar o jeito, garota.

Critter, então, foi para o outro lado do bar, onde alguém o havia chamado.

— Ei — Sterling disse, voltando para o balcão.

— Vou ter que adiar a nossa caminhada. Um dos meus funcionários acabou de atropelar uma cerca enquanto fazia uma entrega. Mas a gente combina outro dia, ok?

Ele piscou.

— Claro — respondi, sentindo-me ao mesmo tempo aliviada e decepcionada. Mas, de um modo geral, eu estava gostando bastante de conhecer as pessoas de Outskirts.

Bem, a MAIORIA delas.

CAPÍTULO 16



SAWYER

Eu estava me aprontando para a caminhada de volta para casa quando Josh entrou tranquilamente pela porta, sem uniforme, colocando os óculos escuros sobre a cabeça como uma bandana. Grossas argolas douradas balançavam em suas orelhas e cerca de uma dúzia de pequenas pulseiras também douradas chacoalhavam em seus pulsos. A blusa branca e o short preto rasgado exibiam sua pequena cintura, suas generosas curvas e sua pele escura e macia.

— Vamos lá, mocinha. A moda não fica esperando não — disse, pegando-me pela mão e me empurrando para fora, onde o sol brilhava.

Eu a segui pela rua principal, que tinha menos de um quilômetro e meio de extensão e era uma sequência de construções intercaladas com terrenos vazios. A cada duas construções, uma tinha as portas e as janelas fechadas com tábuas.

— Essa aqui é a Andrea — anunciou Josh, apontando para

uma loja que dizia: Bolos e Tortas de Outskirts. — A torta de mousse de chocolate que ela faz é a melhor da região — comentou, dando tapinhas em seu abdômen perfeito. — Fique longe, muito longe dela, ou eles vão acabar tendo que arrancar uma lateral do seu trailer para te tirar de lá.

— Nada de torta de mousse de chocolate — repeti, antes de pressionar os lábios na tentativa de esconder o sorriso.

— Ali é a oficina do Gary. — Josh apontou para um estabelecimento pequeno com duas partes, uma delas estava aberta. — Foi ele que rebocou a sua caminhonete. Ele é gente boa. Não é do tipo que diz que uma coisa está quebrada só para conseguir dinheiro fácil. Ali é a biblioteca — explicou, enquanto mostrava um prédio que parecia uma escola antiga. Infelizmente, ele também estava fechado com tábuas. — Fechou quando todo o resto começou a fechar.

— É uma pena. — Lamentei por todos os livros que nunca tive a chance de ler.

Passamos por várias pessoas no caminho. Todas conheciam Josh pelo nome e ela me apresentou para cada uma delas. Quando passamos por um prédio que tinha várias placas, ela explicou que ali funcionava o banco, o correio e a delegacia. Tudo em um único prédio.

— Ah, merda! — resmungou, parando e revirando os olhos, quando a porta do prédio multiuso se abriu e um homem saiu de lá e atravessou a rua rapidamente com os olhos grudados nela.

Ele era tão alto quanto Finn. Seu cabelo escuro estava

preso em um coque na nuca.

— Vamos — Josh me chamou e acelerou o passo, enquanto o homem corria para nos alcançar com uma corrente fina de ouro em seu pescoço fazendo barulho.

— Eu estava procurando por você, Josh — declarou discretamente, depois que passou na nossa frente e parou, bloqueando a passagem. Esfregou a mão na barba escura em volta da boca e olhou Josh de cima abaixo.

— Sei que está me procurando, Miller. É por isso que eu tenho te evitado — retrucou, empurrando-o para abrir caminho.

Os tênis brancos e brilhantes de Miller chamaram a minha atenção. Eu estava curiosa sobre como ele os mantinha tão limpos na Lamalândia, EUA. Olhei para os meus, que também eram brancos. Eles tinham vários tons de amarelo e marrom e eu estava lá há pouquíssimos dias.

— Quem é a sua amiga? — perguntou Miller, sorrindo para mim. Ele nos seguiu quando atravessamos a rua quase correndo. Pulei uma poça que Josh mal teve que erguer a perna comprida para conseguir passar por cima.

Josh se virou, parando tão bruscamente que Miller quase bateu no peito dela. Ela colocou a mão sobre o coração e olhou para ele com um sorriso doce. Falso, mas doce. Piscando rapidamente.

— Ah, desculpe por não ter feito as apresentações. Miller, essa é Sawyer. Ela é nova na cidade. Sawyer, esse é Miller. — Baixando a voz para um tom extremamente grave, ela falou quase

sem mover os lábios: — A desgraça da minha existência.

Ela começou a andar outra vez.

— Oi — Miller se dirigiu a mim, estendendo a mão. — Juro que Josh me ama. Ela só tem um jeito bastante peculiar de demonstrar isso. NÃO É MESMO, JOSH? — gritou, para que ela pudesse ouvi-lo.

Josh mostrou o dedo do meio por cima da cabeça sem perder o passo.

— E ela atrapalhou a minha apresentação. Bem, tenho sido a desgraça da existência dela há mais de quinze anos.

Eu o cumprimentei com um aperto de mãos e ele me retribuiu com um grande sorriso branco. Seus dois dentes da frente eram levemente virados para dentro, mas ficavam bem nele. Se fossem retos, seu sorriso seria quase que perfeito demais para alguém tão robusto. Ele era bonito, mas não de um jeito gritante.

— É um prazer conhecê-lo, Miller.

— Você pode dizer para Josh, por favor, que o nosso amor não pode ser ignorado? — gritou ele outra vez, usando as mãos ao redor da boca para projetar o som.

Quando chegamos a uma boutique com uma placa de madeira pendurada onde estava escrito BeBe's, Josh parou.

— Miller... — disse ela, séria. — Você sabia que a nossa nova amiga aqui conheceu o Finn?

— O quê? — perguntou, parecendo realmente surpreso.

— Sawyer, por que você não vai entrando? — sugeriu Josh, segurando a porta aberta para mim. — Eu entro em seguida.

— Claro — respondi, entrando na loja.

A porta fechou atrás de mim com um toque de sinos vindo do alto. Tentei não ficar olhando, mas, com o canto do olho, pude ver que Josh e Miller estavam bastante agitados, gesticulando com as mãos e brigando, apesar de eu não conseguir escutar sobre o que exatamente estavam discutindo.

Andei pela loja e dei uma olhada nas roupas por alguns instantes. Eu era a única pessoa na loja até que os sinos tocaram outra vez e Josh se juntou a mim.

— Desculpe por isso. Como eu disse, a desgraça da minha existência — explicou, já puxando alguns itens e jogando-os nos meus braços.

— Ele é seu... — Eu parei, antes de concluir a pergunta. — Deixa pra lá. Foi indelicado da minha parte.

— Ele não é nada meu, mas está na minha vida desde que éramos adolescentes. Não tem como eu me livrar dele. Ele é tipo... — Ela olhou para o teto e pensou por um instante. — Ele é tipo um membro extra no corpo, que não traz nenhum benefício, mas também não atrapalha. Arrancá-lo seria um trabalho danado sem um motivo real. É mais fácil simplesmente deixá-lo onde está. Balançando inutilmente entre os meus ombros.

— Então Miller também conhece Finn? — perguntei, curiosa.

— Com certeza — respondeu, sem se aprofundar na resposta.

Uma mulher de cabelos ruivos brilhantes e lábios

combinando entrou pela porta dos fundos usando um vestido amarelo radiante sem mangas e saltos altos da mesma cor.

— Josh! Eu ia pegar o telefone para te ligar. Fiz o pedido daqueles brincos. Devem chegar na terça.

— Sawyer, essa é a Bebe — disse Josh.

Bebe me olhou de cima abaixo e, apesar de tentar esconder a sua reprovação em relação às minhas roupas, suas sobrancelhas tremiam desafiadoramente, entregando seus pensamentos sem que ela precisasse dizer uma única palavra.

— É um imenso prazer conhecer você, Sawyer. Como posso ajudá-la?

— O que você gostaria de ver exatamente? — perguntou-me Josh.

— Alguma coisa... diferente disso — respondi, virando-me para o espelho e encarando uma garota que eu tinha visto todos os dias da minha vida, mas que não conhecia.

Bebe esfregou as mãos uma na outra e mordeu o lábio inferior.

— Isso vai ser bem divertido.

Depois de algumas horas, eu tinha comprado um lindo e barato par de botas usadas de couro marrom, dois shorts rasgados como o de Josh e algumas blusinhas justas e sem manga. E, pela primeira vez na vida, eu tinha alguns sutiãs novos que não eram bege e que não pareciam roupa de velha e algumas calcinhas boxer de cores diferentes. Todas as roupas íntimas eram novas, é claro.

Quando saímos com os pacotes na mão, deixando as

minhas roupas velhas na lixeira debaixo da caixa registradora, eu tinha gasto apenas uma fração do que tinha conseguido com as gorjetas da minha primeira semana. Saímos para o calor úmido do sol que tinha começado a se pôr, borrifando raios de vários tons de laranja e rosa pelo céu enquanto descia cada vez mais no horizonte. Pela primeira vez na minha vida, estava equipada para enfrentar o calor do verão. A sensação da brisa tocando a minha pele era absolutamente gloriosa.

Eu me sentia exposta, mas poderosa.

Tendo deixado para trás a pele pesada do meu passado, desci a rua praticamente saltitando, sentindo uma leveza que até então eu nunca tinha experimentado.

— Você gostou mesmo do novo *look*, não foi? — Josh cutucou o meu braço.

— Mais do que você pode imaginar — respondi cantando, abrindo os braços, erguendo o rosto para o sol e me banhando com os raios que, naquele momento, beijavam lugares que nunca tinham beijado.

— Protetor solar. Eu recomendo que use muito, muito protetor solar — aconselhou Josh, pegando-me pela mão e arrastando-me para o armazém.

Ela me apresentou para Lucy, que estava atrás do balcão, então caminhei pelos corredores pegando algumas coisas necessárias, inclusive alguns galões de água e um pouco de comida capaz de resistir em temperatura ambiente, já que a pequena geladeira do trailer não gelava o suficiente.

— Os apartamentos são bem baratos por aqui. Você provavelmente consegue pagar um com o que está recebendo no Critter's. Porra, eu tenho o meu canto. Dizem que os policiais das cidades grandes não ganham muito bem? Tinham que ver o meu contracheque.

— Um apartamento? Sério?

— Sério.

— Não sei. A minha mãe deixou aquele trailer para mim antes de morrer. Não é muita coisa, mas eu me sinto... sei lá... mais próxima dela de certa maneira. Acho que vou ficar onde estou por enquanto.

Chegamos a uma esquina onde um poste largo de metal com pelo menos um metro e oitenta de diâmetro apontava para o céu. Ergui o pescoço e segui com os meus olhos até o topo.

— Talvez eu compre uma dessas qualquer dia. — Apontei para o outdoor lá em cima, tão alto que poderia ser visto da rodovia. Provavelmente era esse o motivo de ser tão alto. Anunciava casas pré-fabricadas e mostrava uma família feliz de três pessoas sorrindo e balançando as chaves na frente de uma pequena casa de paredes brancas e janelas azuis. O canto do outdoor estava descascando e revelava outra propaganda debaixo daquela, que tinha alguma coisa a ver com tacos cor-de-rosa.

— Só imaginei que talvez você quisesse se afastar de Finn — explicou Josh. — Sendo que eu acho que ele não vai mais te causar problemas. — Ela abriu um sorriso sínico.

— O vidro da caminhonete dele. — De repente eu me dei

conta. — Foi você que fez aquilo?

— Regra número um. Nunca admita os crimes que cometeu — avisou, apontando para mim. — Ou melhor, que DIZEM que você cometeu — corrigiu. — NUNCA.

Rimos e, quando a noite tomou o céu do dia, eu sentia como se pudesse enfrentar o mundo. Era assim que estava me sentindo até um estrondo alto de trovão estourar aquele sentimento como uma faca atirada em um balão.

No carro, voltando para o trailer, eu sorria e tentava me envolver com tudo que Josh dizia. Mas os meus pensamentos estavam na tempestade que se aproximava.

Aquela que estava ACIMA da minha cabeça.

E aquela que estava DENTRO da minha cabeça.

CAPÍTULO 17



SAWYER

Você está sendo irracional, Sawyer. É só uma tempestade de nada. Você é adulta. Perfeitamente capaz de lidar com isso. Já enfrentou coisas muito piores.

Eu tinha achado que, depois que entrasse no trailer, ia começar a me sentir melhor, mas, quando o céu escureceu e senti o estrondo de um trovão debaixo dos meus pés, me vi encolhida na cama, balançando o corpo para frente e para trás.

Não importava quantas vezes eu dissesse para mim mesma que aquilo era só uma tempestade de nada, que ela não poderia me machucar.

Não fazia diferença alguma.

Eu tinha fugido de uma vida que odiava e, de maneira estúpida, tinha achado que, por ter sido tão corajosa naquele aspecto, um trovãozinho não teria mais o mesmo efeito que costumava ter.

Mas cada trovão e cada raio me faziam ter mais certeza de que eu tinha sido ridícula em acreditar naquilo.

Eu me encolhi, enrolando o corpo em uma bola cada vez menor, querendo sumir dali para voltar só depois que a tempestade tivesse terminado.

A minha mãe costumava ir até o meu quarto nos dias de tempestade, e ela sempre cantava para mim para que eu me acalmasse e conseguisse dormir novamente. Mas só depois que ele a tivesse disciplinado por algum motivo ou outro. Cada trovão era um murro furioso.

Eu tentava imaginar as palavras da minha mãe, seus braços em volta de mim, para encontrar conforto apesar de ela não estar ali.

Era inútil.

Uma chuva pesada esmurrava as paredes finas do meu pequeno refúgio. Ventos fortes arremessavam lama e resíduos com fúria contra a janela frouxa que chacoalhava. Eu me vi contando os segundos em voz baixa até que tive certeza de que a janela em algum momento quebraria.

Cobri a cabeça com a coberta velha de tricô, tentando ignorar a tempestade que fazia meu coração bater como a hélice de um avião prestes a decolar, e fiquei ali ofegante, com a respiração rápida e curta. Eu estava tonta. Estrelas dançavam diante dos meus olhos. Houve um forte estrondo de trovão, que foi surgindo lentamente a princípio, fazendo o chão tremer como um aviso de que alguma coisa aconteceria. De repente, uma rajada de vento

atingiu o trailer com tanta força, que senti como se eu estivesse virando.

Não era apenas eu.

Era o trailer inteiro que estava virando.

Lentamente, no começo e, então, mais rápido.

O meu coração acelerava cada vez mais com o som de metal amassando.

Eu me segurei na parede e dei um grito no momento exato em que ela bateu contra o chão.

Aí, então, tudo ficou escuro.



FINN

Para mim a chuva costumava ser reconfortante.

O que não era reconfortante era ver Sawyer correndo no instante em que ela começava a cair.

Não só porque parecia que ela ia derreter logo que a primeira gota atingisse sua cabeça, ou porque ela correu como se estivesse fugindo de um monte de zumbis, mas porque ela tinha saído com uma saia comprida mais feia que o inferno e com uma camisa reta e sem estampa e voltou vestindo uma coisa completamente diferente.

Uma roupa que mostrava cada pedacinho daquilo que ela vinha escondendo debaixo de todo aquele pano. Uma regata preta

colada no corpo mostrava o espetacular par de seios firmes e redondos, que eram maiores do que pareciam até então, e que balançavam a cada passo apressado que ela dava. Um short jeans curto e escuro revelava as panturrilhas surpreendentemente vigorosas e as coxas fortes que levavam a uma bunda empinada e redonda que a maioria das mulheres cairia de joelhos e rezaria toda noite para ter. E para melhorar ainda mais, ela vestia botas tão sexys quanto o pecado que subiam até o meio da panturrilha.

Sim, eu estava incomodado. Provavelmente porque ficava imaginando aquelas botas jogadas por cima dos meus ombros enquanto eu cultuava aquela boceta com a língua e com os dedos.

Porra. Eu precisava de uma bebida.

Tinha acabado de pegar a garrafa quando ouvi um barulho ao longe.

Achei que era coisa da minha imaginação, ou que era o vento uivando. Prendi a respiração por um tempo para conseguir ouvir.

Lá estava ele de novo e dessa vez não tinha como confundir aquilo com o barulho do vento.

Era um grito.

Corri e abri a porta. Um raio atingiu uma palmeira nas proximidades, cortando-a do topo até o meio, deixando-a parecida com um talo de brócolis. Uma rajada de vento levantou o trailer alguns centímetros do chão e o jogou de lado.

O grito parou.

Atravessei com dificuldade a parede de chuva e vento,

mergulhando na lama e nos resíduos que voavam. A janela do trailer estava agora debaixo dele e a porta em cima. Subi apoiando os pés no tanque de água.

— Sawyer! — gritei.

Não houve resposta.

— Porra! — xinguei a porta que estava trancada.

Eu me arrastei até a pequena janela e com um chute forte consegui arrancá-la. Eu me encolhi o máximo que pude e entrei. Não conseguia ver Sawyer, e tinha coisa espalhada por todo lado, já que o chão tinha virado parede.

O colchão estava caído e fui até ele pisando nos armários, e consegui levantá-lo. Lá estava ela, inconsciente. Com uma gota de sangue escorrendo pelo lado direito da testa, acompanhando a linha do cabelo. Eu sabia que não deveria movê-la, mas se outra rajada de vento atingisse o trailer, ela poderia ser arremessada outra vez, correndo o risco de se machucar ainda mais. O único problema era que eu não conseguiria erguê-la para fora do trailer. A janela era pequena demais para nós dois passarmos ao mesmo tempo. Mas o vento que uivava do lado de fora me lembrava de que eu tinha que tentar.

Inclinei-me e ergui-a com a maior delicadeza possível. As pernas dela estavam moles, balançando por cima dos meus braços. Fiz o melhor que pude para manter o pescoço estável, enquanto subia nos armários. Depois de ajeitá-la no colo, destravei e abri a porta que agora estava no teto. A chuva nos encharcou em poucos segundos. Subi de forma a me sentar na parede pelo lado de fora e

jogar as pernas para o lado, lançando nosso corpo para baixo, e caindo de joelhos, reduzindo assim o impacto. Naquele instante, senti-me grato por haver ali tanta lama molhada e mole.

Pareceu uma eternidade o tempo que levei para conseguir entrar em casa com Sawyer nos braços, mas assim que o fiz, corri para o meu quarto e coloquei-a na cama com o máximo cuidado.

— Sawyer — chamei ríspidamente, inclinando-me por cima dela. — Sawyer!

Ela gemeu baixinho e se mexeu, mas não recuperou a consciência. Um fluxo de água tingida de rosa pingava do rosto dela.

— Merda!

Não consegui lembrar onde tinha colocado o celular. Corri até a cozinha e abri gaveta por gaveta, atirando no chão tudo que encontrava. Até que finalmente encontrei o telefone. Justamente na última. Eu o liguei e, por sorte, a tela ganhou vida.

Pressionei a tecla de emergência e, em poucos segundos, uma voz familiar respondeu:

— *Emergência de Outskirts* — disse Miller. — *No que posso ajudar?*

— Miller, aqui é o Finn.

Pude sentir a surpresa do outro lado da linha.

— Finn, o que é que você... Caralho, o que está acontecendo?

Voltei para perto de Sawyer, que não parecia ter se mexido. Eu me ajoelhei ao lado dela e percebi que não tinha escolha a não

ser dizer as palavras que eu menos gostava. Puxando o meu próprio cabelo, então, falei com voz bem grave e baixa:

— Preciso de ajuda.

CAPÍTULO 18



SAWYER

A linha tênue entre consciência e inconsciência ainda era um borrão quando ouvi vozes flutuando ao meu redor.

— Espere, aonde é que você está indo? — perguntou Finn.

— As estradas estão todas alagadas dentro e fora da cidade. Tenho que colocar algumas barricadas — respondeu Josh.

Josh está na casa de Finn?

— E o que é que eu faço? — Finn parecia desesperado. Em pânico até.

— Você precisa tirar essa roupa molhada que ela está usando e não pode deixá-la dormir até o Miller chegar.

Tudo ainda estava confuso, até que a mão de alguém me pegou pelo tornozelo. Os meus olhos se abriram de repente e vi Finn agachado ao meu lado. Seu cabelo estava molhado e alguns fios tinham caído para frente e estavam colados sobre sua têmpora e sua bochecha.

— Tenho que tirar sua roupa molhada — declarou, esticando a mão para pegar a cintura do meu short

— Não! — gritei e arrastei-me mais para cima da cama, sem conseguir chegar muito longe.

Finn subiu em cima de mim e me prendeu com suas coxas musculosas. Esticou os braços e apoiou as mãos na parede acima da cabeceira.

— Você não tem escolha. Bateu a cabeça. Sua roupa está encharcada. Eles estão vindo.

Ele me prensou no colchão com o seu olhar determinado.

— Não — repeti, tentando me soltar, mas tudo que consegui foi balançar um centímetro ou dois de um lado para outro. O movimento fez a minha cabeça girar, então fechei os olhos com força e, de repente, senti uma forte necessidade de dormir.

— Ei! — Finn gritou me trazendo de volta para o presente.
— Você tem que ficar acordada.

— Ok. Eu consigo fazer isso. Também consigo tirar as minhas próprias roupas.

Finn considerou as minhas palavras por um instante antes de me soltar e deu espaço para que eu me sentasse lentamente.

— Você tem que sair do quarto — declarei, colocando a mão na bainha da regata que estava usando.

O quarto começou a girar ao meu redor, cada vez mais rápido, e senti os braços dele em volta de mim, segurando-me para eu não cair.

— Sem chance — esbravejou, então me colocou sentada e

segurou a bainha da minha regata.

— Não olhe! — pedi, com esforço e, com o tecido frio grudado na minha pele, os meus dentes batiam enquanto eu falava. Finn estava certo. Eu tinha que tirar aquela roupa.

— Não posso prometer isso — retrucou, erguendo lentamente a regata por cima da minha cabeça e puxando os meus cotovelos pelas mangas. — Não posso prometer mesmo. Eu gostaria de poder, mas não posso.

Depois de tirá-la, ele a deixou cair ruidosamente no chão.

Ele já tinha me visto nua, mas de alguma maneira em pé no chuveiro e deitada na cama eram duas coisas completamente diferentes. A vergonha, a incerteza e a vertigem que eu estava sentindo não poderiam ser consequência apenas da batida na cabeça.

Cobri os meus seios com os braços e fechei os olhos com força, como se não o visse olhando para o meu corpo nu, então aquilo não estaria acontecendo.

— Você está se cobrindo porque está com vergonha ou porque acha que não vou gostar do que estou vendo? — perguntou, sem que aquilo parecesse uma provocação. Ele não estava zombando de mim. E quando abri os olhos para encontrar os dele, tudo que vi foi sinceridade e preocupação estampadas em seu rosto.

— As duas coisas — admiti, sentindo que o meu corpo inteiro tinha ficado vermelho.

Ele me empurrou pelos ombros com gentileza e me

colocou deitada no travesseiro, que, aliás, tinha o cheiro dele. Cheiro de limpeza e de mata. Então, ele desabotoou o meu short e enganchou os dedos no elástico da minha calcinha. — Não tenha vergonha. — As palavras de Finn tiveram um efeito oposto e me fizeram contorcer por debaixo da pele. — Porque você é bonita... — Ele puxou para lá e para cá a roupa que cobria o meu quadril e a jogou em cima da regata. — Você é toda bonita. — Olhei para ele e vi que seu olhar estava entre as minhas pernas. — E eu garanto a você que gosto do que estou vendo. Muito. — Ele pigarreou. — Demais até.

As palavras de Finn pareciam ter me ajudado a ficar um pouco mais tranquila. Bom, não apenas elas, mas também a coberta que ele tinha colocado em cima de mim. Eu me virei de lado e ele ficou quieto. Tão quieto, que achei que tinha saído do quarto. Mas então senti o colchão afundar e, na lateral do meu corpo, um ar frio entrando por debaixo da coberta que tinha sido levantada.

— O que é que você está fazendo? — perguntei, entrando em pânico outra vez. Quando olhei, vi Finn atirando no chão o short molhado que ele estava usando até então.

— Garantindo que você não caia no sono.

— Não dá para fazer isso lá do outro lado do quarto? — perguntei, afastando-me dele o máximo. — E sem tirar a roupa?

— É claro que dá — respondeu ele, pegando-me pela cintura e arrastando-me mais para o meio da cama até me colocar alinhada contra o seu corpo firme. Não sei se foi porque aquilo era gostoso, depois de ter passado tanto frio, ou se foi por causa do

meu ferimento na cabeça, mas eu me vi fechando os olhos e curtindo momentaneamente sentir aquela pele quente encostada na minha. — Mas isso aqui não é melhor?

Aquele corpo rígido encostado no meu corpo macio?

Sim, era.

Ele deslizou a mão pelo meu quadril e a descansou no meu baixo ventre. Foi aí então que um pensamento surgiu como um raio na minha cabeça confusa, e os meus olhos se arregalaram.

— Você não está... — comecei.

— Calma. Garotas relutantes não são o meu lance — assegurou, parecendo ofendido.

— Como é que eu ia saber que você não estava tentando... — Eu não sabia ao certo que palavra usar, nem sabia se eu realmente queria usar alguma palavra, qualquer que fosse.

— Transar com você? — ele terminou a pergunta para mim. — Como é que você ia saber que eu não estava tentando transar com você?

— Isso.

— Se eu estivesse realmente tentando transar com você, você com certeza saberia.

— Ah — respondi, aliviada e desapontada ao mesmo tempo. — Posso fazer uma pergunta?

— Claro — Finn respondeu, com o seu hálito quente no meu pescoço.

Os meus mamilos estavam rígidos por causa das sensações curiosas que percorriam o meu corpo.

— Existe alguma diferença entre bonito e atraente?

Finn não respondeu na mesma hora. A minha conclusão era a de que ele tinha decidido parar de falar comigo, até que ele respondeu.

— Existe. Mas também podem ser a mesma coisa.

— Como assim? — perguntei, sentindo nas minhas costas o coração dele batendo mais rápido.

— Existem dois tipos de beleza. Pelo menos para mim existem. Outro dia eu vi uma senhora na beira da estrada vendendo manga. O cabelo dela era grisalho e ela já não tinha mais os dentes, mas tinha um sorriso enorme no rosto. Os olhos dela eram de um azul radiante e se enchiam de luz todas as vezes que um cliente parava para comprar uma manga. Eu a achei bonita.

Ele desenhava círculos lentos e preguiçosos no meu baixo ventre e eu fiquei arrepiada. Finn puxou a coberta mais para cima.

— Melhorou? — perguntou.

— Sim — respondi, apesar de não ter me arrepiado por causa do frio. — E qual é o outro tipo de beleza?

— É o tipo que você não consegue parar de olhar, por mais que tente. — Ele abaixou a boca de modo que seus lábios se moveram, encostando na ponta da minha orelha quando falou. — É o tipo que você tem vontade de transar.

Engoli em seco.

— E como é esse tipo de beleza? — perguntei, quase sem fôlego.

A mão de Finn foi subindo pela minha barriga até seus

dedos tocarem levemente a parte de baixo de um dos meus seios.

— Nesse momento, ela tem sardas e olhos dourados.

Suspirei.

— Agora é a minha vez de fazer algumas perguntas — começou Finn. — Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

— Onde você...

Um relâmpago escolheu aquele momento para iluminar a janela, seguido por um trovão tão alto que parecia estar dentro do quarto. Eu me encolhi e o meu corpo inteiro começou a tremer outra vez.

— Eu... Eu tenho medo de tempestade — admiti. Acho que depois do que aconteceu essa noite, devo ter mesmo.

Ele me apertou em seus braços.

— Chamam isso *brontofobia* — disse ele, do nada.

— O quê? — perguntei, abrindo os olhos e piscando rapidamente quando percebi que ele estava me chacoalhando. Eu devo ter adormecido.

— Fique comigo. — A voz de Finn acariciou o meu corpo como se fosse uma pomada curadora. — *Brontofobia* é o medo de trovões e raios. É assim que chamam.

— Como você sabe disso?

— Uma pessoa que eu conhecia tinha isso. Era bem sério. — O hálito de Finn fez cócegas no meu pescoço. — Eu tirava uma onda com ela direto por causa daquilo, achando que ela agia que nem bebezinho, até que fui pesquisar na biblioteca e vi que aquilo

era real.

Outra série particularmente brutal de raios disparou como uma metralhadora. Tomada pelo medo, tentei pular da cama, mas Finn me puxou de volta e me pressionou contra o colchão.

Com um grunhido, ele me virou e me colocou cara a cara com ele e, quando tentei sair outra vez, ele fez a última coisa que eu poderia imaginar que faria.

Ele me *beijou*.

CAPÍTULO 19



FINN

Estou fodido.

CAPÍTULO 20



SAWYER

Beijar era uma coisa que tinham dito para mim que eu faria apenas com o meu futuro marido depois que estivéssemos casados. Quando ouvi isso pela primeira vez, eu era uma criança e estar casada parecia algo tão distante no futuro, que acabei arquivando na minha mente essa coisa de casamento e de beijo em uma categoria chamada “COISAS TÃO DISTANTES NO FUTURO, QUE NEM VALE A PENA PENSAR AGORA”. E mesmo com o passar dos anos eu nunca tinha resgatado essas questões. Até Finn aparecer na minha vida.

E lá estava eu. Deitada na cama dele.

Nua. Exposta.

Vulnerável.

Aquilo era quase tão libertador quanto deixar para trás as minhas roupas modestas, exceto pelo fato de aquilo era mil vezes mais assustador. Mais intrigante.

Mais *tudo*.

Meu corpo estava tomado por uma sensação deliciosa e poderosa. Meu coração batia com força. As minhas mãos suavam. O meu cérebro não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Os lábios dele pressionavam os meus, abriam levemente e voltavam a pressionar outra vez.

Os lábios de Finn eram macios e carnudos, a barba por fazer no seu queixo raspava levemente o meu rosto. Mas não era só aquilo que eu estava sentindo. Todo tipo de faísca nova e confusa acendia em todas as partes dentro de mim. Ondas de prazer corriam para lugares no meu corpo que ele nem estava tocando, me fazendo perceber aqueles lugares e me fazendo perceber que talvez eu quisesse que ele os tocasse.

Beijo antes do casamento era um pecado cuja punição era queimar eternamente no fogo do inferno.

Daquele jeito, com os lábios de Finn colados nos meus, eu me dei conta de que não havia verdade naquela lição. Aquilo não parecia nem um pouco com o inferno. Parecia mágico, maravilhoso e belo.

Aquilo era, na verdade, o paraíso.

Mas se eu estivesse errada e no final das contas o beijo fosse de fato algo que seria punido com a eternidade ao lado do diabo, então beijar Finn teria valido o risco.

Era como se o relâmpago tivesse entrado na casa e estivesse zumbindo entre nós dois, nos conectando. Nos unindo.

Em determinado momento, Finn enterrou os dedos no meu

quadril e me segurou no lugar como se quisesse evitar que eu chegasse mais perto. Nós dois estávamos ofegantes. Um estrondo de trovão ressoou ao nosso redor e as paredes tremeram. Eu ainda estava em choque com o beijo e não reagi ao medo da tempestade, que não chegava nem aos pés do novo tipo de medo que se colocava à minha frente.

— Por que você...? — perguntei, quando ele se afastou.

— Distração — explicou, pigarreando.

— Distração — repeti lentamente. — Você também usava essa técnica com a sua amiga?

— Muitos cachorros têm medo de tempestade — explicou, usando outra vez o seu método de distração. A fala. — Eles sentem que a tempestade está chegando antes das pessoas e a pressão no ar deixa alguns deles enlouquecidos. Eles até vendem umas jaquetas na televisão tarde da noite, essas que você coloca em volta do cachorro para que ele se sinta como se estivesse sendo abraçado e reconfortado, mas se isso funciona mesmo, então por que não dar um abraço no cachorro simplesmente?

Ele soltou o meu quadril e me abraçou, pressionando o meu peito contra o dele, mas mantendo afastados os nossos corpos da cintura para baixo.

— Você está me abraçando como se eu fosse um cachorro? — perguntei, curiosa.

Ele deu risada.

— Não. E só para você saber, eu também não beijo cachorros do jeito que beijei você.

Finn estava com o cheiro da chuva misturado com cheiro de suor e inspirei profundamente antes de ser acordada outra vez com uma sacodida.

— Você sabia que as corridas da Nascar começaram porque os pilotos que corriam de noite precisavam equipar seus carros para correrem da polícia pelas montanhas?

— Não, não sabia — respondi. — Finn?

— Sim?

— O que é Nascar?

Finn tirou o cabelo molhado da minha testa. Os lábios dele se ergueram em um pequeno sorriso. Eu sabia que ele queria me perguntar como é que não sabia o que era aquilo, mas ele se conteve.

— Uma corrida de carros — respondeu.

— Ah, faz sentido.

Um conjunto de ramos de palmeira foi atirado contra a janela pelo vento, o que me deixou outra vez apavorada. Abalada com a possível concussão e com o pavor daquela tempestade, eu me senti mergulhando novamente na escuridão.

Fechei os olhos com força. A voz de Finn soava como se estivesse muito distante, até que ele me empurrou, colocando-me deitada de costas, cobriu o meu corpo com o dele e me beijou outra vez.

Dessa vez, o beijo foi tudo menos breve. Foi lento, metódico, intenso. Em vez de perder o autocontrole por conta da tempestade, era o beijo de Finn que estava fazendo aquilo comigo.

Então, quando senti que havia algo macio, duro e quente que se projetava dele e encostava na minha perna, entendi por que ele tinha me mantido a certa distância da cintura para baixo.

Ele estava completamente nu.

— Por que você está me beijando de novo? — perguntei, sentindo uma explosão de sensações correndo entre as minhas pernas. Senti uma necessidade incrível de abri-las, mas as coxas de Finn estavam em cima delas, mantendo-as juntas.

— Distração — gemeu, contra os meus lábios, repetindo a mesma resposta de antes. A língua dele separou os meus lábios e, quando encontrou a minha, revelou um nível de beijo completamente novo. Eu podia me ouvir gemendo dentro da sua boca.

Finn respondeu balançando aquilo firme que ele tinha contra a minha coxa. Eu não sabia o que estava acontecendo, tudo que eu sabia era o que eu estava sentindo, e o que eu estava sentindo era confuso e perturbador, era como se eu precisasse de alguma coisa.

De Finn.

Eu precisava demais dele.

Ergui a mão e estava prestes a tocar o traseiro de Finn quando um barulho alto veio do outro cômodo. Era uma porta batendo.

— Finn, você está aqui dentro?

Reconheci que aquela era a voz de Miller.

Finn esticou a mão na direção do criado-mudo, pegou uma

calça de moletom que vestiu por debaixo da coberta antes de sair da cama e pulou até a cômoda do outro lado do quarto pequeno.

Colocou uma camiseta no colo para esconder que estava excitado. Excitado... por minha causa.

Só de vestir aquelas roupas novas, eu já tinha me sentido ponderosa. Agora, então, vendo que eu causava aquele efeito em Finn, eu estava me sentindo absoluta e pecaminosamente feliz.

No momento em que Miller apareceu na porta vestindo uma daquelas jaquetas de emergência médica azul escura, Finn parecia perfeitamente natural. Enquanto eu, por outro lado, tinha certeza de que meu rosto estava vermelho, que meu cabelo estava bagunçado e que os meus mamilos dolorosamente rígidos estavam tão eretos, que a coberta que eu estava segurando na frente do peito não conseguia cobri-los.

— Oi, Sawyer, tudo bem? — perguntou Miller, agachando perto de mim e abrindo o zíper de sua sacola médica. — A tempestade finalmente deu uma trégua. Só está chovendo um pouco agora.

— Oi, Miller. — Retribuí o sorriso. — Não sabia que você era paramédico.

— Eu sou muitas coisas, sardentinha.

— Vocês dois se conhecem? — perguntou Finn, parecendo irritado.

— É claro que sim. Você não sabia? Estamos apaixonados — respondeu Miller, piscando para mim enquanto media a minha pressão. — Se Josh não recuperar o juízo e começar a ter todos os

meus filhos, essa aqui é a próxima da fila. — Ele deu um tapinha na ponta do meu nariz. — Agora seja uma boa menina e me diga onde é que está doendo.

Ele levantou as sobrancelhas de maneira sugestiva.

Finn rosnou e Miller apertou os lábios, fazendo uma careta que Finn não conseguia ver.

Não consegui evitar uma risada e, quando eu ri, uma dor explodiu na minha cabeça. Esfreguei os olhos.

— Muito cuidado agora — alertou Miller, checando o meu pulso.

Ele tirou da sacola uma pequena lanterna e iluminou dentro dos meus olhos.

— Eu também dou aula de cerâmica às quarta-feira, caso tenha interesse. E, além disso, sou um distribuidor profissional de ervas medicinais — anunciou, com orgulho.

— O que é isso? — perguntei.

— Ele vende maconha — Finn entrou na conversa.

Depois de mais alguns minutos me examinando, Miller anunciou que tinha boas e más notícias.

— O quê? — Finn se levantou da cama.

— A boa notícia... — Miller olhou para mim — ...é que você vai ficar bem. O seu pulso está um pouco elevado. O meu palpite é que você teve, no máximo, uma concussão leve. Mas você pode fazer um exame no PS de Bellville, se quiser uma segunda opinião.

— Acho que vou ficar bem — declarei, já me sentindo

melhor.

— E qual é a notícia ruim? — Finn se aproximou e ficou em pé do outro lado da cama.

Miller manteve os olhos em mim.

— A notícia ruim é que você está na cama de Finn Hollis, quando deveria estar na minha.

Nós dois demos risada. Mas não posso dizer o mesmo de Finn.

Miller guardou suas coisas e Finn o acompanhou até a saída, deixando a porta aberta. Eles ficaram conversando aos sussurros perto da porta. Vez ou outra, Finn olhava para mim, e eu me peguei com o olhar fixo em seus lábios.

Nos lábios que há pouco tempo estavam colados nos meus.

Eu me perguntei se o primeiro beijo de todo mundo era daquele jeito. Dando a sensação de que a gente ia pular para fora da própria pele, porque de repente um simples toque não era mais um toque, mas algo que penetrava muito além da superfície.

Não era à toa que o beijo era considerado algo tão importante.

Porque a sensação que dava era a de que aquilo ERA SIM algo muito importante.

Finn era muitas coisas. Extremamente mal-humorado. Irritante. Uma verdadeira tempestade de negatividade. Mas também era altruísta quando o assunto era me resgatar e ótimo em me distrair.

O melhor, na verdade, é que enquanto estava me beijando, eu quase esqueci que ele me odiava.

CAPÍTULO 21



FINN

Conheci muitas garotas na minha vida. Muitas. Mesmo.

Mas tinha algo muito diferente, muito peculiar em Sawyer.

Eu não tinha dormido. Não conseguia. Não conseguia parar de pensar no corpo dela e em como ele se encaixava perfeitamente no meu. Ela tinha o cheiro dos campos de lavanda que pertenciam ao meu avô.

Ela era frágil, mas, assim como unhas, também era forte. Havia uma força no medo que ela sentia. Uma determinação que eu admirava.

E eu a tinha *beijado*.

Duas vezes.

E quis fazer muito mais.

Os lábios dela. Porra. Os lábios rosados dela, encostados nos meus, me fizeram doer de vontade de experimentar mais dela. De experimentar ela toda.

A leve hesitação e a inexperiência óbvia que ela demonstrava só serviam para me fazer querer ensinar tudo para ela.

Mostrar as coisas para ela.

A primeira vez que beijei Sawyer, disse a mim mesmo que aquilo seria apenas uma distração para acalmar o tremor dela. Para mantê-la acordada. A segunda vez não foi por nenhum outro motivo a não ser o fato de que eu não conseguia NÃO beijá-la outra vez. Quando o corpo dela relaxou encostado no meu, uma onda de desejo triunfante de homem das cavernas foi bombeada nas minhas veias.

Tive que resistir a uma necessidade esmagadora de possuir seu corpo. De deixar alguma marca ali.

De tê-la para mim.

Ela não é sua. Ela nunca poderá ser sua.

E eu não estava lutando apenas contra a necessidade de ter o corpo dela. Foi um tipo diferente de desejo que me fez parar.

Foi o desejo de viver.

A ligação entre mim e Sawyer era essa coisa tangível ao nosso redor. Eu nunca tinha sentido algo parecido.

Nem mesmo com Jackie.

Jackie.

Então surgiu a inevitável culpa. A culpa que geralmente dava um nó nas minhas entranhas até me fazer sentir uma dor física real só de pensar em seguir adiante sem ela.

Na maior parte do tempo, isso era algo paralisador, mas na cama com Sawyer não foi algo que gritava nos meus ouvidos como

de costume. Em vez disso, foi apenas um sussurro de fundo.

Josh tinha comentado que Sawyer já tinha passado por muita coisa na vida. Eu não sabia o quê, mas o jeito que ela agiu quando achou que eu ia machucá-la no trailer naquela primeira noite me deu uma boa ideia de como a coisa devia ter sido séria.

E, ainda assim, Sawyer continuava ali fazendo tudo que estava ao seu alcance para ter uma vida. Em uma cidade estranha. Com pessoas estranhas. Completamente sozinha.

Eu, por outro lado, estava lá. Fazendo de tudo para jogar a minha vida fora e para esquecer que eu tinha tido uma.

CAPÍTULO 22



SAWYER

Quando acordei na cama de Finn antes mesmo de os primeiros raios do dia surgirem no céu, pensei:

Estou sozinha?

Os meus lábios ainda estavam inchados por causa dos beijos de Finn. Eles eram o motivo da minha certeza de que o que acontecera na noite anterior tinha sido real.

Eu sentia um frio na barriga. Os meus pensamentos estavam inquietos.

Sentei-me lentamente, segurando o lençol na frente dos meus seios, prendendo-o debaixo dos meus braços.

O quarto de Finn era pequeno, só tinha espaço para a cama *queen* simples e para a cómoda pequena. Os lençóis eram azul-marinho e macios, assim como a coberta.

Não havia um armário, apenas uma pilha de roupas dobradas, em sua maioria jeans e camisetas, no chão perto da

cômoda.

As paredes eram formadas por ripas finas de madeira branca, que percorriam o quarto horizontalmente. Algumas das ripas estavam quebradas em alguns lugares. Outras estavam faltando, expondo completamente as folhas de madeira que separavam a parte de dentro da casa do lado de fora.

Eu me levantei lentamente, carregando o lençol comigo, e esperei um instante antes de tentar dar um passo.

Nada de dor.

Nada de tontura.

Peguei uma das camisetas da pilha e vesti. Era enorme e cobria as minhas coxas por completo.

Havia uma garrafa de uísque vazia caída na mesa de centro. As paredes eram feitas com as mesmas ripas que eu tinha visto no quarto — que, aliás, parecia o único da casa.

Havia um pequeno sofá de três lugares no meio da sala. Não tinha TV, mas no canto estava uma pilha de brochuras ao lado de uma espingarda e de uma vara de pescar comprida encostada no alto da parede.

Não se via nenhum quadro ou quinquilharia. Nada pessoal. O piso de madeira estava manchado e sem polimento. Ele rangia conforme a gente pisava até a pequena cozinha que mal podia ser classificada como cozinha. Havia ali um fogão de apenas duas bocas e um frigobar em cima de uma base de armários sem portas e com algumas gavetas. Uma única prateleira acompanhava a linha da parede acima e a única coisa que ficava ali era poeira.

Diferente do meu trailer que era... *O meu trailer!*

Corri para a porta da frente e abri com pressa. O sol tinha acabado de surgir por cima das copas das árvores e um grande feixe de luz com os seus primeiros raios iluminavam o monte de metal retorcido que costumava ser a minha casa.

— Não!

Corri pelo gramado e derrapei, parando pouco antes de dar uma trombada com os escombros.

Em volta do trailer, estava tudo que eu tinha. As minhas roupas novas, que eu juntei de qualquer jeito nos braços.

A caixa da minha mãe, que agora estava vazia. Vasculhei a área ao redor. A maior parte do conteúdo estava flutuando em poças.

O meu coração ficou apertado. Atirei-me ao chão de joelhos e peguei a carta da minha mãe. A tinta escorria pela folha junto com as últimas palavras que ela tinha dirigido a mim.

Meu colar! Peguei o pingente de girassol que ela tinha me dado. Engatinhei pela grama e pela lama em volta, apoiada nas mãos e nos joelhos, até que algo no canto do meu olho chamou a minha atenção.

Eu levantei e peguei. Era uma foto. Uma que eu nunca tinha visto antes. Fui tropeçando até o Rusty, o meu adorado enfeite de jardim, e entrei. Fechei a porta e segurei a foto na minha frente.

A foto era da minha mãe quando tinha a minha idade mais ou menos. Ela estava em pé na frente do Rusty e da Blue com um sorriso enorme no rosto, vestindo jeans e uma blusinha regata

amarela com a barriga de fora. Estava escrito 1995 atrás da foto, um ano antes de eu nascer. Por trás, havia a marca d'água que se repetia dizendo OUTSKIRTS PHOTO-MAT.

Minha mãe tinha SIM estado em Outskirts, afinal de contas. Antes de eu nascer.

Como aquilo era possível?

A foto também era uma prova de que o Rusty e a Blue não tinham sido apenas compradas para mim recentemente e guardadas em segredo. Pertenciam a ela há mais de vinte anos.

Olhar para aquele retrato era como olhar para a vida de uma estranha. Ele me deixava quase que sem resposta e com mil novas perguntas. Todo o suplício ia de frustração a raiva com o tique-taque do relógio.

A minha mãe tinha escondido muita coisa de mim e, pelo que parecia, ela também tinha me escondido de muita coisa.

Talvez ela tenha achado que de alguma maneira morar em seu trailer e dirigir sua caminhonete me ajudariam a me sentir mais próxima do seu eu verdadeiro, mas a única coisa que eu acabava sentindo sentada no banco do motorista do Rusty, um de seus segredos de décadas, era raiva.

Como eu poderia me sentir próxima dela? Eu nem sabia quem ela era de fato.

A pessoa na foto era alguém que eu nunca tinha conhecido. Aquela mulher parecia feliz. Aventureira até. A mulher que eu conhecia era frágil. Fraca. Um capacho que nunca se impôs diante do meu pai ou da igreja.

Não por ela própria.

Nem mesmo por mim.

— Por que você não o deixou simplesmente? — perguntei, em voz alta, para a minha mãe sorridente no retrato, quando a raiva começou a ferver dentro de mim chegando ao ponto de transbordar e de me fazer gritar com ela. — Por que você não o deixou simplesmente? — repeti, rasgando a foto em mil pedacinhos e atirando-os pela janela. — Sua covarde do caralho! — gritei, batendo no volante.

Senti um nó na garganta e um aperto no peito como se o meu coração não soubesse se batia mais rápido ou se parava de vez.

— Você deixou isso tudo para me mostrar a vida que você poderia ter tido, mas não teve? Por quê?! — Bati no volante de novo e de novo, e de novo e de novo até a minha vista ficar turva, e tudo que eu conseguia ver era a vermelhidão da minha própria ira exaltada. — Você é uma porra de uma covarde! Sua COVARDE do caralho! — Bati no volante até a pele das minhas articulações se abrir e começar a pingar sangue por entre os meus dedos.

Mãos fortes agarraram o meu bíceps e me arrancaram da cabine. Alguém me girou pelos ombros e me vi cara a cara com Finn.

— Gosto quando você fala palavrão — comentou, puxando-me para perto.

— Finn, me solte! Me solte! Me deixe! — resmunguei, debatendo-me para me soltar. Eu chutava com força, mas não

acertava nada além do ar, já que ele conseguia escapar de cada movimento meu.

Um rugido saiu da garganta dele. Finn me ergueu e me levou para a parte de trás da caminhonete, colocando-me sentada na caçamba aberta. Ele se colocou entre as minhas pernas e ficou parado acima de mim para me impedir de pular.

— Me deixe sair daqui — exigi, empurrando o seu peito firme. — Eu não tenho tempo para ficar debaixo das suas asas nesse momento.

Finn segurou os meus pulsos juntos com uma única mão.

— Não, claro que não. Você está ocupada demais rasgando fotos e gritando para ninguém.

— Me deixe sair daqui — repeti.

— Não — respondeu, apertando os dentes.

— Saia! Eu quero ficar sozinha. Me deeeeeeeeeixe! — implorei, batendo contra o seu peito de pedra.

— Você não quer me bater — alertou, cerrando os olhos.

— Então, me solte.

— Por quê? — Ele se aproximou um pouco mais sem se abalar com a minha tentativa de lutar contra ele. A parte interna das minhas coxas encostava na parte externa das dele.

— Porque ela fez o que fez? — berrei e arregalei os olhos, encarando o olhar frio e azul de Finn. — Ela poderia ter fugido para qualquer lugar, e poderia ter me levado com ela. Em vez disso, escolheu deixá-lo, mas acabou me deixando também. Ela era uma covarde que não conseguia tomar a decisão certa e eu a amo. Eu a

amo... mas a odeio também. Eu a odeio tanto... tanto...

Fui interrompida quando os lábios de Finn apertaram os meus, fazendo-me parecer uma tola por um instante. Apontei os dedos dos meus pés para o céu para evitar o meu instinto inicial, que era abraçá-lo com minhas pernas. Aquilo exigiu tanto de mim, que, por um instante, eu me esqueci de empurrá-lo para me livrar dele. Mas não foi necessário, ele logo afastou os lábios dos meus.

— Pare de ficar fazendo isso — pedi. Tentei empurrá-lo para longe, mas ele continuou no meio das minhas pernas com as mãos nas minhas costas nuas debaixo da bainha da camiseta enorme que eu estava vestindo. Ele cerrou os olhos. Pude ver o conflito em sua testa franzida e no V profundo entre os seus olhos. Eu não tinha dúvidas de que o conflito tinha tudo a ver comigo.

E com o fato de ter me beijado.

— É sua culpa eu fazer isso — defendeu-se ele, com voz forte e macia próxima do meu queixo e então próxima do meu pescoço.

— Então é esse o seu plano? Me beijar toda vez que quiser que eu cale a boca? — perguntei, ainda sentindo toda aquela raiva, mas também algo a mais. Algo que formigava entre as minhas pernas e dava uma dor no meu abdômen. — Obrigada por me salvar. Mesmo. Obrigada. Eu agradeço. — A minha voz falhou. — Mas você pode me deixar sozinha agora. E, por favor, PARE de ficar me beijando — implorei, quase num sussurro.

— Eu vou beijar você sempre que eu quiser beijar — argumentou, como se a minha opinião não importasse naquela

questão.

A luz da manhã destacava as gotas de suor que escorriam pelos ombros de Finn, descendo até o seu peito largo e cruzando os vales do seu abdômen definido. Ele estava tão perto que respirávamos o hálito um do outro.

— Sempre que quiser me beijar? — Eu dei risada. — Eu não entendo você. Eu não consigo entender nada disso. Você está sempre bravo comigo. Por que foi que você me salvou? Por que é que você fica me beijando se está sempre bravo comigo?

— É justamente quando eu estou louco de raiva com você que mais sinto vontade de te beijar.

Enquanto ele falava, sua voz deslizava sobre a minha pele como um cobertor de seda. Ele me puxou para mais perto para que eu pudesse sentir o contorno de sua ereção rígida, como se quisesse provar o que estava dizendo. Ele desceu os lábios até os meus e engoliu a minha boca com um beijo voraz que me fez tremer de desejo e que me fez girar desnorteada.

— Você sempre beija as pessoas que odeia? — perguntei, arrancando os meus lábios dos dele.

— Isso parece ódio para você? — perguntou, olhando para nós dois como se pudesse ver a conexão que existia.

Suas narinas se dilataram. Ele me puxou para tão perto, que eu conseguia sentir cada parte de seu corpo. Era quase como se ele estivesse me mostrando como seria se não existisse a roupa entre nós.

— Eu sei como é ser odiada — afirmei, enquanto ele

deslizou os lábios pela minha mandíbula, lambeu em volta do meu pescoço e parou para chupar o ponto sensível atrás da minha orelha.

Eu não estava usando nada debaixo da camiseta gigante de Finn, que escapava por um dos meus ombros, e eu sabia que se me mexesse ele ia conseguir ver a evidência de como me deixava molhada através do leve tecido de algodão.

— Do que é que você está falando exatamente? — Ele se afastou outra vez e fixou os olhos nos meus. — O que aconteceu com você?

— Nada. Esqueça isso — respondi, arrependendo-me de ter falado mais do que devia e querendo poder voltar ao passado para desfazer aquilo.

— Sawyer. Pode me contar. Quem foi que a machucou? — indagou. E, vendo o olhar sanguinário nos olhos dele, eu sabia que de jeito nenhum ele ia deixar aquilo pra lá.

— O meu pai era muito envolvido com a igreja e a igreja acreditava que as mulheres eram inferiores aos homens. O meu pai levava aquilo muito ao pé da letra. A minha mãe e eu éramos pessoas inferiores dentro da nossa própria casa. Ele tratava a gente como crianças que precisavam ser disciplinadas diariamente. Quanto mais ele bebia... pior era a disciplina.

— Ele machucava você — afirmou Finn, tocando suavemente a pele debaixo do meu olho com o polegar. — Como ele pôde machucar VOCÊ? — sussurrou.

Eu me derreti toda com a suavidade daquela voz, que me

envolveu com um calor reconfortante.

— Não só a mim. A minha mãe também. Na verdade, mais a minha mãe. — Olhei para o meu trailer destruído. — Era sempre pior quando tinha tempestade. O som do trovão do lado de fora mascarava o que acontecia dentro de casa.

— É por isso então... — concluiu ele, deixando a voz morrer, quando entendeu a razão do meu pânico na noite anterior.

— Sim, é por isso. — Apontei para os destroços. — As tempestades podem ser bem violentas. — Olhei para Finn. — Mas elas não chegam aos pés do meu pai.

Finn passou os dedos por entre os fios do meu cabelo e segurou a parte de trás da minha cabeça como se temesse que eu fosse me afastar.

— E sobre quem você estava gritando agora há pouco? Quem foi que deixou você? — perguntou, buscando a resposta nos meus olhos. Desviei o olhar, mas ele segurou a minha cabeça. — Quem deixou você? — insistiu, puxando-me de leve.

— A minha mãe — respondi, soltando o ar dos pulmões e sentindo novamente a raiva borbulhar na superfície.

Como se pudesse sentir a mudança nas minhas emoções, ele me beijou outra vez e eu fiquei perdida com o toque daqueles lábios habilidosos. A mão dele ia pra lá e pra cá por debaixo da bainha da camiseta que eu estava usando e então subiu deslizando pelo meu torso, tocando a parte debaixo dos meus seios com as pontas dos dedos.

Perdi o ar. Os meus mamilos ficaram rígidos. Como um

reflexo, apertei as coxas em volta das pernas de Finn, puxando-o mais para perto.

— O que você está fazendo? — perguntei, com dificuldade.

— Conversando — gemeu, tocando os lábios no meu pescoço. — Então a sua mãe deixou você. Quando?

— Algumas semanas atrás. Ela... ela *morreu*.

Eu estava praticamente rosnando.

Nunca tinha sentido tanta raiva. Raiva por causa da minha mãe. Raiva porque estava sentindo coisas por Finn que me deixavam confusa e surpresa.

Ele se aproximou para me beijar outra vez e eu ameacei mordê-lo antes que pudesse chegar perto demais, batendo os dentes ruidosamente no ar. Ele riu e mesmo assim apertou os lábios contra os meus, chupando o meu lábio inferior. Mordi e, na mesma hora, senti na minha língua o sangue dele, doce e com sabor de cobre.

Ele se afastou e a raiva que eu esperava não estava lá. Em vez disso, lambeu a gota de sangue dos lábios, mantendo os olhos treinados em mim o tempo inteiro.

— Como ela morreu? — perguntou, inclinando o corpo para frente e deslizando os lábios na curva do meu pescoço. Ele balançou aquela coisa dura que tinha entre as pernas, tocando na minha abertura desprotegida com aquilo.

Quando ele tinha me deixado na cama, só tinha se vestido parcialmente, havia apenas o tecido fino da cueca boxer entre nós dois.

Os meus olhos se reviraram com um prazer que vibrava dentro de mim com tanta força, que senti como se tivesse sido atingida por um raio. Eu estava completamente tonta.

— Como? — repetiu Finn, com a boca na minha pele.

— Ela... ela se matou — finalmente consegui responder, sussurrando a verdade indesejada entre os dentes.

Ele ficou petrificado.

Eu me aproveitei da pausa momentânea e empurrei o peito dele mais uma vez. Ele vacilou, dando meio passo para trás, e tive espaço suficiente para pular da caçamba e correr.

Ele não foi atrás de mim.

Provavelmente porque sabia de uma coisa que eu me daria conta tarde demais.

Eu não tinha para onde ir.

CAPÍTULO 23



Ela se matou.

Eu deveria ter ido atrás de Sawyer, mas as palavras dela foram como uma estaca no meu coração, e me deixaram petrificado ali.

Quando me recuperei do choque, ela já tinha ido.

Merda.

Sawyer tinha acabado de sofrer uma concussão, caralho, e agora estava perambulando por aí debaixo de outra tempestade, quando a da noite anterior quase a tinha matado.

O clima da Flórida, na melhor das hipóteses, era imprevisível. A chuva esquizofrênica com certeza não estava me ajudando a encontrar Sawyer mais rápido.

Depois de procurar na casa e na varanda, corri até a caminhonete dela e abri a porta com tudo.

Nada.

Fora o quintal, o pântano e as áreas de vegetação, não tinha muitos outros lugares para onde ela poderia estar.

Ela poderia ter batido a cabeça e caído na água. Poderia ter dado de cara com alguma cobra, javali, pantera, lince ou jacaré. Porra, o animal nem precisava ser muito assustador. A picada do mosquito errado já poderia ser o fim.

Dei a volta na casa e imediatamente fixei o olhar no meu barco, que balançava para frente e para trás na água enquanto chovia, deixando um rastro onde normalmente não existia um.

Indo até lá o mais rápido que pude, arranquei a capa de cima do barco e lá estava ela.

Dei um suspiro de alívio.

Encharcada. Tremendo. Segurando os joelhos contra o peito no chão do barco. Ela batia os dentes mais alto que a chuva que caía na água à nossa volta.

Ela não reagiu quando a peguei nos braços. Segurei o corpo dela que tremia contra o meu peito e a carreguei até a varanda.

Ela continuou sem dizer uma palavra sequer quando abri o chuveiro, tirei de nós dois as nossas roupas molhadas e a segurei debaixo da ducha quente esperando o corpo dela parar de tremer e os dentes pararem de bater.

Eu a enrolei em uma toalha limpa, a peguei no colo de novo e levei até o meu quarto, onde nós dois deitamos na cama debaixo da coberta e coloquei o corpo quente e nu dela encostado ao meu.

Eu não tinha muito como ajudar, mas o que podia dar a ela era distração. Fiquei falando um monte de besteira sobre tudo e qualquer coisa até ela cair no sono.

A chuva parou completamente.

Dava para ouvir os sinos de vento na varanda. Aqueles que Jackie tinha feito para a nossa casa nova quando fomos morar junto. Era a única coisa dela que eu trouxera comigo para o pântano.

No começo, eles tocavam apenas uma nota esporádica ou duas, até que aquilo se transformou em uma sinfonia extremamente intensa.

A música flutuava na noite, que estava agora assustadoramente silenciosa. Não se ouvia grilo algum. Não havia sapo coaxando. Nem mosquito zumbindo.

Fiquei horas deitado ali com Sawyer nos meus braços sem conseguir dormir, enquanto os sinos incessantemente me faziam lembrar de um passado que, por mais que eu tentasse, jamais conseguiria esquecer.

CAPÍTULO 24



SAWYER

— É verdade que o seu trailer foi destruído por um ciclone?
— perguntou Kayla, estourando uma bola de chiclete e espetando uma caneta no coque bagunçado no topo de sua cabeça.

Já fazia mais de uma semana que eu tinha visto Finn. Eu tinha acordado sozinha na manhã seguinte e logo depois Josh tinha dado uma passada para ver como eu estava.

Eu vinha dormindo no sofá do apartamento dela desde então.

Tinha voltado para a casa no pântano para agradecer a Finn por ter me salvado. Duas vezes. Mas nas duas vezes não havia sinal dele.

Eu só sabia que ele tinha estado por lá por causa da lona azul que tinha sido colocada em cima do meu trailer destruído.

— Não tenho certeza se foi um tornado, mas alguma coisa o derrubou durante a tempestade — respondi, com um aperto no

coração.

— Você estava dentro quando aconteceu? — perguntou Maya, aparecendo com uma bandeja de bebidas na mão erguida acima da cabeça.

— Sim, mas por sorte Finn me tirou de lá.

Como se fosse uma deixa, a banda escolheu aquele exato momento para parar de tocar. Kayla e Maya sussurraram em uníssono:

— Ele fez o quê?

Missy perguntou o mesmo com um sussurro enquanto servia uma dose de uísque. Ela acabou deixando o líquido amarelo âmbar transbordar o copo de shot e fez uma poça no balcão.

— Merda — xingou, irritada.

— Senhoritas? — Critter ergueu as sobrancelhas para as meninas, que relutantemente pegaram suas bandejas e voltaram para o trabalho servindo as mesas.

— Obrigada — agradeceu, feliz por ter escapado daquele interrogatório, apesar de não ter dúvidas de que aquilo ainda não tinha terminado.

— Finn? Foi isso mesmo que eu ouvi? — perguntou Critter, jogando um pano sobre o ombro. — Já tem um tempo que eu não o vejo por aqui.

— E como é que você conhece o Finn? — Tentei soar casual.

— Eu disse a você. Conheço tudo e todo mundo. Finn é um bom garoto, mas já faz muito tempo que não aparece no bar.

— E por que foi que ele parou de vir aqui? — perguntei, enquanto lavava as mãos na pia.

— Não cabe a mim dizer. — Ele deu um tapa na caixa registradora e ela abriu. — Não sou do tipo que sai por aí contando as histórias das outras pessoas.

— Então, você está dizendo que não sabe o motivo? — perguntei, provocando o Critter.

— Não é isso. Eu já disse a você. Conheço tudo e todo mundo.

Naquele instante eu me arrependi de ter rasgado a foto da minha mãe em pedacinhos. Quando nos conhecemos, Critter disse que não a conhecia, mas muito tempo se passou. Talvez o retrato pudesse refrescar a sua memória.

— Finn está causando problemas para você? — perguntou Critter.

Novas rugas se formaram em cima de suas rugas habituais quando uma expressão de preocupação tomou conta do seu rosto.

— Na verdade, não — respondi. Nenhum, pelo menos, que o Critter pudesse consertar.

— Se você precisar que eu dê uma surra naquele garoto, é só falar. Posso ter uma idade avançada, mas ainda tem um pouco de luta em mim para rebeldes como ele.

Critter ajustou o cinto.

— Achei que você tinha acabado de dizer que ele era um cara legal?

— Caras legais... — Ele balançou o dedo indicador. —

Esses são o pior tipo de rebeldes.

— Deixa eu perguntar uma coisa, Critter. — Dei início à pergunta enquanto arrumava os guardanapos nos suportes plásticos encaixados na borda interna do balcão. — Você acha que as pessoas podem mudar?

Critter parou e lambeu o canto do bigode.

— Bem, eu acredito que as pessoas podem fazer quase qualquer coisa que sentem vontade, inclusive mudar. A minha mãe costumava dizer que todos nós temos o diabo dentro de nós, algumas pessoas simplesmente o enterram bem no fundo, enquanto outras são guiadas por ele. Não sei se a minha resposta vai ajudar de alguma maneira.

Olhei para os tinidos no teto. Toda vez que a porta da frente se abria, eles dançavam e giravam juntos.

— Ainda não sei dizer.

— Você é realmente diferente, garota. — Critter inclinou o corpo mais para perto e sussurrou: — Acredite em mim.

A porta se abriu outra vez e os tinidos bateram uns nos outros quando Josh e Miller entraram com tudo, gritando um com outro como se fossem gaivotas na praia brigando por migalhas.

— Não é educado ficar ouvindo a conversa dos outros. — Critter cutucou o meu ombro.

— Não seria educado se eu me esforçasse para conseguir ouvir.

Apontei para Josh e Miller, que vinham discutindo nada discretamente há horas.

— Foi o que eu te disse da primeira vez — resmungou Miller.

— Não foi isso que você disse. — Josh balançou o dedo na cara dele.

Ri para Critter.

— Não acho que seja bisbilhotar se eles estão falando alto o suficiente a ponto de eu conseguir ouvi-los daqui.

— Anotado — respondeu Critter, rindo e segurando o queixo.

— Josh, meu amor, quando é que você vai tirar a Vaginalândia dessa sua cabecinha linda e me deixar apresentar a você a Pintelândia outra vez? — perguntou Miller, com um volume levemente acima daquele do guitarrista no canto.

— Eu namorei uma garota. UMA. E isso foi seis anos atrás. Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é mesmo?

Josh enfiou o dedo no peito do Miller.

— Não, e eu espero nunca esquecer. Na verdade, eu penso nisso o tempo todo. — Miller fechou os olhos. — Na verdade, estou pensando em vocês duas juntas bem agora.

Josh bateu nele com o menu.

Miller não pareceu notar. Estava ocupado demais olhando para os seios dela.

— E tenho a impressão de que foi justamente a sua apresentação da Pintelândia... — ela olhou na direção da genitália do Miller e contorceu o rosto com nojo — que me fez querer fugir dos homens para começo de conversa.

Miller fez um beicinho, mas logo desfez.

— Melhor de três?

— A propósito, como vai a sua mãe, Miller? — perguntou Josh, dissimuladamente, parando para dar um gole sem pressa na cerveja. — Ela continua limpando a sua bunda?

Miller colocou a mão no coração.

— Isso machuca de verdade, Josh. Para começo de conversa, você sabe que a minha mãe é uma senhora adorável que faz uma carne de panela incrível. Não é culpa minha se ela precisa que eu more com ela para que eu possa provar e aprovar o sabor da receita. É um trabalho difícil, mas faço o sacrifício de bom grado.

— Falando em trabalho... — Josh mudou de assunto, erguendo uma das sobrancelhas. — Não era para você estar no seu?

Foi a vez do Miller revirar os olhos.

— Ninguém aqui está falando de emprego, Josh. Ninguém. E não é só porque eu me recuso a me enquadrar nas horas de escravidão dos tempos modernos, que isso faz de mim uma pessoa menor. — Ele sorriu. — Mas quando fizer a sua visita à Pintolândia, a sua postura preconceituosa será perdoadada.

— Claro, farei uma visita à Pintolândia. — Ela piscou para o Miller, que ficou de queixo caído. — Mas não a sua.

— Isso machuca, Josh. Isso machuca demais.

— Eu vou até ali falar com as meninas — anunciou Josh, descendo do banco. — E não venha atrás de mim.

— Isso é uma grande besteira e você sabe disso! — gritou

Miller.

— Acho que as coisas não acabaram muito bem — comentei, substituindo a garrafa de cerveja vazia por outra gelada.

Miller franziu a testa.

— Huh? Por que você está dizendo isso?

— Deixa pra lá.

Deixei Miller ali sentado vivendo a sua própria realidade alternativa enquanto completava os guardanapos.

— Sawyer! — Sterling me chamou, com um sorriso radiante. — A que horas você sai?

Ele estava em pé próximo ao final do balcão com um pedaço de papel da cesta de tinidos na mão.

— Em mais ou menos dez minutos — respondi.

— Quer fazer aquela caminhada comigo?

Pensei sobre isso por um momento antes de responder:

— Claro, só me deixe terminar aqui e eu te encontro lá fora na frente do bar.

Sterling sorriu e escreveu alguma coisa no papel antes de pendurá-lo perto do outro, no qual ele tinha escrito no dia em que nos declarou amigos.

Vou fazer uma caminhada com uma garota bonita.

- Sterling

— Ele é tão gostoso — comentou Kayla, apontando para o Sterling. — Eu o comeria no café da manhã, no almoço e no jantar.

Maya entrou na conversa. Quando ele acenou, as duas deram risadinhas uma para a outra e suspiraram. Sterling piscou para mim.

Eu deveria estar super empolgada. Ou, no mínimo, tão animada quanto as meninas ficaram diante de um simples aceno do Sterling.

De repente, senti que precisava de um pouco de ar. Juntei o lixo do bar para ter uma desculpa para ir lá fora.

Abri a porta dos fundos e tinha dado apenas alguns passos quando ouvi os passos de outra pessoa atrás de mim.

— Você faz ideia de como é bonita pra caralho?

Eu me virei lentamente e me deparei com Finn parado próximo à porta dos fundos, apoiado no batente, segurando um pequeno pacote embrulhado com papel pardo na curva de seu braço. Ele apagou um cigarro na sola da bota que estava usando.

Minhas mãos começaram a suar. Minha pele começou a formigar. Tudo dentro de mim ganhou vida. Pânico. Medo.

Antecipação.

LUXÚRIA.

Joguei outro saco dentro da lixeira e virei-me outra vez para encará-lo.

— Eu fui até lá para ver você. Para agradecer. Você não estava.

— Fiquei fora da cidade por um tempo. Tive que resolver umas coisas. — Finn olhou o meu corpo de cima abaixo. — E não tive chance de dizer ainda. Gosto das botas.

Meu coração disparou. As palavras de Finn eram como uma pincelada de seus dedos fortes entre as minhas pernas.

— Eu trouxe uma coisa para você — disse ele, enquanto vinha ao meu encontro no meio da ruazinha, entre a lixeira e a porta dos fundos do Critter's.

— Você não precisa me trazer nada. — Tentei passar por ele para entrar pela porta, mas ele me impediu. — Você não me deve nada, Finn. Pode voltar a se esconder na mata. É óbvio que não quer ser meu amigo, então não vamos forçar a barra. A gente não precisa ser amigo.

— Eu não quero ser seu amigo — retrucou ele, dando um passo a frente.

— Então por que você está aqui?

— Sinto sua falta — respondeu, olhando no fundo dos meus olhos.

Tentei desviar o olhar, mas Finn pegou o meu queixo e virou o meu rosto, deixando-me de cara com ele.

— Então por que foi embora? — perguntei, sem conseguir esconder a mágoa na voz. — Depois de tudo o que aconteceu, eu acordei e você tinha simplesmente ido embora.

Finn analisou o meu rosto como se estivesse procurando por respostas que não tinha.

— Eu nunca encontrei alguém como você. Nunca nem tinha visto alguém como você. Essas sardas... — Ele acariciou a minha pele embaixo dos olhos com o polegar. — Essa boca... — Fez o mesmo com o meu lábio inferior, tocando-o com os dele lenta

e gentilmente, até que eu me vi envolvida com todas aquelas sensações que se espalhavam por dentro de mim. — Você me faz querer coisas, Say. Desejar coisas. Coisas nas quais há muito tempo eu não pensava.

Say? A minha vontade era a de odiar aquele apelido. Tive vontade de dizer a ele que aquele era um nome estúpido e que ele jamais deveria usá-lo outra vez, mas não consegui. Fiquei repetindo aquilo de novo e de novo na minha cabeça com a voz dele e não conseguia evitar.

Eu adorei.

O meu corpo gemeu. Estava ficando cada vez mais difícil fingir que aquilo não me afetava.

— Desejar? Você fala como se eu fosse uma refeição.

— Faria sentido. — Ele enfiou os dedos no meu cabelo e puxou apenas o suficiente para que eu sentisse o meu couro cabeludo. — Porque estou com água na boca querendo provar você.

Ele apertou os lábios contra os meus e dessa vez não tinha como colocar a culpa em alguma tempestade ou em qualquer outra coisa da qual precisasse me distrair.

— Eu quero você, Say. Pra caralho. Mais do que já quis qualquer coisa ou pessoa. — Ele respirou fundo como se estivesse me inalando. — Você me deixa apavorado.

Senti um calor tomar conta de mim.

— Não é para menos... Eu mordi você outro dia! — retruquei.

Finn sorriu e, sentindo-me corajosa, ergui a mão para tocar o canto de sua boca onde eu o tinha feito sangrar. Não havia evidência do ferimento, mas era como se eu ainda o pudesse ver ali.

Ele gemeu e me puxou para perto dele, abaixando o rosto para colocar seus lábios nos meus e separá-los com a língua. Quando nossas línguas se tocaram, senti um calafrio. Levantei na ponta dos pés e coloquei os braços em volta do pescoço dele, intensificando ainda mais o nosso beijo. Era a nossa conexão. Eu sentia necessidade de ficar ainda mais perto dele.

— Não faço ideia do que estou fazendo.

Recuperei o fôlego quando os lábios dele se afastaram dos meus e desceram pelo meu pescoço, deixando um arrepio por onde passavam.

Ele sorriu com a boca colada na minha pele que formigava.

— Nem eu.

Suas palavras provocaram uma agitação entre as minhas pernas. Ele continuou a beijar e a lambe em volta do meu pescoço e orelha, mantendo aquela mão enorme sobre o meu seio por cima da camiseta.

Um nervosismo de repente tomou conta de mim. Tremi de medo e antecipação.

— Porra, você é perfeita.

Ele gemeu, balançando o corpo contra o meu. A mão dele largou o meu cabelo e envolveu a minha cintura, descendo para apertar a minha bunda por cima do short. Então ela abaixou para entrar por debaixo da minha roupa e me envolver outra vez. Eu gemi

quando ele me tocou. Era a pele dele encostada na minha.

Eu queria mais.

Rocei o corpo contra o dele para tentar amenizar a dor que crescia no meu baixo ventre.

Ele me agarrou com força para que eu ficasse imóvel.

— Não faça isso — alertou, com um gemido. — Isso é gostoso demais, porra! Aí eu não aguento.

Em tom de brincadeira, ele empurrou o corpo contra o meu e me fez cambalear para trás, encurralando-me no canto. Ele foi atrás de mim e me prendeu com as mãos na parede próximas à minha cabeça. A minha respiração estava fora de controle. As pupilas de Finn estavam dilatadas quando abaixou a mão e soltou o botão de cima do meu short.

— Fala que me quer, Say.

Alguém abriu a porta dos fundos.

— Está precisando de ajuda? — Critter gritou, lá de dentro.

Finn me soltou imediatamente.

— Não, está tudo certo — respondi, tentando recuperar o fôlego.

Virando para trás, para onde Finn estava, vi que ele já tinha ido embora. E quando eu ainda estava endireitando o avental, Critter saiu.

— Certeza? Você parece um pouco ofegante, garota — perguntou, com um olhar desconfiado.

— Certeza. Os sacos só estavam mais pesados do que eu esperava.

Passei por baixo do braço do Critter e, quando vi pendurada na entrada dos fundos uma foto de Finn, aparentemente mais jovem, abraçado com uma loira bonita, eu parei.

— Quem é essa com o Finn? — perguntei para ele.

— É a Jackie — respondeu ele. — Infelizmente, ela já não está mais entre nós.

— O que aconteceu?

— Como foi que eu adivinhei que você ia perguntar isso? — falou, brincando. — Essa história não é minha...

— Para você sair contando. Eu sei — completei a frase para ele.

Inclinei o corpo para me aproximar e conseguir olhar melhor a foto. Finn estava com um sorriso de orelha a orelha. Eu nunca o tinha visto sorrir daquele jeito antes.

— O senhor do pântano e sua amada — sussurrei para mim mesma.

— O que você disse? — perguntou Critter.

— Nada.

Peguei dois outros sacos e levei-os para fora.

Talvez tenha sido bom Critter ter nos interrompido. Eu estava prestes a dizer para Finn que também o queria.

Mas quando vi a foto dele com a Jackie, a realidade me atingiu como um balde de água fria.

Eu não sabia dos detalhes, mas era burrice me entregar para Finn quando ele já tinha claramente se entregado a outra pessoa. Alguém que mesmo depois da morte ainda exercia sobre

ele uma força da qual ele não conseguia se livrar.

Peguei outros sacos de lixo e saí mais uma vez para colocá-los na lixeira. Quando me virei, notei que o pacote que Finn estava carregando quando chegou tinha sido deixado em cima de uma lata de lixo perto da porta.

Na minha tentativa afobada de pegá-lo, eu o derrubei no chão. Ajoelhei-me e rasguei uma tira do embrulho de papel pardo, revelando um livro.

O título estava apenas parcialmente visível, mas não precisei ver tudo para saber exatamente o que dizia.

Rasguei o resto do embrulho e passei os dedos sobre a capa. Cada letra em relevo que eu sentia de alguma maneira tornava cada vez mais difícil respirar.

Quando cheguei ao fim, li o título em voz alta para mim mesma.

— *As Aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Finn.*

CAPÍTULO 25



SAWYER

— Finn me ligou ontem à noite — falou Josh, entregando-me uma caneca grande de café com o desenho de um policial fazendo xixi de cima de uma ponte.

Eram sete da manhã. Depois do meu turno, eu tinha dito ao Sterling que caminharia com ele outra hora, e aceitei a carona de Josh, voltando com ela para o apartamento.

— Ah, é? — perguntei, despertando ao ouvir o nome dele.

— Ele me ligou para saber de você. Queria saber se estava realmente ficando comigo e se estava bem.

— E o que você respondeu? — perguntei, olhando para dentro da minha caneca.

— Eu disse que você estava bem. — Josh soltou a caneca e colocou uma das mãos na cintura. — O que é que está rolando entre vocês dois?

— Como assim? — Dei um gole no café e na mesma hora

cuspi aquela lama grossa e amarga de volta na caneca quando Josh virou de costas.

— Que história é essa de VOCÊS DOIS e Finn e Sawyer...? Tinha dois anos que aquele cara não me ligava. DOIS ANOS, PORRA. E eu era a melhor amiga dele. Aí, do nada, você aparece e ele lembra o meu número? — Josh balançou a cabeça. — Tem alguma coisa estranha nisso tudo.

— Talvez ele só quisesse ter certeza de que eu não estava planejando ficar na casa dele de novo — sugeri, sabendo que não era aquela a questão.

— Nããão — discordou Josh, jogando a cabeça de lado. Ela jogou um pão doce para mim. Tipo um *donut* com açúcar e canela em volta. — Não acho que tenha sido isso.

Todos os pensamentos em torno de Finn foram momentaneamente esmagados da minha mente.

— Puta que pariu! Esse negócio é muito bom! — exclamei, com a boca cheia de massa de gostosura.

— Ha! — Josh deu risada. — Gosto quando você fala palavrão.

Era exatamente a mesma coisa que Finn tinha dito.

— Deixe-me fazer uma pergunta... — Josh apoiou os cotovelos no balcão e o robe cor de rosa e fofo que ela estava vestindo abriu na parte da gola revelando uma camiseta em que estava escrito MILLER É UM PÉ NO SACO. — Sei muito bem que a choupana naquele pântano só tem um quarto e uma cama. Depois que o Miller examinou você naquela noite, onde foi que Finn

dormiu?

— No sofá — respondi, com a mentira enroscando na língua antes de sair.

Como eu era péssima com mentiras, tentei evitar a conversa. Peguei a mochila e comecei a vasculhar dentro dela, como se eu estivesse procurando alguma coisa.

— Uhum. Claro. No sofá — respondeu Josh.

— Então, sem querer mudar de assunto... — tentei começar a falar, mas ela me interrompeu.

— Mas já mudando de assunto...

— Qual é o lance entre você e o Miller? — Apontei para a camiseta. Josh fechou o robe.

— Eu já disse. Ele só é o Miller... — Ela pegou um pouco mais daquele café que mais parecia lama.

— Isso, na verdade, não responde à pergunta.

— A sua mentira também nãããão — retrucou Josh.

Ela olhou no fundo dos meus olhos e, de repente, nós duas caímos na gargalhada. A gente riu até os olhos dela se encherem de lágrimas e até as minhas costelas começarem a doer e as minhas bochechas começarem a queimar.

Pela primeira vez na vida, eu tinha dado risada até doer.

CAPÍTULO 26



SAWYER

Ainda eram oito horas e o meu turno só começava ao meio-dia. Quando saí do apartamento de Josh, achei que uma caminhada pelos arredores da minha nova cidade poderia ser uma boa. Eu estava morando em Outskirts há mais de uma semana e não tinha ido a quase lugar algum além do trabalho e daquilo que eu chamava de lar.

E lar já não era mais uma opção.

Ignorei a dor que eu sentia dentro de mim. Não queria passar a manhã pensando no que tinha ficado para trás, mas sim nas possibilidades que o dia poderia trazer.

Quando vi um ferro-velho, estava prestes a passar direto por ele, sem dar muita atenção, mas algo chamou a minha atenção. Abri o portão metálico que tinha uma placa que dizia ENTRE. Passei por um monte de pneus e por fileiras e fileiras de pias de cozinha, indo direto na direção do meu alvo, que estava do outro lado do

terreno. Quando cheguei lá, dei um suspiro e senti um frio na barriga.

Era ainda mais bonita pessoalmente.

Era uma casa. E não apenas uma casa QUALQUER.

Era a casa.

Aquela do outdoor da cidade. As mesmas paredes brancas, as mesmas janelas azuis e as mesmas telhas cinzas. A maior diferença era que aquela na minha frente estava dividida pela metade. A metade da direita estava meio fora de esquadro no chão e era nela que estava a porta vermelha da frente. A metade da esquerda continuava em pé apoiada em um caminhão-tanque enferrujado. Havia um plástico frágil grampeado por cima, mas estava rasgado o suficiente para que eu conseguisse ver o lado de dentro.

— A porta estava destrancada. — Uma voz forte e bastante familiar se dirigiu a mim. Os pelos da minha nuca se arrepiaram quando aquelas palavras lamberam a minha pele como uma brisa fresca.

— Que porta?

Finn chegou tão perto por trás de mim, que eu podia sentir o calor que irradiava de seu peito nas minhas costas. Mas resisti à tentação de encostar o corpo no dele.

— A porta da minha casa — respondeu ele. — Eu deixei aberta para você ontem à noite. — A respiração dele fazia cócegas no meu pescoço. — Você não estava lá quando eu cheguei em casa.

— E era para eu estar?

— Sim.

Ele fez o meu corpo esquentar de uma maneira que nem o clima de mais de trinta graus conseguia.

— Estou hospedada no apartamento da Josh.

— Foi o que ouvi dizer.

Ele veio para o meu lado e eu dei uma boa olhada na camiseta branca justa que cobria os seus músculos. A barba recente em sua mandíbula me fez lembrar de como era senti-lo encostar na minha pele quando me beijava. Quando beijava o meu pescoço. Ele olhou para mim e me viu vidrada nele.

— Você gosta do que está vendo?

— Gosto. — A minha resposta foi imediata.

Finn deu risada e virou a minha cabeça para que eu olhasse novamente para a casa, a única razão pela qual eu estava naquele ferro-velho para começo de conversa. Eu me preparei mentalmente para algum tipo de comentário desagradável ou para ouvi-lo dizer alguma coisa que me deixasse ainda mais envergonhada do que eu já estava, mas, por sorte, nada disso aconteceu.

— Não é muito grande... — disse ele, ao invés daquilo que eu esperava, analisando a casa.

— Eu também não sou. — Suspirei aliviada. — É perfeita.

Finn caminhou até ela e puxou o plástico da parte que estava em pé até deixá-lo cair no chão.

— Espere um pouco, você pode fazer isso? — perguntei,

gritando com um sussurro, olhando ao redor para ver se tinha alguém por perto que pudesse estar nos observando.

— Isso aqui é um ferro-velho. Eles não se importam se você quebrar alguma coisa. Tudo aqui está quebrado — argumentou. Eu era baixa demais para subir e entrar na casa como Finn tinha feito. — Aqui.

Ele estendeu a mão. Eu a peguei e ele me puxou para cima, fazendo meu corpo apoiar no dele e me segurando por um tempo mais longo que o necessário antes de finalmente me soltar. Ele tinha cheiro de cigarro e sabão.

Dentro da casa, fiquei extasiada ao ver que ela era dez vezes maior que o trailer, apesar de ainda ser bem pequena.

— Que tamanho você acha que ela tem? — perguntei.

— Com as duas partes juntas? — questionou ele. — Cerca de setenta e cinco metros quadrados, provavelmente. Mais ou menos.

Não tinha piso, apenas tábuas de madeira.

— Os vendedores desse tipo de casa geralmente esperam para ter um comprador antes de colocar o piso. Assim a pessoa pode escolher como vai querer — explicou Finn, como se pudesse ler a minha mente.

As paredes eram de *drywall*. As janelas tinham o acabamento branco e o parapeito de mármore. Na cozinha, havia uma ilha dessas que servem de mesa e uma pia grande e branca típica de fazenda com armários brancos combinando e bancadas de mármore na cor cinza e branca.

— Uau! — exclamei, admirando tudo à minha volta.

Havia um quarto no fundo que era grande o bastante para uma cama king-size, e um banheiro anexo.

— Você gosta mesmo dessa coisa? — perguntou Finn.

— Não, não gosto. — Olhei em volta. — Adoro! — Abri os braços e comecei a girar. Eu estava embriagada com a possibilidade de poder de alguma maneira ter aquela casa para mim. — É como se essa fosse uma versão pequena da casa que eu vi quando vim para cá a primeira vez. Aquela tinha três andares e uma cerca de estacas. Parecia o tipo de casa onde as pessoas dão risadas.

Eu me virei para Finn.

— Onde as crianças são colocadas na cama de noite e ouvem histórias antes de dormir. Onde as refeições da família são cheias de riso e piadas e planos para o final de semana ao invés de um sermão em cima daquilo que você fez de errado no dia e de como Deus não fica feliz com garotas que desobedecem aos seus comandos. Onde as crianças têm muita pele à mostra. Onde querem ir para uma escola de verdade ao invés de terem aulas em casa.

Parei de falar quando percebi que tinha perdido o foco. Finn estava me observando, curioso.

— E você não teve nada dessas coisas enquanto crescia — comentou Finn. Não era uma pergunta.

Neguei com a cabeça e deslizei a mão sobre o balcão.

— Não. Você teve?

Imaginei que ele ia fugir da pergunta, mudar de assunto,

mas ele me surpreendeu, dizendo:

— Tive. A minha mãe e o meu pai sempre estavam nos jogos de beisebol ou de futebol americano. A minha mãe era a mais escandalosa nas arquibancadas, e eu morria de vergonha. — Ele riu ao se lembrar, passando a mão na barba em seu queixo. — Agora eu sei como eu era um garoto de sorte por ter a mãe mais escandalosa das arquibancadas.

— Onde os seus pais estão agora?

— Nas montanhas da Geórgia. A minha mãe e o meu pai sempre falavam que gostariam que o Natal fosse branco e cheio de neve, então, assim que terminei o ensino médio, eles foram atrás desse sonho.

— E você ficou? Por quê? — perguntei curiosa.

— Porque eu pertencço a esse lugar — respondeu, de maneira simples. — Esse aqui é o meu lar.

— Josh me disse que você se mudou para o pântano alguns anos atrás. Onde você morava antes disso?

Não olhei para ele quando perguntei, mas, pelo canto do olho, pude ver seu corpo inteiro enrijecer. Dessa vez, ele fugiu da pergunta. Nem tentou responder.

— Vamos lá. Vamos ver o outro lado.

Ele veio até mim e me levantou pela cintura, colocando-me no chão cerca de um metro abaixo de onde estávamos. Ele desceu logo em seguida com um pulo, sem a menor dificuldade, fazendo aquilo parecer fácil com suas pernas compridas e movimentos confiantes. Pegou a minha mão e me levou até a outra metade da

casa. Depois de rasgar o plástico do mesmo jeito que tinha feito com o outro lado, soltou a minha mão e tocou de leve a minha lombar.

Quando entramos, fiquei surpresa ao encontrar outro quarto, um pequeno nicho com um escritório embutido e outro banheiro, esse aqui dando acesso à principal área de convívio, que seria substancial em tamanho se os dois pedaços fossem colocados juntos.

— Por que será que está partida ao meio? — perguntei, deslizando a mão pelas paredes empoeiradas enquanto andava de cômodo em cômodo.

— Essa é uma casa pré-fabricada — Finn explicou, enquanto me seguia, sempre se mantendo alguns passos atrás de mim.

— Uma casa pré-fabricada? — Torci o nariz. Eu nunca tinha ouvido falar naquilo. — Não é uma casa de verdade?

— Com certeza é uma casa de verdade. Só que ela é construída fora do lugar onde vai ficar, provavelmente em algum depósito, ao invés de ser construída diretamente na terra. É um processo diferente, mas o resultado é o mesmo — respondeu Finn, enquanto me observava admirar a lavanderia embutida do lado de fora do quarto dos fundos. — Ela é levada para o local em duas partes por ser grande demais para caber em uma plataforma em um único pedaço sem bloquear a estrada.

— Então as duas partes PODEM ser colocadas juntas outra vez?

A empolgação crescia dentro de mim. Eu estava começando a organizar as ideias.

— Podem. — Os lábios dele se ergueram em um sorriso torto que me deu água na boca.

Não havia ali nenhum utensílio, e tudo que estava do lado de dentro e do lado de fora estava debaixo de poeira. Eu não fazia ideia de quanto tempo aquela casa estava ali, mas estava há tempo suficiente para que alguns dos laminados nos armários começassem a descascar nos cantos.

Mas dava para salvar.

Olhei de novo para Finn e juntei as mãos. Eu não tinha percebido que estava sorrindo até ele se aproximar de mim e colocar alguns fios de cabelo atrás da minha orelha.

— Essa é a primeira vez que vejo você sorrir. — Suas palavras e seu toque eram surpreendentemente suaves e macios.

Ergui o pescoço.

— Eu me esqueci de agradecer por você ter me resgatado naquela noite.

Finn deu um passo para trás e encostou na parede, mas me puxou para perto dele, apertando o meu peito contra o seu torso e colocando o joelho entre as minhas pernas.

— Obrigado por me resgatar — declarou ele, antes de colocar os lábios nos meus.

Nossas bocas mal haviam se tocado quando uma voz quebrou o encanto, deslizando por entre nós e nos afastando.

— Quem está aí? — gritou um homem.

Eu saí e lá estava Sterling vindo na nossa direção. Um sorriso enorme com covinhas atravessava o seu rosto barbeado.

— Sawyer, é você?

— Sou eu. Oi, Sterling. — Acenei sutilmente para ele.

— Aqui, deixe-me ajudá-la a descer. — Sterling pegou as minhas mãos.

Finn resmungou alguma coisa entredentes e desceu atrás de mim.

— Finn? — perguntou Sterling, parecendo confuso. — Uau, eu não tinha visto você aí atrás. — Sterling apontou para mim e então para Finn. — Você está... com ele? — perguntou, de maneira hesitante.

Eu não sabia se ele estava perguntando se a gente estava junto ali ou se a gente ESTAVA junto, mas em qualquer um dos casos a resposta era não.

Neguei com a cabeça, respondendo que não, ao mesmo tempo em que Finn respondeu que sim. Ele ficou encarando Sterling de cima como se o tivesse ofendido da pior maneira.

Sterling pigarreou e virou para mim outra vez.

— Pelo jeito você gostou... Sabia que essa aqui é a casa do outdoor? — perguntou ele, com um sorriso ainda maior. — Eles a usaram para fazer a propaganda. Mas aí a bomba estourou e nunca chegaram a construir outra depois dessa. Ela está aqui desde então.

— Você trabalha aqui? — perguntei. — Achei que você tinha dito que era o dono da casa de ração.

— E do ferro velho. E da loja de tinta também — respondeu

Sterling, esfregando as mãos umas nas outras.

— Uau! — respondi.

Finn resmungou.

— Você tem algum interesse em comprá-la? — perguntou Sterling, apontando para a casa.

— Quanto custa? — Finn entrou na conversa, roubando as palavras da minha boca.

— No varejo, uma belezura como essa aqui custa mais de quarenta mil dólares.

Senti que murchei na mesma hora. Finn colocou a mão na minha nuca e não sei ao certo se aquele era um sinal de domínio ou de apoio, mas, de qualquer maneira, percebi que gostava de tê-lo ali comigo.

Mesmo com ele resmungando e rosnando mais do que falando de fato.

— Mas ESSA AQUI em particular... — Sterling começou a balançar o dedo na direção da casa — pode ser sua por... — Ele moveu os dedos no ar como se estivesse calculando alguma coisa. — Hum... digamos... sete mil dólares mais as despesas com o transporte. Ou seja, cerca de oito mil e quinhentos. Bom, é claro que você iria precisar que alguém preparasse a terra também. Isso deve custar em torno de três mil dólares.

E então foi isso. O sonho de ter a minha própria casa teve uma vida bastante curta.

— Obrigada, Sterling. — Olhei mais uma vez para a casa. Quem sabe um dia... — Você precisa pegar alguma coisa? —

perguntei para Finn, que apenas balançou a cabeça e me acompanhou de volta para o portão de entrada.

— Sawyer, não esqueça que ainda não demos a nossa caminhada! — gritou Sterling, de longe. — Você vai trabalhar nesse final de semana?

— Nos turnos do almoço e do jantar — gritei em resposta.

Finn também respondeu. Segurando-me com mais força enquanto me levava para fora do portão e me virando na direção oposta daquela pela qual eu tinha vindo. O barco de Finn estava esperando no rio atrás do ferro-velho, amarrado a uma pequena doca raquítica coberta de calotas de metal e de plástico.

— Você veio para cá de barco? — perguntei.

— Dá para ir de barco a praticamente qualquer lugar dessa cidade — respondeu. — Como foi que você conheceu o Sterling?

Olhei outra vez para o ferro-velho.

— Eu deveria ter procurado por algumas peças de caminhonete para o Rusty comentei.

— Rusty?

— A minha caminhonete. Era assim que a minha mãe o chamava — expliquei.

— Tenho que voltar para esses lados amanhã. Pode deixar que eu pego — ofereceu-se Finn.

— Eu vou trabalhar amanhã.

— Pode deixar que eu pego o que você precisa.

— Mas como você sabe o que o Rusty...

— Eu sei — garantiu, estendendo a mão. — Agora me

conte como foi que você conheceu o Sterling.

Hesitei antes de entrar no barco com ele. Parei um instante para analisar sua aparência. Ele não tinha rugas em sua expressão e também não estava despenteado. Parecia cansado, mas não tinha cheiro álcool.

— Por que está hesitando? — perguntou Finn, curioso, ainda com a mão estendida.

— Eu só estou...

Finn pegou a minha mão.

— Eu não bebi nada hoje. Não vou dizer que não vou beber, porque estaria mentindo, mas eu não sou o seu pai, Sawyer. Não bato em garotas ou em mulheres, apesar de já ter batido bastante em homens que, na maioria das vezes, realmente mereciam uma surra.

— Alguns deles não mereciam? — questionei.

— Tipo isso.

— O que é que você faz? Você trabalha? — perguntei, sem pensar.

— Eu faço várias coisas. Coisas que não têm nada a ver uma com a outra. Por quê?

Ele segurou a minha mão com um pouco mais de força.

— Talvez você devesse pensar em mudar de profissão. Você daria um ótimo leitor de pensamento — comentei, mantendo a leveza do meu tom de voz.

Deu certo. Finn deu risada.

Senti um frio na barriga. Eu nem tinha entrado no barco e

já estava sentindo um tipo de pré-enjoo.

Entrei no barco, que balançou no instante em que coloquei o pé dentro dele. Finn esticou o outro braço e me ajudou a entrar. Uma corrente elétrica subiu pelos meus braços. Ergui os olhos para Finn e os nossos olhares se encontraram. Ele continuou a me segurar mesmo depois que eu já tinha conseguido me equilibrar.

— Nunca andei de barco antes — admiti.

Ele ergueu as sobrancelhas como se eu tivesse acabado de dizer que nunca tinha comido ou respirado.

Finn me ajudou a sentar no banco, olhando para frente, e desamarrou o barco, encostando em um poste em forma de T perto do motor para que ele pudesse controlar o barco com uma alavanca.

— E sobre o Sterling? — insistiu ele.

Finn era uma criatura complicada. Nem todas as suas reações eram boas ou ruins. Ele não era simplesmente curto e seco. Mas eu me senti tentada a fugir de suas perguntas um pouco mais. Uma pequena parte de mim gostava do olhar atormentado naquele rosto perfeito.

De qualquer maneira, aquela cara emburrada me dizia que era melhor eu não abusar da sorte.

— Ele está sempre no bar. Gosta bastante de falar.

— Tem coisas que não mudam nunca — comentou, sem parecer dar muita importância.

— Ele é um cara BEM legal. — Fiz questão de que notasse a ênfase.

— Ele não é tão legal quanto parece — argumentou Finn, levando-nos para longe dali.

— Por que você está dizendo isso?

— Confie em mim — respondeu. — Fique bem longe dele.

— Confiar em você? Como é que posso confiar em você se não me conta nada? — questionei, jogando as mãos para o ar. — E não venha você querendo me dizer o que é que eu tenho que fazer. Não vou mais deixar que ninguém faça isso. Nunca mais.

— Você realmente nunca esteve em um barco antes? — perguntou Finn, mudando de assunto.

— Nunca. Tem muita coisa que eu nunca fiz antes — respondi, olhando em volta encantada com a água que nos cercava. — Eu nunca morei sozinha em uma casa de verdade. Nunca vi um filme em um cinema de verdade. Nunca fiz um jantar para alguém que não fossem os meus pais, a não ser que você leve em conta ajudar outras mulheres da igreja a fazer tortas para serem vendidas no mercado local. Nunca fui a uma biblioteca e me sentei para ler um livro da minha escolha sem que eu precisasse de alerta, proibição ou aprovação. Talvez eu faça isso e leia um romance com cenas quentes ou... ou Harry Potter! Eu sempre quis ler esse livro. Talvez até trabalhe em uma biblioteca algum dia. Assim vou poder ler o dia inteiro.

As árvores ao nosso redor foram ficando mais grossas, até que estávamos de baixo de uma cobertura de folhagens com poucos vestígios dos raios de sol espiando por entre a vegetação, fazendo cada espaço aberto parecer uma estrela que brilhava.

— Antes de vir para cá, eu nunca nem tinha saído do estado. Tem tantas outras coisas que eu ainda nem sei que existem... — admiti. — Mas eu vou descobrir... E vou fazer tudo que tiver para ser feito.

— O Critter's é o seu primeiro emprego? — perguntou Finn.

— É sim — respondi com alegria.

— Eu fui o seu primeiro beijo?

O meu coração já estava batendo freneticamente, mas, diante daquela pergunta, parou completamente. Fingi estar muito interessada em um par de pássaros grandes e cinza que secavam as asas na margem enquanto eu tentava me lembrar de como se respirava.

— Foi.

Ouvi Finn fazer um barulho que parecia um sibilo seguido de um gemido, mas não consegui olhar no rosto dele.

Os pássaros da margem escolheram aquele momento para mergulhar na água e, por sorte, aquilo foi uma picareta de gelo afiada o suficiente para criar um buraco na tensão que tinha se formado entre nós.

Finn ficou em silêncio por um instante.

— Pelo que você está falando, essa sua família conservadora era um tipo de seita que a escondia do mundo moderno.

— Era e não era ao mesmo tempo — respondi, enquanto uma cobra deslizava em forma de S na frente do barco. Eu a vi

nadar o caminho todo até o outro lado do rio antes de desaparecer por entre os bambus. — A gente não morava em um complexo ou coisa do tipo. Na verdade, morávamos em um daqueles conjuntos habitacionais onde todas as casas são iguais. Muitos tipos diferentes de pessoas viviam lá, não apenas membros da igreja. Mas as mulheres não podiam sair em público sem que algum homem da família as acompanhasse. A gente tinha uma televisão no porão, mas só alguns canais funcionavam. Eu costumava descer até lá em segredo no meio da noite para assistir reprises de um programa chamado M.A.S.H. com o som desligado.

— M.A.S.H. — repetiu. — Uma boa escolha.

Fiquei vermelha.

— De um modo geral, crescer do jeito que eu cresci foi bem chato. Mas quando fiquei mais velha e o meu pai.... Digamos que eu preferia continuar com o tédio a ter de enfrentar aquela nova opção — falei, preferindo não remexer um passado que queria manter enterrado no fundo das águas pantanosas do meu cérebro. — E agora estou aqui — acrescentei. — É isso que importa.

— Sim, você está — concordou Finn, e eu não entendi se ele queria dizer que aquilo era algo bom ou ruim.

Ri, de um jeito nervoso.

— E sabe o que é mais louco nisso tudo? Eu nunca nem tinha pensado em sair dali. Sei que parece estúpido, mas essa nunca tinha sido uma opção. Eu não seria capaz de deixar a minha mãe, e sabia que ela nunca deixaria o meu pai, então, até a minha mãe morrer, nunca tinha me ocorrido que eu deveria ir embora. No

fim, ela acabou sugerindo que eu fizesse isso em uma carta.

— Onde está o seu pai agora?

Balancei a cabeça e um sapo coaxou bem alto perto de nós.

— Não sei ao certo. A igreja viaja durante o verão. Eles fazem uma grande excursão carregando tendas e tudo mais e viajam para disseminar a palavra de Deus em pequenas cidades por todo o sudeste. Ele estava planejando acompanhar dessa vez como assistente do reverendo. Ele pode estar em qualquer lugar.

Finn conduziu o barco por entre uma vegetação tão densa que tive certeza que bateríamos, mas não batemos, e ele nos fez deslizar com admirável precisão, como se já tivesse feito aquilo um milhão de vezes e conhecesse a localização de cada cepo e de cada árvore do pântano.

— Aí então eu peguei o trailer e a caminhonete que a minha mãe tinha deixado para mim... — continuei — e fui embora em busca de uma vida que fosse real e que fosse minha. Onde ninguém me diria o que fazer e com que eu deveria ou não ter amizade.

Uma eternidade de silêncio se estendeu entre nós dois.

Estava escrito CANAL DE BASIN em letra bastão em uma placa na margem com uma seta apontando na direção que seguíamos.

Olhei para Finn, cujos olhos cintilavam sob a luz do sol. Ele estava olhando para mim, mas havia algo a mais naquele olhar. Era como se ele estivesse finalmente me vendo. Por completo.

— E você encontrou? — perguntou ele.

— Encontrei o quê?

— Uma vida real e sua. Aquilo que você achou que encontraria aqui.

O descontrole do meu coração tomava conta de mim. As minhas mãos começaram a suar.

— Ainda é cedo para dizer — respondi, por fim.

Lentamente começamos a nos distrair e, em determinado ponto, tive que me abaixar para não esbarrar em uma cortina de musgo no mesmo instante em que estávamos prestes a passar por debaixo dela. O outro lado da cortina parecia completamente diferente. O rio no centro só tinha espaço para dois barcos passarem um pelo outro ao mesmo tempo. Havia um vapor que subia da água criando uma névoa em volta de todo o barco.

Era lindo.

— Isso não tem nada a ver com o que eu imaginava de um pântano. Tem cheiro de chuva e... — Inspirei profundamente. — De... grama cortada.

— Provavelmente porque todo filme que acontece em um pântano é um filme de terror. — Finn percebeu quase que de imediato o seu erro, mas prosseguiu sem se desculpar. Por outro lado, também, não me fez parecer menor. — Aqui fora a água circula muito melhor do que lá em cima perto da casa — explicou. — Lá em cima, todos os restos de plantas e animais mortos afundam na lama. É por isso que a gente sente aquele cheiro de ovo podre. Geralmente fica pior depois de uma tempestade, mas é tudo parte

da natureza. É uma maneira de dar um rumo certo às coisas e de manter tudo em movimento.

Passamos por baixo de outra cortina de musgo. Ele se sentou atrás de mim e abaixou a alavanca do motor. Teve que abrir as pernas para que a sua estrutura larga coubesse no banco e seus joelhos ficaram um de cada lado do meu corpo, de modo que suas coxas cobertas com jeans me tocavam toda vez que ele se mexia.

— Eu adoro todo esse musgo espanhol — comentei, olhando ao redor. Era difícil encontrar um galho que não estivesse coberto com aquele tipo de musgo.

— Na verdade, não é musgo. Também não é espanhol.

Ele inclinou o corpo para frente de modo que seu queixo ficou pairando por cima do meu ombro. A base da minha espinha formigou com a proximidade. Ele apontou para uma árvore tão coberta de musgo que não dava para ver vestígio algum do tronco.

Engoli com dificuldade.

— Ah, não?

Ele se afastou outra vez.

— Na verdade, tem um parentesco mais próximo de um abacaxi do que dos musgos.

— Então por que é que o chamam de musgo espanhol se não é espanhol e não é musgo? — perguntei.

— Provavelmente porque a lógica do sul é um pouco diferente da maioria — respondeu, olhando para as minhas pernas. O short tinha subido com os meus movimentos, expondo assim as minhas coxas.

Virei-me para que ele não visse que meu rosto estava vermelho.

— Essa é uma coisa que estou aprendendo.

Finn virou o barco para a direita para desviar de um Joelho enorme de cipreste que espetava para fora da água no meio do rio.

— O musgo fazia os franceses que vieram para cá cerca de duzentos anos atrás se lembrarem dos conquistadores espanhóis e de suas barbas compridas, aí então eles começaram a chamá-lo de barba espanhola, o que, de alguma maneira, ao longo do tempo, acabou virando musgo espanhol.

— Você conhece bastante coisa a respeito do pântano.

— Deveria. Eu cresci aqui. Além do mais, história era a única matéria do ensino médio que não me deixava com tédio, então eu pegava uma coisa ou outra.

— Eu não sou muito fã do passado — comentei.

Quando olhei para trás discretamente, notei que Finn estava com o olhar perdido na margem.

— Eu conheço bem o que vivi. O suficiente para saber que jamais vou querer aquilo outra vez.

Quando me virei para trás, o olhar de Finn já tinha voltado para mim. Mas foi aí então que alguma coisa na margem chamou a minha atenção no canto dos olhos.

— O que é aquilo? — perguntei, sentindo-me grata pela distração.

— É um jacaré — respondeu. — Durante os dias mais quentes, eles costumam fazer um tipo de ninho na beira da água

para colocarem os ovos. Você está vendo aqueles juncos? Aqueles verdes ali, com aquelas coisas que parecem vitórias-régias na ponta?

— Uhum. — Olhei adiante para onde ele estava apontando.

— Não tem muita coisa que os esmaga só de passar por eles. Se você vê alguns desses juncos curvados todos em uma única direção, provavelmente existem jacarés por perto. Existe também outro sinal de que eles estão por perto. O mais importante a ser lembrado.

— Qual?

— A porra do pântano — disse ele. — É claro que existem jacarés por aqui.

— Então ele sabe fazer piada — falei, com sarcasmo.

Quando passávamos pelos fundos de uma casa branca enorme, eu gritei:

— Pare! — Finn diminuiu a velocidade do barco. — É ela! — exclamei, enquanto passávamos flutuando por ela. — Foi essa a primeira casa que eu vi quando cheguei na cidade. Ela não é incrível? Ela é um tipo de versão muito maior daquela pré-fabricada que vimos no ferro-velho. Você sabe quem mora ali? — perguntei.

— Ninguém que valha a pena mencionar — respondeu, resmungando, e eu o ignorei.

— Ela é quase bonita de um jeito realmente bagunçado. É quase como se ela não percebesse a beleza que tem — lamentei, admirando tudo o que via ao meu redor, e me virei novamente para

Finn. O calor de seu olhar se fixou firmemente nos meus olhos. Mordi o meu lábio e o meu coração começou a acelerar quando o seu olhar seguiu dos meus olhos para o meu pescoço e desceu pela minha camiseta, e os meus mamilos começaram a formigar quando ele parou ali na frente.

— Não, não acho que ela perceba — comentou, com um sorriso no rosto que fez a minha pélvis tensionar e a minha pele esquentar.

Uma sombra cruzou por cima do barco e o meio sorriso de Finn desapareceu. Seu olhar se ergueu acima da minha cabeça e ele diminuiu ainda mais a nossa velocidade. Havíamos chegado ao parque aquático abandonado.

— Uau! — Movi os lábios sem emitir som algum enquanto passávamos por debaixo de três tobogãs enormes entrelaçados.

— Vocês realmente conseguem chegar a qualquer lugar pela água.

Em terra firme, havia palmeiras altas dispostas de maneira artística em volta de piscinas vazias. Aquela era uma paisagem realmente abandonada. Havia folhagens das palmeiras caídas por todo lado e o mato havia tomado conta do solo abaixo delas, cobrindo cerca de um metro dos troncos. Alguns vestiários pequenos e alguns armários caídos podiam ser vistos. Faltavam algumas letras na placa, mas tenho certeza de que *L H NE E* em algum momento havia sido *LANCHONETE*.

Aquele lugar era um parque aquático que mais parecia uma cidade fantasma. Quando o vento soprava pelo túnel do

escorregador era como se eu pudesse ouvir os ecos das risadas das crianças que nunca tiveram a chance de escorregar naqueles tobogãs entrelaçados e dos choros dos mais jovens na Lanchonete que teriam deixado o sorvete cair no instante em que suas mães o tivessem entregado.

— É tão triste. Foi feito para trazer felicidade e agora é só uma lembrança do que esse lugar nunca vai ser — pensei em voz alta.

Finn continuou em silêncio.

— Então eu posso concluir que você não gosta do Sterling? — perguntei, na tentativa de fazê-lo usar palavras outra vez.

A expressão de Finn continuou indecifrável. Seus lábios eram uma linha reta. Seu ombro, um quadrado.

— Ele era seu amigo? Assim como Miller e Josh?

— Jamais! — respondeu ele, imediatamente.

A minha frustração aumentava cada vez mais. Eu tinha acabado de compartilhar tanta coisa com ele e em poucos segundos ele tinha feito com que eu me calasse por completo. Foi justamente por isso que eu fiz uma pergunta que eu sabia que não deveria ter feito, e apertei um botão que sabia que não deveria ter apertado.

— Finn, por que você não é mais amigo da Josh e do Miller?

— Melhor deixar isso para lá. — Ele rangeu os dentes acelerando o barco, e motor fez um barulho tão alto que pôs um fim efetivo na conversa. Quando chegamos ao Critter's, Finn não se

deu ao trabalho de amarrar o barco. Ele me ergueu e me colocou na margem.

— Você disse para eu confiar em você, mas eu não posso confiar se não me conta nada — argumentei, tentando fazer com que ele se abrisse uma última vez.

— Pois então não confie — rosnou, antes de se afastar da doca, mas acrescentou: — Vou deixar a porta destrancada.

Ele se afastou rapidamente, passando por debaixo de uma cortina de musgo. O zunido agudo do pequeno motor era tudo que restava de sua presença.

— Não — sussurrei, esfregando a pele dos meus braços como se um vento frio repentino tivesse soprado no ar denso e úmido.

Mesmo quando não estava bêbado, o meu pai não era a pessoa mais feliz do mundo. A bebida para ele era um combustível extra para um fogo que já existia. Ela ajudava a transformar a irritação que ele sentia na fúria extrema que o deixava violento. Foi por essa razão que eu passei a vê-lo como um monstro e não mais como um pai.

Mas com o meu pai era como se fosse um tipo previsível de insanidade.

A raiva de Finn, por outro lado, não vinha com a cortesia de um aviso em forma de garrafa. Ele não precisava da ajuda do álcool apertando um botão que soltava os seus demônios. Na verdade, eu tinha uma sensação de que eram os demônios de Finn que de alguma maneira apertavam algum botão nele.

Ele tinha passado, e ainda estava passando, por alguma coisa muito ruim. Algo muito pior do que eu tinha imaginado.

Eu tinha que manter distância. Não podia me permitir ser enganada pelo seu beijo ou convencida de que ele era uma boa pessoa para ter na minha vida pelo simples fato de eu gostar do que sentia quando estava em seus braços.

Eu sabia a verdade.

A única coisa mais perigosa do que um monstro previsível... era outro imprevisível.

CAPÍTULO 27



SAWYER

— Onde estamos indo exatamente? — perguntei para Sterling, que estava me levando na direção oposta do apartamento de Josh. Ele pegou alguma coisa em uma caminhonete grande e preta que brilhava aparentando ser nova, e que estava estacionada do lado da estrada, e apertou o botão do alarme, fazendo os faróis piscarem quando o som agudo indicou que o veículo estava trancado.

— Se você tem uma caminhonete, por que vamos andar? — perguntei.

— Eu tenho uma surpresa para você — respondeu Sterling, em tom de mistério.

— E o que é?

— Você sabe como as surpresas funcionam, não sabe? — brincou. — Nunca ninguém te fez uma surpresa?

— Não — admiti. — Não com frequência... — E não de um

jeito bom.

— Bom, vou ser o primeiro então. Do jeito que eu gosto — falou ele, de maneira sugestiva, balançando as sobrancelhas para mim. — Desculpe. Eu só estava brincando — tranquilizou-me, ao perceber o meu desconforto com o comentário.

Mudei o livro de um braço para o outro, e Sterling mudou de assunto, arrancando o livro da minha mão.

— O que você está lendo? — perguntou, segurando o livro no alto para conseguir ler o título com a luz do luar. — *As Aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Finn*? Não é o meu favorito, mas na época da escola a gente tinha que ler esse livro quase todo ano para as aulas de literatura. Devo ter lido umas mil vezes.

Ele o devolveu para mim.

— E você?

— Essa vai ser a minha primeira vez.

— E aí, o que é que está rolando entre você e o Finn? — perguntou Sterling. — Ele pareceu um tanto... protetor em relação a você no ferro-velho.

— Ele era meu vizinho antes de a tempestade destruir o meu trailer. Foi ele que me tirou de lá — expliquei.

E ele, aliás, colocou a língua dentro da minha boca e a gente já se viu sem roupa.

— Sério? Isso é... interessante.

Ele começou a assobiar quando chegamos à clareira onde ficavam as árvores atrás das quais estava a bagunça amassada na qual o meu trailer havia se transformado. Era lá também, à margem

do pântano, que estava a casa de Finn.

Parei de repente.

— Por que estamos aqui?

Ele piscou.

— Você vai ver. Vamos lá, é parte da surpresa.

Não me mexi.

— Vamos lá, eu juro que você vai gostar — insistiu Sterling, pegando-me pela mão e arrastando-me pela clareira. Parei de novo, mas dessa vez porque não conseguia acreditar no que estava vendo.

O meu trailer estava em pé. Ainda retorcido, mas em pé. Mas era o que estava do lado do trailer que tinha me deixado sem fala.

Era a casa do ferro velho. A única diferença era que ela não estava mais dividida ao meio. Estava inteira. E não era só isso, ela estava cercada com um deck de madeira amarelo claro que tinha sido construído em volta dela.

— E você também tem um poço agora — falou Sterling, com orgulho, apontando para uma tubulação branca saliente no quintal ao lado da casa. — Ou seja, agora você tem água corrente. Um campo de dreno também para não ter que se preocupar quando for usar a descarga. Tudo tem um lugar para ir agora.

— É minha? — perguntei, com um sussurro, seguindo lentamente na direção dos degraus que levavam ao deck lindo e novo. Tinha cheiro de madeira recém-cortada e de tinta.

— É toda sua — confirmou Sterling. — Pegue aí.

Ele jogou para mim uma coisa que estava no seu bolso, eu achei que era a mesma coisa que ele tinha pegado na caminhonete antes de sairmos. Peguei. Era uma única chave de metal em um chaveiro com o meu nome.

— Quem? Como? — perguntei, virando-me para Sterling. Eu não tinha notado que ele estava parado logo atrás de mim, e acabei dando uma trombada no seu peito. Ele esticou o braço, segurando-me pelos ombros e ajudando-me a recuperar o equilíbrio.

— Devagar aí, minha linda — disse, com um sorriso malicioso. — Eu poderia contar quem foi que fez isso tudo para você, mas estaria quebrando o meu acordo de sigilo com um empreendedor muito reservado que tem uma tendência a fazer esse tipo de coisa pelos cidadãos dessa cidade.

— É a mesma pessoa que ajudou os pais da Josh? — perguntei, curiosa, ainda sem acreditar que estava segurando a chave da minha casa no meu terreno.

— O próprio.

— Você sabe quem ele é? — perguntei. — Eu preciso saber quem é a pessoa a quem eu tenho que agradecer.

Sterling colocou as mãos no bolso e balançou para trás, apoiado nos calcanhares. Ele fez um gesto como se estivesse fechando um zíper em sua boca, trancando-o e jogando a chave fora.

Foi aí então que caiu a ficha. Havia apenas duas pessoas que sabiam como eu adorava aquela casa. Sterling e Finn. E como Sterling era a pessoa que tinha dado a chave para mim...

— Foi você.

Sterling riu e colocou o dedo sobre os lábios, simulando um “psiu”.

— Não posso dizer. — Ele piscou outra vez. — Agora vai lá dar uma olhada!

Eu me virei e subi correndo os degraus, ouvindo o som dos passos do Sterling logo atrás de mim.

— Qual é o valor mensal? — perguntei, lembrando que Josh tinha dito que seus pais tinham conseguido alugar de um investidor a casa que era deles e que tinha sido comprada por um preço baixo.

— Isso não é um empréstimo. Ela não é propriedade de outra pessoa. Ela foi comprada no seu nome. A casa é sua. Livre de qualquer compromisso.

— Eu tenho uma casa! — berrei. — Eu tenho uma casa!!

Sterling de repente estava do meu lado, levantando-me no ar e fazendo-me girar.

— Agora abra a porta — disse, no meu ouvido.

Fugi dos braços dele e coloquei a chave na fechadura.

— Como isso tudo foi feito em tão poucos dias? — perguntei.

— Você ficaria surpresa se soubesse quantos pedreiros competentes e sem trabalho ainda moram em Outskirts.

Quando virei a chave e abri a porta, Sterling esticou o braço para acender a luz. Os armários tinham sido consertados e agora não estavam mais descascando. O chão de tábua agora era

um piso de madeira cinza. Tudo estava limpo, e eletrodomésticos brancos de aparência nova tinham sido instalados, inclusive uma máquina de lavar e uma secadora na lavanderia.

Um pequeno sofá amarelo, uma mesa redonda para quatro pessoas e uma cama box com colchão também estavam na casa.

Eu tinha um lar.

— Gostou? — perguntou Sterling da cozinha, onde estava apoiado no balcão com as pernas cruzadas nos tornozelos.

— Adorei. Diga para a pessoa que fez isso tudo por mim que eu agradeço. Eu agradeço muito, muito.

— Pode deixar — falou ele. — Mas confie em mim, só de saber que você está feliz, agradecida, ele já fica feliz.

— Obrigada — falei, empolgada com a minha casa, mas a minha boca começou a ficar seca diante da insinuação repentina do Sterling.

— Eu vou deixar você curtindo a sua casa nova — declarou, apertando os meus ombros. — Divirta-se, Sawyer. Vejo você em breve.

— Sterling? — eu o chamei e ele virou para trás. — Obrigada — agradei outra vez.

Ele sorriu e curvou o corpo em uma profunda reverência antes de sair pela porta com um sorriso no rosto.

Depois que Sterling se foi, meus ombros caíram. Eu tinha sido tão estúpida de pensar que ele estava lá por qualquer outra razão que não fosse ter certeza de que ia gostar do presente. Eu me senti culpada na mesma hora por ter pensado qualquer coisa ruim

dele ou de suas intenções.

Afastei aqueles pensamentos, corri para o meu novo quarto e pulei na cama. Dei um grito de alegria, afundando o rosto no colchão para abafar o som, e bati nele com os punhos, empolgada. Aí então eu me sentei e respirei fundo.

— Eu tenho uma casa.

Levantei e fui até a cozinha. Olhei pela janela na direção da choupana. As cortinas se moveram, mas eu não queria pensar em Finn e nem na confusão que ele me fazia sentir. Eu queria curtir o momento. Então, afastei aqueles pensamentos, me concentrei no ânimo que borbulhava dentro de mim e aproveitei.

Corri de volta para o quarto e me joguei de costas no colchão. Rindo comigo mesma e sentindo um tipo de alegria que eu nunca tinha sentido. Um tipo de alegria que eu nem sabia que existia.

Eu tinha um *lar*.

CAPÍTULO 28



SAWYER

Eu estava dormindo pesado quando alguém bateu na porta. Eu não via o meu vizinho sombrio desde quando ele tinha me deixado depois do nosso passeio pelo pântano mais de uma semana atrás, ainda assim, por alguma razão, imaginei que era ele do outro lado da porta.

Mas não era.

Era Sterling.

Ele estava em pé no deque, virando uma garrafa de água.

Tinha alguma coisa errada.

Seus olhos não pareciam focados. O cabelo, normalmente muito bem penteado, estava bagunçado, e sua camisa estava para fora da calça.

— Sterling, você está bem? — perguntei.

— Estou ótimo — balbuciou, e empurrou-me para passar. Um pouco do que ele estava bebendo espirrou em mim e eu logo

percebi que aquilo não era água.

Era vodca.

E ele não estava bem.

Estava bêbado.

Um alarme disparou na minha cabeça. Olhei na direção da casa de Finn e fiquei perto da porta com ela aberta.

— Ela é bonita — falou Sterling, movendo-se de tal maneira, que não tive escolha a não ser ficar em pé na frente da cama com os meus joelhos encostados no colchão para evitar o contato com ele. — Assim como você.

Ele inclinou o corpo para frente e eu pude sentir o cheiro da bebida que exalava dele. Sentei-me na beira da cama para tentar manter certa distância entre nós.

— É melhor você ir embora — avisei, sentindo-me desconfortável no espaço apertado e com um nó na garganta. — Você está bêbado. Eu estava dormindo.

— Mas eu ainda não terminei o meu tour — balbuciou Sterling, debruçando-se sobre mim. — Você não vai me agradecer pela casa?

— Obrigada pela casa. Agora vá embora, por favor.

— Não é bem esse o tipo de agradecimento que eu quero — declarou ele, sem emoção alguma na voz.

Ele atravessou o quarto e me pegou pelo braço, puxando-me da porta e empurrando-a com tudo para fechá-la.

Minha cabeça começou a girar. Meu coração acelerou. Lembranças do meu pai me olhando do jeito que o Sterling estava

invadiram a minha mente.

Ele me encurralou e eu o empurrei, virando a cabeça para o lado quando se inclinou na minha direção. Eu sentia o odor daquele corpo mascarado com colônia barata.

— Saia — ordenei outra vez. — Saia daqui agora!

Sterling deu risada e apertou aqueles lábios finos e frios na minha bochecha.

Bile subiu na minha garganta.

Sua mão passou por cima da minha camiseta e apertou o meu peito com força, me machucando enquanto eu tentava fugir da prisão de seu corpo.

Gritei o mais alto que pude e chutei com toda a força que consegui juntar. Atingi a virilha do Sterling e ele gemeu, deixando todo o seu peso cair em cima do meu peito. Então ele caiu no chão e me levou junto, fazendo-me cair com tudo em cima dele. Eu tinha certeza de que ia acabar desmaiando porque não conseguia respirar direito.

— Você vai pagar por isso — gemeu, cobrindo a minha boca com uma das mãos e preparando o punho. O rosto do Sterling havia se transformado.

Ele era outra pessoa.

Era como se ele tivesse se transformado em alguém de quem eu não conseguia fugir por mais que tentasse. Nem nos meus sonhos, nem nos meus pesadelos.

Mas aquele caso não era nem um, nem outro.

Aquilo era bem real.

— O que foi que eu te disse, pai? — perguntei, virando a cabeça.

— O quê? Do que é que você está falando, sua menina idiota?

— Eu disse nunca mais. Você vai se arrepender — falei e então comecei a rir. Bem alto.

— Por que diabos você está rindo? Eu vou te dar um motivo para rir!

A porta abriu com um estrondo, batendo com tudo na parede.

Ele arregalou os olhos quando virou e viu o corpo enorme de Finn em pé na entrada do quarto.

— Justamente por isso — sussurrei, quando Finn foi para cima do meu pai, que se transformou outra vez no Sterling no instante em que foi agarrado.

— Tira as suas mãos de mim — rosnou Sterling, quando Finn o jogou no deque, fazendo-o cair de lado. Ele girou o corpo e agarrou o braço.

— Você está trepando com ela, não está? — perguntou Sterling, com uma risada de louco. — Já era de se esperar.

Os olhos de Finn estavam mais escuros do que nunca. Seus dedos flexionavam e seu peito movia agitado enquanto ele olhava com ódio para Sterling, que estava no chão, limpando o sangue do canto da boca.

— Então é aqui que você tem se escondido — falou, com uma risada esnobe. — É por causa DELE que você não quer trepar

comigo? — perguntou.

Finn olhou para mim, que estava parada na entrada da casa, e então olhou outra vez para o Sterling, que estava tentando se levantar.

— Que bom que eu soube disso antes das coisas irem longe demais — grunhiu ele na direção de Finn. — A última coisa que eu quero é ficar com as sobras do famoso Finn Hollis... de novo.

Finn fechou os punhos e eu corri para colocar a minha mão na dele. Ele virou para mim e olhou para a minha mão em seu braço.

— Você está bem?

— Estou. Ele não me machucou.

Finn balançou a cabeça de maneira firme e então desceu do deque com um pulo, agarrando Sterling pelo colarinho com uma única mão e agredindo-o com o outro punho fechado. Ele rugia como um animal, emitindo um som que eu podia sentir dentro de mim. Jorrou sangue do nariz do Sterling.

Ossos quebraram.

Finn o levantou no ar pela camisa e então o atirou de volta no chão.

— Agora dê o fora daqui! — gritou Finn, furioso.

— Ela é toda sua — falou Sterling, tropeçando e tossindo, jorrando sangue pelo nariz e pela boca. — Mesmo porque essa vadia tem sardas demais para o meu gosto.

Finn deu um único passo à frente e atravessou com um

soco a mandíbula do Sterling, que caiu de costas no chão com um gemido e um gorgolejo.

— Se alguma vez você tentar colocar as mãos nela de novo... Se alguma vez você tentar falar com ela... Você não vai sair daqui respirando como hoje. Eu vou amarrar você em uma árvore no pântano onde ninguém vai conseguir te ouvir gritar.

— Você vai me matar do mesmo jeito que matou a Jackie?
— provocou Sterling. — Ele contou sobre ela, Sawyer? Contou como matou a própria noiva? — Sterling rosnou enquanto provocava Finn, cujos olhos pareciam que iam saltar para fora do rosto. As veias de seu pescoço estavam todas à mostra. Sterling deu risada. — Pelo menos, eu pude experimentar antes.

Finn deu um último soco no rosto do Sterling, e seu corpo inteiro ficou imóvel. Não houve outro gorgolejo. Não houve outro gemido.

Finn ergueu o corpo, pegou o celular do bolso detrás da calça e o segurou próximo à orelha. Eu não conseguia entender as palavras que ele estava dizendo para a pessoa do outro lado. Eu só ouvia uma coisa alta nos meus ouvidos que soava como ondas no oceano. Um tipo molhado de estática.

Eu só notei que estava agachada atrás da lateral da casa quando Finn me abordou, guardando o celular.

— Você... você o matou? — perguntei, com a voz trêmula.

Eu me levantei e dei alguns passos para trás, afastando-me. A expressão de Finn, que instantes atrás era a de um assassino, era agora a de alguém que estava confuso.

Ele estendeu a mão para mim e eu fiquei com o olhar perdido no sangue em suas articulações. Quando ele percebeu para onde eu estava olhando, puxou a mão de volta, mas já era tarde demais.

Eu já estava correndo.

Fugi de Finn. Fugi de Sterling. Fugi do passado.

Eu estava correndo quando todo o peso de uma lembrança me atingiu como uma onda me puxando para baixo e me prendendo no fundo, abaixo da superfície.

Me afogando.



— *Dói quando ele te bate, mamãe? Parece que sim.*

— *Não. Não dói. Eu fujo para o meu lugar seguro. Ele não consegue me machucar quando eu estou lá. Ninguém consegue.*

— *E como é esse seu lugar seguro?*

— *É quente e ensolarado. Com pássaros e jacarés e todos os tipos de animais.*

— *Qual é o nome do seu lugar seguro, mamãe?*

— *Outskirts, mas esse é o nosso segredo. Você não pode contar para ninguém, nem para o seu pai.*

— *Não vou contar. Prometo.*

— *Ótimo.*

— *Ei, mamãe?*

— *Sim?*

— Outskirts é um nome bobo.

— Verdade. Você tem razão, querida. É um nome realmente bobo.

— Caroline! — chamou meu pai lá debaixo.

A minha mãe me deu um beijo na testa.

— Não vai — pedi.

— Não se preocupe. Daqui a pouco acaba. Eu já disse, é só eu ir para o meu lugar feliz.

— Porque lá ele não consegue machucar você? Em Outskirts?

— Exatamente — respondeu minha mãe, levantando-se da minha cama. — Seu pai nunca consegue me machucar quando estou em Outskirts.

A tempestade caía. O trovão ressoava. Eu cobri a cabeça com a coberta, mas, por mais alto que fosse o trovão, ele não conseguia abafar o barulho de vidro quebrando.

As lamúrias.

As reivindicações furiosas.

O estalo do couro na pele.

As súplicas ineficazes que mais tarde eu perceberia que eram minhas.



— Sawyer! Sawyer! Say!

O meu corpo estava tremendo e eu piscava rapidamente

quando percebi que havia um homem deitado em cima de mim. Seu peito pesava sobre o meu corpo. Seus dedos estavam enterrados na minha pele. Olhei ao redor para o lugar densamente arborizado à minha volta e então olhei de novo para o homem.

Na minha cabeça, eu vi Sterling. Vi meu pai.

Entrei em pânico.

Eu me debati.

Eu gritei.

— Saia de cima de mim! — Comecei a chutar e agitar os braços. — Eu não vou mais deixar você me machucar. Não vou deixar ninguém me machucar!

A mão grande e forte de alguém agarrou os meus punhos.

— Sawyer, sou eu! Finn. Eu não vou machucar você. — Sua voz falhou. — Eu jamais machucaria você.

Abri os olhos devagar e, quando eles finalmente recuperaram o foco, o rosto de Finn surgiu acima do meu. Mas o pânico ainda estava lá, logo abaixo da superfície, como uma panela fervente com uma tampa frágil.

— Finn — disse eu, simplesmente. — Deixe-me levantar.

Ele ficou me olhando com curiosidade enquanto saía de cima de mim.

— Ele não está mais aqui. Você está bem? Ele machucou você?

Ele inclinou o corpo, aproximando-se para passar a mão no meu rosto, mas eu me afastei antes que pudesse me tocar.

Quando tentou me ajudar a levantar, eu recuei.

— Eu consigo — falei, com raiva.

Finn deu um passo para trás, dando-me espaço para me levantar.

Tropecei e perdi o equilíbrio. Finn me segurou e novamente eu me debati para fugir dele, só que, dessa vez, em vez de dar um passo para trás, ele me segurou com mais força, virando o meu corpo e me olhando nos olhos.

— Eu não sou ele — insistiu Finn, com calma e firmeza.

— Eu sei que você não é o Sterling — constatei, esquivando-me, e ele enterrou os dedos nos meus braços.

— Não. Eu não estou falando do Sterling. Você sabe de quem eu estou falando. Eu não sou ele.

Fechei os olhos.

— Não importa. Está acabado.

Eu queria fugir. De Finn, das lembranças. Eu precisava ficar sozinha. Para pensar.

— Não sei em que lugar do passado você foi parar, mas sei que não estava aqui. — Ele me abraçou forte. — Eu não sou ele — afirmou, mais alto dessa vez, como se estivesse tentando empurrar aquelas palavras para dentro da minha alma.

— Só me deixe sair daqui! — pedi. — Por favor! — Eu não queria encarar aquilo.

Nada daquilo.

— Sawyer, fale. Fale para mim. Olhe para mim e fale! — gritou ele.

Querendo conseguir o que quer que fosse que ele estava

tentando ao me fazer repetir aquilo, eu abri os olhos, encarei Finn e gritei:

— Você nãããããão é ele!

Depois de alguns segundos encarando um ao outro, senti que aquelas palavras começavam a penetrar em mim.

— Você não é ele — sussurrei, sentindo a luta dentro de mim perder a força e cessar.

Caí nos braços de Finn, e dessa vez não tentei fugir. Eu estava exausta. Esgotada.

— Você está machucada? — perguntou, com os lábios encostados no meu cabelo.

— Não — respondi, sentindo os dentes baterem.

Finn se afastou para me olhar, mantendo as mãos com suavidade sobre os meus braços.

— Para onde você foi?

Respirei fundo.

— Para casa. Eu fui para casa — respondi, sentindo-me confusa e abalada. O meu coração ainda estava acelerado e a minha cabeça latejava.

Ele ergueu a mão para acariciar alguns fios de cabelo que estavam no meu rosto, mas parou quando viu suas articulações. Ele arregalou os olhos e abaixou a mão.

— Está tudo bem agora — falei, tranquilizando-o. Peguei a mão dele e soprei suas articulações feridas.

— Sinto muito ter assustado você — falou, baixinho.

— Eu também.

Finn se curvou e me levantou do chão com um braço atrás dos meus joelhos e o outro apoiando o meu pescoço. Ele me segurou contra o seu peito e me carregou para fora da mata, levando-me de volta para a clareira.

— Quando abri a sua porta com um chute... Você estava rindo. Por quê?

— Porque eu sabia que você viria — respondi, enquanto ouvia e sentia as batidas do coração de Finn acelerarem contra a minha têmpora. — Eu sabia que você me salvaria.

— Sabia? — perguntou, apesar de sua voz estar falhando. Eu balancei a cabeça e fechei os olhos.

— Sabia. Ele não tinha como me machucar. Eu estou no meu lugar seguro.

— O seu lugar seguro? — questionou, enquanto nos aproximávamos da minha casa.

— Outskirts. Ele não consegue me machucar quando estou em Outskirts. — Suspirei ao repetir as palavras da minha mãe. — Ninguém consegue.

CAPÍTULO 29



FINN

Ela sabia que eu viria.

— A minha mãe me disse quando eu era mais nova que ninguém era capaz de machucá-la quando ela estava em Outskirts. Era disso que eu estava me lembrando. Quando apaguei.

— Você perguntou ao Critter sobre ela? — indaguei.

— Perguntei sim. Eu descrevi como ela era e ele disse que não a conhecia.

— Deve ter havido algum mal-entendido. Não existe ninguém que tenha passado por esta cidade nos últimos cinquenta anos que Critter não tenha conhecido de algum jeito ou de outro. Talvez tenha algum registro dela em algum lugar na biblioteca. Era lá que guardavam as coisas da prefeitura antes de ela ser transferida para o quarto de hóspedes do prefeito. Eu vou perguntar para você.

— Vai mesmo? — perguntou Sawyer, animando-se.

— Vou sim. Mas você tem certeza de que está bem? — perguntei a ela. — Você está surpreendentemente calma depois do que acabou de acontecer. Isso está me deixando assustado.

Sawyer riu e descansou a cabeça no meu ombro.

— Tenho certeza. Dou a minha palavra.

Estávamos na minha varanda, sentados no velho balanço, ouvindo os insetos naquela noite tranquila.

— Eu odeio ver que você está tão acostumada a apanhar, que o fato de o Sterling ter tentado abusar de você não a afetou do jeito que deveria. — Senti outra onda de raiva crescer dentro de mim.

— Eu também. Mas não posso mudar o passado. Só posso mudar o futuro. E eu falei para você, Sterling não me machucou. — Sawyer olhou nos meus olhos. — Graças a você.

Eu queria ter a mesma confiança em mim que Sawyer tinha acabado de demonstrar. Eu também confiava nela.

Já estava na hora de mostrar isso a ela.

As minhas mãos tremiam quando eu puxei a foto da minha carteira e entreguei a ela.

— Essa é a Jackie, não é? — Sawyer se sentou e examinou a imagem.

Assenti.

— Ela é bonita.

— Era sim — concordei.

— Conte-me sobre ela — pediu Sawyer, sem nenhum indício de pena em seu olhar. Ergui suas pernas e coloquei no meu

colo.

Pensei por um instante.

— Bem, quando a gente se conheceu, éramos duas crianças magricelas. Ela tinha mais energia do que uma usina. Estava sempre tagarelando por todo lado e se metendo em alguma confusão. No começo, éramos só amigos. E sempre era muito divertido. — Eu ri ao lembrar. — Também nos metíamos em muita encrenca juntos. Principalmente com Josh e Miller.

Sawyer riu comigo, e o som da sua risada era como a melhor parte de uma música, do tipo que você sempre quer cantar junto mesmo quando não sabe nenhuma das outras palavras.

— Jackie era uma dessas pessoas que entra em um lugar e todas as cabeças se viram para olhar, e não só porque ela era bonita, o que sem dúvida ela era, mas porque tinha uma coisa que fazia com que as pessoas sentissem vontade de estar perto dela. Que ME fazia sentir vontade de estar perto dela.

— As pessoas orbitavam ao seu redor — acrescentou Sawyer.

— Exatamente, orbitavam ao redor dela. Eu gosto disso — concordei, puxando Sawyer mais para perto. — Quando começamos o ensino médio, viramos mais que amigos. Ela sempre teve dificuldade para dormir, então costumava entrar sorrateiramente pela janela do meu quarto de noite. Ela dizia que dormia melhor comigo, mas não acho que era verdade, porque quando eu acordava no meio da noite ela estava olhando para o teto, jogando no celular ou andando de um lado para outro no

quarto.

Soltei um suspiro e senti um nó na garganta.

— Eu deveria ter visto os sinais — continuei. — Nós tínhamos acabado de nos formar. Tínhamos planos para morar juntos. A gente se divertia muito, como dois adolescentes que faziam merda. As nossas festas de sexta à noite viraram festas de todas as noites. Quando sugeri que deveríamos diminuir um pouco o ritmo, ela me deixou.

Balancei a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar, e às vezes eu realmente não conseguia.

— Quatro anos juntos, caralho, e ela me deixou porque eu não queria mais ficar festejando como uma banda dos anos 80 em uma noite de terça-feira.

Olhei para onde as minhas mãos estavam apoiadas, no alto da coxa de Sawyer.

Ela sentou e colocou os braços em volta da minha cintura, descansando o rosto no meu peito nu.

— E o que aconteceu depois disso?

A luz do luar destacava as sardas no rosto dela. Sem conseguir me controlar, inclinei o corpo e deslizei os meus lábios sobre elas antes de me lembrar que ela tinha feito uma pergunta.

— Sterling aconteceu — contei. — Acho que para ele não era problema ela gostar de festa, já que de repente ela deixou de ser uma pessoa que bebia todo dia para virar uma pessoa viciada em oxycodona.

Sawyer olhou para mim, parecendo confusa.

— Analgésicos — esclareci. — Ela chegou a me pedir para conseguir para ela. Pediu para Miller também.

— E o que você fez?

— Sugeri que ela fosse para uma clínica de reabilitação — respondi, lembrando-me de como a Jackie ficou irritada quando toquei no assunto pela primeira vez. E pela segunda. E terceira. E todas as vezes depois disso.

— E ela foi? — perguntou Sawyer, parecendo tão esperançosa quanto eu no começo.

Dei um suspiro e abaixei a cabeça.

— Não. Ela não foi. Aí então eu apelei para a segunda melhor opção.

Sorri ao meu lembrar.

— Qual?

— Eu a tranquei na minha casa por uma semana — respondi, com orgulho.

— Não acredito! — Sawyer ficou surpresa.

— Tranquei. E faria tudo outra vez, mesmo porque, depois daquilo, ela ficou limpa. Pelo menos por um tempo. Aí, a gente voltou, foi morar junto, e eu a pedi em casamento. Ela disse sim.

A minha garganta começou a fechar e eu tossi, cobrindo a boca com a mão.

— Você não precisa continuar — disse Sawyer, quando percebeu a minha inquietação.

— Tudo bem — respondi. — É que eu não falo dela já há muito tempo. — Respirei fundo. — Ela comprou todas essas

revistas de noiva. Estava feliz, planejando o casamento. Nós dois estávamos. Acho que com toda a empolgação, acabei deixando de perceber os sinais. Ela voltou a ter dificuldade para dormir. Ficava acordada a noite inteira e, quando dormia, dormia o dia inteiro. Eu achava que era porque ela ficava esgotada de passar a noite inteira acordada. Achava que talvez ela estivesse com muita coisa na cabeça por conta do casamento.

Preparei-me para o que estava prestes a dizer. Sawyer percebeu a minha inquietação e se sentou, colocando os braços e as pernas em volta de mim.

— Uma noite eu acordei e ela não estava lá. Senti que tinha alguma coisa errada. Liguei para Josh e para Miller e saímos para procurar por ela. Fui eu que a encontrei. — Respirei fundo. — No parque aquático. No topo do maior tobogã.

— Ela... caiu? — perguntou Sawyer, hesitante, apertando as pernas em volta da minha cintura.

— Ela deixou um bilhete lá em cima. — A minha voz saiu rouca. Inalei o perfume doce de Sawyer, precisando trazê-la para dentro de mim, precisando senti-la um pouco mais para conseguir continuar. — Ela me esperou chegar, como se quisesse que eu a visse fazer aquilo. Ela queria que eu a visse... pular.



SAWYER

Finn me abraçou com força.

— E o que você fez? — perguntei, em um sussurro.

Eu estava com o coração partido por ele. Sentia a angústia de cada uma daquelas palavras como se a história que ele estava contando fosse a minha. Em alguns pontos, poderia ter sido. Em outros, não era DE MANEIRA ALGUMA semelhante. Eu não vi minha mãe pôr um fim na vida dela como ele tinha visto Jackie fazer. Eu não conseguia nem imaginar uma coisa como aquela.

Cada vez mais, eu entendia a reação de Finn diante das coisas. O jeito com que ele me tratava.

Eu estava começando a entender *Finn*.

Ele acariciou a parte detrás do meu cabelo.

— Ela pulou para trás do tobogã, para o lado onde o pântano corre. Corri e mergulhei na água onde ela tinha caído, mas não consegui encontrá-la. Miller e Josh também. Ficamos horas depois que já tinha escurecido vasculhando cada centímetro daquela água, muito depois que as equipes de busca e a polícia já tinham ido embora. Quando eles vieram me mostrar o bilhete de suicídio que tinham encontrado no topo do tobogã, não consegui acreditar logo de início. Mas pensando agora no comportamento que ela tinha, eu deveria ter acreditado. Os sinais estavam lá. Estavam lá muito antes daquele dia. Anos antes. Mesmo depois de tudo aquilo, eu ainda passei semanas no meu barco procurando por ela. Estava obcecado com aquela ideia de que ela poderia de alguma maneira estar viva no pântano, só que perdida.

Ele balançou a cabeça, que estava encostada em mim,

molhando a minha pele com as suas lágrimas.

— Jackie nasceu e cresceu aqui. Ela conhecia aquelas águas melhor que ninguém. Quando criança, passávamos todo o tempo que não estava na escola naquele pântano. Mas eu continuei procurando de qualquer maneira. Foi assim que consegui isso aqui.

Ele pegou o meu pulso e guiou os meus dedos gentilmente por cima da cicatriz branca e elevada acima de seu olho, que saía da sobrancelha e ia até o início do couro cabeludo.

— Eu estava seguindo pelo rio com tanta velocidade, e sem a ajuda de um farol, que acabei não vendo o galho baixo. Por sorte não era algo pior.

O muro que eu tinha erguido para mantê-lo longe de mim foi desmoronando e, conforme ele falava, uma ponte ia sendo construída, dando a ele acesso direto a tudo que eu tinha para oferecer.

— Por que Sterling tentou fazer com que parecesse que a morte dela tinha sido culpa sua? — perguntei.

— Ele me culpa, porque a convenci a ficar sóbria e porque ela terminou com ele para voltar para mim — explicou Finn. — Ele acha que se eu tivesse deixado Jackie fazer o que ela queria e não tivesse feito com que se sentisse culpada por conta de suas recaídas extremas, ela não teria se matado.

— Foi por isso que você veio para cá — concluí. Não era uma pergunta.

— Foi por isso que eu vim para cá — confirmou. — Tudo me fazia lembrar dela. Todas as pessoas. Eu só queria ficar sozinho,

então eu vim — explicou, buscando os meus olhos e envolvendo o meu rosto com a mão.

— E aí então você apareceu...

— Acabando com os seus planos de continuar sendo o ermitão rabugento que vive no pântano — terminei a frase para ele.

O sorriso de Finn estava tenso a princípio. Carregado de dor.

— Não, aí você apareceu. — Ele se abaixou e roçou seus lábios nos meus. Seu sorriso cresceu. A dor desapareceu. As linhas em seu rosto suavizaram. — Você me fez perceber que eu não quero mais ficar sozinho.

CAPÍTULO 30



SAWYER

— Ei, acorda — chamou Finn, balançando-me levemente. Eu me sentei e esfreguei os olhos.

Finn pegou a minha mão e me arrancou da cama.

— Vamos. Quero mostrar uma coisa para você.

Ele me puxou pela porta da frente. Apertei os olhos sob a luz do sol que surgia por cima das árvores.

— Tenho que me vestir — argumentei, sonolenta.

— Isso que você está vestindo está bom. Só calce uma bota.

Escovei os dentes e calcei as botas. Também precisei de um segundo para prender o cabelo de quem tinha acabado de acordar em um coque bagunçado no alto da cabeça.

No segundo em que abri a porta da frente, Finn subiu para me encontrar em cima do deque e se curvou, colocando-me em cima de seu ombro e carregando-me até o seu Bronco.

Finn ergueu o olhar para o céu daquela manhã.

— Tem tempestade vindo.

— Acho que você não deveria tentar a carreira de meteorologista — resmunguei, olhando para o mesmo céu e vendo apenas um azul limpo e livre de nuvens.

— Bem. — Finn me ergueu para dentro do Bronco, como se eu fosse leve como uma pluma. Prendi a respiração para não gemer quando senti os seus dedos enterrados na minha pele. — A brisa está ficando mais forte e, além disso, tenho uma obturação no dente de trás que dói quando o clima está prestes a mudar.

Ele abriu a boca e apontou para alguma coisa no fundo que eu não conseguia enxergar.

— Sério?

Talvez Finn tivesse um parafuso mais solto do que eu tinha imaginado.

— Na verdade não, mas tem outra maneira de saber. Só que é segredo, você não pode contar para ninguém — sussurrou, olhando ao redor para ter certeza de que não havia ninguém por perto que pudesse ouvi-lo.

— E qual é? — sussurrei em resposta.

Ele entortou o dedo e eu me inclinei sobre o console central. Ele esticou a mão e virou a minha cabeça para frente para cochichar na minha orelha. Mas ele não só cochichou na minha orelha, como também deslizou os lábios em volta dela. Sua voz desceu vibrando pelo meu pescoço, passou direto pelos meus mamilos e foi parar entre as minhas coxas, o que me fez mudar de

posição e cruzar as pernas antes mesmo que ele tivesse terminado a frase.

— O segredo é... — Sua língua acariciou o lóbulo da minha orelha e eu agradeci por estar olhando para frente, assim ele não me viu revirando os olhos. De repente, ele sumiu e o seu celular estava no meu colo. Ele ligou o carro. — Isso. — Apontou para o celular, que tinha a previsão do tempo para aquela noite em Outskirts mapeada por hora na tela.

— O seu segredo é que é o celular dá a previsão do tempo? — questionei, enquanto pegava o telefone.

— Sim, não conte para ninguém. Prefiro que as pessoas do norte, como você, continuem acreditando que é simplesmente a boa e velha mágica de um garoto do sul.

— Eu não sou do norte. Sou da Carolina do Norte — argumentei, e recostei no banco, cruzando os braços.

Ele abaixou o olhar e nem tentou esconder para onde estava olhando. Contorci-me no banco e puxei a minha blusa para baixo, o que não ajudou muito, já que o material elástico apenas subiu ainda mais nas minhas coxas.

— Por aqui isso faz de você uma ianque, praticamente — brincou, inclinando o corpo e apertando o meu joelho, o que também me fez apertar por dentro. Ele logo afastou a mão e eu olhei para fora da janela, fingindo estar admirando o cenário por onde passávamos para que eu pudesse ter um segundo para me recompor e esconder o meu rosto, que com certeza estava quente com vários tons de rosa e vermelho.

— Por aqui tudo é um pouco diferente da maioria dos lugares — consegui falar finalmente, apesar do coração acelerado.

— De um jeito bom ou ruim? — perguntou, mantendo os olhos na estrada.

Eu pensei por um instante enquanto uma colagem de todo mundo que eu conhecera desde que tinha chegado a Outskirts brincava na minha cabeça. Josh, Critter, Miller e finalmente Finn. Senti um frio na barriga e o meu coração acelerou. Mordi o lábio inferior.

— De um jeito definitivamente bom.

Finn piscou para mim e, quando chegamos à rodovia, ele parou o carro entre as duas pistas, não muito longe do local onde tinha quase me atropelado na minha primeira noite.

— Você está planejando me atropelar e terminar o serviço que ficou pela metade? — perguntei em tom de brincadeira.

— Não dessa vez. Mas quero mostrar uma coisa a você.

Ele saltou da caminhonete e veio até o meu lado para me ajudar a sair, carregando-me para frente e colocando-me no capô.

— Se viemos aqui para ficar vendo os carros passarem, você não poderia ter escolhido uma estrada pior — comentei.

Ele riu, e eu adorei o som daquela risada e como ela mexeu comigo por dentro de um jeito que fez com que tudo parecesse bem outra vez. Ele estendeu a mão e me levantou para que eu pudesse me sentar ao lado dele. A pele nua de seu bíceps ficou em contato com a minha. O calor de sua coxa atrás do jeans ficou pressionando a minha perna descoberta.

Eu inspirei fundo pelo nariz para acalmar o meu pulso acelerado.

— Por que exatamente estamos aqui?

— Essa rodovia é o ponto mais alto no condado. Eles a construíram para que toda a água escorresse para as valas na lateral da estrada. E, como esse é o terreno mais plano e sem árvores das redondezas, é o lugar perfeito para vermos a tempestade se aproximando.

Finn apontou para o alto mais adiante.

Olhei para cima lentamente e dei de cara com uma nuvem escura enorme vindo na nossa direção. O sol que ainda se erguia lançava tons furiosos de vermelho e laranja à sua volta. Nuvens cinza e finas balançavam embaixo dela como tentáculos. Eu gelei.

— Acho que não quero ficar aqui — declarei, pulando do capô.

Finn foi atrás de mim, colocou os braços em volta da minha cintura e me virou para que eu ficasse de frente com a tempestade que se aproximava. Ele me fez caminhar de volta para a frente do Bronco. Fechei os olhos com força e neguei com a cabeça.

— Para uma garota tão destemida em certos momentos, você é realmente medrosa quando o assunto é tempestade. Eu vou ajudá-la a resolver isso. Deixe-me ajudar.

As palavras de Finn acariciaram a minha pele, suavizando meus medos e acendendo um fogo dentro de mim.

— Para um cara que tem vivido como um ermitão por mais de dois anos, você com certeza é rápido para julgar — respondi.

— Ai, isso doeu. Bem aqui. — Ele deu um tapinha no meu peito, acima do meu coração.

— E o que faz você achar que eu sou destemida? — perguntei, ainda com os olhos fechados, tentando não soar tão trêmula quanto eu estava.

Ele hesitou por um instante.

— Porque você está aqui comigo nesse exato momento, não está? — respondeu Finn, e pressionou os lábios contra a lateral do meu pescoço. — Agora abra os olhos.

— Não vou superar o meu medo ficando aqui para ver o Terror Infinito vir na minha direção — declarei.

— Terror Infinito?

— Escolhi o nome de uma nave alienígena para me referir a essa tempestade — expliquei. Abri os olhos rapidamente e encontrei Finn me olhando de lado. — No Critter's, quando os jogos acabam no final da tarde, eles colocam as reprises de *Jornada nas estrelas* para passar — disse eu, fechando os olhos de novo.

Finn deu risada.

— Isso explica. Terror Infinito, eu gosto. Mas vamos lá, Say. Estarei com você o tempo todo. Vou protegê-la — prometeu, deslizando as pontas dos dedos nos meus braços e provocando um arrepio em todo o meu corpo.

— E se ela trazer... tornados? — perguntei, sussurrando a palavra tornado como se uma nuvem em forma de funil fosse me ouvir e sair com tudo do meio do mato com um machado por ter ouvido o seu nome ser mencionado. — Como da última vez?

— Vamos combinar uma coisa? Eu prometo que, se um tornado aparecer, eu vou me atirar na frente dele e lutar até a morte enquanto você foge.

— Você lutaria com um tornado por mim? — perguntei, com sinceridade fingida, entrando da brincadeira. — E dizem que não existe mais cavalheirismo.

Fazer uma piada foi um grande erro porque, quando ele riu encostando os lábios na minha pele entre o pescoço e o ombro, não pude evitar o calafrio que partiu de onde seus lábios haviam tocado para terminar em outro lugar que eu nunca tinha imaginado seus lábios tocando... até aquele instante.

— Você confia em mim? — sussurrou Finn.

— Nem um pouco — menti.

— Tanto faz. O importante é que você abra os olhos.

Dessa vez, ele deixou as mãos escorregarem da minha cintura, deslizando-as lentamente pela parte externa das minhas pernas até a bainha da minha camiseta.

— Eu não consigo. — Mordi o lábio e tentei não gemer quando ele esquentou a minha pele como se as pontas de seus dedos fossem chamas.

— Abra os olhos, Say — pediu mais uma vez, empurrando as duas mãos para a parte interna das minhas pernas e apertando levemente a carne delicada do interior das minhas coxas.

Esse truque funcionou.

Arregalei os olhos e estava novamente cara a cara com a escuridão do Terror Infinito e seus tentáculos capazes de devastar o

planeta vindo direto para onde estávamos.

— Era isso que você estava tentando fazer? — perguntei, enquanto uma de suas mãos apertava a minha coxa, prendendo-me onde eu estava, e a outra escorregava para a minha camiseta, tocando a beirada delicada da minha calcinha.

— Quero que você veja a tempestade como ela realmente é — explicou ele, com voz forte e rouca.

— E como seria?

Mantive meus olhos fixos na tempestade. Meu coração disparando cada vez mais conforme ela se aproximava. O medo corria no meu sangue, fazendo alarmes soarem no meu cérebro.

— Misteriosa, talvez, e aparentemente ameaçadora de início. Mas ela é realmente bela e só está se aproximando para trazer água e dar vida a tudo que está abaixo dela — explicou, com tom de voz calmo, porém, firme. — Olhe para ela com outros olhos. Olhe como algo que traz coisas boas. Não ruins.

Eu me inclinei para trás, pressionando o corpo contra o dele quando seus dedos encontraram o caminho para dentro da minha calcinha e acariciaram o ponto mais sensível do meu corpo. Um mero suspiro de seu toque sobre o meu delicado agrupamento de terminações nervosas.

Instintivamente, fechei as coxas, prendendo a mão dele.

— Não é engraçado? — perguntou, enquanto passeava com a língua na minha nuca e abria as minhas coxas com a mão outra vez.

Ele se apoiou no Bronco e me puxou junto, de maneira que

o meu corpo ficou levemente inclinado na direção do céu. Eu podia ver a tempestade que se aproximava e podia sentir a rigidez latejante de Finn embaixo de mim. O meu corpo inteiro esquentou. Eu sentia formigar lugares que nunca nem tinha sentido.

Finn começou a me alisar gentilmente, mas com firmeza, fazendo círculos. Toda vez que ele completava o círculo e começava de novo aquilo, enviava um choque de prazer por entre as minhas pernas. Senti que estava ficando cada vez mais molhada. Ele gemeu no meu ouvido e acendeu dentro de mim uma nova faísca que implorava para ser libertada.

— Você está conseguindo entender o meu ponto de vista? — perguntou, com voz forte e rouca. — No começo você acha que essa coisa escura vem para assumir o controle da sua vida, ou para, no mínimo, encher o seu saco por um tempo.

Eu teria rido, mas, antes de conseguir colocar o som para fora da minha boca, os dedos de Finn aceleraram. Eu gemi e ele respondeu, apertando-me mais forte contra ele.

— Mas aí você percebe que ela só está aqui para ajudar. A chuva alimenta o mundo, dando o que precisamos para viver. Os raios acendem naturalmente o fogo que queima aquilo que é lixo na natureza. O trovão é o gongo dessa mesma natureza, nos lembrando que estamos vivos. Ela é como você.

— Como assim? — perguntei, perturbada com aquelas sensações que tomavam conta de mim. Com aquela necessidade que aumentava dolorosamente no meu baixo ventre.

O sorriso de Finn fez cócegas na minha pele.

— Eu já disse. Você me faz lembrar que estou vivo.

Com essas palavras, ele brincou com os grandes lábios do meu sexo, dedilhando-os como cordas de um violão, no mesmo instante em que uma parede de chuva surgiu muito próxima. Eu me retorci nos braços de Finn sem saber para onde ir ou o que fazer enquanto ela se aproximava cada vez mais.

— Olhe para ela, Say — insisti, virando o meu queixo na direção da chuva, que estava cada vez mais perto de nós, enquanto fazia círculos com os dedos, variando a velocidade sem nenhum ritmo evidente, e me fazendo querer mais, curiosa pelo que estaria por vir.

Segui o conselho de Finn. Olhei para ela com outros olhos. Como algo maravilhoso, e não como algo ruim. Algo que vem para ajudar e não para machucar. A parede de água vinha se aproximando e, de repente, eu me dei conta de que estava quase que reverenciando aquela tempestade diante de mim.

— Ela é bonita.

— Sem dúvida — concordou Finn, tirando os dedos da minha calcinha de maneira brusca e me virando de frente para ele. — A mais bonita — falou, olhando nos meus olhos e lambendo os dedos. Ele desceu os lábios até os meus e mais uma vez a sua mão encontrou o caminho por baixo da minha blusa e para dentro da minha calcinha.

Assim que as primeiras gotas de chuva começaram a cair, a tensão e o medo da tempestade derreteram, e a tensão da paixão e do desejo começou a aumentar de tal maneira que chegou um

ponto em que achei que não aguentaria mais.

— Você está quase gozando. Consigo sentir — gemeu. — Olhe para ela. Encare a tempestade quando estiver gozando. — Ele me virou outra vez e continuou a me acariciar. Cada vez mais rápido. — Fale que não tem medo dela — ordenou.

— Não, eu não consigo.

E eu não sabia se era por conta daquilo que ele estava fazendo comigo ou se era porque, apesar de conseguir achar a água bonita, eu não conseguia me livrar completamente do medo.

— Vamos, eu achei que você fosse destemida — disse ele, me atijando.

— Eu nunca disse isso. Na verdade, eu disse o contrário. Tudo me dá medo — respondi, jogando a cabeça para trás quando ele aumentou a pressão entre as minhas pernas. — Finn, não sei o que você está fazendo. Eu não sei...

— Você não precisa saber o que estou fazendo — retrucou ele. — Porque eu sei.

Finn pressionou a parte da palma da sua mão próxima ao pulso contra o meu clitóris, enviando um choque de prazer por todo o meu corpo.

Quando o meu corpo enrijeceu e eu senti como se alguma coisa estivesse prestes a acontecer, ele reduziu o ritmo, deixando-me na vontade e ofegante.

— Tudo que você tem que fazer é dizer para a tempestade que você não está com medo. — Ele beliscou a ponta da minha orelha. — Aí, eu dou o que você quer.

Eu nem tinha como fingir que ele não me deixava abalada. O jeito que me tocava, suas palavras. Sua insistência em tentar me curar de um dos meus maiores medos.

Balancei contra a mão dele.

— Eu não tenho medo de você — declarei, conforme ele tinha pedido, mas a parte mais escura das nuvens estava se aproximando, e eu sentia o meu pulso acelerar e o meu corpo enrijecer... — Pronto, eu disse.

Finn parou completamente os seus movimentos e eu quase gemi de frustração.

— Mais alto, muito mais alto — insistiu, começando outra vez as carícias torturantes no meu sexo.

— Eu NÃO tenho medo de você! — gritei. A intensidade daquela preparação era quase impossível de aguentar. Eu precisava de um alívio. Eu precisava de Finn.

— Mais alto! — gritou. Ele acelerou o ritmo e pressionou a sua ereção com firmeza contra a abertura entre as minhas nádegas.

— EU NÃO TENHO MEDO DE VOCÊÊÊÊÊÊÊ!!!! — gritei, com toda a minha força, empurrando com tudo o meu corpo contra ele.

Achei que Finn ia fazer algum comentário, ou pelo menos rir de como eu tinha gritado tão alto, mas ele parou outra vez os dedos, deixando-os dessa vez onde estavam. Eu olhei por cima do meu ombro e ele estava me olhando com os olhos caídos e suas pupilas enormes e escuras.

— Você tem medo de MIM? — perguntou, baixinho,

balançando o quadril contra mim. A chuva começou a cair de vez, lavando tudo à nossa volta. Não havia mais estrada. Não havia mais árvores. Era só ele e eu e aquele fogo que ardia entre nós e que nem mesmo a chuva conseguia apagar.

Eu só consegui negar com a cabeça.

— Mas deveria. — Finn apoiou o corpo em mim, balançando. — Porque você me assusta pra caralho.

Um relâmpago iluminou o céu daquela manhã. O trovão surgiu com um estrondo fazendo tremer o cascalho sob os meus pés.

E pela primeira vez... eu não estava com medo.

Finn pressionou o polegar com força no ponto exato que pulsava por ele e, quando a nova série de trovões rugiu no ar, eu me juntei a eles.

O meu corpo liberou o que vinha segurando em uma descarga de prazer que veio em impulsos, um mais feliz que o outro. O grito que saiu da minha garganta foi tão alto quanto o trovão.

Eu não era mais pele, carne e osso. Eu era apenas sentimento, sensação e prazer, um turbilhão que passeava pelo meu corpo uma e outra vez, espremendo a força de cada um dos meus músculos, até me fazer cair em cima de Finn, que me segurou evitando que eu caísse.

Mas era tarde demais.

Eu já tinha caído.

CAPÍTULO 31



SAWYER

— Você é de longe uma das mulheres mais lindas que eu já vi — falei para Josh.

Fazia alguns dias que o Finn tinha me levado para enfrentar a tempestade e curar o meu medo. Agora, era a minha vez de ajudá-lo a se curar de um dos seus.

Finn sabia dos meus planos.

Josh não.

— Ah! Não me venha com essa.

Josh virou para se admirar no espelho.

— É sério — insisti, sentada no canto da minha cama. — A minha criação me ensinou coisas que agora eu sei que não são verdade, mas também me ensinou a ser sempre muito honesta. E, *honestamente*, quando eu a vi pela primeira vez, não conseguia parar de olhar. Eu nunca tinha visto alguém como você.

— Uma pessoa negra, você quer dizer? — Josh arrumou

um dos brincos que estava usando e sorriu para mim por cima do ombro.

— Não, alguém que consegue ser ao mesmo tempo... feminina e masculina. Tão forte e robusta, mas tão graciosa e... bonita. Uma boca suja repleta de palavras sábias — expliquei, cruzando as mãos no meu colo e torcendo para que ela não se sentisse ofendida com a minha explicação.

— Garota, é melhor você parar de falar ou a gente nem vai precisar sair, eu só vou ficar por aqui mesmo e me apaixonar por você.

Caímos na gargalhada.

Josh virou para o espelho outra vez.

— Mas eu sou bonita pra caralho mesmo, não sou?

Ela piscou para o reflexo no espelho atrás da porta do meu quarto e virou para conferir a própria bunda, dando uma olhada por cima do ombro. Ela rebolou para que eu pudesse ver o efeito do vestido apertado.

Abaixei a cabeça, escondendo o rosto com as mãos.

— O quê? Você acha que está curto demais? — perguntou, alisando de cima para baixo a lateral do vestido. Era a primeira vez que ela revelava uma fissura, por menor que fosse, na muralha de confiança que ela tinha conseguido construir.

— Não, tá perfeito. Miller vai adorar.

— Isso aqui não é para ele — disse ela, para o meu reflexo no espelho. — Eu só quero ficar bonita.

— É claro.

— Mas por que é então que você está com essa cara? — indagou, franzindo o nariz e passando outra camada de *gloss*. — Você deveria estar se arrumando.

— Porque eu teria que alugar o corpo de outra pessoa para ficar bonita assim. É sério, você deixa tudo injusto demais para o resto de nós. — Hesitei quando ela subiu o vestido até a coxa para ajeitar a arma no coldre escondido embaixo dele. — E eu também tenho um pouco de medo de você.

— Só um pouco? Acho que estou perdendo o jeito. E você só fala merda. Aqui, coloca isso.

Ela abriu a bolsa e puxou um pedaço de tecido. Ela o jogou para mim, fazendo-o cair na minha cabeça, cobrindo os meus olhos. Puxei aquela coisa azul, que mais parecia um cachecol, e a examinei.

— Isso saiu da sua bolsa?

Olhei para a bolsa de festa onde ela tinha acabado de jogar o batom.

— Uhummm — murmurou. — Por quê?

— Porque nem é uma bolsa grande. É uma bolsa pequena. Do tipo elegante que você carrega na mão para todo lado.

— O nome é *clutch*. Onde é que você está querendo chegar, Say?

Levantei, fui até o espelho e ergui o “vestido” na frente do meu corpo. Não era grande coisa, mas admito que a cor dava destaque aos meus olhos.

— O que eu quero dizer é que se isso cabe na sua

CLUTCH, como é que vai dar conta de cobrir isso aqui? — Apontei para os meus seios que, naquele momento, estavam cobertos com uma camiseta larga.

Josh lançou na minha direção um sorriso perverso e arrancou o vestido de mim.

— É justamente essa a questão. Não é para eles serem cobertos.

Alguns instantes depois, eu estava de banho tomado e usando o vestido. Josh jogou para mim um roupão grosso para que eu vestisse enquanto ela arrumava o meu cabelo e a minha maquiagem. Ela ajeitou as ondas naturais do meu cabelo, deixando-as muito mais leves e comportadas, e chamando-as de “ondas da praia”. Para combinar com o vestido, eu peguei emprestado um par de sandálias pretas que envolviam o meu tornozelo e que tinham um salto plataforma delicado de apenas cinco centímetros. Josh tinha tentado me empurrar um salto meia pata ridículo. Fico feliz que ela tenha aceitado logo de cara a minha recusa, porque tenho certeza de que ela me dobraria sem muito esforço, e em pouquíssimo tempo estaria pregando aquela coisa nos meus pés como se estivesse colocando ferraduras em um cavalo.

Depois de alguns minutos colocando um pouco de maquiagem no meu rosto, Josh me virou para o espelho, e eu fiquei chocada ao ver que estava olhando para mim mesma. Para uma versão melhorada.

— Eu destaquei os seus olhos com um pouco de rímel e delineador nos cantos, e só usei um *gloss* natural, porque os seus

lábios já são bem rosados e perfeitos — explicou, descansando o queixo no meu ombro.

— Você não as cobriu. — Passei os dedos sobre as minhas sardas.

Josh sorriu e acariciou os meus cabelos. As pulseiras em seu braço fizeram barulho ao baterem umas nas outras.

— Eu sou policial, Say. — Ela deslizou a ponta do dedo sobre a minha coleção mais intensa de sardas em volta do meu olho direito. — Cobrir essas sardas? Isso sim seria um crime.

— Obrigada — agradei baixinho.

— Não me agradeça ainda. Dê uma olhada como o vestido ficou no seu corpo. Levanta.

Josh mandou e eu o fiz. Ela, então, tirou o roupão dos meus ombros.

— Puuuuuuuta que pariu! — sussurrou, dando um passo para trás para que eu pudesse ver melhor.

A única coisa que eu consegui dizer quando fiquei cara a cara com uma garota que era eu, mas que ao mesmo tempo não era, foi um eco das palavras de Josh.

— Puuuuuuuta que pariu! — sussurrei de volta, batendo na minha própria boca logo em seguida.

Josh riu ao me ver tentar falar um palavrão.

— Essas suas pernas são tudo.

O tecido do vestido azul era elástico e confortável. Era justo e abraçava a minha cintura e os meus seios sem me apertar a ponto de me deixar sem ar. As mangas eram curtas e a bainha

ficava vários centímetros acima do joelho, exibindo as minhas pernas musculosas e a curva do meu quadril. Era bem feminina, mas era quase que uma camiseta; tinha, inclusive, um pequeno bolso logo acima do meu seio direito. O decote era um V suave. Ele descia apenas o suficiente para mostrar a curva dos meus seios, com certeza eu não precisaria ficar me preocupando em erguê-lo a noite inteira. Eu estava me sentindo... bonita, apesar de ainda ser eu.

— E aí? Você vai me contar o que é que faremos essa noite? — perguntou Josh, curiosa, quando comecei a pegar da geladeira a comida que tinha comprado mais cedo e a colocar no balcão.

— Vamos jantar — respondi, apontando com a cabeça para os ingredientes.

— A gente não precisava ter se arrumado tanto só para jantar uma com a outra — falou, achando graça.

— Mas não vão ser só vocês duas — Miller falou, espiando pela porta da frente.

— A minha posição continua a mesma — resmungou Josh.

— Obrigado pelo convite — agradeceu, entregando-me um buquê de rosas selvagens. A maioria dos caules estava dobrada. — Para a senhorita.

— Obrigada — respondi, pegando as flores. — Você está bonito essa noite. Miller não está bonito? — perguntei para Josh.

— Ele está de camiseta — respondeu ela, categoricamente.

— É a minha camiseta chique — explicou Miller, apontando para a gravata borboleta estampada na gola.

— É adorável — comentei, com uma risada. — Vocês podem me ajudar a levar essas coisas lá para fora?

Entreguei ao Miller uma cesta de pães e à Josh uma garrafa de vinho. Eu os segui até o deque com um prato de queijo que eu tinha picado mais cedo.

— Somos só nós três? — perguntou Josh.

— Não vou mentir, estou adorando a proporção entre homens e mulheres nesse cenário — comentou Miller.

— Eu convidei o Critter, mas ele disse que já tinha planos.

— Isso não responde à minha pergunta — insistiu Josh, sabendo que tinha mais alguém.

— Não, não somos só nós três.

Distribuí as taças de vinho sobre a mesa. Notei certa movimentação com o canto do olho. O meu coração bateu com força contra a minha caixa torácica. As minhas mãos começaram a suar.

— Então quem mais está vindo? — perguntou Miller.

Finn saiu das sombras para a luz do luar, vestindo uma camiseta preta apertada e jeans. Seus cabelos loiros estavam lisos e penteados para trás, ainda molhados do banho, e seu jeans escuro ficava baixo na cintura.

— Eu.

CAPÍTULO 32



FINN

Os meus amigos olharam para mim como se estivessem vendo um fantasma, e era justo porque, de certa maneira, estavam.

Eles olharam de maneira acusadora para Sawyer, que apenas sorriu e fingiu não notar os olhares questionadores. Ela começou a puxar as cadeiras para que nos sentássemos à mesa, como se reunir nós quatro fosse algo corriqueiro.

— Eu fiz lasanha — anunciou, mordendo o lábio inferior. — Nunca fiz antes. Segui as instruções da caixa. Espero que tenha ficado boa.

— Que porra é essa que está acontecendo aqui? — perguntou Miller, enquanto se sentava à mesa pequena para quatro pessoas no novo deque de Sawyer. — É um jantar de reaproximação?

Sawyer jogou um cubo de queijo na boca e estendeu a mão quando me aproximei. Quando nossas mãos se tocaram foi

como se eu soubesse que, apesar de tudo, apesar dos olhares magoados e traídos nos rostos dos meus amigos, apesar de todo o mal que eu tinha causado, tudo ficaria bem.

— As pessoas chamam de jantar entre amigos — respondeu Sawyer. — Kayla comentou sobre esse tipo de festa. É a minha primeira vez como anfitriã. Não é legal? — Ela bateu palmas e virou.

Se eles tinham a intenção de ir embora, de armar um barraco ou de simplesmente reclamar a respeito das circunstâncias, Sawyer tinha deixado impossível com toda aquela empolgação. Eles não cortariam o barato dela. Só uma pessoa desalmada ia querer arrancar aquele sorriso do lindo rosto dela.

Miller e Josh assentiram lentamente. Nenhum dos dois tirou os olhos de mim, como se a qualquer momento eu fosse puxar uma faca e fazer deles meus reféns.

— Sentem aí, pessoal — falou Sawyer, e então virou-se para mim. — Você me ajuda lá dentro?

Entrei com ela, deixando Josh e Miller no deque olhando para nós dois de um jeito tão confuso que seria engraçado se eu não estivesse com o maior frio na barriga.

— Vai ficar tudo bem — assegurou Sawyer, sorrindo antes de se curvar para pegar uma travessa de lasanha do forno. Não pude evitar olhar para as pernas e para a bunda dela quando o vestido que estava usando levantou. Ela pegou uma luva térmica e retirou a película da parte de cima. O cheiro mais incrível subiu com o vapor.

O azul daquele vestido fazia o rosto inteiro e os olhos dela se iluminarem. Não era nem um pouco ruim ela ser a garota mais bonita que eu já tinha visto. Com vestido, ou sem.

— Antes que eu esqueça de falar, você está absolutamente linda — elogiei, aproximando-me por detrás e dando um beijo na cabeça de Sawyer. Ela apoiou o corpo em mim e inalou o meu perfume.

— Obrigada. Você também não está nada mal.

Ela virou nos meus braços e me entregou duas das quatro tigelas de salada que estavam no balcão.

— É sério, vai ficar tudo bem — tranquilizou-me.

Eu não sabia se ela estava certa ou errada, mas depois que a ajudei a ver a tempestade com outros olhos, ela colocou na cabeça que queria me ajudar com o meu maior medo.

Meus amigos.

Eu ri.

— Eu já sou um cara barbado e estou com um medo da porra de ter que me desculpar por ter sido o maior babaca do mundo com eles por mais de dois anos. Por que você está tão confiante de que eles vão me perdoar?

— Eles só estão bravos porque amam muito você. Sei que vão te perdoar. Você me conhece há pouco tempo e me deu abertura. Você os conhece quase que a sua vida inteira. Dê abertura para eles também. Eles vão te perdoar.

— Quando foi que você ficou tão sábia? — perguntei, olhando no fundo daqueles lindos olhos dourados. Olhos nos quais

eu poderia me perder.

Olhos nos quais eu já estava perdido.

— Pronto? — perguntou Sawyer, abrindo a porta com o joelho.

— Nem um pouco — resmunguei, dando um passo para fora e me expondo tanto à luz do luar quanto ao julgamento dos meus dois ex-melhores amigos.

Colocamos a salada na mesa.

— Você pode abrir isso aqui para mim? — pediu Sawyer, como se não conseguisse perceber a tensão em volta dela.

— Acho que preciso dizer uma coisa — anunciei, antes de me sentar.

— Acho bastante sensato — rebateu Miller.

— Hoje é o open house da Sawyer. Acho que deveríamos apreciar o momento, e se depois vocês estiverem dispostos, eu gostaria de ter uma conversa com vocês dois. Se não estiverem, podemos aproveitar a ótima refeição e seguir cada um o seu caminho.

— Eu mencionei que é a primeira vez que faço lasanha? — interrompeu Sawyer.

— O cheiro está ótimo — comentou Josh, pegando a taça de vinho que Sawyer entregou a ela.

Tendo aparentemente aceitado a oferta, eu estava com a minha na mão sem nem perceber. Miller abriu um cooler que estava próximo aos seus pés e pegou uma cerveja. Ele arrancou a tampa e estava prestes a dar um gole quando parou, colocou a garrafa sobre

a mesa e a deslizou na minha direção.

— Essa é para você, seu merda — resmungou, pegando outra cerveja e abrindo.

— Valeu — agradei, dando um gole e colocando a garrafa sobre a mesa outra vez.

— Você devia ter dado com ela na cabeça dele — resmungou Josh.

— Como? — indagou Sawyer, e Josh tentou consertar sorrindo para ela.

— Eu disse que mal posso esperar para provar a sua lasanha. Que tipo de molho você usou na salada?

Sawyer e eu nos sentamos e ela deu um sorriso enorme olhando para a mesa, praticamente reluzindo de empolgação.

— O molho é da Bebe. Ela faz e coloca para vender no mercado local de Brillhart. Ela disse que é parecido com o molho de uma daquelas redes enormes de restaurante de comida italiana, mas eu nunca estive em um desses restaurantes então não tenho como comparar.

— É melhor — comentei, dando uma garfada. O molho da Bebe era realmente o melhor. Era levemente doce com um toque picante.

Tanto Miller quanto Josh concordaram balançando a cabeça, e ninguém disse mais nada até as saladas terem acabado. Então eu ajudei Sawyer a servir a lasanha. Você não vai experimentar o vinho? — perguntou Josh, apontando para a taça de Sawyer, que ainda estava cheia, apesar de a sua própria também

estar.

Sawyer sorriu e encolheu os ombros.

— Na verdade, nunca bebi vinho antes. Eu vi no mercado uma foto de um banquete e eles tinham vinho. Eu gostei da imagem — admitiu.

Eu senti um aperto no coração ao ouvir a confissão de Sawyer. Tossi no meu punho fechado e apontei para a minha comida, como se eu estivesse com um pedaço de lasanha preso na garganta.

— Como assim nunca bebeu vinho? — perguntou Miller. — Quer dizer, Josh me contou que a sua família era toda crente e o caralho a quatro, mas as pessoas que seguem uma seita não bebem?

Houve uma pancada debaixo da mesa e o molho da lasanha no meu prato deu um pulo.

— Ai! Que isso, caralho? — perguntou Miller, olhando para Josh.

— Tudo bem. A minha família nunca foi de uma seita. Eles sempre viveram na sociedade como pessoas comuns. Mas são o que vocês chamariam de... — Ela tentou encontrar a palavra certa.

— Extremistas? — sugeri.

— Isso — concordou, e pude perceber que não queria mais falar sobre o seu passado, então tentei pensar em alguma coisa para mudar de assunto, mas por sorte Josh estava pensando na mesma coisa.

— Eu adorei a sua casa nova. Está gostando de ter o seu

próprio canto? — perguntou Josh.

— Honestamente? — Sawyer olhou para a casa. — Eu ia gostar mais se não tivesse sido Sterling a dá-la para mim.

— Sterling comprou a casa para você? — perguntou Miller, coçando a cabeça. Ele e Josh trocaram olhares, como se soubessem de alguma coisa.

— E por que você acha que foi ele?

— Ele... ele disse que um investidor a comprou para mim. O mesmo que tem ajudado todas as pessoas da cidade a manterem suas casas. E como ele e Finn eram os únicos que estavam lá naquele dia em que...

Ela perdeu o rumo quando caiu a ficha.

Miller piscou e Josh deu risada.

— Foi você! — falou Sawyer, olhando para mim. — Como? É esse o seu emprego ou coisa do tipo? — A confusão de Sawyer era realmente adorável. — Você comprou uma casa pra mim?

Tudo que pude fazer em resposta foi sorrir. O meu coração inflou quando o sorriso dela cresceu. Inicialmente, eu não tinha planos de contar a ela, mas eu não podia permitir que ela continuasse achando que tinha sido aquele bosta do Sterling que tinha comprado a casa para ela, e eu não podia deixar que ela associasse a própria casa a ele sempre que olhasse para lá.

— Finn não precisa trabalhar, ele é o maior proprietário de terras dessas três cidades. Ele aluga terra para o governo — explicou Miller, entre uma mordida e outra antes de pegar outro pão da cesta e rasgá-lo ao meio.

— O quê? — Sawyer ficou de queixo caído. — Mas você mora em uma... — Ela olhou por cima do meu ombro na direção da choupana ali no pântano.

— Essa casa não é minha — contei, colocando Sawyer no meu colo quando ela se levantou da cadeira.

— Esse é só o esconderijo dele — explicou Josh. — É um bem fajuto, se quer saber. Miller e eu sabíamos onde você estava desde o primeiro dia.

— Sabíamos? — perguntou Miller, parecendo confuso.

Josh balançou a cabeça e deu uma risada.

— Ok, eu sabia onde você estava — corrigiu.

— Então, é esse o seu emprego? Ou é mais um tipo de paixão sua? — perguntou Sawyer, de um jeito inocente. Eu beijei a mandíbula dela e senti que ela ficou arrepiada no meu colo. Também senti os olhares que vinham do outro lado da mesa quando Josh e Miller tiraram suas conclusões, e percebi naquele instante como era sério o que eu estava sentindo por Sawyer.

— A minha paixão é você — confessei, vendo suas bochechas esquentarem por entre as sardas. — Eu tenho uma empresa de gerenciamento de imóveis que cuida de tudo. Aí eu tenho um salário. E às vezes eu uso esse salário para investir em outras propriedades.

— Você comprou uma casa para mim? — repetiu Sawyer, como se não conseguisse acreditar.

— Quando?

— No dia em que você a viu no ferro-velho. Depois que eu

a deixei no Critter's, voltei e falei com Sterling. Fechei negócio naquela tarde.

— Obrigada — agradeceu, com os olhos dançando de deslumbramento. Ela olhou para a sua casa nova como se a estivesse vendo novamente pela primeira vez.

O meu coração inflou. Algo dentro de mim estava se transformando e, pela primeira vez, eu não odiei a maneira com a qual as novas emoções estavam lentamente empurrando a culpa e a raiva que eu sentia de mim mesmo cada vez mais para o fundo. Eu queria Sawyer do meu lado. E mais que isso?

Eu queria fazê-la feliz.

Também queria fazê-la gozar outra vez. E de novo e de novo.

A imagem dela se derretendo nos meus braços durante a tempestade se repetia sem parar na minha cabeça. Eu nunca tinha visto uma coisa tão bonita como quando o corpo dela finalmente deixou rolar.

— E por falar em Sterling... — Josh aproveitou a deixa. — Ele nunca mais vai incomodar. Você pode ter certeza disso.

— O que você fez? — perguntei.

Josh sorriu e jogou os cabelos por cima dos ombros, fazendo as suas pulseiras douradas baterem ruidosamente umas nas outras e os seus brincos pesados balançarem.

— Digamos que eu fiz o impensável. A porra mais tenebrosa e suja que se pode fazer para alguém no sul — falou ela, terminando com um suspiro.

— Puta que pariu... — Miller pareceu espantado, cobrindo a boca e abafando a própria voz. — Você contou para a mãe dele, não contou?

— Exatamente. — Josh sorriu, orgulhosa. — Ela vai castigar o Sterling mais do que eu jamais conseguiria o colocando atrás das grades.

— Obrigada — agradeceu Sawyer, estendendo o braço e apertando a mão de Josh.

— Não precisa agradecer. Nós somos uma família agora. — Josh olhou para Miller, para Sawyer e, finalmente, para mim. — Certo? — perguntou, inclinando o queixo.

— Certo.

Foi uma troca simples. Apenas duas palavras ditas. Mas com aquelas duas palavras, Josh estava me dizendo que nós podíamos finalmente seguir adiante. Todos nós.

Juntos.

— Você vai experimentar isso aqui?

Empurrei a taça de vinho de Sawyer na direção dela.

Ela olhou para a taça e cheirou. Eu soube que ela não tinha mentido quando disse que nunca tinha tomado vinho quando ela levantou a taça com as duas mãos e a levou até a boca.

Nós três ficamos olhando atentamente para ela.

Era adorável demais o jeito que me olhava por cima da borda da taça, como se estivesse me perguntando se era daquele jeito mesmo que ela tinha que fazer.

Balancei a cabeça para que ela seguisse em frente.

Sawyer tomou um gole e fez uma cara como se aquilo fosse inesperadamente azedo.

— Isso... — Ela olhou para a taça com uma careta. — É nojento.

Caímos na gargalhada, inclusive Sawyer, e aquele som percorreu a mesa, atingindo-me direto no peito.

— Sério que você nunca tinha tomado vinho? — perguntou Josh, pegando um pouco mais.

— Sério — respondeu Sawyer, tentando dar outro pequeno gole. — Era para essa ser a primeira vez.

— É mesmo? Que outras coisas você nunca fez? — Miller balançou as sobrancelhas de maneira sugestiva. Josh e eu trocamos olhares discretos; nós dois sabíamos qual era a resposta. Sawyer franziu a testa sem entender direito o tipo único de insinuação do Miller.

— Tem muita coisa que eu nunca fiz. Tem dias em que sinto como se nunca tivesse feito a maioria das coisas.

Sawyer inclinou o corpo para frente na cadeira. A brisa ficou mais forte e jogou uma mecha de cabelo em seu rosto, deixando-me fascinado com aquela beleza tão pura. Então, como se pudesse ler a minha mente, ela prendeu os fios atrás da orelha.

— O que é que está na sua lista? O que você gostaria de fazer? — perguntou Josh, trazendo de volta a conversa para a zona de perigo.

Sawyer mordeu o lábio inferior e seus olhos se iluminaram. Ela olhou de maneira caprichosa para as estrelas como se estivesse

pensando na resposta.

— Coisas pequenas, de um modo geral.

— Tipo o quê? — eu me vi perguntando. Dei um gole na cerveja, olhando fixamente para Sawyer por cima da garrafa.

— Ah, quero ler qualquer livro que desperte o meu interesse sem precisar da aprovação de alguém. É justamente por isso que eu gostaria que a biblioteca ainda estivesse aberta.

— Se estivesse, tenho certeza que você e Finn seriam as únicas pessoas que frequentariam aquele lugar — comentou Josh.

— Finn? — perguntou Sawyer, olhando para mim.

— Você não sabia? Finn leu todos os livros de todos os tempos! — informou Miller, espetando o garfo em um pedaço de queijo.

— Pelo menos ELE sabe ler... — resmungou Josh.

— Eu sei ler — retrucou Miller, apontando o queijo para Josh. — A revista Playboy não tem apenas fotos, sabia?

— E o que mais? — estimulei, curioso para saber o que mais ela poderia ter na lista. O que mais eu poderia dar a ela.

De que outras maneiras eu poderia fazê-la sorrir.

— Ah, agora que eu já experimentei vinho... — Sawyer riu, dando outro gole e fazendo outra careta.

— Com o tempo você aprende a gostar — garantiu Josh.

Sawyer sorriu e respirou fundo.

— Tudo. Tudo está na minha lista. Eu quero experimentar e viver tudo que a vida tem a oferecer. Ela é curta demais para ser desperdiçada e passei vinte e um anos da minha fazendo

exatamente isso.

— Então, você está dizendo que quer cometer crimes e roubar bancos? — perguntei, brincando.

— Claro, por que não? — rebateu, segurando a taça de vinho sem levá-la a boca.

— Não, não acho que seja da sua natureza — opinou Miller, com a garrafa de cerveja parada em seus lábios.

O sorriso da Sawyer cresceu e ela colocou a taça na mesa.

— Eu já roubei.

— Sério? Ah, isso aqui vai ficar bom. E o que foi que você roubou? — perguntou Josh, colocando um pouco mais de vinho em sua taça, e Sawyer riu, fazendo surgir uma covinha em sua bochecha.

— Eu roubei dinheiro do meu pai. Tecnicamente era o dinheiro da igreja. Eu peguei antes de ir embora.

— Ah... Você pegou tipo vinte mango da caixinha de oferenda? — Miller fez pouco caso, arrotando alto.

Josh o chutou por debaixo da mesa.

— Ai, benzinho. Na próxima vez, você vai acabar me machucando... Não esquece de fazer isso quando a gente estiver pelado.

— Dezenove mil dólares das doações semanais da igreja — corrigiu Sawyer, empertigando-se.

Apertei o braço da cadeira em que estava sentado e quase cuspi a cerveja.

A mesa ficou em silêncio até Josh criar coragem para dizer:

— Impossível. Você só pode estar mentindo.

— É verdade. Ele me pediu para fazer o depósito. Mas, em vez disso, eu trouxe comigo quando fui embora.

— E o que você fez com o dinheiro? — perguntou Miller, curioso, ansioso para ouvir cada palavra de Sawyer.

— No caminho para cá, vindo para Outskirts, eu parei e doei metade para um centro de apoio a mulheres e crianças vítimas de violência doméstica e a outra metade para um centro de prevenção ao suicídio.

Sawyer começou a rir no meio da frase e, quando terminou, estava no meio de uma crise de riso.

— Você é foda, garota! — exclamou Miller, empolgado, erguendo a cerveja no ar, bebendo o que tinha sobrado e batendo a garrafa vazia na mesa.

— E o que é tão engraçado? — perguntei para Sawyer, rindo junto com ela mesmo sem entender o motivo. Aquela era uma risada realmente contagiosa.

— Eu fiz as doações no nome do meu pai.

Então todos nós rimos com ela. O som da risada de Sawyer entrou direto no meu coração, e não havia nada ali naquele instante além de alegria e orgulho, fazendo com que meu coração batesse loucamente.

Notavelmente ausente estava a minha velha amiga culpa.

— Uau, você foi corajosa.

Josh estendeu o punho fechado para Sawyer, que correspondeu meio desajeitada.

O olhar de Sawyer encontrou o meu, como se ela estivesse esperando ouvir de mim algum comentário sobre aquilo que ela tinha feito.

— Estou impressionado — declarei.

Ela se iluminou.

E eu realmente estava. A minha menininha inocente tinha feito uma coisa que exigia coragem pra caralho. Parando para pensar, tudo que ela tinha feito exigia coragem pra caralho.

Estiquei a mão e peguei o braço da cadeira em que ela estava sentada, puxando-a o mais próximo possível de mim. Dei um beijo suave, porém firme, em seus lábios carnudos e rosados, e olhei no fundo de seus olhos enquanto envolvi a sua bochecha com a mão.

— Essa é a minha garota.

Alguém pigarreou.

— Sua garota? — indagou Miller, erguendo as sobrancelhas.

Eu respondi, sem tirar os olhos de Sawyer, que ainda sorria para mim:

— Sim. MINHA garota.

CAPÍTULO 33



SAWYER

Minha garota.

Eu estava completamente tonta quando pedi licença para ir pegar a torta que eu tinha assado. Quando voltei para o deque, os três velhos amigos estavam rindo de algumas lembranças de infância e, apesar de eu não fazer ideia do que estavam falando, eu sorri e ri junto com eles. Não me lembrava de ter me divertido tanto em uma refeição.

Miller ainda estava falando quando colocou uma pílula rosa sobre a mesa e começou a amassá-la com a parte de trás da colher antes de usar uma nota enrolada para inspirar o pó até o seu nariz.

Finn não pareceu abalado com aquele comportamento, era como se ele já tivesse visto aquilo milhares de vezes, enquanto Josh olhou com reprovação e aborrecimento para Miller enquanto ele cheirava aquelas carreiras de pó sobre a mesa.

— O quê? — perguntou Miller perguntou quando viu que

Josh estava olhando para ele.

Finn deu risada e apertou o meu joelho.

Ela apontou para o pó em cima da mesa.

— Ah! Isso? — indagou Miller. — É só Ritalina. É para o meu TDAH.

Ele balançou a cabeça diante da sua própria fala e inalou outra carreira com os olhos desafiadoramente grudados nos de Josh.

Josh pegou o frasco de comprimidos do bolso do Miller. Ela bateu com a unha no rótulo.

— Ah, sim, aqui diz que você deve esmagar três comprimidos duas vezes ao dia e cheirar junto com algum alimento — disse ela, de maneira sarcástica. — Será que você pode pelo menos fingir que tem algum respeito pelo fato de eu ser policial?

— Sim, assim que você conseguir demonstrar algum respeito pela profissão que eu escolhi — argumentou Miller, com o seu nariz coberto de pó apontado para o ar.

— Profissão que você escolheu? — questionou Josh.

— Sim, bom, uma delas que seja.

— Traficante? — rebateu Josh. — É dessa que você está falando?

— Eu me considero mais um *sommelier* de narcóticos. — Ele fungou. — Eu não vejo você passando sermão para o Finn porque ele fuma maconha.

— Porque é MACONHA, seu idiota. É legal em alguns estados. E por favor! Lembre-se de uma coisa, eu só estou

passando um sermão. Não estou prendendo você por isso.

— Bem, isso é uma coisa boa porque...— Miller tentou falar, mas foi interrompido.

— NO ENTANTO... — Ela o empurrou contra o encosto da cadeira com um olhar repreendedor.

— Você não faria isso... — murmurou Miller, em tom dramático, colocando as palavras para fora lentamente e inclinando o corpo para longe de Josh.

— Melhor não me provocar.

Apertei os lábios para não rir.

— Se você me prender, vou concluir que a gente não vai casar e ter filhos — retrucou Miller.

— Você sempre faz essa piadinha, mas já percebeu que nunca me chamou para sair? — perguntou Josh de repente, surpreendendo todo mundo na mesa, inclusive o próprio Miller, que parecia completamente ofendido.

— Chamei sim! — argumentou Miller.

Josh virou os olhos.

— Ah, tenha dó! Convidar para comer taco, beber tequila e fazer sexo anal não é chamar para sair.

Miller ficou de queixo caído. Colocou a mão no peito e disse:

— Para mim parece um jeito perfeitamente romântico de passar uma noite. Você é exigente demais.

— Talvez eu seja.

Ela deu de ombros.

— Bom, então seja melhor arrumar uma mulherzinha para você — resmungou Miller.

Josh levantou da cadeira e ficou olhando feio para ele, encarando-o até ele erguer o olhar e dar um pulo ao ver que ela estava em pé ao lado dele.

— O quê? — perguntou, revirando-se na cadeira.

— Talvez seja melhor você parar de AGIR como uma mulherzinha — respondeu Josh, irritada.

E, com isso, ela foi embora, atravessando a clareira na direção da casa de Finn.

Miller olhou para Finn e então para mim.

— Que porra foi essa que acabou de acontecer? — perguntou.

— Acho que você acabou de levar um fora. DE NOVO — respondeu Finn, abrindo uma cerveja.

— Caaaraaallo... Eu já ofereci taco, sushi, sexo anal... O que mais tem para oferecer? — indagou Miller, abaixando a cabeça e apoiando-a nas mãos.

— Não, não é nada disso. Aquilo não foi um fora — exclamei.

— Não? — Miller e Finn perguntaram ao mesmo tempo.
Neguei com a cabeça.

— Não!

— Então... o que foi que aconteceu? — perguntou Miller.

Ele e Finn inclinaram o corpo mais para perto de mim.

Dei um gole na cerveja e sorri.

— Acho que ela só quer que você se esforce mais.

Miller resmungou alguma coisa que não deu para entender e saiu na direção da casa de Finn atrás de Josh.

— Obrigada por tudo — agradei, quando vi que estávamos sozinhos. — Você não precisava ter comprado uma casa para mim só para me fazer gostar de você. Eu gostei de você desde o início, mesmo achando que não.

— Eu não fiz isso para você gostar de mim. Fiz porque queria ver você feliz. Queria que você se sentisse bem — explicou Finn.

— Por quê?

— Porque... — Ele virou a cadeira de frente para mim, deixando os joelhos encostados nos meus. — Percebi que quando eu consigo fazer com que você se sinta bem, eu também me sinto bem.

Engoli com dificuldade.

— Entendi...

— Na verdade, vou mostrar a você...

Ele inclinou o corpo mais para perto. Os nossos lábios estavam a apenas um fio de cabelo de distância quando um estrondo nos afastou de repente e ecoou vindo do outro lado da clareira.

— Isso foi... um tiro? — gritei para Finn, que já estava correndo na direção da choupana.

— Fique atrás de mim! — exclamou, com firmeza, quando viu que eu estava atrás dele. Olhou preocupado para mim no

instante em que subimos na varanda. — Eu espero que não.

CAPÍTULO 34



SAWYER

— Puta que pariu! — exclamou Finn, parando tão de repente, que acabei trombando nele enquanto ele olhava pela tela da porta sem fazer movimento algum para entrar.

— O quê? — perguntei, curiosa para saber o que tinha prendido a atenção dele. Eu me enfiei na frente dele e a cena na cozinha me tirou o ar.

— Puta que pariu — repeti a reação de Finn em um sussurro. Ele cobriu a minha boca com sua mão enorme, mas acredito que mesmo que eu gritasse, as duas pessoas na cozinha não me ouviriam, elas tinham a atenção voltada exclusivamente uma para a outra.

Finn riu discretamente.

— Eu sabia — sussurrou ele, e me puxou para o lado da casa para que não nos vissem. No entanto, virando para trás, pude ver outra vez Miller e Josh nitidamente por uma rachadura na

parede. Eles estavam completamente nus. As costas de Josh estavam apoiadas no balcão da cozinha e ela estava com a cabeça jogada para trás e a boca escancarada. Miller estava em pé entre as suas duas coxas abertas, balançando o corpo sem parar na direção dela. Os músculos do traseiro do Miller apertavam com cada golpe rítmico.

— Acho que a gente não deveria estar vendo isso — sussurrei, sem conseguir tirar os olhos daquilo. Dei um passo para trás e fui de encontro ao peito firme de Finn.

Em vez de dar um passo para trás para me dar espaço para sair, Finn me surpreendeu colocando as mãos nos meus ombros e me levando até a janela da sala, onde tínhamos agora lugares na primeira fila para assistir ao espetáculo da cena mais quente que eu já tinha visto.

Engoli com dificuldade quando Finn me abraçou por cima dos ombros e me puxou, encostando o meu corpo no dele.

— Você gosta do que está vendo? — perguntou, com uma voz grave e rouca, e com as mãos envolvendo levemente a minha garganta.

— Eu... eu não sei ao certo... — respondi, quase sem fôlego, confusa com a minha reação, querendo fugir e ficar para ver aquilo ao mesmo tempo. — Odeio o fato de que a minha primeira reação a ver isso foi ouvir a voz do meu pai na minha cabeça me dizendo que o que eles estão fazendo é vergonhoso. Que o meu corpo é vergonhoso.

Finn me abraçou com força.

— Say, sexo não é vergonhoso. É uma pessoa querendo fazer com que a outra se sinta bem e recebendo o mesmo de volta. São duas pessoas querendo dar prazer uma para a outra. E eu te digo uma coisa, não existe nada em VOCÊ que seja vergonhoso. Você é linda, feminina, suave e o seu corpo é algo do qual você tem que se orgulhar e apreciar.

Ele desceu a mão pela lateral do meu corpo, esquentando a minha pele onde tocava.

Estremeci.

— Transar, fazer amor ou *foder*, não importa a expressão, é uma coisa normal. Natural. — Finn olhou para dentro outra vez. — Bom, desde que não envolva o Miller e a Josh. Nada é normal quando se trata desses dois — brincou, com a respiração quente próxima à minha orelha.

Finn tirou o cabelo do meu ombro e pressionou os lábios contra o meu pescoço. Ele passeou com os lábios da base do meu pescoço até a parte detrás da minha orelha e eu senti que empurrei o meu corpo para trás contra o dele. Ele mordeu a pele entre o meu pescoço e o meu ombro. Gemi quando aquilo deu uma injeção de prazer no meio das minhas pernas. Finn respondeu, apertando-me com mais força contra ele.

— Não se atreva a deixar que o seu passado e que seu pai façam com que se sinta envergonhada por uma coisa na qual todo mundo pensa. Por uma coisa que todo mundo quer.

Ele chupou a ponta da minha orelha para dentro da sua boca antes de passear com a língua pelo mesmo caminho que seus

lábios haviam percorrido segundos antes.

Todo o ar sumiu dos meus pulmões e eu fechei os olhos, aquilo que eu estava sentindo era forte demais para aguentar. Os meus mamilos pressionavam dolorosamente contra o meu vestido. Os meus pensamentos flutuavam na minha cabeça sem nenhum propósito, embriagados com o cheiro de chuva e sabão de Finn. Senti o mesmo frio na barriga que tinha sentido durante a tempestade.

De repente, foi como se estivéssemos invadindo um momento íntimo.

— Se você está curiosa e quer ficar olhando, então pode olhar — disse, como se estivesse lendo os meus pensamentos, e então segurou o meu queixo e virou o meu rosto para que eu visse outra vez a cena na cozinha.

Josh girava o quadril enquanto Miller continuava a empurrar com força o seu corpo contra o dela. Ele segurava as pernas compridas da Josh para cima, e seus bíceps flexionavam toda vez que ele entrava e saía do corpo dela.

— Não é errado ficar olhando? — perguntei, com dificuldade para respirar, bastante ciente da tensão que aumentava no ar à nossa volta.

Finn deu risada.

— Eles estão na minha cozinha com a porta aberta. Não acho que estão preocupados em esconder alguma coisa.

Ele continuou com os lábios no meu pescoço e levou a mão até a frente da minha perna. Sempre muito lentamente, foi

passeando com ela até a região sensível da parte interna da minha coxa, provocando a pele debaixo da bainha do meu vestido. Ele colocou o nariz carinhosamente no meu cabelo e inalou profundamente.

— Você pensa em... fazer isso comigo? — perguntei com um sussurro, sem conseguir respirar direito.

Ele ficou imóvel.

— Penso nisso a todo minuto desde que te vi pela primeira vez — respondeu, gemendo.

Então me virou, me ergueu contra a parede e cobriu os meus lábios com os dele. As nossas línguas dançavam enquanto suas mãos exploravam o meu corpo, empurrando o meu vestido para cima e apertando os meus seios. Ele engoliu o meu grito de surpresa quando um prazer incandescente tomou conta de mim por ele ter apertado sutilmente o meu mamilo.

— Penso em entrar em você mais do que eu penso em qualquer outra coisa — confessou, sem tirar os lábios dos meus, antes de descer para o meu pescoço.

Ele recuou, deixando o ar quente da noite esfriar onde os seus beijos tinham acabado de estar. Seu peito estava agitado quando olhou no fundo dos meus olhos, como se estivesse prestes a me devorar.

— E você pensa nisso? Pensa em mim fazendo você gozar de novo?

— Sim. Eu penso... Acho que quero que você faça aquilo comigo. Quero fazer aquilo junto com você — confessei, ainda sem

fôlego.

Finn ficou de queixo caído. Ele empurrou o joelho por entre as minhas pernas e deu um passo adiante, colocando-se entre elas.

— Não existe um prazo para isso — declarou, buscando os meus olhos. — Não existe um prazo para nós. Eu vou esperar por você. Vou esperar até que esteja pronta. E quero que saiba disso.

— Eu sei — respondi, gemendo quando ele empurrou com força o corpo contra o meu. — Mas lembra quando falei daquela lista de coisas que nunca fiz? Quando estávamos no pântano? Bom, eu deixei de mencionar uma coisa.

— E o que seria? — perguntou ele.

Eu fiquei vermelha de vergonha.

— Você tem que falar, Say. É assim que funciona. Não posso tentar adivinhar. Não quando se trata de nós. ISSO. Isso é importante demais para eu me basear em suposições. Já fiz merda pra caralho na minha vida e isso é uma coisa que eu realmente não quero estragar.

Eu queria me enfiar em um buraco no deque, mas Finn balançou o corpo contra o meu, provocando-me.

— A minha primeira vez. Eu queria que fosse com você. Com VOCÊ — falei. — Eu... Eu QUERO você.

As palavras mal tinham saído da minha boca quando os lábios de Finn cobriram os meus outra vez em um beijo tão intenso, que era como se ele estivesse me tocando em todo lugar.

— Porra, você é perfeita! — murmurou Finn, com os lábios nos meus. — Você confia em mim? — perguntou, com os olhos

escuros e com a respiração ofegante.

— Confio — respondi, com honestidade.

Eu confiava nele com o meu corpo.

E com o meu coração.

Ele me empurrou gentilmente contra a parede, alinhando as minhas costas contra a casa. Ele desceu a mão, desabotoou o jeans que estava vestindo e empurrou a calça para baixo, revelando a ereção enorme que empurrava o material elástico da cueca boxer preta apertada.

Arregalei os olhos ao ver aquilo. O meu abdômen enrijeceu. Eu não sabia o que ele estava planejando, mas, o que quer que fosse, eu estava torcendo para que não me machucasse. Mas eu não via como isso poderia ser possível.

Finn ergueu o meu vestido até a minha cintura e se colocou novamente entre as minhas pernas, só que dessa vez ele me levantou, de modo que o calor do meu abdômen ficou alinhado com toda aquela rigidez, havendo apenas o tecido das nossas roupas íntimas entre nós.

Os olhos de Finn estavam colados nos meus. Sua respiração era a minha respiração. E a sua necessidade era a minha, quando ele começou a balançar contra o meu ponto sensível, arrastando o corpo contra o calor da minha virilha. Eu o senti pulsar contra o tecido úmido que separava a gente e gemi, cobrindo a boca com a mão.

— Eles estão meio ocupados demais para te ouvir, Say.

Ele riu e, com os olhos fixos nos meus, começou a me

erguer e a me abaixar, de novo e de novo, até que estrelas se formaram atrás das minhas pálpebras e a minha visão ficou borrada. Eu estava inundada de prazer e os meus sentidos estavam completamente aguçados. Tudo que eu podia sentir, cheirar, ver, provar, era Finn.

O meu corpo doía. O meu coração estava prestes a explodir. O jeito que o corpo de Finn pressionava o meu. O jeito que ele olhava para mim. Se o mundo desmoronasse ao nosso redor, não teríamos notado, ou não nos importaria, porque, exatamente ali, naquele instante, nós éramos as duas únicas pessoas que importavam.

— Quero ver você gozar, Say. Você fica bonita pra caralho quando goza para mim.

As veias no pescoço de Finn estavam esticadas e, quando cheguei ao meu limite, ele colocou outra vez os lábios sobre os meus para engolir os meus gritos de prazer enquanto eu explodia em seus braços, enlouquecida com apenas a ponta da sua masculinidade encostada em mim, e enrijei o corpo como se o estivesse convidando a entrar. O pensamento enviou uma onda completamente nova de prazer sobre mim e senti um calafrio, colocando para fora então cada pedacinho de prazer que Finn tinha me dado.

— Essa é a minha garota — gemeu, e ficou com o corpo tenso. Sua rigidez pulsou e um jato quente explodiu entre nós, encharcando o tecido que já estava molhado e que separava nós dois.

Ele me segurou contra o peito e não fez movimento algum para limpar nenhum de nós enquanto recuperávamos o fôlego. Até que a minha curiosidade me venceu e senti a necessidade de fazer uma pergunta.

— Como seria se eu...

— Se você gozasse, eu acho que a palavra que você está procurando é gozar — disse, ainda ofegante, antes de beijar o topo da minha cabeça.

— Gozar — repeti, e Finn puxou o ar com a boca ruidosamente quando brinquei com a palavra na minha boca.

— Como ia ser se eu gozasse enquanto você estivesse dentro de mim?

Ele fechou os olhos e eu senti a sua rigidez pulsar entre nós.

— Não me pergunte esse tipo de coisa, Say.

— Por quê? — perguntei, piscando rapidamente.

— Porque soa gostoso demais saindo da sua boca doce. E já é difícil demais me segurar. — Ele riu. — Mas posso contar como seria.

— Como? — perguntei.

Ele tirou um fio de cabelo que estava na frente dos meus olhos e o colocou atrás da minha orelha, enquanto sorria para mim.

— Seria como o paraíso.

A porta abriu com um rangido.

Finn vestiu a calça, me colocou no chão e arrumou o meu vestido em tempo recorde. Ele se sentou em uma das cadeiras de

balanço e me puxou para o colo dele.

Miller apareceu no deque, passando as mãos no cabelo e amaldiçoando a si próprio.

Finn não parecia nem um pouco abalado com o que tinha acabado de acontecer entre nós, mas eu, com o cabelo desgrenhado e o rosto corado, com certeza entregava que o meu mundo tinha sido virado de ponta cabeça e desvirado outra vez.

Tentei agir naturalmente, cruzando as pernas nos tornozelos. Eu me esforcei muito para ignorar a sensação que ainda crescia no meu corpo.

— Ei! — falou Miller quando nos viu, ficando imóvel por um instante e olhando curioso. Ele vestiu a camiseta preta, mas seu cinto estava pendurado, caído para fora dos passadores. Ele pigarreou e ergueu a voz, imagino que para alertar Josh sobre a nossa presença. — Faz tempo que estão aí?

— Não. Acabamos de vir para cá — respondi, apertando os lábios por conta da culpa. Evitei olhar nos olhos do Miller e mantive o foco na direção da minha casa, sabendo que no instante em que os nossos olhares se encontrassem, ele seria capaz de enxergar através de mim.

— É, a gente acabou de vir pra cá. Achei que seria legal sentar um pouco aqui na varanda e ouvir o... — uma luz brilhante que pairava no canto escolheu aquele momento para fazer um barulho alto de estouro — eletrocutor de insetos — completou Finn, dando risada.

— Eletrocutor de insetos? — Miller ficou olhando de Finn

para mim. — O que é que está acontecendo de verdade aqui fora?

— Nada — respondemos Finn e eu, ao mesmo tempo.

Miller abriu os braços.

— Caralho. Vocês viram a gente, não viram?

Por sorte, Josh saiu como um trovão naquele exato instante e não tivemos que responder.

— Não posso mais ficar esperando. Não tenho tempo para essa merda, Miller.

— De novo não — resmungou Miller. — Que porra que está acontecendo, Josh? Ultimamente você tem sido uma vadia maior do que de costume. — Ele se aproximou dela e abaixou a voz, achando provavelmente que a gente não conseguia ouvir. Ele estava enganado. — E essa foi a primeira vez que a gente transou em dois dias. Eu já falei para você, temos que resolver esse nosso problema de tempo...

Josh virou na nossa direção lentamente quando percebeu que estávamos lá.

— Merda. — Ela se encolheu. — Eu tenho que ir. Foi um jantar adorável, Sawyer. Te vejo logo mais, Finn.

Josh já estava indo embora quando se virou outra vez e olhou feio para Miller.

— E VOCÊ. Tudo que você teve foi tempo. Treze malditos anos para ser mais exata. E tudo que conseguiu fazer em mais de uma década foi vez ou outra partir a porra do meu coração. Para mim chega.

— Josh, pare com isso. Por favor — Miller suplicou,

tentando abraçá-la outra vez, mas ela o afastou.

— Não! Dessa vez não. Eu joguei fora o meu coração me apaixonando por você quando éramos adolescentes. Não vou cometer o mesmo erro. Não posso mais ficar esperando você crescer.

Josh foi embora em sua caminhonete, levantando lama ao sair.

Miller ficou em pé na varanda como se estivesse entorpecido com a ausência dela.

Foi a primeira vez que o vi parado.

— Acho que eu estraguei tudo — falou Miller, sem se dirigir a ninguém em particular, com o olhar perdido na direção das árvores como se ainda estivesse olhando para a caminhonete de Josh, que já há um bom tempo havia desaparecido.

— Parece que sim — concordou Finn, mudando-me de posição para que ele pudesse fechar o jeans e puxar para baixo a camiseta, cobrindo assim a parte que estava molhada. Eu levantei e arrumei o vestido quando Finn foi até Miller e deu um tapinha no ombro do amigo.

— E o que foi que você fez?

— A pergunta é o que eu *não* fiz. — Miller lançou para mim um sorriso profundamente triste. — Não posso perder a Josh. — Sua voz estava rouca e falhando.

— Então não deixe que isso aconteça — aconselhou Finn.
— Lute por ela.

— Eu vou lutar. Tenho que consegui-la de volta. — Com os

olhos arregalados diante da epifania, Miller endireitou os ombros e a coluna.

— Você já teve mesmo a Josh alguma vez? — perguntou Finn. — Eu sei que me afastei por um tempo, mas vou ser honesto com você. Estou confuso pra caralho.

Miller deu um suspiro.

— *Mano*, nós transamos há mais de uma década. Ela é a MINHA GAROTA — respondeu, defendendo-se.

Eu me apoiei no ombro dele e perguntei:

— Mas a Josh sabe disso?

Miller zombou de mim.

— É óbvio, ela... — Ele parou e passou as duas mãos no cabelo, entrelaçando os dedos no topo da cabeça. — Merda! — exclamou ele.

De repente, ele estava aéreo, pulando por de cima da grade da varanda.

— Ela já vai saber de tudo, porra! — gritou, com uma nova determinação. — Vejo vocês depois. Foi realmente um ótimo jantar, Sawyer!

Miller saiu dirigindo com o carro derrapando na lama.

— Acha que o plano dele, seja lá qual for, vai funcionar? — perguntei.

Por trás de mim, ele colocou os braços em volta da minha cintura, descansando o queixo no meu ombro.

— Eu apostaria nele levando um tiro antes de apostar nos dois tendo um final feliz. Mas eu não sei de porra nenhuma.

— Espero que esteja errado.

Apoiei o meu corpo no dele.

Finn deu um suspiro e beijou a minha têmpora.

— Eu também.

CAPÍTULO 35



SAWYER

A névoa subiu como vapor do chão úmido, como se estivesse fazendo uma oferenda aos céus. Uma oração para que a noite se tornasse manhã outra vez. E o sol respondeu se erguendo lentamente, até que seus raios surgiram por trás das mais altas montanhas, banhando tudo com a sua benção de luz e calor.

Transformando a escuridão em luz mais uma vez.

Olhando para aquele tipo de beleza, aquele tipo de criação maravilhosa, eu não pude NÃO acreditar em algo ou alguém de força maior.

A igreja não era um lugar em que eu planejava colocar os pés novamente, mas eu me ajoelharia no altar do som dos pássaros cantando sua canção matinal, do som dos peixes mergulhando nas águas do pântano atrás da casa de Finn, do cheiro do musgo pendurado nas árvores.

Ergui a caixa que estava carregando e respirei fundo,

absorvendo tudo que as primeiras horas de uma manhã em Outskirts tinham a oferecer.

— Que tipo de festival é? — perguntei para Josh, que também parecia perdida em seus próprios pensamentos.

— Você vai ver. Mas faz alguma diferença? — Josh estava praticamente saltitando. — Hoje eu não tenho que usar o meu uniforme e está sol. É a vitória de hoje. Estou dentro.

— E o Mill...

Josh parou de repente.

— Não. Não falaremos dele hoje. Não vou deixar que ele estrague isso.

Ela voltou a andar e eu segui atrás dela.

— Finn também vai?

Balancei a cabeça.

— Acho que não. Quando falei do festival, ele me beijou. — Josh ergueu uma sobrancelha. — É o jeito dele de me distrair ou de mudar de assunto — esclareci. — Mas ele está meio estranho. Anda bem protetor. Mais do que antes. Ele não quer que eu fique sozinha.

— Talvez só queira você com ele?

Neguei com a cabeça.

— Acho que não é isso. Ele não se importa se eu estou com você, com Critter ou com Miller até, mas fica com aquele olhar aflito sempre que eu falo que vou fazer alguma coisa sozinha.

— Talvez ele esteja com medo de que você fuja — opinou. — Você apareceu na cidade como uma folha trazida pelo vento. Talvez ele só esteja com medo de que possa ir embora do mesmo

jeito.

— Pode ser... — concordei, mas sentindo que havia algo além daquilo.

— Ennnnnntão... vocês dois já... — Josh mudou de assunto, apertando os lábios.

— O quê? — perguntei.

— Vocês dois já...

Eu a esperei concluir a pergunta, mas ela ficou ali, olhando para mim, ansiosa. Finalmente, pegou a caixa da minha mão, olhou no fundo dos meus olhos e perguntou clara e categoricamente:

— Você e o Finn já tiveram relação sexual?

A minha orelha e o meu pescoço queimaram.

— Uh...

Eu me apoiei em um pé e depois no outro, olhando para qualquer lugar menos para Josh.

— Vou entender isso como um não.

Josh voltou a andar e jogou a caixa na frente de uma das muitas barracas que ficavam uma ao lado da outra na rua principal.

— Eu não perguntei para te deixar envergonhada. — Ela parou. — Olha, eu nunca tive uma irmã e a versão de conselho sexual da minha mãe era “não tire a calcinha”. — Ela riu. — Eu só queria que soubesse que se tiver qualquer pergunta sobre sexo ou qualquer outra coisa, eu estou por aqui, meio como uma irmã que você nunca teve e que provavelmente nunca quis ter.

— Obrigada — respondi, rindo com ela e me sentindo mais à vontade. Josh tinha se tornado mais do que uma pessoa que

vinha sendo gentil comigo. — Eu já vejo você como alguém da família.

— Idem. — Josh riu entrelaçando o braço no meu. — Agora a gente tem que correr para ajudar a Bebe a montar a barraca e se divertir um pouco.

As barracas e as mesas seguiam ao longo da rua principal por cerca de quatrocentos metros nas duas direções. Uma faixa estava sendo pendurada na rua e, quando eles a abriram por completo, eu ri do que haviam escrito nela.

— Festa do Ieti do Pântano de Outskirts? — perguntei, olhando para Josh.

— Exatamente. — Josh deu de ombros. — É uma tradição. Vem gente do estado inteiro. A comida é ótima. A cerveja é gelada e a música normalmente também não é ruim.

Ela apontou para um palco simples que estava bloqueando o final da rua. A frente tinha sido deixada aberta. Um casal de idosos já estava sentado em cadeiras dobráveis e assistia aos homens que montavam os equipamentos de som e luz.

Ainda tinha mais de uma hora para o festival começar, mas Josh tinha prometido para Bebe que a ajudaria a montar a barraca, então eu fui com ela. Bebe pareceu aliviada quando chegamos para ajudar, e ela logo nos colocou para trabalhar na montagem de uma versão em miniatura de sua loja, repleta de roupas, de sopas e de geleias caseiras.

Josh virou e esvaziou a caixa debaixo da mesa da Bebe, e bateu acidentalmente em alguém vestido dos pés à cabeça com um

pelo marrom escuro.

— Vejo que veio para a minha festa, mocinha. Já está pronta para reverenciar o seu deus leti do pântano?

Josh virou os olhos e o leti tirou a cabeça, revelando um Miller extremamente suado por baixo dela.

— Droga, que negócio quente esse aqui! — reclamou, enquanto enxugava as gotas de suor da testa.

— A barraca de cerveja acabou de abrir — avisou Josh para mim e para a Bebe. — Já volto.

Ela saiu tranquilamente da barraca, balançando os quadris.

Miller ficou olhando para ela até Bebe limpar a garganta.

— Uh, eu tenho que ir... que... também... — Ele ainda estava tentando se explicar quando saiu atrás dela.

— Esses dois. — Bebe balançou a cabeça e então desembulhou um lindo vestido curto de verão verde esmeralda com alças finas que amarravam sobre os ombros.

— Aqui — disse ela, jogando-o para mim. — Isso vai ficar ótimo com o seu cabelo.

— Ah, não, eu não poderia — falei, devolvendo o vestido para ela.

Bebe colocou uma das mãos no quadril.

— Isso vai me ajudar — argumentou, e voltou a tirar as roupas da caixa e a arrumá-las sobre a mesa que usaria como vitrine. — Se alguém perguntar onde você conseguiu essa peça, mande vir falar comigo.

Peguei um punhado de panfletos.

— Vou te ajudar distribuindo isso aqui.

— Agora vá se trocar — falou, apontando para o bar do Critter no outro lado da rua. — A música já vai começar. É a minha parte favorita.

Fui para o bar e me troquei no banheiro, guardando a minha blusinha regata e o meu short no armário do depósito dos fundos. Bebe estava certa. O verde do vestido fazia o meu cabelo castanho avermelhado parecer mais vermelho do que castanho. Era justo na cintura e ia ficando mais largo, terminando vários centímetros acima da minha coxa. E ainda combinava com as minhas botas marrons. A parte de cima tinha um decote que me fez pensar se eu deveria ou não colocar a minha regata por baixo, mas respirei fundo e mandei aquela voz calar a boca. Eu não deixaria que dúvida nenhuma se colocasse em meu caminho, me impedindo de me divertir na primeira festa da minha vida em uma cidade pela qual eu tinha me apaixonado.

— Puta que pariu — exclamou Finn, aparecendo no espelho com uma calça jeans e uma camiseta branca apertada. Por trás, ele me envolveu com os braços e pressionou os lábios atrás da minha orelha. — Você está incrível.

Eu me arrepiei toda e senti um calor na barriga.

Falando em se apaixonar.

— Eu acho que ISSO vai ficar perfeito com o seu vestido — declarou, colocando um delicado colar de ouro em volta do meu pescoço e fechando-o na minha nuca, debaixo do meu cabelo.

Mas não era um colar qualquer. Era o colar da minha mãe.

O pingente de girassol brilhava.

— Você achou! — exclamei, virando-me para ele e acariciando o colar entre os dedos.

— Hoje de manhã — contou. — Eu vi como você ficou triste quando o perdeu, então peguei emprestado o detector de metal do Miller e achei no mato debaixo de uns dois centímetros de água. Eu poli, achando que você ia gostar mais dele sem a camada de lama.

— Obrigada — agradei, ainda sem acreditar que o tinha de volta.

A energia magnética entre nós começava a vibrar. Os meus lábios se abriram. Os olhos de Finn escureceram.

— Vamos lá, vamos tirar você daqui antes que eu te impeça de curtir a sua primeira Festa do Ieti do Pântano — falou, me pegando pela mão e me levando para fora. No instante em que me tocou, aquela conexão indescritível entre nós aconteceu.

— Você vai ficar na festa? — perguntei, de queixo caído. — Achei que não queria vir.

Tinha muito mais gente começando a chegar. Quando saímos do bar, eu não conseguia mais ver o asfalto no chão. Apenas corpos. Finn parou e me puxou para ele no meio da rua. Beijou os meus lábios suavemente e olhou no fundo dos meus olhos.

— Eu vim por sua causa.

Sorri para ele e ergui-me na ponta dos pés para beijá-lo de volta.

— Obrigada. — Eu suspirei. Estava tão envolvida nos braços de Finn, que levei um tempo para notar os inúmeros rostos das pessoas à nossa volta que tinham parado o que estavam fazendo para olhar para nós e suspirar uns para os outros. — Por que está todo mundo olhando para nós? — perguntei, sem mover os lábios.

— Você nunca ouviu que me ver é mais raro do que avistar o leti do Pântano? — perguntou, e balançou as sobrancelhas fazendo graça. Ele deu um sorriso enorme e genuíno, para o qual eu poderia ficar olhando para sempre. Podia sentir o meu coração batendo no peito.

No palco havia um homem com um violão cantando uma música lenta. Sua voz era grave e melódica, e a letra falava sobre deixar-se levar.

— George Strait — revelou Finn, quando me viu olhando para o músico. Ele balançou o quadril ao som da música com os braços em volta de mim e eu o acompanhei.

— Eu não sei dançar de verdade — admiti.

— Não é o que me parece — retrucou, fazendo-me rodopiar. Eu ri quando ele me puxou de volta para perto dele. — Parece que tem movimentos que você ainda nem sabe que tem. — Os olhos de Finn ficaram escuros. — E só para constar, eu pretendo descobrir cada um deles.

Estremeci.

Nós ficamos ali no meio da multidão dançando e rindo até que uma nova música se iniciou. A mulher começou a cantar sobre

sermos levados de volta para a igreja.

— Qual é a sua religião agora? Deus? — Finn perguntou para mim.

Não estávamos mais dançando, estávamos abraçados no meio da rua enquanto outros casais dançavam à nossa volta.

— Não sei ao certo no que é que eu acredito... — respondi, com sinceridade. — Acho que aquilo que uma pessoa escolhe acreditar, seja lá o que for, tem que ser algo que a faz bem. Que a deixa feliz. A sua “religião” tem que deixar a sua vida melhor quando se pensa nela. Não deve ser uma coisa que te deixa com medo. O medo não deve estar relacionado à fé. Ser uma pessoa descente apenas porque se tem medo do que vai acontecer com você não faz com que deixe de ser uma pessoa ruim, você só é uma pessoa ruim fingindo ser boa. Ela deve ser... deve ser como isso! — exclamei, quando outra música começou.

Finn olhou para o palco e então para mim outra vez.

— H.O.L.Y., de Florida Georgia Line — falou.

— Sim. Deve fazer com que se sinta assim! — falei, quando a música ficou mais alta. — Música. Dança. Nada disso era permitido. E como foi que eu pude viver sem isso tudo?

Fechei os olhos.

Finn riu baixinho quando começamos a balançar outra vez. No meio da música eu já tinha decorado o refrão e comecei a cantar junto.

Quando a música parou, ergui o olhar para Finn e seus olhos estavam colados nos meus. Seus lábios estavam abertos. A

princípio, achei que ele estava franzindo a testa, mas aí então ele me ergueu nos braços e me beijou. Com força. De um jeito apaixonado.

Com amor.

Ele me beijou como se não estivéssemos na frente de uma cidade inteira e como se não pudéssemos ouvir os sussurros das pessoas à nossa volta.

CAPÍTULO 36



SAWYER

Finn estava perto da barraca de cerveja com Miller enquanto eu distribuía o restante dos panfletos da Bebe para a multidão.

Toda vez que olhava na direção dele, eu o via falando com Miller ou Josh, mas sempre olhando para mim.

Eu gostava de vê-lo me observando. Gostava de vê-lo me procurando. Mas ainda não conseguia me livrar da inquietude que vinha sentindo por ele andar tão protetor.

Eu tinha acabado de entregar o meu último panfleto quando a banda parou de tocar e vozes sem os instrumentos de fundo percorreram o ar. Olhei e vi dois homens de um lado do palco e duas mulheres do outro, em pé, como se fossem animadores de arquibancada.

Eles estavam sorrindo e batendo palma e cantando com uma paixão e força que eu nunca tinha visto antes.

Assisti àquela performance inteira como se estivesse em um transe. Eu estava petrificada. Hipnotizada pelo poder e pela convicção daquelas vozes.

Um homem que tinha mais ou menos a minha idade, com um corte de cabelo de estilo militar e calça cáqui perfeitamente passada, cantava com o coração falando sobre Jesus e um pardal, enquanto o resto do grupo cantava ao fundo suavemente.

Eu não pude evitar sorrir quando eles começaram a balançar de um lado para o outro. As palmas eram o único fundo musical quando o rapaz terminou a música com uma nota aguda que roubou a atenção da cidade inteira.

Os aplausos eram altíssimos quando terminaram e eu aplaudi junto com todo mundo.

— Por favor, vamos aplaudir mais uma vez o Coro de Jovens do Centro Cristão da Cidade! — estimulou o apresentador no microfone. Mais aplausos.

O homem continuou ao microfone para chamar a próxima apresentação, e eu fui procurar Finn. A multidão era ainda maior do que antes. Não conseguia mais ver a barraca de cerveja com toda aquela gente bloqueando o caminho.

Assim que virei, dei uma trombada em alguém.

— Desculpe — falei, erguendo o olhar e vendo o rapaz que tinha acabado de cantar.

— Imagina. A culpa foi minha. Eu te vi assistindo à performance. Espero que tenha gostado — falou.

A multidão o empurrou e ele deu um passo para frente.

Nós estávamos quase nos tocando.

Olhei em volta. Nada de Finn.

— Gostei. Eu nunca tinha ouvido música como aquela. Eu realmente gostei. Você é um ótimo cantor.

— Obrigado. Sou o PJ, Ministro da Juventude da nossa igreja. Fica a dois distritos daqui, mas você deveria visitar a gente algum domingo. Acho que você ia gostar do nosso culto.

Balancei a cabeça.

— Eu gosto da música, mas acho que vou pular o culto por hora. De qualquer maneira, obrigada pelo convite.

Tentei abrir caminho e passar por ele, mas a multidão não me deixou.

PJ se abaixou para se aproximar um pouco mais. Ele tinha um sorriso branco e simétrico no rosto. Colocou a mão no meu braço e me puxou mais para perto de maneira leve, mas indesejada.

— Eu vi o jeito que você olhou para a gente. O jeito que você olhou para mim. Acho que a gente pode se divertir bastante. Você sabe cantar? Música é grande parte do nosso culto e grande parte do que fazemos no Centro Cristão. Em domingos alternados, a gente tem um tipo diferente de... — PJ continuou falando, mas eu simplesmente parei de ouvir. Eu não estava em um sério estado de alerta, mas também não estava confortável. Só queria sair dali e voltar para os braços de Finn.

Eu olhei em volta do PJ procurando por alguma maneira de fugir, mas não encontrei nenhuma. A minha única alternativa era empurrar para conseguir passar. PJ ainda estava falando:

— E depois eu posso te levar para o círculo de oração onde a gente...

— Eu realmente tenho que ir... — respondi, tentando me retirar uma última vez e empurrando para abrir caminho por entre a multidão quando ele me virou de volta pela cintura.

PJ sorriu.

— Mas eu ainda não falei sobre o programa de jovens. A gente espalha a palavra de...

De repente a multidão se abriu como o mar vermelho, e Finn apareceu com suas narinas dilatadas. Ele puxou as mãos do PJ da minha cintura e o atirou com violência no chão antes de colocar um dos braços em volta de mim de maneira possessiva e me levar através multidão, que dava um passo para trás para sair do caminho enquanto avançávamos. Passamos pela barraca da Bebe, onde Miller e Josh interromperam momentaneamente a discussão que tinham para nos ver passar.

— Ai, merda... — resmungou Josh.

— Finn, eu estou bem — falei, mas ele não parecia me ouvir.

Já tínhamos passado pela multidão quando Finn pegou uma chave e abriu a porta que dava para a biblioteca, o que me deixou surpresa, mas ele não me deu tempo de perguntar nada quando me puxou para dentro, fechou a porta e me ergueu contra ela, prendendo-me com os braços nas laterais da minha cabeça.

Ele me olhava do mesmo jeito que me olhou quando Sterling tentou me atacar.

— Eu estou bem — tentei tranquilizá-lo mais uma vez. — Ele só estava falando. Eu não conseguia sair dali por causa da multidão. Você não precisava ter feito aquilo. Ele não estava tentando me machucar.

Uma veia no pescoço de Finn ainda pulsava.

— Eu não posso te perder. — Envolveu o meu rosto com a mão.

— Você não vai me perder — garanti a ele, vendo a dor e a mágoa em seus olhos e sentindo o meu próprio peito ficar pesado com todo aquele sofrimento. — Mas você não está agindo assim porque o cantor estava falando comigo ou porque ele queria a minha atenção, estou errada? — pressionei.

Finn olhou para o chão.

— Eu só tenho que proteger você porque...

— Então me proteja, mas você não pode sair por aí jogando todo mundo que conversa comigo no chão — expliquei. — E tem que me deixar viver. Entendo que você tem que me proteger, mas não pode me impedir de viver a minha vida.

— Acredite, eu não quero impedi-la de viver a sua vida. Não é essa a questão.

— Então qual é a questão, Finn?

Dobrei os joelhos e passei por debaixo do braço de Finn. Atravessei a sala e me virei para encará-lo. A luz que entrava pelas janelas empoeiradas iluminou o rosto dele quando ele se virou para me encarar. Ele parecia cansado.

Atormentado.

— Eu não quero te assustar. Sinto muito por ter empurrado aquele garoto. Sei que você não gosta de violência. Não quero que veja o seu pai em mim — murmurou.

As palavras da carta da minha mãe me vieram à mente, como se ela estivesse do meu lado ali na biblioteca sussurrando as palavras na minha orelha.

Na minha vida, aprendi que existem dois tipos de pessoas: as fracas e as fortes. Aquelas que são fortes erguem as demais para que se sintam igualmente fortes. Aquelas que são fracas fazem o que podem para que as demais se sintam tão desamparadas quanto elas. Cerque-se de pessoas fortes.

Apaixone-se pelas pessoas fortes.

— Eu jamais poderia ver o meu pai em você! Ele não era apenas um alcoólatra controlador que gostava de usar o punho mais do que palavras. — Finn se encolheu. — O meu pai era o demônio em pessoa pregando para mim e para a minha mãe de um púlpito de mentiras. Você jamais fez com que me sentisse pequena, envergonhada ou com medo. Você não tem nada a ver com o meu pai. Nem no pior dos seus dias.

Os ombros de Finn caíram como se ele estivesse aliviado ao me ouvir dizer aquelas palavras. Mas tinha mais coisa. Eu sentia que alguma coisa preenchia o espaço entre nós.

— Tem a ver com a Jackie, não tem? — perguntei. — Tem — confirmei, sem que ele precisasse dizer uma única palavra. — Você quer me salvar porque ainda se sente responsável por não ter conseguido salvá-la. É isso?

Dei um passo mais para perto dele, sentindo-me frustrada de ver que ele ainda se culpava.

Finn olhou para mim com um milhão de emoções por detrás daqueles lindos olhos azuis, uma mais dolorosa que a outra.

— Tenho que proteger você — foi tudo que ele conseguiu dizer. Seus olhos se atiraram em um livro aberto sobre a mesa. Eu me inclinei sobre ele e li o título do capítulo.

DEPRESSÃO E GENES.

COMO O SUICÍDIO PODE SER HEREDITÁRIO E POR QUÊ.

Apontei para o livro.

— É tudo por causa disso? Você tem medo que eu acabe me matando assim como a minha mãe fez? — Dei um passo à frente. — Como a Jackie fez? Eu não quero morrer, Finn. Se quisesse morrer, teria ficado debaixo do teto do meu pai até que ele espantasse a vontade de viver do meu corpo na base da surra, ou me matasse de uma vez. Mas eu vim para cá. E vim porque quero VIVER.

Finn desviou o olhar, mas eu me ergui na ponta dos pés e o puxei para que me encarasse, pressionando o peito contra o dele.

— Você merece coisa melhor do que eu — declarou, com um sussurro.

— Isso não é verdade — argumentei. — E mesmo que fosse... — Acariciei os lábios dele com os meus. — Eu escolho você.

— Eu só não quero perdê-la. Eu acho... — Ele parou e envolveu o meu rosto com as duas mãos. — Acho que eu não sobreviveria a isso outra vez.

Estávamos tão próximos que respirávamos um ao outro. Sentindo a angústia um do outro.

A mágoa.

A dor.

— Não quero que confunda o seu sentimento de culpa pelo que aconteceu com a Jackie com o que está acontecendo entre nós dois, seja lá o que for — declarei. — A Jackie era importante para você, Finn. Tudo bem falar sobre ela. Tudo bem falar sobre ela comigo. Tudo bem ainda sentir amor por ela, mas não deixe o modo com o qual você se sente em relação a ela confundir o modo como se sente em relação a mim, porque eu não sou ela. Sem dúvida, já me magoaram, mas não estou deprimida. Eu sou mais forte por conta do que passei. Sou mais forte por sua causa.

Finn soltou o meu rosto e suas mãos escorregaram pelos meus braços.

— Eu não sou um fantasma e não vou competir com um. Isso é impossível.

Eu me afastei e dei alguns passos para trás, precisando de espaço para pensar.

Para respirar.

— Seja lá o que for isso — começou Finn, baixinho. Com calma. Ele veio por trás de mim, me virou e me fez andar para trás até o meu quadril encostar na mesa e eu me ver sem alternativa a

não ser subir e me sentar nela para não ser esmagada. — Seja lá o que for, isso faz o meu coração bater mais rápido e deixa a minha mente acelerada — continuou, com a voz rouca. — Seja lá o que for, isso me faz questionar como e por que alguém como você veio parar na minha vida. Você é linda, Sawyer, por dentro e por fora. Você brilha como a porra do sol. Você é inocente, acolhedora e radiante, e tudo que tem de bom nesse mundo. Você acende no meu coração uma coisa que estava quebrada e apagada já há muito tempo.

Ele me pegou pela cintura e me puxou para perto dele.

— Se eu ainda me sinto culpado em relação à Jackie? Sim, me sinto. Mas desde que nos conhecemos, o motivo da minha culpa é outro.

— E qual é? — perguntei, ofegante, sentindo a força do corpo e das palavras de Finn, como se as duas coisas estivessem me pressionando.

— Eu não podia seguir adiante até então porque sentia que se ela não podia, então eu também não deveria. Mas agora? Agora eu me sinto culpado porque... — Ele roçou o nariz no meu. — Por mais que eu amasse a Jackie, as coisas nunca estavam bem entre nós. Crescemos e nos tornamos adultos juntos, mas o nosso relacionamento era imaturo na melhor das hipóteses. Ainda éramos um casal de adolescentes tentando fazer a merda funcionar nos nossos melhores dias. — Ele apoiou a testa na minha. — Eu sei disso agora e não é SÓ porque eu amo você...

Não é só porque EU AMO VOCÊ.

Todo o ar que eu ainda tinha nos pulmões escapou de repente naquele instante quase que ruidosamente. Fiquei sentada ali, boquiaberta, com o coração batendo descontroladamente e com as coxas tremendo.

Havia dor e havia amor na voz de Finn no momento em que ele atropelou os meus lábios com os dele.

— Mas, porque eu a amo mais.

CAPÍTULO 37



SAWYER

Finn empurrou o quadril contra mim e joguei a cabeça para trás, suspirando.

— Esse suspiro é meu. Essa boca é minha. VOCÊ. É. MINHA — declarou, com a voz rouca.

Por mais que aquelas palavras mexessem com alguma coisa nas profundezas do meu corpo, a minha mente não parecia gostar muito daquilo.

— Eu não pertencço a ninguém, Finn — argumentei, respirando forte. — Não sou um bem. Não posso ser possuída.

— Você está certa. Você não é um bem — concordou. — Mas você pertence a mim SIM. Você pode não ser um bem como um carro ou uma casa, mas você é minha. — Ele colocou a mão no peito e abaixou o tom de voz. Seus olhos estavam iluminados. — Do mesmo jeito que os meus pulmões ou o meu coração são meus. Você é uma parte de mim, Sawyer. E nesse sentido, você pertence

a mim. — Eu senti a luta desaparecer e o meu corpo se derreteu no dele. — Fale que você é minha — pediu, sussurrando no meu pescoço enquanto os seus dedos subiam pelas minhas coxas, erguendo com eles o meu vestido.

O meu corpo vibrava com aquela sensação. Com aquele desejo. Com aquela NECESSIDADE.

— Fale — insistiu, deslizando os dentes na minha clavícula.

— Eu sou sua. Eu sou sua! — admiti, com um grito, antes de puxar a cabeça de Finn para olhá-lo nos olhos. Eu precisava que ele visse a verdade das minhas palavras. — Eu sempre fui sua.

Um som gutural vibrou no fundo da garganta de Finn.

— Eu preciso de você — gemeu, tocando os meus lábios com os dele. Sua língua procurava entrada enquanto devorava a minha boca como se a estivesse invadindo.

Como se a estivesse reivindicando.

Como se a estivesse possuindo.

As mãos de Finn estavam em todo lugar. Debaixo do meu vestido, apertando os meus seios, arrancando meu vestido por cima da minha cabeça para atirá-lo no chão.

Finn soltou o meu sutiã e, sem perder tempo, me empurrou de volta na mesa.

— Bonita pra caralho — gemeu, antes de lamber em volta dos meus mamilos. A sensação que aquilo provocou em mim enviou uma onda de prazer no meio das minhas pernas, e eu senti que estava ficando cada vez mais molhada. A necessidade crescia

dentro de mim e atingia um nível completamente novo.

O Finn me levantou da mesa e me colocou no chão, arrancando a minha calcinha com um movimento rápido.

Ele afastou os meus joelhos com as mãos, abrindo-me para que eu sentisse a sua rigidez na minha pele sensível através do jeans que ele estava usando. Ele rastejou pelo meu corpo e me beijou com força. Sua boca devorou os meus lábios, nossas línguas dançaram juntas, fundindo como se, entrelaçadas, fizessem parte uma da outra. Ele soltou a minha boca para descer os lábios pelo meu corpo, beijando e lambendo e chupando a pele em um trajeto quente. De repente, ele parou e ficou com a boca acima da necessidade que pulsava entre as minhas coxas que tremiam.

Tudo aquilo que Finn estava fazendo comigo eu sentia não apenas no meu corpo, mas na minha mente, no meu coração. Ele não estava apenas me fazendo sentir coisas, ele estava abrindo os meus olhos, e era como se pela primeira vez eu fosse capaz de enxergar claramente.

Finn lambeu o meu centro de forma longa e lânguida, enviando uma onda de prazer pulsante por todo o meu corpo. Aquilo era tão poderoso, que eu arqueei o corpo saindo do chão, sentindo os músculos no fundo do meu ventre pulsar.

— O seu gosto é incrível. — Finn gemeu e, dessa vez, quando os lábios dele tocaram a minha carne sensível, ele não só lambeu, mas também chupou. Colocando suavemente o polegar e o indicador em cada lado da minha abertura, ele empurrava os dedos juntos enquanto cobria o meu sexo com a boca, chupando e

lambendo em um movimento de trás para frente que me fez fechar os olhos com força. Uma luz colorida dançava por trás das minhas pálpebras como um relâmpago, mas eu não queria fugir desse medo.

Eu estava correndo na direção dele.

Na direção de Finn.

Ele começou a me lambendo mais rápido. A me chupar com mais força. O prazer era tão intenso, que só me dei conta de que eu estava arqueando as costas quando Finn me puxou para baixo pelo quadril. Ele continuava a me levar cada vez mais para perto do limite que eu não sabia que existia até conhecê-lo. E cada vez que me fazia gozar, o prazer era mais intenso do que o anterior.

— Isso é como... — Eu me ouvi falar com uma voz grave e nebulosa, marcada com a intensidade de tudo que estava sentindo. Mas não conseguia terminar a frase. — Isso é como...

Finn levantou a boca, deixando exposto o meu cerne molhado. O meu corpo contraiu com a perda do contato. Ele arrancou a camiseta pelas costas e a atirou no chão, expondo os seus ombros e bíceps ridiculamente definidos, e as ondulações daquele abdômen esculpido que levavam ao V que escapava do jeans desbotado. Seus olhos estavam focados no meio das minhas coxas, naquilo que ele tinha deixado molhado. Suas pálpebras estavam pesadas, e seu olhar era tão intenso que me arrepiei.

Fiquei com água na boca ao vê-lo e os meus dedos coçaram querendo tocá-lo. Eu sentei e fui descendo com as pontas dos dedos pelos músculos daquele torso incrível. Finn me beijou

outra vez.

— Porra, Sawyer... — gemeu, com os lábios na minha boca, envolvendo e apertando os meus seios, fazendo os meus mamilos doerem. — Eu quero você — murmurou, entre um beijo e outro. — Pra caralho, porra.

— E você pode me ter. — Respirei fundo.

— Não precisa ser agora — retrucou, com as veias dilatadas no pescoço. — Não precisa ser exatamente agora.

Dava para ver que ele estava prestes a perder o controle.

— Finn... — comecei, olhando no fundo de seus olhos. E, naquele instante, eu não vi nem culpa nem tristeza, como eu tinha visto quando nos encontramos pela primeira vez. Havia apenas desejo, e o amor irradiava de seus lindos olhos azuis. — Eu sou sua.

Finn não perdeu tempo. Ele levou a mão ao cinto e o soltou, puxando o botão e levando o jeans para debaixo das suas nádegas firmes. A sua ereção impressionante saltou livre, e a intensidade da nossa conexão cresceu ainda mais. A vibração agora era eletricidade pura entre nós dois.

Por cima de mim, Finn se colocou entre as minhas pernas. Seu peito forte tocava os meus seios macios. Sentir a pele suave e quente que envolvia aquela saliência longa e firme pressionando os nervos na minha abertura era uma sensação como nenhuma outra. O meu corpo inteiro estava vivo com sensações por dentro e por fora.

— Você está molhada pra caralho — disse ele, olhando

para baixo e assistindo enquanto esfregava a sua grossura no meu centro. Eu só consegui balançar a cabeça. Finn abaixou o corpo sobre mim e desceu a mão para brincar com os dedos na minha abertura. Ele empurrou um dedo para dentro e eu dei um pulo, vendo estrelas de êxtase. — Porra. Você é apertadinha mesmo, Say.

Ele continuou com o dedo dentro de mim, esfregando as minhas paredes internas e criando um tipo de sensação que queimava dentro de mim.

— Eu quero sentir você... — pedi, esticando o braço e colocando a minha mão em volta da pele macia do seu pau. — Dentro de mim.

Ele gemeu e os seus olhos fixaram nos meus. Ele tirou o dedo e se posicionou na minha abertura, esfregando a sua masculinidade no meu centro e enviando faíscas por todo o meu corpo.

Ele colocou a boca dele na minha, beijando-me mais intensamente do que nunca.

Então começou a brincar com a minha abertura girando lentamente o quadril. Eu não sabia quanto mais poderia aguentar antes de desmaiar.

— Você. É. Minha — declarou, com voz rouca por entre os dentes.

— Sim! — gritei.

As veias no pescoço de Finn se contraíram quando ele começou a entrar em mim. Ele me beijou outra vez enquanto me

virava do avesso. No começo era apenas uma sensação que queimava e que crescia conforme ele empurrava mais fundo. Então os seus lábios se afastaram sutilmente dos meus.

— Eu amo você, Say — sussurrou, antes de empurrar com força e quebrar a barreira final que nos separava.

Parecia que eu tinha sido cortada por dentro com uma faca de serra. Por sorte, a sensação foi breve e em segundos voltou a ser algo que queimava lentamente.

— Desculpe — pediu, antes de descer com os lábios até os meus mamilos e os chupar até me fazer sentir pulsar ao redor dele.

— Eu... eu não sei o que estou fazendo — falei, com dificuldade, fechando os olhos com força.

— Abra os olhos, Say — orientou.

Quando abri, ele me olhou nos olhos.

— Você não precisa fazer nada. Só sentir. Só me sentir. Só sentir isso que está rolando entre nós.

Ele começou a deslizar para fora de mim lentamente para, então, entrar outra vez, enterrando a sua rigidez lá no fundo dentro de mim, o mais distante que conseguia chegar.

Eu nunca tinha me sentido tão plena.

Corpo e coração.

— Puta que pariu — gemeu. — A sensação que você me dá... é incrível. — Ele beijou os meus lábios. — Você é incrível.

Então começou a se mover outra vez. Lentamente no início. Tirando e colocando, criando uma onda de prazer ainda mais intensa com cada movimento. O meu canal apertou em volta de

Finn e os seus ombros enrijeceram.

— Isso é tudo, Say. VOCÊ é tudo.

Finn começou a empurrar com mais força e mais rápido. Não consegui segurar o gemido que escapou da minha boca quando uma luz ofuscante de prazer começou a crescer dentro de mim, levando-me cada vez mais para perto do limite.

Aquela era uma intensidade de prazer, de amor, que eu nunca tinha sentido antes. Aquilo não era apenas sexo. Éramos nós dois nos conectando.

Amando.

Sendo.

— Você quer mais? — perguntou Finn, e pela voz rouca e pela rigidez de seus ombros, eu soube que ele estava fazendo de tudo para segurar.

Ele empurrou para dentro de mim e eu gritei de prazer, arqueando as costas.

— Eu quero... eu quero tudo!

Com um rugido, o Finn começou a empurrar cada vez mais rápido, cada vez com mais força, até que tive certeza de que o meu corpo acabaria entrando em combustão espontânea por ser incapaz de processar as sensações que estavam colocando fogo no meu corpo.

Erguia o quadril arqueando as costas e ia de encontro a cada movimento que ele fazia, porque eu podia não saber o que estava fazendo, mas sabia o que era gostoso, e ter Finn dentro de mim o mais profundamente possível era o que tinha de mais

gostoso.

Era como se ele tivesse sido feito para estar ali.

Era como se não importasse o quanto ele avançava para dentro de mim, nunca era suficiente.

Eu tinha a impressão de que ele nunca conseguiria avançar o bastante.

Finn ergueu as minhas pernas, colocando os meus joelhos dobrados em seu peito.

— Pensei em você desse jeito milhares de vezes desde que nos conhecemos.

Ele entrou em mim outra vez me atingindo em um ângulo que me fez berrar mais alto que o som do trovão que ressoava do lado de fora.

— Você é melhor do que eu podia imaginar. Você é tudo para mim. Você me faz querer ser alguém melhor. Você me faz alguém melhor.

Os meus olhos começaram a arder. Ele entrou e saiu lentamente, mantendo os olhos colados nos meus. Nenhum de nós queria quebrar aquela nossa conexão. Eu mal piscava quando as primeiras lágrimas que em anos eu não derramava escorreram pela lateral do meu rosto.

Finn abaixou mais para perto e beijou a minha têmpora, enxugando as minhas lágrimas com os seus lábios.

Com o seu amor.

— Tudo em você tem gosto bom — murmurou, e a sua expressão o fez parecer aflito. — Eu achei que você tinha dito que

não chorava?

— Fazia anos que eu não chorava. Essas lágrimas são de alegria. São por sua causa. São *por você*.

— Say... — gemeu, com os ombros enrijecidos. Sua voz estava rouca e grave.

A pressão no meu baixo ventre começou a relaxar, liberando uma injeção de êxtase pelo meu corpo enquanto o meu ventre contraía e o nome de Finn escapava dos meus lábios. As lágrimas continuavam a escorrer enquanto o meu corpo se transformava em uma bola de fogo de ondas intermináveis de um prazer que eu não sabia que era capaz de sentir, de um prazer que eu quis experimentar de novo e de novo desde o instante em que o senti tomando conta do meu corpo.

Da mesma maneira que Finn tinha tomado conta do meu coração.

— Say, ah, porra. Say! — gritou Finn, empurrando para dentro de mim de maneira ainda mais selvagem e cada vez mais no fundo. Então ele ficou imóvel, gemendo e gozando em longos esguichos que eu podia sentir no fundo da minha alma. O calor pulsante que ele liberava me deixou ofegante apertando em volta dele, experimentando a última onda do meu orgasmo e sugando a última gota do dele.

Finn rolou os nossos corpos, saindo de mim lentamente e me ajeitando em seus braços. Sua ereção ainda estava rígida, molhada e quente, tocando de maneira pegajosa a minha pele. Ele beijou a minha têmpora e envolveu sutil, porém possessivamente, a

minha garganta.

— Minha — sussurrou outra vez, apertando a minha garganta levemente. Um lembrete gentil, mas desnecessário.

Eu era dele.

Eu já sabia há muito tempo. Muito antes de admitir para mim mesma.

Naquela noite, Finn garantiu que aquele era um fato do qual eu jamais conseguiria me esquecer.



FINN

Eu não conseguia dizer para ela com palavras como estava me sentindo, então falei com o meu corpo. Eu a venerei com a minha boca.

Com os meus dedos.

Com o meu pau.

Eu fui o primeiro dela.

O primeiro *tudo*.

Ainda bem que eu não estava planejando morrer em breve, porque não havia dúvidas na minha mente de que depois de tirar a virgindade de Sawyer no chão da biblioteca, eu iria direto para o inferno.

Mas eu não conseguia me sentir mal a respeito daquilo. Eu não me arrependi. Nem por um instante. A única coisa em que

pensei depois de ver Sawyer gozar foi no quão rapidamente eu conseguiria fazê-la gozar de novo.

E de novo.

A questão era que, depois de ter Sawyer, depois de tê-la possuído, depois de ter possuído TUDO dela, eu saltaria com satisfação na jangada do ceifador e desceria o rio assobiando para me encontrar com o diabo.

Valia a pena ir para o inferno por Sawyer Dixon.

Há momentos na vida, até mesmo segundos, em que acontece alguma coisa que muda tudo. Que te faz mudar. Eu estava passando por um desses momentos. E Sawyer também.

Naquela biblioteca, naquele chão, foi exatamente isso que aconteceu.

Foi como se eu, de repente, tivesse parado de caminhar com dificuldade ao longo da mesma estrada de pedra empoeirada pela qual eu vinha seguindo há dois anos e tivesse finalmente pegado uma saída.

Coloquei os braços em volta dela e senti o corpo tremer.

— Você está com frio? — perguntou, pressionando o calor do seu corpo contra o meu tórax. Sentir os peitos de Sawyer serem apertados contra a minha pele fez o meu pau pulsar excitado outra vez.

— Estou — menti, quase sem conseguir conter o tremor da minha voz.

Um tremor que não tinha nada a ver com frio. Fazia trinta graus lá fora, se não fosse mais. Aquilo era mais um tipo de efeito

colateral de sentir coisas que eu não estava acostumado.

Coisas que só Sawyer tinha me feito sentir.

Eu tinha dado tudo para ela naquele chão, inclusive o meu coração. Não era grande coisa, mas eu tinha dado tudo que tinha para oferecer. E quando vi as lágrimas escorrendo por aquele rosto lindo, tive que me esforçar muito para evitar que as minhas próprias lágrimas escapassem, porque foi naquele momento que vi que ela também tinha me dado tudo.

Tudo e ainda mais.

CAPÍTULO 38



FINN

— Você comprou uma biblioteca para mim? — indagou Sawyer, com os olhos arregalados enquanto olhava para as prateleiras que tinham sido limpas e abastecidas recentemente.

Eu tinha esperado o meu cérebro se recuperar do melhor orgasmo da minha vida para dar a ela as chaves e surpreendê-la.

Ver o jeito com que ela passeava de prateleira em prateleira foi quase tão incrível quanto ver o jeito com que ela se derretia em baixo de mim.

Quase.

— Na verdade, não. Ela já era minha. Eu só achei que, como eu não estava usando, talvez você quisesse ficar com ela. Você pode administrá-la. Pode fazer o que quiser com ela. A cidade tem uma verba para biblioteca esse ano. Pode abri-la outra vez e fazer dela a melhor biblioteca que Outskirts já teve, ou pode mantê-la fechada e usá-la como o seu canto de leitura — falei, com um riso

nervoso.

Fiquei vendo o jeito inocente com o qual Sawyer fazia a festa com todos aqueles livros, passeando com as mãos nas lombadas. O primeiro que ela pegou da prateleira foi um contos de fadas. Ela foi até o sofá no meio da sala e se deitou ali, apoiando as pernas nos braços do sofá.

Ergui os pés de Sawyer e sentei, deixando as pernas dela esticadas sobre as minhas.

— Contos de fadas, é? Sabe que essas histórias não são reais, não sabe? — brinquei.

— Pode acreditar quando eu digo que eu sei muito bem que a vida não é nenhum conto de fadas... — respondeu, abrindo o livro em uma página que tinha o desenho de uma biblioteca com uma princesa e uma fera em pé no meio dela. — Mas, ainda assim, aqui estou eu, na minha própria biblioteca... com a minha própria fera.



SAWYER

Finn sorriu.

— Bom, fera faz mais sentido do que príncipe.

— Ou Abominável Homem do Pântano — acrescentei.

— Isso provavelmente é o que faz mais sentido — concordou, inclinando o corpo e examinando o livro de contos de

fadas que estava no meu colo. — Você já leu de verdade algum conto de fadas? Alguns deles são ótimos. Mas muitos são bem estranhos. Tem história de bruxa atraindo crianças até a sua casa para comê-las, tem história de rainha perversa querendo matar uma princesa inocente só porque ela é bonita. Alguns na verdade são bem cruéis. — Finn deu de ombros. — Eu poderia inventar uma história melhor que essa.

— Ah é? — perguntei, curiosa para saber onde ele queria chegar. — E como é a história?

Finn afastou as minhas pernas, me levantou pela cintura e me colocou em seu colo, de frente para ele.

— Era uma vez um homem... — começou. — Um recluso tão afetado por sua própria dor, que não conseguia se erguer para encarar o mundo. Então a mais forte e a mais corajosa garota que ele já havia conhecido apareceu com a sua boca petulante... — Ele beijou o canto dos meus lábios. — E com a sua carne inocente e doce... — Ele apertou o meu quadril. — Fazendo o homem querer coisas que há muito, muito tempo ele não queria.

— E isso é tudo? — perguntei, sussurrando. As minhas coxas o abraçaram com força de maneira instintiva e os olhos de Finn escureceram.

Ele negou com a cabeça, me tirou do seu colo gentilmente e me colocou no sofá.

— O homem disse a si mesmo que ficaria melhor sem ela — continuou, deslizando o seu corpo para fora do sofá até ficar de joelhos na minha frente. Ele empurrou a barra do meu vestido e logo

puxou a minha calcinha, passando a peça pelas minhas pernas e estendendo os meus joelhos. Ele lambeu os lábios ao ver o meu clitóris embaraçosamente inchado. — Ele disse a si mesmo que era melhor ir para muito, muito longe... — contou, com uma voz grave e rouca, com os seus olhos escurecidos e com as pálpebras caídas. — Por um curto período, ele realmente acreditou naquilo — continuou, enquanto se curvava e sussurrava tais palavras com os lábios colados na pele sensível da parte interna das minhas coxas. O meu ventre apertou em antecipação.

— Até que um dia ele não conseguiu mais lutar contra a necessidade de reivindicá-la e de tê-la para si.

Ele me olhou nos olhos quando passou a língua aberta sobre o meu clitóris. Eu recuei e o meu livro caiu do braço do sofá no tapete.

Finn deu risada com a boca ainda tocando os meus grandes lábios.

— Mas o homem não queria apenas o corpo incrível que aquela garota tinha...

Lambida.

— Ele queria a sua mente.

Lambida impossivelmente lenta.

— O seu espírito. Tudo que ela estava disposta a dar a ele.

Ele ergueu o olhar para mim.

E mais.

— E o que ele fez então? — perguntei, lutando contra a vontade de apertar a cabeça dele com as minhas coxas. Ele

empurrou os meus joelhos e abriu as minhas pernas, olhando de maneira perversa para o meio delas e sorrindo.

— Ele foi e pegou o que queria.

E foi exatamente o que ele fez naquele momento. Ele escancarou a boca e chupou o meu clitóris e os meus grandes lábios inchados para dentro da sua boca, repetindo movimentos circulares com a língua até fazer tudo ao meu redor ficar turvo, fazendo-me ver estrelas em pleno dia ensolarado. Ele mergulhou a língua dentro do meu buraco e, com um movimento semelhante ao movimento de uma onda, massageou as minhas paredes internas.

Finn não estava apenas me saboreando. Estava me devorando. Aquilo não era um simples ato, era uma reivindicação oral. Uma reivindicação que eu não queria negar. O meu centro começou a apertar a língua de Finn e uma pressão incrível começou a crescer dentro de mim. Quando ele subiu a mão por debaixo da minha roupa e apertou o meu mamilo, na mesma hora em que beliscou levemente o meu clitóris com os dentes, não consegui segurar. Corri na direção do precipício sem paraquedas, sem hesitação, e pulei direto em uma erupção de prazer que começou a explodir dentro de mim e que não deu trégua até eu ter espremido todo o êxtase do meu corpo.

— E esse é o fim da história? — perguntei ofegante, quando consegui enxergar outra vez. Finn lambeu os próprios lábios, saboreando a minha umidade brilhante que tinha ficado neles, e me puxou para o chão.

Ele deu risada.

— Não, gata.

Ele abaixou a calça jeans e acariciou a sua espessura comprida com a mão. Lentamente, para cima e para baixo.

— Esse é só o começo.

Finn estava certo afinal de contas. Qualquer coisa poderia ser um conto de fadas. E quando ele tomou o meu corpo outra vez, eu soube que não tinha motivo algum para querer um príncipe.

Eu já tinha a minha fera.

CAPÍTULO 39



FINN

Mantive a promessa que tinha feito para Sawyer e vinha vasculhando a sala dos fundos da biblioteca em busca de alguma evidência de que Caroline Dixon ou Caroline Ellen tinha algum outro laço com Outskirts. Eu tinha dado uma olhada em duzentos arquivos empoeirados que estavam em caixas que caíam aos pedaços no instante em que eu removia a tampa quando me deparei com um documento com o nome Caroline Dixon nele.

— Por que você mentiu para Sawyer quando ela perguntou se você tinha conhecido a mãe dela? — perguntei, no segundo em que entrei no bar do Critter e o vi fumando na rua de trás.

— Oi, para você também, Finn. Bom ver você — cumprimentou, com o timbre grave de barítono que ele tinha. — Estou ótimo. Os negócios andam muito bem. Obrigado por perguntar.

— A gente pode fazer isso tudo depois. Antes, preciso

saber por que você mentiu para Sawyer.

Encostou na parede atrás dele e deu um trago no cigarro, soprando a fumaça em círculos no céu.

— É uma longa história. Mais longa do que a vida que você teve até agora.

— Eu tenho que saber.

— E posso saber por quê? — perguntou Critter.

Lancei para ele um olhar de quem sabia mais do que ele tinha imaginado.

— Juro por Deus, garoto, se você fizer alguma merda com aquela garota, eu vou dar uma surra tão grande em você como essa cidade nunca viu. Estamos entendidos?

Suas ameaças costumavam me irritar, mas essa não. Fiquei feliz de ver que Sawyer tinha nele outro protetor. Ele era como o tio que eu nunca quis ter na minha vida.

— Bom. Esperava exatamente isso de você.

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão. Em vez de apertá-la, eu entreguei a ele o documento.

— Agora me conte por que foi que você mentiu para a minha namorada.

— Venha comigo — resmungou.

Eu o segui até a cozinha, onde ele serviu uísque em copos descartáveis vermelhos para nós dois.

— Saúde — disse, antes de batermos os nossos copos plásticos um no outro e tomarmos as nossas doses.

Ele foi até a mesa, que era apenas um pedaço de madeira

retangular no canto com uma montanha de papéis e notas fiscais espalhadas por cima. Abriu uma gaveta, puxou um pedaço de papel amarelo e o entregou para mim.

— O que é isso? — perguntei.

— Isso é tudo. O motivo pelo qual eu menti para a Sawyer. O motivo pelo qual ela não sabe nem metade do que aconteceu desde que chegou aqui.

Eu li o panfleto várias vezes para ter certeza de que aquilo que eu estava lendo estava certo.

CULTO ITINERANTE DA IGREJA LUZ DIVINA
PARQUE DE EVENTOS ABERTOS DO CONDADO
DE BRILLHART. DATAS A SEREM ANUNCIADAS

Lembrei que Sawyer tinha mencionado aquele nome.

— É a igreja onde ela cresceu, não é? — perguntei, olhando para ele, que virou outra dose e foi para a área do bar. Fui atrás dele e bati com o panfleto no balcão.

— E o que é que isso significa? — perguntei, sentindo-me frustrado.

— Significa que eu tenho que contar uma história sobre um homem chamado Richard Dixon. O filho-da-puta mais baixo que já rastejou nessa bola imunda que a gente chama de planeta Terra. Aquele rato bastardo é um dos chefes dessa igreja.

— Mas é só uma coincidência, não é? Sawyer falou que o pai dela não sabe onde ela está e que ele não tem como encontrá-

la, porque nunca soube sobre o terreno.

Eu soube que estava errado antes mesmo das palavras terminarem de sair da minha boca.

Critter ergueu as sobrancelhas fartas para mim.

— Mas isso não é verdade, é?

Negou com a cabeça.

— Sawyer acha que é. E, por ora, é melhor assim. Aquela garota já passou por coisa demais. Ela não precisa se preocupar... a não ser que chegue um momento em que ela realmente precise se preocupar.

Comecei a entrar em pânico. Sawyer estava com Josh no apartamento dela e eu tinha que entender direito o que estava acontecendo.

— Você tem que me dar alguma coisa aqui. — Eu estava praticamente implorando. — Tenho que proteger a Sawyer. Conte tudo que sabe. Não tenho como lutar por ela se não sei contra quem ou contra o que estou lutando.

Ele suspirou.

— Eu recebi isso hoje. Ia falar com você essa noite. — Em se tratando dele, ninguém jamais havia conseguido um pedido de desculpas mais direto. — Richard Dixon sabe exatamente onde Sawyer está. Ele provavelmente já sabia para onde ela estava indo antes mesmo de ela chegar aqui — explicou.

— Como? — perguntei, ainda sem entender cem por cento.

— Esse é o único ponto em que ele é parecido comigo. Ele sabe das idas e vindas de todo mundo ao redor. — Ele olhou em

volta como se estivesse procurando alguma coisa. — Mas saiba que agora eu estou de olho naquele bastardo, e quando ele chegar... — Critter colocou a mão debaixo do balcão e puxou uma espingarda. Ele a engatilhou e o clique ecoou no bar vazio. — Estaremos prontos para ele. — Debruçou sobre o bar. — Você está dentro ou não?

— Estou — respondi, sem pensar duas vezes. — É claro que estou.

Ele deu um tapinha em minhas costas.

— É o que eu esperava que dissesse. Então chegou a hora de contar a história de um homem chamado Richard Dixon. O filho da puta que se diz pai da Sawyer.

— Por que você insiste de chamá-lo pelo nome? — perguntei, quando me dei conta da insistência em dizer o nome dele ao invés de chamá-lo de pai de Sawyer.

Colocou a espingarda no balcão.

— Porque ele não é o pai dela — revelou, irritado, abrindo a carteira e me mostrando uma foto de uma mulher que era a cara de Sawyer, apesar de loira. Ela estava sorrindo para a câmera, com os braços em volta da sua barriga de grávida. Então ele deu um tapa no documento que eu tinha entregado a ele, uma licença permitindo que fosse realizado o casamento entre Caroline Dixon e Critter Templeton.

Ele olhou nos meus olhos.

— Eu sou o pai dela.

CAPÍTULO 40



FINN

— Essa é a última vez que eu venho aqui — falei. Pela primeira vez, eu estava no topo do escorregador sem nenhuma garrafa ou baseado. Eram apenas eu, um cigarro e um sentimento de paz. — Eu queria dizer que eu sinto muito. Por ter culpado você, por não ter seguido adiante com a minha vida. Eu vejo agora que era o único que estava atrapalhando o meu caminho.

Respirei fundo, inalando o cheiro do pântano salgado.

— Eu sei disso agora. Sei muita coisa agora. Eu realmente amava você. Não do jeito que você merecia ser amada, mas eu realmente amava. E sempre vou amar. Espero que esteja em paz agora, porque eu acho... eu acho que estou finalmente chegando lá.

Eu me curvei até a caixa de papelão e peguei os sinos de vento que Jackie tinha feito para mim. Eu os amarrei no topo do escorregador e na mesma hora eles começaram a balançar intensamente com a brisa, tocando aquela música delicada de

sempre, sem nenhum compasso.

Exatamente como eu a amava. Intensamente. Além da razão.

— Adeus, Jackie.

Dei um suspiro, atirando o meu cigarro dentro da piscina lá embaixo.

Fiquei ali parado, sentindo o peso dos últimos dois anos saírem das minhas costas. Senti-me mais leve sabendo que voltaria para uma vida que tinha reaprendido a amar. Uma vida com Sawyer.

E era por causa dela que eu sabia agora, que não tinha problema algum me lembrar da Jackie. Não tinha problema algum pensar nela. Não tinha problema algum ainda sentir amor por ela.

E o mais importante, não tinha problema algum estar completamente apaixonado por Sawyer.

Porque eu estava.

Eu estava prestes a descer os degraus quando vi uma fila de caminhonetes e carros amarelos descendo a rodovia. Mas não foi aquilo que chamou a minha atenção. Não foi aquilo que me fez descer correndo os degraus desesperado para chegar até Sawyer.

Foi o logo azul que cada um dos veículos tinha nas portas.

Um sol que surgia por cima das montanhas.

Ele está aqui.

CAPÍTULO 41



SAWYER

Eu estava apreensiva.

Alguma coisa estava errada. E não era só porque eu não estava me sentindo muito bem. Eu tinha passado o dia inteiro com um enjoo que ia e voltava, mas não era isso. Era Finn. Ele vinha agindo de um modo estranho recentemente e, quando perguntei o que estava acontecendo, ele disse para eu não perder tempo tentando interpretar a sua introspecção. Ele tinha dado risada, mas aquele riso não tinha atingido os seus olhos.

Sabia que ele estava escondendo alguma coisa.

Para piorar, ele tinha saído para resolver umas coisas de manhã bem cedo e eu ainda não tinha recebido notícias. Já era quase meia noite.

O meu humor devia estar estampado na minha testa porque, enquanto eu estava varrendo, Critter colocou a mão debaixo do balcão e puxou uma espingarda. Ele a engatilhou e o som ecoou

nas paredes do bar.

— Onde é que está aquele filho da puta? — perguntou, indo até a porta. — Eu avisei...

— Critter! — gritei, na direção dele. — Pare com isso. Espere!

— Ele machucou você? — perguntou, virando para mim e me olhando de cima abaixo, parecendo haver sangue em seus olhos escuros.

— Eu avisei para aquele filho da puta.

— Mas não do jeito que se resolve com uma espingarda — expliquei, empurrando o cano de sua arma para baixo.

Ele ergueu uma sobrancelha farta:

— E existe algum tipo que não?

— Sim, e eu acho que esse é um deles.

Atravessei o ambiente e continuei a varrer enquanto ele foi para trás do balcão, deixando a espingarda ali em cima.

— Você não vai chorar, vai? — questionou, olhando para mim do balcão.

— Eu não choro — respondi, aprumando os ombros. — Já tem muito tempo que não choro.

Mas eu estava sentindo como se alguma coisa pesada estivesse sendo jogada no meu peito.

— Sim, mas, pela minha experiência, estar irritada por causa de um homem e lágrimas são coisas que andam de mãos dadas.

Pegou um copo e colocou três dedos do uísque que ficava

na prateleira de cima.

— Achei que você só bebia cerveja — comentei.

Ele ergueu o copo.

— Sinto que essa noite é uma noite para uísque — respondeu, sem parecer feliz como de hábito.

— Eu ficarei bem — tranquilizei-o, esperando que a mudança em seu humor não fosse por minha causa.

— Eu sei que vai. Você é durona, garota. Fico feliz que tenha vindo para cá. As coisas não seriam as mesmas sem você.

— Obrigada. Eu sinto o mesmo.

Critter tinha se transformado em uma família para mim. A família que eu nunca tinha tido.

— Espero que isso nunca mude — resmungou, e eu não tinha certeza se tinha escutado direito.

— Você fala essas coisas com bastante frequência — comentei, virando para olhar para ele e batendo sem querer o cabo da vassoura em um quadro que estava na parede, fazendo-o cair com tudo no chão com a imagem para baixo.

— Merda — resmunguei.

— Cuidado aí. Precisa de ajuda? — Critter perguntou.

— Já peguei — respondi, ajoelhando-me, pegando o quadro e colocando-o sobre a mesa mais próxima. Varri os cacos de vidro e juntei-os em uma pá de lixo antes de jogar na lata de lixo com rodinhas que eu tinha levado até a mesa. Sacodi o quadro em cima da lata de lixo para ter certeza de que não tinha ficado nenhum caco ali. A foto se separou da moldura e caiu no lixo.

— Critter, você nunca me contou. Quem essa mulher aqui te lembra?

Eu estava estendendo a mão na direção da foto que estava em cima da pilha de lixo, sentindo-me ofegante com aquela imagem me encarando, quando ouvi seus passos pesados atrás de mim. Ele olhou por cima do meu ombro e pegou a foto do lixo. Ele sorriu e passou as mãos de forma carinhosa sobre a imagem antiga de uma mulher sentada no balcão, sorrindo para a câmera como se a pessoa por trás da lente significasse tudo no mundo para ela.

Ele levantou a foto e apontou para a mulher.

— Ela... — Ele deu um suspiro profundo. Quando conseguiu falar outra vez, sua voz estava rouca. — Você me faz lembrar dela.

E dava para entender o motivo.

Aquela mulher... era a minha mãe.

CAPÍTULO 42



SAWYER

Sem conseguir tirar os olhos daquela foto, eu me sentei de frente para o balcão. Critter ficou em pé do outro lado e me serviu uma bebida. Colocou três dedos de uísque na minha frente.

— Aqui — falou.

— Eu não bebo uísque — disse eu.

— Essa noite você vai beber — insistiu, engolindo todo conteúdo do seu próprio copo antes de bater com ele no balcão e enxugar a boca com a manga da camisa. Pegou a foto das minhas mãos. — Eu ficava me perguntando quando você apareceria — disse, mas não estava falando comigo, estava conversando com a imagem.

Com a minha mãe.

— Essas são exatamente as mesmas palavras que você falou para mim quando eu te conheci — ressaltei.

Lançando para mim um sorriso triste que deixou a minha

boca seca, continuou:

— E foram exatamente as mesmas palavras que eu falei para ela quando ela entrou pela primeira vez no meu bar.

— Essa é a minha mãe — contei. — Mas alguma coisa me diz que você já sabia disso. Você mentiu para mim.

— Eu omiti a verdade — argumentou. Olhei bem para ele. — Sim, eu menti. Eu não queria. Deus sabe como odiei ter que fazer aquilo. Mas achei que era o melhor a fazer.

— Conte-me mais — pedi, buscando focar na minha meta de descobrir mais sobre a minha mãe e sobre a época em que ela esteve em Outskirts.

Critter riu e balançou a cabeça.

— É. Eu sabia. Eu sempre soube. Você é exatamente como a sua mãe. Ela fazia questão de mostrar o que era óbvio.

Eu não tenho nada a ver com ela, quis argumentar, mas estava surpreendida demais com aquele jeito com o qual ele estava falando sobre a minha mãe. Uma mulher que eu nunca consegui conhecer naquele nível de profundidade.

— Você sabe por que chamamos essas coisas de tinidos? — perguntou, apontando para o teto.

— Não — respondi, negando com a cabeça e girando o meu polegar no balcão.

— A sua mãe. Ela inventou esse nome. Ela disse que um tinido é o som que você ouve quando acontece alguma coisa na sua vida que vai mudá-la para sempre. Boa ou ruim, grande ou pequena.

Ele esboçou um sorriso triste no rosto.

— A vida é composta por milhares de tinidos e ela queria que as pessoas celebrassem aqueles que vivenciavam aqui. É por isso que agora penduramos os tinidos no teto.

— Uau.

Eu estava me sentindo confusa e, ao mesmo tempo, reconfortada por saber que a minha mãe tinha algo a ver com os pedaços de papel que vinham girando e balançando com a brisa do ar condicionado acima da minha cabeça havia semanas.

Critter limpou a garganta.

— Eu conheço todo mundo dessas fotos que estão penduradas nessas paredes. — Ele olhou para mim e sorriu. — Você pode não ter o cabelo loiro dela, e ela não tinha as suas sardas, mas... Esse rosto que você tem aí? É a sua mãe sem tirar nem pôr. Achei que estava vendo um fantasma quando você passou pela minha porta pela primeira vez. Eu quis falar com você sobre ela um milhão de vezes. Eu me peguei prestes a comentar o quanto você me lembrava sua mãe milhares de vezes. Como quando você fala rápido demais por estar nervosa ou como quando morde o lábio por estar tentando pensar em alguma coisa para dizer. A verdade é que eu não queria espantá-la daqui jogando isso tudo em cima de você no segundo em que chegou. Eu queria que encontrasse o seu caminho. Achei que poderia conhecer a cidade, que poderia conhecer as pessoas daqui. — Ele olhou no fundo dos meus olhos. — Que poderia me conhecer. — Ele apontou para o quadro. — Até mesmo ELA, antes que eu acabasse a espantando daqui com

histórias do passado.

Olhou para a porta como se a estivesse vendo entrar pela primeira vez.

Pegou a foto das minhas mãos e deslizou-a de volta no quadro, deixando-o encostado no pilar do balcão como se quisesse que a minha mãe participasse da conversa.

— Então, me conte... O que exatamente a minha mãe era sua?

Inclinando o corpo para frente, descansando os antebraços sobre o balcão. Ele entrelaçou os dedos e ficou olhando para a foto da minha mãe enquanto falava:

— Tudo. — Seus olhos, então, encontraram os meus. — A sua mãe era tudo para mim.



— Você pode até achar que a sua mãe não era forte o bastante porque ela nunca deixou aquele bastardo que dizia que era o seu pai, mas você está enganada. Ela o deixou sim. Uma vez — Critter explicou. — E foi por esse motivo que ela veio para cá.

Critter sabe do meu pai?

Eu não conseguia processar a ideia de que a minha mãe teria contado a alguém sobre o meu pai ou sobre o jeito com o qual ele nos tratava. Ela nunca contou para ninguém.

Nunca.

— Quando? — Foi tudo que eu consegui selecionar da

torrente de perguntas que me atropelavam todas de uma vez só.

— Muito tempo atrás. Antes de você nascer. — Ele olhou em volta do bar como se novamente estivesse vendo aquilo acontecer pela primeira vez. — Quando ela veio aqui.

— Eu... eu não sabia... — sussurrei, refletindo sobre aquela revelação. — A minha mãe não falava muito do passado. Tudo o que sei é o que encontrei em uma caixa que ela deixou para mim. Mas, fora a escritura e a chave da caminhonete e do trailer, só havia bugigangas, praticamente.

— Faz sentido. Ela era uma mulher muito reservada. Mas quando apareceu por aqui, eu não consegui me controlar. Eu sabia que era casada, mas enquanto ela se apaixonava pela cidade... eu me apaixonava por ela.

— Então o terreno que ela deixou para mim não foi uma compra feita em um leilão de TV tarde da noite ou algo que ela fez quando estava apenas de passagem. Foi parte da vida dela.

Eu ergui o olhar para o dele e seus olhos estavam iluminados.

Ele sorriu e olhou para os tinidos.

— Esse lugar ERA a vida dela.

— Por que ela foi embora se amava tanto esse lugar?

Critter olhou para os papéis pendurados no teto.

— Tem um acima da porta com a data de 6 de maio de 1996. Dá uma olhada.

Desci lentamente do banco e fui até a porta. Olhei para cima e fiquei procurando entre uma porção de mensagens que eram

na grande maioria notas de pessoas bêbadas falando sobre a melhor noite que tiveram na vida até que encontrei uma com a data de 6 de maio de 1996. Aquela sem dúvida era a letra cursiva peculiar da minha mãe.

Eu não tenho escolha. Sinto muito, muito mesmo.

- Caroline

Virei e voltei para perto dele, que estava de costas para mim, apoiado no balcão. Dei a volta e sentei outra vez no banco, ficando novamente cara a cara com ele.

— Quando ela foi embora, achei que tinha decidido voltar para ele. Para a igreja. Aquilo acabou comigo. Mas, anos depois, achei isso atrás da caixa registradora quando fui trocar a parte de cima do balcão. Deve ter caído. Ela nunca conseguia pendurar direito essas coisas. — Fungou. — Tenho mais coisas para contar.

Ele balançou a cabeça e bateu no balcão com as mãos abertas.

— Só me dê alguns minutos para... clarear a mente.

Ainda tinha muita coisa que eu queria perguntar, e Critter deve ter percebido.

— Só alguns minutos — repetiu.

— Está bem.

Finalmente tomei um gole no uísque e tossi quando o líquido queimou a minha garganta.

— Achei que você não bebia uísque? — perguntou, com os

olhos brilhando por conta das lágrimas contidas.

— Essa noite pede uísque — respondi, lembrando-me do que ele tinha dito no começo da nossa conversa.

— Eu já volto. — Apontou para a janela dos fundos e de repente o momento de relembrar o passado tinha acabado e o meu chefe estava de volta.

— Enquanto isso, tem uma porção de tinidos novos próximos à janela. Deve ter sido algum cliente novo que não fazia ideia de como se usa um grampeador. Pendure de volta para mim, pode ser?

— Claro.

Dei outro gole na minha bebida e tossi outra vez.

Critter desamarrou o avental que estava usando, colocou-o em cima do balcão, e pegou uma garrafa cheia de uísque. Ele não disse nada antes de desaparecer, passando pelas portas que ficaram balançando.

— Qualquer coisa estou na cozinha.

Eu queria ir atrás dele e pedir que me contasse mais, mas o olhar em seu rosto era de partir o coração, e eu sabia que ele me contaria mais quando estivesse pronto — apesar de que havia provavelmente mais de vinte anos que a minha mãe tinha estado lá, levando em conta a idade que eu tinha, e ele ainda não estava pronto.

Peguei o meu copo e andei arrastando os pés até um tinido caído. Abaixei-me para pegá-lo e puxei um banquinho para prender de volta no teto.

Continuo me apaixonando pelo mesmo idiota.

- Josh, A Policial Gostosa

Os outros que estavam esvoaçando ali por perto eram do Miller.

Recuperei meu amigo. Nem precisava de um jantar de reaproximação.

- Miller

Inventei uma nova modalidade de jantar: jantar de reaproximação.

- Miller

Apesar de ter me emocionado com o tinido que Miller escreveu sobre Finn, eu não pude evitar dar risada com os tinidos de Josh e Miller falando um sobre o outro. Eles realmente se amavam. Era um tipo único de amor.

Assim como o meu e o de Finn.

O nome de Finn nos meus pensamentos foi suficiente para me deixar ainda mais emotiva.

Era fácil encontrar os tinidos pendurados recentemente, aqueles que Critter tinha mencionado. A cor dos barbantes ainda era viva, ainda não tinha desbotado. Além disso, a tinta no papel ainda estava escura e destacada. Ele estava certo, tinha uma porção de tinidos novos. No mínimo dez, todos pendurados um depois do outro em uma fileira, e ao invés de terem sido afixados

com o grampeador como todos os outros, aqueles estavam pendurados de qualquer jeito no teto com pequenas tiras de durex.

Peguei o grampeador do balcão e subi em uma cadeira que arrastei pelo chão. Pendurei o primeiro papel no teto e o ar condicionado soprou, fazendo-o esvoaçar na minha direção. O texto ficou na altura dos meus olhos.

20 de maio de 2017

Me deparei com a garota mais linda que já vi e fui um babaca com ela.

- Finn

Respirei fundo. Aquela era data do dia em que cheguei à cidade. Mas aquele papel não estava ali na época. Fui para o próximo, sentindo o meu coração bater mais forte no peito.

29 de maio de 2017

Eu a beijei pela primeira vez. Acho que nunca mais vou conseguir parar de pensar nos lábios dela.

- Finn

Os meus olhos começaram a lacrimejar, mas continuei lendo.

15 de junho de 2017

Eu a fiz sorrir. Sardas são agora o que eu mais gosto no mundo.

- Finn

25 de junho de 2017

Agora ela é minha.

- Finn

Senti as lágrimas escorrendo pelo meu rosto no momento em que eu li o último tinido. Eu o arranquei do teto, me sentei na cadeira e o li de novo e de novo enquanto as lágrimas caíam:

Data: Não sei ao certo quando aconteceu, mas aconteceu.

Eu me apaixonei por Sawyer Dixon.

- Finn

As portas da cozinha rangeram ao serem abertas e aquele sentimento de atenção que eu achava que era medo, mas que agora estava associado a Finn, percorreu a minha espinha.

— Eu já estava me perguntando quando você apareceria — falei, virando-me com lágrimas de felicidade ainda escorrendo pelo rosto, pronta para pular da cadeira para os braços de Finn, mas dei de cara com Critter, que, com um sorriso no rosto, parecia se desculpar.

Ele mergulhou para debaixo do balcão e eu pulei da cadeira.

— O que está acontecendo? — perguntei, quando o vi pegar metade de um copo de uísque e engolir em apenas dois goles. — Você vai me contar o resto da história?

— A história não é minha para eu sair contando — Critter falou.

Eu já estava me sentindo frustrada.

— Se essa história não é sua, então de quem é?

— É minha — disse uma voz familiar que vinha da cozinha.

Olhei para Critter e a expressão em seu rosto era indecifrável. Eu me virei lentamente, perguntando-me se a voz era imaginária, mas foi aí então que os meus olhos avistaram aquela pessoa em pé entre as duas portas da cozinha. De repente eu não sabia mais como respirar.

Não. Não pode ser.

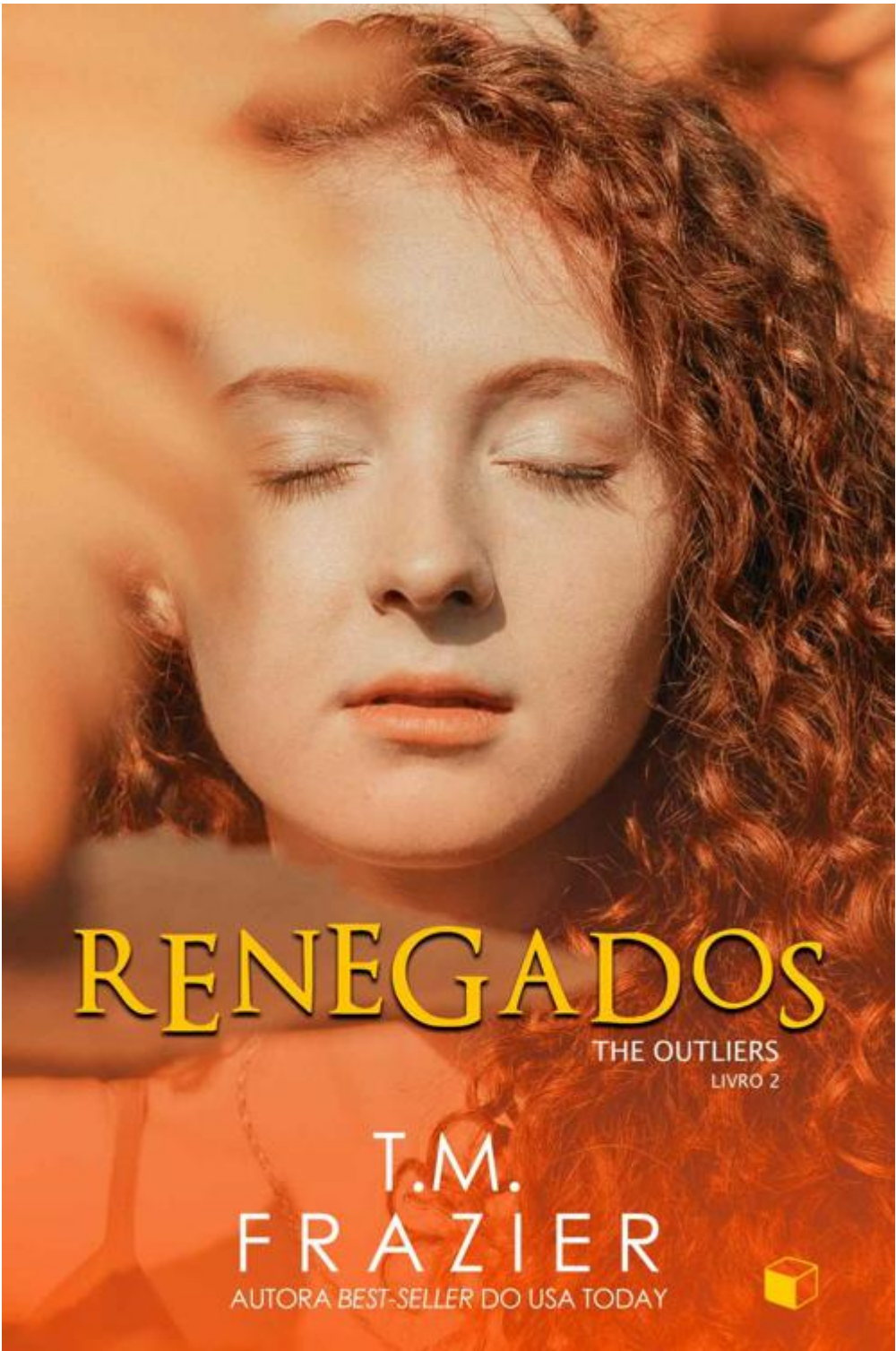
A mulher cruzou os braços e deu um passo relutante para dentro do bar, sorrindo com doçura.

— Oi, Sawyer.

O. Meu. Coração. Parou.

— Mãe?

FIM... POR ENQUANTO.



RENEGADOS

THE OUTLIERS
LIVRO 2

T.M.
FRAZIER

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY



T.M.
FRAZIER

RENEGADOS

THE OUTLIERS
LIVRO 2

Traduzido por Julia N Ventura

1ª Edição



2021

Copyright © T. M. Frazier, 2017
Copyright © The Gift Box, 2018
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Gerente Editorial:

Solange Arten

Tradução:

Julia N. Ventura

Arte de capa:

Bianca Santana

Revisão final:

Equipe The Gift Box

Ícones de diagramação:

rawpixel/Freepik e Pixabay

Diagramação e preparação de texto:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

F927L

v.2

Frazier, T. M.

Renegados [recurso eletrônico] : the outliers : livro 2 / T. M. Frazier ;
[tradução Júlia N. Ventura]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box,
2019.

recurso digital ; 1 MB (The outskirts ; 2)

Tradução de: the outliers

Sequência de: Libertados : the outskirts

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978 85 52923 48 0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. 1. Ventura, Júlia N. II.

Título. III. Série.

18-5452/

CDD:813

CDU: 81-31(73)

O AMOR.

NÃO É LÓGICO.

NÃO CRESCE OU DIMINUI NO MOMENTO DESEJADO.

É INESPERADO. IMPLACÁVEL.

O AMOR PODE SER O SEU MAIOR AMANTE OU O SEU MAIOR INIMIGO.

ELE NÃO PEDE DESCULPAS QUANDO SE ALIMENTA DA MENTIRA DO

PERDÃO.

O AMOR LUTA CONTRA O MUNDO MESMO QUANDO NÃO EXISTE A

MENOR CHANCE DE VENCER.

ELE É A DESCULPA E O MOTIVO.

O SACRIFÍCIO E A RECOMPENSA.

A DOR E A DECEPÇÃO.

AMOR.

TRAÍÇÃO SUPREMA.

CAPÍTULO 1



SAWYER

A minha mãe estava ali. A poucos metros de mim.

A minha *mãe*.

Viva. Respirando.

Eu não conseguia respirar. Minha mente começou a girar com todas as possibilidades, e nenhuma delas fazia o menor sentido.

Aquela pessoa se parecia com ela. Mas também não parecia. Havia algo em seus olhos, ou talvez faltasse algo neles.

Ela deu um pequeno passo na minha direção, mas, como eu não conhecia o protocolo apropriado a ser seguido quando um fantasma tenta tocar você, dei um pulo para trás e bati em uma cadeira, quase caindo no chão com ela.

Eu estava em um universo alternativo. Só podia ser isso. Um em que as pessoas voltavam do mundo dos mortos. Aquilo não podia ser real. Talvez fosse um sonho. Talvez fosse o uísque.

Descrença, dúvida e total confusão se misturavam dentro de mim, empurrando o meu coração acelerado e fazendo-o serpentear até a minha garganta apertada.

Eu tinha medo que ela desaparecesse se eu piscasse. Tinha medo que ela não desaparecesse se eu não piscasse.

Eu... eu não conseguia fazer nada além de ficar ali de queixo caído olhando para aquela mulher que parecia e soava exatamente como a minha mãe.

Mas... não podia ser ela.

Podia?

— Não é possível — sussurrei em estado de choque. — Simplesmente não é.

Balancei a cabeça me perguntando se eu tinha enlouquecido antes ou depois de chegar em Outskirts.

— É possível. Ela realmente está aqui. — A voz grave de barítono de Critter normalmente me acalmava, era o equivalente local da camomila. Mas, naquele momento, nada que ele dissesse faria as minhas mãos pararem de tremer e suar. — Isso não é um sonho, Sawyer. Ela está aqui. Tão viva quanto você e eu. — Olhei na direção dele e vi que estava me observando, analisando a minha reação. — Eu disse a ela que deveria esperar até que estivesse mais forte, mas ela queria ver você e, quando coloca uma coisa na cabeça, como aconteceu hoje de manhã, é impossível de tirar.

Uma mulher alta e robusta de ombros largos e quadrados, com cabelo preto e curto, apareceu ao lado da minha mãe. O semblante fechado não combinava com o uniforme rosa-choque que

tinha um rosto enorme e feliz estampado nele.

— Isso não é bom para ela, Sr. Critter — advertiu. — Eu tenho que levá-la de volta para casa.

Foi quando percebi que minha mãe não tinha se mexido desde que tinha dito o meu nome. Seu olhar parecia sem foco e estava perdido na direção da parede do fundo.

— Não, espere! — exclamei. De repente, o medo de nunca mais ter a chance de vê-la era maior do que o medo de tocar um fantasma. E se ela fosse um fantasma? E se tudo isso fosse um sonho? Não importava. Ela ainda era a minha mãe e eu não podia deixar que fosse embora. Ainda não. Mesmo que aquilo fosse apenas um sonho.

Joguei os braços em volta dela e, para a minha surpresa, abracei um corpo quente e macio.

Os braços da minha mãe estavam moles, pendurados, sem vida, caídos pela lateral de seu corpo.

— Minha menina — sussurrou.

Eu me afastei a tempo de ver um pequeno sorriso se formar em seus lábios, que se apagou tão rapidamente quanto apareceu.

— O que aconteceu? — perguntei com um choro contido. Minha mãe não respondeu e eu me virei para o Critter. — O que é que tem de errado com ela! — exige saber.

— Vamos. Está na hora de irmos embora — declarou a enfermeira, pegando minha mãe e a segurando em seus braços como se não pesasse mais que uma criança pequena.

— O que eu podia fazer, Maddy? Amarrá-la na maldita da cama? — perguntou para a enfermeira. — Eu nunca consegui dizer não a ela — murmurou, esfregando as têmporas.

— O que está acontecendo? — insisti, olhando para a enfermeira e para Critter. Dei um passo para trás com a mente a mil e, sentindo uma tontura momentânea, precisei me segurar em uma mesa.

— Como isso é possível?

Minha mãe gemeu. A enfermeira a carregou para fora do bar pela porta dos fundos e fomos atrás delas. Ficamos assistindo enquanto a colocava em uma van que já estava esperando e, com uma facilidade impressionante, prendia o cinto de segurança nela.

Critter foi até a porta aberta e a mulher se afastou para dar espaço a ele, que acariciou o rosto da minha mãe de maneira carinhosa.

— Está tudo bem. Você vai para casa agora, vai poder descansar.

Minha mãe não respondeu.

— Vou vê-la mais tarde, meu amor. — Ele deu um beijo em sua testa, suspirou e então se virou novamente para Maddy. — Leve-a para casa. Daqui a pouco eu estarei lá.

Ele fechou a porta com gentileza e bateu na janela. Ficou vendo a van se afastar e permaneceu assim por muito tempo depois que ela já tinha desaparecido de vista.

— Para onde a enfermeira a está levando? — perguntei, sentindo o pânico tomar conta de mim diante da ideia de que eu não

sabia onde ela estaria depois de ter partido.

— Para a minha casa — Critter respondeu, mas corrigiu logo em seguida. — Para a nossa casa. — Ele coçou a cabeça e finalmente se virou. — Onde sempre foi o lugar dela.

Onde sempre foi o lugar dela.

Ele colocou a mão no meu ombro. Dei um pulo para trás como se ele tivesse me dado um choque ao invés de ter tentado me amparar. Ele olhou para o chão.

— Sei que você tem muitas perguntas...

— Perguntas? — indaguei, e, sem que eu percebesse, comecei a rir. Uma risada aguda e desagradável como o som de um animal noturno que se ouve, mas que não se consegue distinguir exatamente o que é.

— Pergunta é uma palavra que parece pequena demais nesse momento.

— Desculpe não ter contado quando chegou aqui — desculpou-se, ignorando a minha explosão de raiva. — Mas sua mãe estava tão mal que não quis que você tivesse que ficar de luto uma segunda vez se as coisas não... se ela... Porra. — Ele respirou fundo. — Nunca passou pela minha cabeça o estado em que ela estaria quando eu a trouxesse de volta. Fui ingênuo achando que ela simplesmente voltaria a ser como era antes. Eu deveria ter imaginado. Uma pessoa não poderia passar duas décadas com um homem como o Richard Dixon e sair inteira. — Ele olhou para mim e se encolheu, percebendo o que tinha acabado de dizer. — Desculpe, eu não quis... você, o seu...

— Não precisa se desculpar. Essa é a única parte disso tudo que faz sentido para mim até agora. Você está certo. Não se passa duas décadas com um homem como ele e sai inteira. — Dei um suspiro trêmulo. — Sei muito bem como é. Mas me conte, por favor, o que tem de errado com ela. Como ela veio parar aqui?

— Ela está sofrendo de Transtorno de Estresse Pós-traumático. É a mesma coisa que os soldados, às vezes, enfrentam quando voltam para casa depois de um combate. E eu não tenho a menor dúvida de que sua mãe viveu em uma maldita zona de guerra. No começo, ela ficava quieta, mas estava bem. De um modo geral, só perguntava de você. Ficava chamando por você no meio da noite. Então, contamos a ela que estava aqui e em segurança, e foi como se todas as muralhas que ela tinha erguido desmoronassem, a magnitude de tudo a atingiu como um maldito maremoto.

— Ela vai melhorar? — perguntei.

Os olhos de Critter se encheram de lágrimas e ele soltou o ar dos pulmões lentamente.

— Só o tempo dirá. Ela está recebendo ajuda, mas tem os seus momentos. Às vezes, quando está em crise, ela vai e volta, oscilando entre o presente e o passado, achando em algumas ocasiões que estamos vivendo vinte anos atrás.

— Você mentiu para mim — desabafei. Mas assim que as palavras saíram pela minha boca, me arrependi. Aquela era a menor das minhas preocupações, mas por alguma razão o meu cérebro colocou aquilo em primeiro lugar.

— Sim, eu menti — admitiu. Não houve pedido de desculpas nem arrependimento em sua voz. — Mas, se serve de consolo, sei como se sente. Achei que ela tivesse morrido. Achei que tinha me deixado e que ele a havia matado. — Ele apertou e relaxou os punhos. — Agora eu sei que era isso que ele queria que eu achasse. Sua mãe achava a mesma coisa. Que eu estava morto. Mas sonhei com ela e senti que estava viva de alguma maneira. Enviei uma equipe para procurá-la outra vez. Alguns amigos veteranos que são especialistas nesse tipo de coisa. No começo, não descobriram nada, mas depois localizaram o trailer e a caminhonete em um armazém na Carolina do Norte. Foi assim que cheguei até ela. Foi assim que eu soube onde ela estava.

— Ela fingiu a própria morte? — perguntei, achando aquilo bastante estranho. Ela tinha deixado aquela caixa para mim. A carta. A caminhonete e o trailer. Praticamente admitira que tiraria a própria vida.

Critter olhou para o chão e arrastou os pés.

— Não, ela não fingiu a própria morte. Fomos nós. Ela não sabia nada dessa história e nem sabia que eu estava vivo.

— Mas, então, por que ela me escreveu uma carta se desculpando por tirar a própria vida? Isso não faz sentido.

Critter estremeceu como se alguém tivesse colocado um cubo de gelo na base do seu pescoço.

— O plano era tirar vocês duas dali, mas no dia em que planejamos fazer a coisa acontecer, eu a estava observando a certa distância, esperando que vocês duas atravessassem a rua... Mas

ela estava sozinha. E alguma coisa estava fora do lugar. Ela não estava apenas triste. Tinha alguma coisa a mais ali. Algo no modo com o qual observava o trânsito passar na estrada. Peguei meu rádio e chamei os meninos. Fizemos parecer que ela tinha atravessado propositalmente. Conseguimos alguns membros da sociedade não tão honestos que fizessem a parte suja para nós. Eles subornaram todos naquela cidade por sete dias até domingo, até sua mãe estar morta em todos os sentidos, exceto naquele que importava. No sentido de deixar de respirar.

— Isso tudo é... uma loucura.

— Exatamente — concordou, acendendo um charuto.

— Nosso plano era voltar para pegar você alguns dias depois. Eu jamais a deixaria para trás. É importante que saiba disso. Mas, quando chegou o dia planejado, você já tinha fugido. Eu quase tive um enfarte quando você apareceu no bar naquele dia.

— Esse tempo todo em que estou em Outskirts, ela... ela também estava aqui? — perguntei, com um sussurro.

Critter assentiu, sem tirar os olhos de mim. Sua fronte agitada estava franzida e as linhas em seu rosto tinham se transformado em rugas.

— E... e você tem cuidado dela? — perguntei, já sabendo a resposta.

Outro pequeno aceno com a cabeça.

De repente, a necessidade de respirar fundo ficou insuportável. Meu peito ficou apertado. Minha boca ficou seca. Eu não conseguia engolir, era como se alguma coisa estivesse entalada

na minha traqueia. Esfreguei os braços como se pudesse acalmar o fluxo de mal-estar e confusão que percorria o meu corpo inteiro. Senti frio e então calor. Enjoo.

Sufocada e tonta, eu tentava respirar.

Precisava sair dali. Ir embora. Ir... para algum lugar. Algum lugar menos confuso. Qualquer outro lugar.

Sem dizer mais nenhuma palavra, me virei e saí do bar. Corri debaixo da chuva que tinha começado a cair.

Eu deveria estar extasiada pelo fato de minha mãe estar viva, e eu estava. Mas havia alguma coisa impedindo aquele sentimento de ser verdadeiramente registrado. Um sentimento profundo de mágoa. Uma traição.

Corria cada vez mais rápido. A chuva caía com mais força, como agulhas picando a minha pele a cada passo.

Eu costumava ter medo de tempestade. De trovão. De chuva. De relâmpago. De vento. Então Finn me ensinou a enfrentar esse medo e a usá-lo como um lembrete para buscar a beleza em algo que pode parecer feio e cruel.

Mas enquanto a chuva continuava a cair intensamente ao meu redor, encharcando as minhas roupas e a minha pele, ela não era um lembrete. Ela não provocou nenhum medo e nenhum tipo de emoção.

Era apenas chuva. Apenas água.

Porque a minha mãe estava viva.

CAPÍTULO 2



SAWYER

Finn estava em cima de mim na cama, seu corpo pesava sobre o meu da maneira mais deliciosa. O calor de seu peito aquecia meu coração, assim como a minha pele. Seu cabelo loiro estava desgrenhado. Um brilho sutil de suor cobria sua pele levemente bronzeada. Os músculos definidos do ombro estavam enrijecidos de tensão.

Deslizei a mão sobre sua mandíbula tensa e ele fechou os olhos como se meu toque fosse tudo para ele e, naquele momento, senti como se fosse. Ele me fitou com lindos olhos azuis que brilhavam como se pudessem ver minha alma, no momento em que investi para dentro de mim pela primeira vez. Meu corpo se incendiou e ele gemeu, entrando e saindo do meu corpo novamente. Ele me beijou, bebeu nos meus lábios como se estivesse morrendo de sede e, gemendo, sussurrei seu nome em sua boca enquanto nossas línguas se encontravam.

— Eu te amo — sussurrou.

Estava tremendo. De alegria. De desejo. Ele era tudo que eu nunca soube que precisava. Meu coração expandiu e meu sexo se contraiu em volta do dele enquanto, ele investia com mais força e mais profundamente para dentro do meu canal inchado.

Estava muito perto. As preliminares eram quase dolorosas. Cada movimento me deixava mais necessitada que o último.

Finn entrava em mim cada vez mais rápido. Investindo incansavelmente cada vez mais forte. E quando estava prestes a ter meu alívio... ele desapareceu. A cama desapareceu. Estava agora em pé atrás de uma multidão familiar em um cenário ainda mais familiar. Um lugar onde, pela primeira vez, eu nunca quis estar.

— Casamento é a promessa mais sagrada que se pode fazer. Apenas Deus está à frente da família.

O Reverendo pregava atrás do seu púlpito de mentiras. O caixão da minha mãe estava na frente, bem no centro.

Estava de volta ao seu funeral.

Mas alguma coisa estava diferente.

Errada.

Todas as pessoas na multidão estavam sorrindo. Elas ficaram olhando por cima dos ombros como se esperassem alguma coisa.

Finn surgiu no meu campo de visão e eu me senti instantaneamente aliviada ao vê-lo. Soltei o ar. Ele estava lindo como sempre, vestindo um terno cinza escuro com uma gravata combinando. Os cantos externos dos olhos enrugaram-se sutilmente

quando abriu mais o sorriso radiante. Senti um frio na barriga. Ele percorreu a nave da igreja e, quando se aproximou, eu me dei conta de que não estava olhando para mim. Estava olhando através de mim.

Finn passou por mim, seguiu até o púlpito e parou ao lado do reverendo, que colocou a mão no seu ombro.

O que ele estava fazendo aqui? O que estava acontecendo? Eu me perguntei enquanto olhava para baixo e vi que estava vestindo outra vez uma saia comprida e uma blusa cinza disforme.

Tentei dar um passo para ir até ele, mas não consegui. Estava paralisada. Tentei gritar seu nome, mas não consegui emitir som algum. Ele não conseguia me ouvir.

Estava focado em outra coisa no centro da nave.

Em outra pessoa.

Surgiu então uma mulher linda, com um cabelo loiro perfeito e um sorriso branco e reluzente. Ela estava usando um longo vestido branco de noiva. Uma lágrima escorreu em seu rosto quando se aproximou de Finn, que pegou suas mãos. Eles só tinham olhos um para o outro.

— Estamos aqui reunidos diante de Deus para celebrar o casamento de Finn Hollis e Jacqueline Watson...

Jackie.

Não ouvi o resto. Não conseguia ouvir. Não conseguia respirar. Senti um aperto no peito, como se alguém estivesse pulando sobre ele.

Tentei gritar outra vez, mas não funcionou. Eles não conseguiam me ouvir. Ou, pelo menos, Finn não conseguia. Jackie olhou para mim, virando a cabeça sempre muito lentamente.

Ela piscou.

Respirei com dificuldade e afastei-me da tenda, derrubando as cadeiras que estavam no caminho. Tropecei em uma lápide e, quando me segurei para não cair, consegui ler o nome gravado ali.

O meu.

Eu me virei e corri. Cada vez mais rápido, segui pulando por cima de lápides, até que elas se transformaram em árvores de uma terra cada vez mais encharcada sob os meus pés.

Estava sem fôlego, mas enfrentei a forte sensação de ardor que crescia nos meus pulmões. O ar entrava quente pela minha garganta quando respirava pela boca na tentativa de puxar o máximo possível de oxigênio para poder seguir adiante.

Precisava continuar.

Escutei o eco de passos correndo atrás de mim.

Não estava sozinha.

Corri cada vez mais rápido. A vegetação foi ficando cada vez mais densa, até que a minha saia comprida enroscou em um galho que me fez parar de repente. Caí para frente. Minhas mãos queimaram quando suavizei a queda me apoiando em um tronco. Meus dentes vibraram como um diapasão quando meu queixo bateu na terra.

Eu me virei e tentei puxar a saia para soltá-la da vegetação em que estava enroscada, mas de repente os espinhos no galho

que estava me prendendo viraram dedos. Eles ficaram cada vez mais compridos, as flores viraram mãos, os galhos se tornaram braços. Flores de carne aterrorizantes. Centenas delas tentaram me alcançar e eu patinei na terra mole, tentando me levantar para sair dali.

Desabotoei a saia e tentei tirá-la passando pelas pernas, mas era tarde demais. As mãos estavam me segurando ali no chão. Lutar era inútil. Estava presa, minha cabeça envolta pela carne das flores com dedos humanos.

Tentei gritar enquanto mais e mais brotos apareciam do nada, estendendo-se pelo meu corpo e prendendo-me como uma pessoa louca a uma maca, mas, novamente, houve silêncio.

Um pequeno vão entre dedos me permitiu ver as pernas da pessoa que me perseguia se aproximarem e pararem.

Minha boca foi repentinamente tampada com a mão.

Depois meu nariz.

Não consegui respirar e finalmente tive a visão completa da pessoa.

Minha mãe.

Ela olhou para baixo, balançou a cabeça e sorriu. Ajoelhando-se ao meu lado, começou a rir silenciosamente. Sua boca estava escancarada, seus ombros tremiam com violência.

Perguntei-me se não conseguia ouvi-la porque as mãos estavam cobrindo as minhas orelhas.

Ou se porque eu já estava morta.

CAPÍTULO 3



FINN

Depois que vi a comitiva da igreja chegando, passei a tarde inteira observando-os montar as tendas e descarregar os caminhões.

Peguei meu barco e, quando cheguei perto o suficiente, desliguei o motor. Remei até um barranco e fiquei em silêncio ouvindo os trabalhadores enquanto cuidavam dos preparativos para o culto. Eu não tinha ouvido muita coisa além de instruções gritadas e estava prestes a ir embora quando escutei as vozes de dois homens imediatamente acima de mim. Eles caminhavam ao longo da margem do barranco a pouco mais de um metro acima de onde eu estava. Agachei e encolhi-me para ficar o mais perto que pude da parede de lama.

— Quem vai pregar a palavra do Senhor nessa temporada? — perguntou um dos homens. Fiquei de orelha em pé no mesmo instante. Meu batimento cardíaco acelerou.

— Acho que vão mandar o Pastor Young, já que o Pastor Dixon só vem no final da temporada. Se é que realmente virá e, se vier, será pelo menos algumas semanas depois do restante de nós.

— É uma pena o que aconteceu com a esposa dele. Que Deus a tenha.

— Sim, mas o Senhor tem os seus planos.

— Amém. A família é a luz do Senhor. É a sua vontade personificada — murmurou o outro homem, e então partiram.

Obrigado, porra. Richard não viria. Mas enquanto eu voltava para terra firme para procurar Sawyer, fui tomado por uma inquietação. Talvez ele não viesse naquele momento, e eu não tinha dúvidas de que Critter ainda estava de olho nele, mas o meu alívio durou pouco porque eu sabia que ele sempre seria uma ameaça. Estaríamos sempre preocupados.

Quando voltei para minha caminhonete, não tinha me dado conta de quanto tempo ficara observando o grupo da igreja, mas quando chequei meu celular, vi que havia cinco chamadas perdidas. Duas do telefone fixo do bar do Critter e três do próprio Critter.

Liguei para o celular dele, que me atendeu de maneira rude:

— O quê?

— A comitiva da igreja está na cidade, mas ouvi a conversa entre dois trabalhadores. Richard Dixon não vai se juntar a eles este ano.

— Ótimo. Tenho um amigo que vai me dizer se ele atravessar a fronteira do estado, mas nesse momento temos coisas

mais importantes para nos preocuparmos. Sawyer sabe da mãe dela.

— Eu achei que você fosse esperar.

— Sim, mas Caroline teve um momento de lucidez e tudo que ela queria era ver a filha. Achei que poderia ajudar.

— E ajudou?

Houve um silêncio.

— Não. Para nenhuma das duas.



A porta da biblioteca estava destrancada e uma única luminária estava acesa no centro do salão. Lá estava Sawyer, debruçada sobre a mesa com um livro debaixo dos braços e com seu cabelo bagunçado espalhado como os raios de um sol castanho-avermelhado. Dei um longo suspiro de alívio.

— Achei que a encontraria aqui — declarei, aproximando-me por trás dela e inclinando-me por cima de seu pescoço, inalando seu familiar perfume de lavanda. — O que está fazendo? — sussurrei, descansando o queixo no ombro dela.

Ela ergueu a cabeça, virou e se afastou. Notei imediatamente o rosto manchado de lágrimas. Os olhos inchados. As bochechas vermelhas.

— Devo ter caído no sono — explicou, parecendo atordoada e com a respiração pesada. — Tive um pesadelo.

— Você está bem? — perguntei, agachando-me na frente

de Sawyer e pegando suas mãos. — Falei com Critter. Ele me contou o que aconteceu com sua mãe. Você está bem?

Eu me curvei e a abracei, pressionando o rosto áspero contra o seu, macio.

Ela encolheu os ombros lentamente como se estivessem cansados debaixo do peso de seus problemas.

— E aí tive esse pesadelo em que você estava... deixa pra lá.

— Pode me contar — insisti.

Ela negou com a cabeça.

— Não é importante. Achei que eu era ingênua e não sabia muita coisa sobre o mundo lá fora, mas, pelo que parece, eu não sei muita coisa sobre nada, incluindo meu passado, incluindo qualquer coisa sobre minha própria mãe. Ela está... ela está viva, mas não é a mesma. Critter disse que é uma coisa que chamam de Transtorno de Estresse Pós-traumático. Eu realmente quero me sentir feliz. Eu só... não consigo. Ainda não. Isso está sendo demais para mim.

Tem mais coisa.

Na mesma hora, um sentimento de culpa tomou conta de mim por ter escondido a verdade dela. Ela merecia saber de tudo.

— Say, eu tenho que contar uma coisa — comecei a falar, mas ela me interrompeu:

— Eu não consigo nem imaginar ter uma filha e desaparecer simplesmente, deixando-a acreditar que estou morta quando não estou. Nem por um segundo.

Ela colocou a mão na barriga e então colocou os braços

em volta de si de maneira que dava a impressão de que aquela ideia estava lhe fazendo mal fisicamente. Na verdade, é bem possível que estivesse, pois ela parecia muito mais pálida do que de costume. Seus olhos estavam marcados com olheiras.

— Eu só estou muito confusa. Não sei o que fazer com todos esses sentimentos. A raiva. A mágoa. Tudo...

Sawyer virou-se para trás e deixou a cabeça cair sobre o peito. A minha garota forte que tinha enfrentado o seu próprio diabo com chifres estava se debatendo, e eu me senti impotente quando os seus ombros balançaram.

— Ei! — disse eu, envolvendo-a com os braços. — Você está certa, quer saber? Quando se tornar a mãe dos nossos filhos, sei que jamais vai abandoná-los, custe o que custar. Porque é assim que você é. Nenhum de nós faria isso. Nunca. Mas você ainda não sabe de tudo. Precisa conversar com Critter. Com a sua mãe e...

— Nossos filhos? — indagou Sawyer, fungando.

Senti um aperto no peito. De tudo que eu disse, isso foi o que mais chamou sua atenção.

— Sim. Nossos filhos. Juntos. Eu e você. — Envolvi o rosto dela com a mão. — Não tem nada que eu gostaria mais do que te ver carregando o nosso bebê um dia.

E era verdade. Imaginar Sawyer carregando o meu bebê aquecia o meu coração e fazia uma parte mais primitiva de mim querer bater no peito e rugir para a lua. Como nenhuma precaução tinha sido tomada, era sempre uma possibilidade.

Sawyer sorriu com lágrimas nos olhos.

— Eu sinto o mesmo. Algum dia, gostaria muito que isso acontecesse.

A tristeza em sua voz deixou o meu coração agitado no peito, por ser incapaz de arrancar a dor que ela estava sentindo.

Eu estava abraçando Sawyer com força contra o meu peito quando ela me empurrou por um instante para pegar um panfleto amarelo todo amassado que me era familiar e que tinha sido enfiado na caixa de correio. Eu sabia exatamente o que era aquilo, porque Critter já tinha me mostrado antes.

Era a primeira vez que Sawyer estava vendo aquele papel. Em Outskirts, pelo menos. Prendi a respiração quando ela começou a analisar o panfleto. Ela arregalou os olhos. Não teria como o logo da igreja Luz Divina passar despercebido.

— Ele está... Ele está aqui — sussurrou. Sem piscar, deu um passo trêmulo para trás, derrubando uma cadeira.

Estendi a mão na direção do panfleto. Eu precisava tirar aquilo dela, como se com isso também pudesse arrancar o medo que estava estampado em todo o seu rosto.

— Não. Ele não está aqui. Ainda não.

Sawyer tropeçou outra vez. Ela endireitou o corpo antes de se apoiar em uma das estantes de livros. O panfleto ainda estava em sua mão e ela o ergueu com o punho fechado.

— Como sabe disso? Você não tem como saber! Ele está aqui, e eu não vou deixar que me pegue. Não vou! Você não o conhece. Ele vai me achar. Vai tentar acabar comigo do mesmo jeito que acabou com ela!

Sawyer se virou, mas eu girei o corpo dela de volta para que me encarasse. Agachei-me para que meus olhos ficassem alinhados com os dela, para que pudesse ver a verdade neles, caso não a escutasse nas minhas palavras.

— Sei que ele não está vindo porque fui até lá. No parque de eventos da cidade. Era lá que eu estava essa noite. Vi os caminhões chegando pela estrada e fui atrás.

Sawyer se afastou e, dessa vez, deixei que ganhasse espaço. Eram apenas alguns passos, apesar de, naquele instante, parecer que havia um desfiladeiro entre nós.

— E ninguém pode acabar com você. Ninguém. Você é forte demais para gente de mente fraca conseguir fazer isso. Pense em tudo que passou e em como conseguiu chegar tão longe.

— Eu não vou deixar que tirem tudo de mim. Não agora que encontrei esse lugar. Não agora que encontrei você.

Eu estava me sentindo péssimo por ter deixado de contar as partes da história que — como diria Critter — não eram minhas e que, por isso, eu não tinha o direito de contar.

— Eu fui lá e ouvi alguns trabalhadores conversando. O seu pai... Richard não vem. Pelo menos nesse primeiro momento. Nós temos tempo. Não vamos estar aqui quando ele chegar. Vai ficar tudo bem — afirmei, tentando convencer tanto a mim quanto Sawyer.

Ela discordou de mim.

— Ele vai querer se vingar por causa do dinheiro que eu roubei. Vai querer se vingar porque fugi. Vai me matar do jeito que

eu tenho certeza que ele sempre planejou, porque me culpou quando ela morreu. — Um olhar de puro pânico atravessou o rosto dela. — Espere aí. E a minha mãe? Ele sabe que ela está viva? Ela não pode saber? Se ele não está lá, então onde ele está? Onde está o meu pai?

Ela colocou os dedos trêmulos sobre os lábios.

Eu me encolhi pensando na próxima resposta que eu precisava dar a ela.

— Ele não está aqui. Se cruzar a fronteira do estado, nós seremos os primeiros a saber. Eu vou te proteger, Sawyer. Juro por tudo que tenho que vou te manter a salvo.

— Mas ele pode vir aqui. Pode vir atrás de nós. — Ela respirava com dificuldade. — Minha mãe!

— Sua mãe está com Critter nesse momento. Está segura. Eu prometo. Ele não deixaria que nada acontecesse a ela, do mesmo jeito que eu jamais deixaria que alguma coisa acontecesse com você.

Os ombros de Sawyer caíram visivelmente, até que ela endireitou a postura como se tivesse repensado o que quer que fosse que a tinha feito cair sentada no início.

— Eu vou até a igreja — anunciou, marchando na direção da porta. — Vou contar para eles o monstro que ele é. Eles podem não valorizar as mulheres, mas não podem fechar os olhos para todo o mal que ele causou. Se podem usar a Bíblia para justificar as suas ações, então também podem usá-la para ver o quão errados eles estão.

Eu empurrei e fechei a porta no segundo em que ela a abriu.

— Não vai porra nenhuma. Eu vou mantê-la em segurança, queira você ou não. E confrontar uma igreja inteira de pessoas que apoiam o seu pai não está nos planos.

— Tenho que fazer alguma coisa! Não posso ficar aqui parada sem fazer nada. Tenho que agir. Tenho que atacá-lo primeiro. Tenho que contar a alguém da igreja quem ele é e do que é capaz! — Os olhos dela estavam furiosos. Enlouquecidos. — Eu me sinto como um animal enjaulado. Não tenho como fugir. Nunca vou conseguir fugir.

— Vai sim. Mas me conte uma coisa, o que você acha que vai acontecer quando chegar naquela tenda e acusar um deles de coisas que você mesma me disse que eles talvez já saibam? E mesmo que não aprovelem esse tipo de coisa, por que dariam ouvidos a você? Você é uma desertora sem qualquer prova para confirmar as suas alegações. Em quem você acha que vão acreditar?

— Você está certo. — Ela assentiu. Seu rosto estava manchado de vermelho e rosa por cima das sardas. Seus ombros murcharam. Ela deslizou os dedos pelo próprio cabelo e o puxou pelo couro cabeludo. — Eu não posso ficar simplesmente esperando que ele nos machuque outra vez. Não dessa vez.

— Nós vamos pensar em alguma coisa. Vamos pensar em um plano juntos, mas saiba que não vou deixar que você seja tola e faça alguma coisa que possa colocá-la em algum risco.

— Mas eu posso fazer isso! — argumentou. — Eu posso impedi-lo!

— Não! — esbravejei, encurralando-a contra uma estante. Alguns livros balançaram e caíram no chão.

— Nós já conversamos sobre isso, Finn. Não me trate como se eu fosse frágil. Como se eu fosse quebrar. — Ela virou de costas para mim. — Eu não sou ela. Não sou Jackie!

— Não. Você não é nem um pouco como ela — concordei, baixinho. Estendendo a mão na direção dela, eu a peguei pela cintura gentilmente, como se quisesse lembrá-la de que ela não estava mais sozinha e de que nunca mais estaria outra vez.

— Você é forte, meu amor. Muito forte.

— Então, por favor, pare de me tratar como se não confiasse em mim para lidar com isso quando já tive que lidar com coisa muito pior! Eu já vi coisa pior. Se tomamos decisões juntos, então me ajude a tomar essa — pediu.

Inclinei o queixo dela para cima até seus olhos encontrarem os meus.

— Não — neguei com rispidez, tentando manter o meu tom de voz o mais suave possível para que ela não confundisse a minha assertividade com raiva. — Isso não está acontecendo. Eu confio em você. Confio. Só quero mantê-la em segurança e eu não posso...

— Você não pode o quê, Finn? — questionou, abrindo os braços como se estivesse esperando para agarrar qualquer resposta que eu jogasse para ela. — Porque, seja lá o que for, você

tem que me contar. Me conte, porque estou cansada dessas meias verdades que têm sido empurradas para mim a minha vida inteira.

— Eu não posso perder você, caralho! — gritei. A minha resposta ecoou, ultrapassando as paredes e o teto, nos cercando no desespero das minhas palavras.

Ela deu um passo para trás, mas eu a segurei. Baixei a cabeça e olhei no fundo dos seus olhos. Com toda a determinação que consegui reunir, contei a verdade para ela. Mais gentil dessa vez.

— Eu simplesmente não posso perder você. Não vou conseguir passar por tudo aquilo outra vez. Não com você. Jamais. Eu simplesmente não vou conseguir, porra. Não me obrigue a passar por isso. Não vou me recuperar, porque me recuso a viver sem você.

A raiva foi instantaneamente apagada dos seus olhos e ela inclinou o corpo na minha direção. Coloquei os braços em volta dela e puxei-a para perto.

— Você nunca vai me perder — garantiu.

— Mas você tem que prometer que não vai me tratar como se eu fosse feita de porcelana ou de papel de seda quando eu...

— Quando você na verdade é feita de energia e fúria — terminei a frase para ela.

— Não sei exatamente o que você quer dizer com isso... — comentou, rindo sutilmente e fungando. — Eu só ia dizer que eu não sou.

— Significa que você é uma força com a qual temos que

lidar. Eu sei disso, Say. — Tirei um cacho rebelde que tinha caído nos meus olhos. — Eu soube disso no momento em que a vi naquela estrada e tive a confirmação quando você veio andando pela minha clareira.

Ela ficou nas pontas dos pés. Esticando o pescoço, sorriu, tocando os lábios na pele abaixo da minha orelha e sussurrou:

— A clareira também é minha.

Minha risada virou uma gargalhada e eu a peguei no colo e carreguei até uma mesa.

— Eu estava certo. — Dei um beijo rápido nos seus lábios. — Pura energia e fúria.

Peguei seu rosto nas mãos e ela se virou ao meu toque. Seus olhos ainda lacrimejavam. Tristes. Meu coração estava agitado no peito.

— O que eu posso fazer para melhorar as coisas? — perguntei, deslizando o polegar sobre suas lágrimas.

— Eu vi os tinidos essa noite. Aqueles que você pendurou para mim. Um pouco antes de tudo... que aconteceu com a minha mãe. — Ela abriu um sorriso triste. — Obrigada.

— Aquilo é a pura verdade. Pendurei aqueles tinidos semanas atrás. — Respirei fundo. — Eu faria qualquer coisa por você, Say. É só você me falar. O que posso fazer por você agora? Eu odeio vê-la desse jeito.

Sawyer pensou por um instante.

— Eu só não quero pensar nisso agora. Em nada disso. Só quero um segundo para respirar. Para pensar em qualquer outra

coisa. Para desaparecer da realidade. Para sentir... qualquer outra coisa. Só por um instante.

Novas lágrimas encheram seus olhos e eu pude sentir a dor apertando no meu peito.

A raiva estava vindo à tona e eu me vi de punhos cerrados, disposto a combater aquele monstro invisível do passado que atormentava a minha garota de dentro para fora.

— Só tire isso de mim, Finn. Só tire isso de mim — pediu, colocando a pequena mão no meu peito e erguendo um olhar de súplica na minha direção.

Eu dei um suspiro trêmulo.

— É só você falar, Say, fale o que você quer e eu faço — sussurrei, pressionando meus lábios no pescoço dela logo abaixo da orelha.

Ela estremeceu com meu toque. Os pequenos pelos na sua nuca ficaram arrepiados. Ela arfou quando passei os dentes em sua pele, e isso acelerou meu pulso, que martelava alto nos meus ouvidos. Arrastei os lábios até sua mandíbula.

— Eu... eu quero... — gemeu.

— Pode falar. Você me quer, Say? Quer transar comigo? Quer que eu faça você gozar tão gostoso que vai se esquecer de tudo, até do próprio nome? — Mergulhei os dedos no cabelo bagunçado dela, que parecia cair como uma cascata. — Eu posso fazer isso. Posso fazer seu corpo se sentir tão bem, que sua mente vai poder descansar por alguns instantes.

— Eu quero — gemeu. Quando nossos olhos se

encontraram, percebi que havia tanto desejo quanto constrangimento em sua confissão. Ela desviou o olhar para os próprios pés e seu rosto ficou vermelho.

— Olhe para mim.

Levantei seu rosto pelo queixo para conectar nossos olhares outra vez.

Ela me acompanhou, mas ainda havia hesitação em seus olhos. Vergonha.

— O que nós fazemos? Você e eu? — perguntei, apontando para ela e então para mim. — Isso não é vergonhoso. O jeito que um faz o outro se sentir? É bonito demais. É a experiência mais bonita que eu já tive. Nunca tenha vergonha de me dizer o que quer. De me pedir. Eu adoro saber que você me deseja, Say. Agora eu quero que peça para eu te comer. — Peguei o pulso dela e guiei sua mão até o fecho da minha calça jeans, para que ela pudesse sentir que eu estava dizendo verdade. — Está sentindo o que faz comigo?

Ela arfou.

— O fato de que você quer que eu tire a sua dor por alguns minutos dessa maneira é o presente mais precioso que poderia me dar, e não só por se tratar do seu corpo. Mas por se tratar da sua confiança.

Dei um beijo suave em sua sobrancelha. Na têmpora. Na bochecha.

Seu pulso acelerou.

— Obrigado por confiar em mim — sussurrei, antes de

beijar sua boca até nós dois começarmos a gemer.

Os lábios rosados e macios de Sawyer se abriram para mim e a língua dela buscou a minha com voracidade, enquanto minha mão subia, serpenteando por sua coxa, e entrava na calcinha. Gemi quando a encontrei completamente molhada e pronta para mim, mas eu ainda tinha que ouvir as palavras.

— Eu vou dar o que você precisa. Sempre. É só dizer o que quer e eu dou.

— Como?

Ela respirou, erguendo o pescoço para mim. Nossas testas estavam encostadas uma na outra enquanto respirávamos um no ar do outro. Eu estava pronto para ela. Para estar com ela. Dentro dela. Mas precisava que dissesse as palavras.

— Repita comigo. — Fixei o olhar no dela. — Eu quero você.

— Eu quero você — repetiu, em um sussurro. Eu vi o desejo puro naqueles olhos e sabia que eles refletiam o meu próprio desejo.

Ela estremeceu e fechou os olhos.

— Olhe para mim — insisti. Quando abriu os olhos, eu a beijei outra vez. Profunda e loucamente. Como se a minha vida dependesse da minha boca conectada com a dela de alguma maneira.

Engoli com dificuldade.

— Boa menina — elogiei mordiscando o lóbulo da sua orelha. Contornei seu mamilo com o polegar por cima da camiseta e

as costas dela arquearam, empurrando o peito contra o meu. Ri com os lábios contra seu pescoço. — Agora, diga: Finn, eu quero que você me coma.

Meus olhos desceram até o pescoço de Sawyer, onde pude ver o pulso acelerado sob a pele macia. Ela contorceu os lábios grossos e rosados. Sua hesitação durou apenas um segundo antes de me abraçar pelo pescoço e me puxar para ela, até que a ponta do nosso nariz se tocasse. Seus lábios tocaram os meus de leve.

— Finn, eu quero que você me coma.

— Isso — gemi.

Posso ter pedido para ela dizer aquelas palavras, mas ouvi-las provocou um fogo intenso e devastador de luxúria dentro de mim, fazendo-me explodir e perder o controle. Minha sensação era de que aquelas palavras se repetiriam na minha cabeça pelo resto da minha vida.

Finn, eu quero que você me coma.

Eu a levantei para cima da mesa mais próxima e a deitei. Arranquei sua calcinha com um puxão e, enquanto a devorava com os olhos, de alguma maneira consegui me concentrar o suficiente para soltar o meu cinto e baixar a calça, liberando meu pau pulsante.

Sawyer gemeu quando abri suas pernas e me posicionei entre elas. Aquele som era o paraíso. Nossas línguas dançavam enquanto um absorvia o outro. Saboreei a sensação de ter o corpo dela encostado ao meu. O rígido tocando o macio. Enterrei os dedos na carne daquela bunda perfeitamente redonda antes de levá-los

até a boceta, onde abri as dobras quentes e dedilhei aquele clitóris inchado, porque Sawyer era um instrumento que eu conhecia como ninguém e só eu sabia como tocá-la com perfeição.

A expressão do seu rosto quando enfiei um dedo dentro dela foi como se eu tivesse acabado de lhe dar alguma droga. Ela estava entorpecida de prazer. As pálpebras estavam pesadas. As pupilas, dilatadas e escuras. Eu estava determinado a arrancar daquele corpo maravilhoso todo o prazer possível e estava dando a ela exatamente o que tinha me pedido.

Fuga.

E se tinha alguém que entendia de fuga era eu.

Sawyer se contorceu na minha mão, escorrendo pelo meu punho. A sua boceta apertou em volta de mim e eu gemi, desejando ter sentido aquilo no meu pau. Passei o braço em volta de sua cintura e a arrastei para a beirada da mesa.

— Isso, esfregue-se na minha mão — exigi, com uma rispidez abafada. Perdida nas sensações, ela ergueu o olhar para mim por apenas um segundo antes de começar a girar o quadril em meus dedos, que continuavam a foder e a tocar furiosamente todo lugar que a fazia gemer.

Ela revirou os olhos quando foi atingida pela primeira onda de orgasmo. O som do meu nome ecoou pelo salão. A boceta dela se contraiu com tanta força que eu não sabia se ia conseguir tirar o dedo dali. Foda-se. Não importava. Eu ia ficar feliz em deixá-lo ali para sempre.

Empurrei-a de volta na mesa, abri os grandes lábios com o

meu pau e puxei seu corpo para baixo para que aquela boceta apertada me envolvesse.

Ela jogou a cabeça para trás e apertou os lábios. Deve ter percebido que estava gritando alto depois que gozou a primeira vez, porque estava tentando se conter.

— Ninguém pode ouvir você e quem é que se importa com isso? Pode se soltar, Say — declarei, com a voz rouca, vendo estrelas, enquanto investia para dentro da boceta apertada dela até chegar tão fundo quanto seu corpo permitia. — Isso aqui somos nós dois, lembra? Você não tem como errar. Grita. Berra. Arranha. Morde. Mas não tente se controlar. Nunca tente se controlar comigo, porra.

Eu tirei metade e então investi com força de novo.

Ela abriu a boca e o som mais incrível saiu. Meio gemido, meio grito, aquilo quase me fez gozar dentro dela instantaneamente. Fiquei tonto. Queria gravar aquele som e ouvi-lo de novo e de novo.

Sawyer tinha despertado sentimentos em mim que nunca achei que sentiria de novo, e era como se depois de ter aberto a garrafa, a tampa nunca mais poderia ser colocada de volta. Porque o meu desejo por Sawyer, o meu amor por ela, era a coisa mais forte que eu tinha sentido. Cada vez que gozávamos juntos era melhor que a anterior. Toda vez aquilo nos fundia mais e mais, e eu soube, naquele momento, que o nosso futuro era do tipo que apenas termina no “para sempre”.

Nossos olhos se conectaram quando encontrei o meu ritmo. Cada vez que eu investia, ela devolvia, puxando-me cada vez

mais fundo para dentro de si, até eu não conseguir mais me segurar e investir ainda mais forte, não havendo mais ritmo algum discernível. Havia apenas prazer, gemidos e batidas de pele contra pele. Quando senti um aperto em volta do meu pau, minha vista ficou branca. O prazer veio como uma injeção na minha espinha, gritando e contraindo em volta de mim de novo e de novo, ela extraiu até a última gota de porra do meu pau que pulsava.

Junto, foram-se as últimas gotas de amor do meu coração. Fiquei ali deitado, com a minha garota dormindo em meus braços, mas não consegui curtir o momento. Meu instinto me avisou que em breve nós dois estaríamos desejando que o nosso alívio temporário da realidade fosse muito mais permanente.

CAPÍTULO 4



Quando acordei na manhã seguinte, estendi o braço à procura de Sawyer, mas a única coisa que encontrei foi o colchão. Eu me sentei na cama e senti cheiro de bacon. Saí do quarto e fui até a pequena cozinha da sua casa para ser surpreendido pelo banquete que estava esperando por mim no balcão. Junto com o bacon, havia ovos mexidos, torrada, suco, café e batatas.

Meu estômago roncou.

O que mais me surpreendeu foi Sawyer, que ainda não tinha notado a minha presença. Fiquei ali parado por alguns instantes. Olhando para ela. Observando. Ela não só estava cozinhando com habilidade e entusiasmo, rodopiando de um armário para o outro para pegar o que precisava, mas também estava cantarolando junto com a música que estava tocando na rádio.

Aquela não era a mesma garota da noite passada. Fiquei

confuso e ansioso ao assistir àquela nova Sawyer saltitar pela cozinha.

— O que é isso tudo? — perguntei.

Ela se virou e quase derrubou um prato, mas o recuperou rapidamente e o colocou sobre o balcão.

— Você me deu um susto — disse, com um grande sorriso radiante, e percebi na hora que alguma coisa estava errada. — E eu achava que não sabia das coisas. Isso é café da manhã, claro.

— Não tive a intenção de te assustar — esclareci, aproximando-me por trás e colocando os braços em volta de Sawyer. Dei um beijo em sua cabeça antes de soltá-la. — E estou vendo que isso é um café da manhã, estava me referindo à cantoria, a essa coisa de cozinhar e ao seu comportamento em geral, não à comida.

Peguei um pedaço de bacon crocante e dei uma mordida. Quase virei os olhos com aquela delícia salgada.

— Eu gosto dessa música. O nome da cantora é Beyoncé. Já ouviu falar dela? — perguntou Sawyer. Ela pronunciou *Bion-Tchi* e eu não pude evitar sorrir.

— Acho que devo ter ouvido falar dela uma ou duas vezes — respondi, sentando-me de frente para o balcão. — Mas o que eu quis dizer foi que ontem você estava bem chateada, e agora? — Apontei para o balcão e para o rádio.

Ela sorriu, mas foi um gesto forçado que mal passou de uma linha no rosto dela.

— Nada. Estou indo trabalhar — informou, dando de

ombros. E foi então que eu vi. O vazio em seus olhos. O espaço onde costumava haver tanta vida. Era como se ela estivesse correndo sem sair do lugar.

— Trabalhar? — perguntei, balançando a cabeça. — Hoje não. Hoje você tem que ir conversar com Critter sobre a sua mãe. E ir vê-la, talvez.

Sawyer afastou o olhar e meneou a cabeça antes de colocar uma panela na pia e fechar a torneira.

— Não. Ainda não. Hoje não.

— Say, você não pode simplesmente levar o seu dia como se ontem não tivesse acontecido. Você tem muita coisa para assimilar. Acho que pode tirar o dia de folga.

Ela olhou para mim como se fosse eu que estivesse agindo de maneira estranha.

— Nesse momento eu prefiro focar nisso. Em tomar o meu café da manhã. Em ser feliz. — Ela olhou para mim. — Com você.

Inclinei o corpo para frente e beijei seus lábios.

— Adoro saber que quer ser feliz comigo, porque trepar é tudo que eu quero no mundo. Mas sei o que acontece quando se empurra a merda toda lá para o fundo ao invés de deixá-la sair. Você sabe?

— Você acaba morando com uma garota maluca de uma seita religiosa no meio do pântano? — perguntou, dando um beijo na minha mandíbula.

— Fofa. Mas é sério, pise no freio aí porque essa merda não funciona. Acredite em mim. Vá falar com Critter. Com sua mãe

— aconselhei, sentindo-me mais do que um pouco inquieto diante da atitude bem-humorada dela, já que ontem à noite ela estava prestes a ter um colapso. — Você não pode simplesmente ignorar isso, Say.

— Claro — concordou, dando-me outro beijo nos lábios antes de pegar a bolsa e pendurar no ombro. — Só que ainda não.

— Você me deixa louco. Espere um pouco que eu levo você — ofereci, pegando a camiseta que estava na cadeira e vestindo com pressa.

— Está tudo bem. Fique mais um pouco e coma alguma coisa. Eu posso ir andando. Além do mais, eu disse para Josh que daria uma passada no apartamento dela antes do meu turno.

— Além disso, ainda não sabemos se é seguro — alertei, enquanto vestia a camisa e pegava as chaves. — Até que tenhamos certeza, você não vai para lugar algum sozinha.

— Não é nada demais — desdenhou, estendendo a mão na direção da porta. — Você não precisa me levar. Posso tomar conta de mim mesma.

— Pois é. — Coloquei-me no caminho dela. — Mas você não precisa fazer isso. Você não vai a lugar algum. Não sozinha. Eu não estava mentindo quando disse que não posso perdê-la.

O medo que se espalhava dentro de mim era tão real que era quase tangível. Se ela pudesse sentir pelo menos uma fração do que eu estava sentindo, entenderia o motivo dos meus pedidos.

É só porque eu fico apavorado com a ideia de te perder.

— Você não é a minha mãe, Finn — contestou, com uma

expressão vazia naquele rosto lindo que me deu vontade esmurrar a parede.

— Não. Não sou. — Apoiei-me na parede, cruzando as pernas nos tornozelos, e ergui os ombros. — Por que você não vai lá conversar com ela?

— Fofo — ironizou, usando a mesma palavra que eu tinha usado antes.

— Estou falando sério, Say. Ainda tem coisas que você precisa saber. Coisas que até essa manhã eu achava que você queria saber. Como a razão pela qual sua mãe tinha terras aqui. Como a razão...

— Pela qual Critter é casado com ela? Deixe-me adivinhar: essa história não é sua e, por isso, você não tem o direito de contar?

— B-I-N-G-O.

Sawyer enrugou a testa parecendo confusa e concluí que ela não tinha entendido a minha referência.

— O que eu quero dizer é que você está certa. Não cabe a mim contar essa história. E para a sua informação, essa postura de robô emotivo não é para você. Por que não devolve a minha garota?

Ela deu um suspiro.

— E se for demais? — questionou, com o lábio inferior tremendo. Por mais que eu tenha odiado vê-la triste, fiquei feliz de ter alguma emoção nela. — E se eu não conseguir lidar com o que vou descobrir? E se me contarem alguma coisa que não vou conseguir apagar? Alguma coisa que vai me perseguir pelo resto da

vida? Eu não sei se sou capaz de lidar com isso.

Beijei o topo de sua cabeça.

— Ela é a sua mãe. Você achou que tinha sido abandonada, mas não foi isso. Ela está aqui agora. Viva. A maioria das pessoas não tem uma segunda chance como essa. As pessoas não voltam do mundo dos mortos, mas ela voltou. Você não acha que deve isso a ela? Ouvir o que ela tem para dizer? O que Critter tem a dizer?

Ela assentiu, apoiada no meu peito, mas manteve os ombros rígidos. Estava assustada e tinha todo o direito de estar, mas eu precisava que ela soubesse que não ia passar por aquilo sozinha.

— Say... — chamei, enquanto me afastava para poder olhar em seus olhos. — Você tem a mim. Ainda não sabe que eu faria qualquer coisa por você? Quando o mundo pesar nas suas costas, vou carregar o peso dele para você. Eu estarei lá. Não vou a lugar algum. Nem agora. Nem nunca.

Os lábios de Sawyer se abriram em um sorriso. Era um sorriso pequeno, mas pelo menos era real. Ela fungou.

— Por favor, me leve até ela.

Dei um suspiro de alívio, mas ainda não estava tranquilo. Enquanto Richard ainda estivesse por aí e Sawyer e a mãe estivessem aqui, eu nunca conseguiria relaxar plenamente. Puxei as costas dela contra mim e me apoiei no topo de sua cabeça. Eu não estava mentindo quando disse que carregaria o peso do mundo nas minhas costas por ela.

O que eu não mencionei foi a possibilidade de que ele acabasse esmagando nós dois.

CAPÍTULO 5



SAWYER

A casa de Critter, em estilo de rancho, era vermelha com um estuque bege exterior e cortinas pretas cobrindo as duas janelas pequenas da frente. Eu não sabia o que esperar daquela casa, mas o que eu não imaginava era que ficava em um campo de girassóis.

Toquei o pingente de girassol pendurado no meu pescoço. Aquele que a minha mãe tinha deixado para mim na caixa embaixo da cama.

Permaneci dentro do carro enquanto Finn saiu e abriu a porta.

— Pronta? — perguntou, ajudando-me a descer e apertando a minha mão com força.

— Acho que nunca estarei — respondi.

Finn me acompanhou na escada até a varanda da frente, onde Critter estava sentado em uma das duas cadeiras de balanço de vime. Ele não perdeu tempo.

— Sawyer, entendo que esteja confusa, mas, lembre-se, ela também está. Sua mãe tem alguns momentos de lucidez. Às vezes duram minutos, às vezes, horas. A maior parte do tempo ela acha que está há vinte e dois anos.

— Eu não vou aborrecê-la — prometi. — Pelo menos, vou tentar não fazer isso.

Critter assentiu e eu me virei para Finn.

— Acho que tenho que fazer isso sozinha — declarei.

— Estarei aqui te esperando — avisou, antes de beijar os nós dos meus dedos e me soltar.

Critter abriu a porta para mim.

— Última porta no final do corredor.

Meus olhos se ajustaram à escuridão do lado de dentro daquela casa aconchegante, com tapete fofinho e um milhão de porta-retratos na parede. Aquele lugar parecia uma versão casa do bar.

Quando cheguei ao quarto no final do corredor, parte de mim imaginava que minha mãe estaria deitada na cama, mas ao invés disso ela estava sentada em uma cadeira de balanço no canto, tricotando. Sua enfermeira, Maddy, estava sentada em outra ao lado, folheando uma revista. Maddy ergueu a cabeça quando me viu e lançou um olhar de advertência.

— Critter disse que tudo bem — expliquei.

Ela olhou para minha mãe e, então, de volta para mim.

— Caroline, você tem visita — avisou em voz alta, mas com doçura. — O melhor jeito de não a deixar irritada é não corrigi-

la se ela disser alguma coisa que não pareça certa e não a lembre de quem você é porque, provavelmente, considerando o estado em que ela está agora, ela não vai saber.

Com isso, Maddy deixou o quarto e fechou a porta.

— Olá, querida. Qual é o seu nome? — perguntou minha mãe, quando notou que eu estava parada aos pés da cama. Ela abaixou o tricô. Um emaranhado de linha rosa-bebê sem nenhum padrão decifrável. Seu cabelo loiro estava úmido e penteado perfeitamente para trás. Ela estava vestindo um roupão rosa macio por cima de um pijama rosa e branco listrado, e pantufas felpudas. Aquela era a roupa mais colorida que eu já tinha visto a minha mãe usar, fora a regata amarela na foto que eu tinha encontrado na caixa que deixara para mim. Ela parecia saudável. Mais pesada.

Mais forte do que em anos.

Fisicamente pelo menos.

— Oi — respondi, sentindo-me estranha por não saber como me apresentar para a minha própria mãe. Procurei em seu rosto qualquer sinal de reconhecimento.

Nada.

Ignorei o nó que crescia em meu estômago e a dor no meu coração.

— Eu sou... Sawyer.

Ela largou o tricô no colo.

— Você deve ser a vizinha sobre a qual Critter estava falando. A vizinha nova com o menininho que fica roubando todos os girassóis. É um prazer conhecê-la finalmente.

— O prazer é meu — respondi, sentando na beirada da cama onde a enfermeira tinha estado. — E sinto muito por ele ter roubado as flores.

— Ah, tudo bem. Sei o quanto crianças podem ser travessas. Desculpe eu não poder pegar alguma coisa para você beber. Critter insiste que eu fique imóvel desde que os enjoos matinais começaram.

— Enjoos matinais? — perguntei. — Você está grávida?

Minha mãe afastou o tricô e passou a mão sobre a sua barriga lisa como se estivesse redonda ao invés de negativa.

— Sim, já estou com seis meses e a sensação de enjoo ainda não diminuiu. Às vezes tenho a impressão de que essa sensação só vai passar quando minha filha já estiver adulta.

— Lamento muito que não esteja se sentindo bem — declarei. — Mas tenho certeza que Critter está cuidando bem de você.

— Aquele homem me daria a lua se eu pedisse. Foi por isso que me casei com ele.

— Casou? — perguntei.

— Sim, pouco antes de descobrirmos que teríamos um bebê. Foi bem discreto, somente nós dois no campo de girassóis com um juiz de paz do cartório da cidade. Não tenho muitos familiares e nem Critter. Foi mais especial daquele jeito. Mas não vai continuar assim por muito tempo.

Minha mãe estava radiante enquanto balançava e continuava a tricotar.

— Então me conte, como foi que vocês dois se conheceram? — perguntei com naturalidade, tentando parecer uma vizinha curiosa.

— Bom, foi amor à primeira vista. Eu estava... — Ela contraiu o rosto e meneou a cabeça como se estivesse tentando afastar alguma lembrança ruim. — Você não quer me ouvir contar isso tudo, quer? É uma história meio longa.

— Quero sim. Eu realmente quero — encorajei-a a continuar, tentando não demonstrar o nervosismo que causava uma devastação em meu coração.

Eu finalmente ouviria a história pela qual tinha esperado por tanto tempo. Parte de mim queria virar e sair correndo. Outra parte não sairia dali nem se uma escavadeira aparecesse derrubando a parede.

— Desde o início, se quiser — incentivei. — O início de tudo. O seu início. Eu tenho muito tempo.

Olhei para meu pulso como se estivesse checando a hora em um relógio, sendo que nunca tinha tido um na vida. Sentei-me no chão e puxei os joelhos até o peito, apoiando as costas na cama e tentando não bater o pé no tapete, embora ele estivesse formigando com vontade de fazer justamente aquilo.

Minha mãe olhou para fora da janela enquanto relembrava a história.

— Bom, eu nasci rebelde. Por três dias inteiros, eu me recusei a vir para o mundo. — Balançou a cabeça. — Coitada da minha mãe. Cresci em uma família religiosa e, quando meu pai e

minha mãe morreram, fui deixada com os mais velhos da igreja para que me criassem, já que eu tinha apenas quinze anos quando faleceram.

— Sinto muito — respondi com um nó na barriga diante da informação sobre os meus avós, pessoas sobre as quais ela nunca tinha falado.

— Está tudo bem. Já faz muito tempo. Mas foi só então que eu percebi que meus pais eram membros únicos da igreja. Na nossa casa, não precisávamos abaixar o olhar e podíamos falar sempre que tínhamos alguma coisa para dizer, mas não era esse o padrão. Longe disso. Aquele era um jeito rígido de crescer e eu nunca aceitei a ideia.

Nem eu.

— Todo dia quando eu acordava, via a luz desaparecer um pouco mais dos meus olhos conforme me enfiavam regras e mais regras goela abaixo. Foi quando me informaram que eu me casaria com esse homem da igreja. Richard era o nome dele.

Ela se encolheu.

— A última coisa que eu faria era desistir. Eu não conhecia a vida fora da igreja e achava que não conseguiria me virar sozinha. Minha esperança era que Richard fosse parecido com os meus pais. Mas só precisei encontrá-lo algumas vezes para perceber que ele talvez fosse o pior de todos eles. Ele me tratava como um cachorro preso, deixava a coleira frouxa para que eu pudesse respirar, mas sempre me lembrava de que um simples puxão na direção errada e eu estaria me sufocando.

Por dentro eu estava chorando pela minha mãe, mas tentei permanecer impassível por fora.

Não foi fácil.

— Em um final de semana, meus tutores me levaram a um culto revivalista itinerante para ajudar. Ficamos em um motel pequeno e eu saía para fazer caminhadas pela cidade sempre que conseguia fugir escondida. Um dia, vi uma caminhonete e um trailer que estavam à venda em um ferro velho e uma coisa passou pela minha cabeça. Uma ideia da qual eu não conseguia me livrar.

A minha mãe voltou para o seu tricô e então o largou outra vez.

Ela continuou.

— No dia em que me casei com Richard, roubei um crucifixo de ouro que pertencia a ele, e o levei ao ferro velho. Eu o troquei junto com a minha aliança pelo trailer e pela caminhonete. Eu não tinha ido muito longe quando a caminhonete quebrou no acostamento. Saí andando para buscar ajuda na direção oposta ao parque de eventos porque, apesar de a liberdade que eu tinha experimentado estar a apenas alguns quilômetros dali, eu sabia que jamais voltaria. E aquela caminhada no meio da noite completamente sozinha? Aquilo foi algo glorioso. Foi a primeira vez que experimentei a verdadeira liberdade. Os sons do pântano de noite.

Ela fechou os olhos como se ainda conseguisse ouvir. Aí então inspirou profundamente pelo nariz.

— O cheiro de água salgada e enxofre. — Ela abriu os

olhos outra vez. — Quando percebi que estava perdida, senti que não me importava se ninguém nunca mais me encontrasse. Foi quando caí de um barranco e fiquei presa naquela pequena faixa de terra lamacenta. Era íngreme demais, eu não conseguia subir de novo. A água, então, começou a subir e eu tive certeza que morreria ali.

— E o que você fez? — indaguei, inclinando o corpo para frente.

Ela deu de ombros e voltou a tricotar.

— Não tinha nada que eu pudesse fazer. E havia algo tão... libertador naquela experiência, que me sentei na lama e... comecei a rir simplesmente. E foi aí que Critter me encontrou. Eu estava sentada na lama e com a água subindo ao meu redor quando ele passou por perto com o seu barquinho barulhento. Demorou para cair a ficha que eu estava ali, mas ele parou e me puxou. Eu estava coberta de picadas de insetos, com lama da cabeça aos pés e encharcada. E você sabe o que aquele homem fez? — perguntou, com um sorriso adorável.

— Não. O que foi que ele fez? — perguntei, inclinando o corpo para frente.

Ela sorriu de um jeito que me dizia que nem ela conseguia acreditar.

— Ele começou a rir junto comigo. Aquele homem não fazia ideia da razão pela qual eu estava rindo, mas imediatamente se juntou a mim. Ele me levou para o seu bar e, enquanto eu me limpava e trocava de roupa, foi até a minha caminhonete e o meu

trailer e os rebocou até o bar. Quando saí limpa e sem lama, ele olhou para mim e disse uma coisa que nunca vou esquecer.

— O quê? O que foi que ele disse? — quis saber.

— Ele olhou para mim e disse: é você. Como se tivesse esperado por mim a vida inteira.

Ela olhou pela janela para onde Critter estava sentado na varanda, balançando na cadeira e mexendo em alguma coisa no colo.

— E aí então, antes do café estar pronto pela manhã, tínhamos nos apaixonado louca e profundamente.

— Essa é uma história linda — exclamei. E realmente era.

— E o tal do Richard? — Olhei para as paredes e para o chão, e para as paredes outra vez. Para todo lugar menos para minha mãe.

— Ele era... ele é o pai do seu bebê?

Minha mãe meneou a cabeça negativamente.

— Não, Deus do céu, não. Eu fui embora antes da nossa noite de núpcias. Por sorte, as coisas nunca chegaram tão longe. Essa menina aqui... — Ela acariciou a barriga. — Pelo menos eu acho que é uma menina, é cem por cento Critter.

Cem por cento... Critter.

— Você disse que vocês dois são casados? Você e Critter, quero dizer?

— Com certeza — respondeu, antes de voltar a cantarolar e a tricotar. — O casamento com Richard foi apenas uma cerimônia na igreja. Não houve documento algum, então não era legal sob os olhos do estado. Para minha sorte, a igreja seguia as leis de Deus,

não as dos homens. Então, eu estava livre para me casar com Critter.

Ela é casada legalmente com Critter.

Parecia que minha mãe estava prestes a dizer alguma coisa, mas parou antes de as palavras saírem. Ela virou a cabeça de um lado para o outro como se estivesse me vendo pela primeira vez. Havia lucidez em seus olhos, uma lucidez que não estava lá antes, mas havia algo mais.

Reconhecimento.

Senti um frio na barriga. Meu coração começou a martelar nos ouvidos.

— Sawyer? — perguntou, sussurrando e piscando rapidamente. — É você?

— Sim, mãe. Sou eu — respondi, o mais gentilmente que pude, mantendo a minha expressão o mais serena possível. Eu nem tinha percebido que estava engatinhando pelo tapete na direção da minha mãe até estar ajoelhada diante dela, olhando para dentro daqueles olhos amorosos e familiares.

— Minha menina. É você realmente — afirmou, atirando-se da cadeira de joelhos para ficar de frente para mim. Ela me puxou para um abraço e não consegui controlar as lágrimas depois que elas começaram a cair. Nem minha mãe. Nós ficamos ali, abraçadas, chorando uma nos braços da outra.

— Você está viva. Ele me disse que você estava, mas eu não acreditei. Eu precisava vê-la. Você conseguiu. Sinto muito — desculpou-se, com o rosto no meu cabelo, bombardeando-me com

beijos por toda a minha cabeça. — Por tudo.

— Eu consegui, mãe. Por sua causa. Por causa da sua carta, da caixa e das suas instruções. Você me trouxe até aqui. Você me tirou de lá — contei. Enquanto eu falava, senti parte do ressentimento que vinha tendo em relação a ela começar a se dissipar.

— Desculpe não ter contado nada para você — lamentou. — Eu não podia. Tinha que te manter em segurança. Você precisa me perdoar, meu docinho. Eu fiz o que achei que era o melhor, mas estraguei tudo. Tenho tanta coisa para contar a você... — anunciou, soluçando com o rosto encostado em mim. — Tem mais coisa que você precisa saber.

— Você não precisa me contar tudo agora — respondi, com o rosto em seu ombro enquanto ela me apertava repetidamente como se precisasse, assim como eu, ser constantemente lembrada de que eu realmente estava lá.

Depois de alguns instantes, os braços da minha mãe enrijeceram e, antes mesmo de ela se afastar, eu já sabia que o nosso momento, juntas, tinha passado. Quando ela olhou para mim novamente, a aparência vítrea de seus olhos estava de volta.

— É melhor eu sair do chão. Critter não quer que eu me esforce na minha condição. Diz que não é bom para o bebê.

Ela se levantou e se sentou de volta na cadeira, pegando o tricô outra vez. Os indícios das lágrimas parcialmente enxugadas em seu rosto eram as únicas evidências do nosso reencontro roubado.

Eu me levantei para sair quando Maddy entrou no quarto e acenou com a cabeça de maneira austera para mim.

— É melhor eu ir. Obrigada por me receber, e obrigada por me contar a história de como conheceu o seu marido.

Ela sorriu para mim com doçura.

— Não foi incômodo algum. Eu adoro contar essa história. Metade das pessoas dessa cidade já está cansada dela. Obrigada pela visita. Faço questão de que venha outra vez. Domingo talvez? Aos domingos eu faço uma torta de pêssego deliciosa. É a favorita do Critter.

Enxuguei meu rosto molhado com a palma da mão.

— Se não for problema para você, vou adorar.

— Claro. Vai ser um prazer. Até domingo — despediu-se, com alegria. — E não se preocupe com aquele seu menininho adorável. Sempre que Finn quiser vir até aqui para pegar girassóis, ele será bem-vindo. Nós temos muitos.

Finn.

Acenei sutilmente, me despedindo e esperei até estar quase na porta da frente para sussurrar:

— Tchau, mamãe.

Eu não sabia como me sentiria ao vê-la daquele jeito, mas jamais imaginaria que quando a visse voltar para um lugar em que eu nunca tinha existido, eu me sentiria como se ela tivesse morrido outra vez.



Corri para os braços de Finn no segundo em que voltei para a varanda. Enterrei o rosto no algodão macio de sua camiseta e não me afastei até ouvir a voz de Critter.

— Sawyer?

Eu me virei para ficar de frente para Critter, que se levantou da cadeira de balanço com uma expressão de quem já sabia estampada nas linhas do seu rosto.

O rosto do meu pai.

Ficamos ali, olhando um para o outro, por um tempo que pareceu a eternidade.

— Critter? — perguntei, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Ele balançou o corpo sutilmente para frente, apoiado na ponta dos pés, e cruzou as mãos atrás das costas. Para um homem alto e forte como aquele, o meu coração balançou ao ver como ele parecia vulnerável.

— Nós escutamos a conversa de vocês — avisou Finn atrás de mim.

Critter balançou a cabeça.

— Você se saiu bem, garota. Mas se você não se importar, eu... Por que é que isso é tão difícil, porra? — resmungou, antes de respirar fundo. — Eu gostaria que você me chamasse de pai. — A voz dele falhou na última palavra.

Meu coração se abriu com uma explosão, libertando um poderoso fluxo de emoções acompanhado de lágrimas incontroláveis. Eu caí de joelhos. Sem que tivesse me dado conta, Critter tinha diminuído a distância entre nós. Ele me levantou e me envolveu com seus braços fortes contra o seu peito. Tinha cheiro de fumaça de charuto e colônia. Era aquele o cheiro do meu pai e eu ia me lembrar daquilo para sempre.

Eu estava soluçando tão alto, que não conseguia falar, mas Critter estava me observando quando ergui o olhar, movi os lábios e falei baixinho:

— Oi, pai.

Ele me ergueu e me balançou para frente e para trás enquanto os meus pés balançavam pendurados para fora da varanda.

— Ei, garota. — Minhas lágrimas encharcaram a sua camisa enquanto nós nos abraçávamos com força, e ele encheu de beijos o topo da minha cabeça. — Seja bem-vinda à sua casa, filha — disse, com um soluço engasgado. — Finalmente. Seja bem-vinda à sua casa.

Ficamos assim por um longo tempo, grudados, unidos novamente. Pai e filha.

E choramos.

Choramos porque nós dois finalmente sabíamos a verdade. Choramos pelo tempo perdido entre nós. E apesar de nenhum de nós ter dito em voz alta, eu sabia que em algum momento entre aquelas primeiras lágrimas e o sol que mergulhava no horizonte,

nós dois tínhamos chorado por ela.



O sol tinha acabado de se pôr. O céu escuro e repleto de estrelas tinha assumido oficialmente a sua vez de guardar a terra.

Finn, Critter e eu ainda estávamos sentados na varanda. Eles bebiam cerveja e eu me contentei com um chá gelado, tendo chegado à conclusão de que cerveja era realmente uma bebida que a gente precisava de tempo para aprender a gostar, e eu ainda não tinha tido o tempo necessário.

— Você... você precisa que eu ajude a cuidar dela? — perguntei a Critter. — É minha mãe. Não é justo que tenha que fazer tudo sozinho.

Ele meneou a cabeça e deu um gole na cerveja.

— Ouça, filha, você passou a vida inteira cuidando da sua mãe. E fez um bom trabalho. Fez mais do que a maioria faria na sua situação. Porra, você ficou quando a maioria teria desistido e ido embora. — Ele inclinou o corpo para frente apoiado nos cotovelos. — Que tal deixar que eu faça isso para variar? Além do mais, não pude tomar conta daquela mulher por duas décadas. Tenho que compensar o tempo perdido.

— Eu não perguntei como você está lidando com isso tudo. Então, como é que está lidando?

— Estou aguentando firme. Ela está de volta, mas não completamente de volta. Vai levar um tempinho para voltar ao

normal, mas não vou desistir até o meu girassol estar cem por cento aqui.

— Foi você que deu a ela esse pingente? — perguntei, erguendo o girassol pendurado na correntinha no meu pescoço.

— Foi sim — respondeu, olhando saudosamente para o campo amarelo iluminado pela lua que tinha se levantado recentemente. — Eu pedi a sua mãe em casamento naquele campo. Nós nos apaixonamos naquele campo. Nós... bem... Tem coisa que é melhor não dizer.

Eu ri e tomei um gole no meu chá.

— Existem coisas sobre o meu passado que você deveria saber — declarou Critter. — Coisas sobre as quais eu não falo abertamente. Mas você é minha filha e deve saber essas coisas sobre seu velho. Quem eu sou e o que fiz no meu passado.

— Tipo o quê? — perguntei hesitante, mordendo nervosa a minha bochecha por dentro.

— Nem sempre fui o cidadão modelo dessa cidade. Eu fiz coisas. Muitas coisas. Algumas delas ruins, realmente ruins. Passei alguns anos na prisão estadual quando tinha vinte e poucos anos.

— Então, você se envolveu com más companhias na juventude? — sugeri.

Critter meneou a cabeça e olhou para mim por cima da sua garrafa de cerveja.

— Não, eu era a pessoa com a qual os outros se envolviam. Eu era a má companhia ou, pelo menos, comandava as más companhias.

— Minha mãe sabe? — perguntei.

— Sua mãe sabe tudo sobre mim. — Critter deu risada. — Cada detalhe feio e sujo. E ela me ama apesar disso e, às vezes, por causa disso.

— Se isso não teve importância para ela, então não tem importância para mim.

— Eu não entendo por que ela está assim agora, se antes ela não era desse jeito. — Finn entrou na conversa.

Critter balançou a cabeça.

— O psicólogo daqui acha que ela carregou tanta coisa nas costas ao longo dos anos que o peso de tudo foi ficando cada vez maior. Quando a trouxemos de volta para cá e ela soube que você estava bem, foi como se os joelhos dela dobrassem, fazendo com que tudo finalmente desabasse em volta dela.

— Acha que algum dia ela vai voltar... ao normal? Seja lá o que isso signifique?

— Normal. — Critter deu risada ao ouvir a palavra. — Sua mãe é uma força maior do que qualquer droga de furacão que eu já encontrei. Ela só precisa de um pouco de descanso. De um pouco de tempo. Existe um limite que um corpo e uma mente podem processar. Ela vai voltar para nós no devido tempo. Estou certo disso.

— Posso perguntar uma coisa?

Critter assentiu.

— Ela passou duas décadas longe. Por que você não se casou outra vez ou teve filhos?

Critter suspirou e olhou para as suas mãos por um momento antes de responder.

— Porque o tipo de amor que sua mãe e eu temos não é do tipo que você se recupera. Não é um resfriado. Não é temporário. É do tipo que se torna parte de você. Assim como o sangue nas suas veias. Esquecer a sua mãe era simplesmente impossível.

— Você realmente a ama — lamentei.

— Sim, com todas as minhas forças e mais um pouco. E você... — Critter acrescentou, com os olhos cheios de lágrimas. — Não posso compensar por todos os anos que não fui o seu pai, mas eu com certeza gostaria de tentar, filha.

Filha. Eu estava adorando todas as expressões de afeto que Critter usava para se dirigir a mim.

Elas faziam com que eu me sentisse especial.

Segura.

AMADA.

Richard nunca tinha me chamado de outra coisa que não fosse Sawyer.

Ou garota. Como se fosse um palavrão.

— Acho que vou gostar disso.

— Quero que saiba que eu nunca acreditei que ela tinha me deixado por vontade própria. Em nenhum momento. Ninguém se levanta e sai andando simplesmente deixando para trás o que a gente tinha. Impossível. Eu procurei por vocês duas todo dia depois que ela me deixou aquela carta. Todo dia, caralho. E quando vi que não conseguia encontrar vocês, achei que estavam mortas.

— Por quê?

— Porque eu nunca achei que ele deixaria sua mãe ou você viverem quando descobrisse que ela estava grávida de mim.

— explicou Critter, apertando com força a garrafa de cerveja que estava em sua mão.

— Ele provavelmente não deixaria — concordei. — Mas com o rumo que as coisas tomaram, eu me tornei o lembrete que ele precisava.

— Eu não sabia que vocês estavam vivas até alguns meses atrás quando isso chegou. — Critter colocou a mão no bolso de trás e me entregou um envelope sem endereço de remetente. — Vou deixar que ela conte o que aconteceu.

Tirei a carta do envelope e, apesar de saber que ela estava dentro da casa, eu podia ouvir a sua voz na minha cabeça lendo a carta para mim como se ainda fosse um fantasma.

C-

Estou arriscando tudo ao enviar isso, mas é algo que tenho que fazer porque não me resta muito tempo. É tarde demais para mim, mas não é tarde demais para salvarmos a nossa filha.

Ajude-a antes que também seja tarde demais para ela.

Eu amo você. Sempre amei. Sempre vou amar.

Para sempre o seu girassol,

-Caroline

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Olhei da carta para Critter.

— Eu ainda não entendo por que ela não ficou. Ela poderia ter se defendido dele ou escapado e voltado para você. Em vez disso, ela ficou com ele. Por... mais de vinte anos. Por quê?

Critter ergueu a mão.

— Richard ameaçou matar a filha dela. Você. Ameaçou me matar. Ele disse a ela que, se ela tentasse fugir, ele não ia descansar até que nos matasse na frente dela. Sei o que você deve estar pensando, mas a sua mãe não era covarde. Ela fez o que tinha que fazer, e ficou porque achou que aquele era o melhor jeito de nos manter vivos. Ela não é covarde. Longe disso. Aquela mulher andou nas águas do inferno com o próprio diabo para nos manter em segurança. — Critter mudou de posição na cadeira e olhou para a casa. — Ela é a mulher mais corajosa desse mundo.

Finn colocou a mão no meu ombro e apertou. Eu adorava como ele sempre parecia saber quando eu precisava ser reconfortada e, naquele momento, eu precisava daquilo mais do que nunca. Eu estava errada. Minha intuição, minha cabeça e meu coração tinham pensado no pior.

Eu estava errada. Muito, muito errada.

— Eu nunca... Uau... — disse, sentindo-me instantaneamente angustiada e envergonhada por ter sugerido em algum momento que a minha mãe era egoísta.

— Existem apenas duas coisas das quais eu me arrependo nessa vida. Não ter encontrado vocês duas, não ter resgatado vocês

antes é uma delas.

— E qual é a outra? — indagou Finn, girando a cerveja na mão.

Critter não hesitou quando ergueu o olhar para nós com frieza e ódio em seus olhos.

— Não ter matado aquele filho da puta do Richard vinte e dois anos atrás.

CAPÍTULO 6



FINN

Quando meu celular tocou, deixei Sawyer e Critter na varanda conversando para atender.

— Oi, mãe.

— Querido, como você está? Já faz dias que não liga.

— Falei com você ontem, mãe — lembrei-a.

— Tem certeza? Parece que faz mais tempo.

— Tenho certeza — afirmei, sorrindo no telefone.

— Você anda muito diferente. Isso tem alguma coisa a ver com a garota sobre a qual eu já ouvi tudo de todo mundo dessa cidade exceto do meu próprio filho?

Olhei para onde Sawyer estava conversando com Critter e senti um calor no coração.

— Sim, algo do tipo.

— Finn Hollis, traga essa garota aqui para uma visita assim que tiver uma chance. Nós iríamos até aí, mas a asma do seu pai

tem sido um problema. Essa época do ano é muito úmida.

— Pare de me fazer parecer um velho — resmungou meu pai ao fundo.

— Então pare de fazer coisas de velho como chupar os dentes depois do café da manhã — repreendeu minha mãe.

— Vocês dois continuam os mesmos — comentei.

O tom de voz dela ficou sério.

— Finn, já faz muito tempo que a gente não se vê. Ora, desde que...

Ela interrompeu como se estivesse esperando por alguma coisa. Por algum tipo de reação.

— Pode falar o nome dela, mãe. Está tudo bem. Jackie. O nome dela era Jackie.

Eu estava absolutamente orgulhoso do quão longe eu tinha chegado. Dizer o nome dela costumava ser muito doloroso. Agora era um nome associado a uma garota que eu amara e perdera.

E estava tudo bem.

Ela deu um suspiro de alívio.

— Graças a Deus. Até pouco tempo você tratava o nome dela como um palavrão. E dos bem pesados. Como aquele com o qual você costumava se referir à sua professora de inglês na terceira série. Que criança de nove anos de idade chama a professora de va...

Meu pai interrompeu:

— Filho, você vai vir até aqui ou a gente vai ter que te subornar? Estamos pedindo isso há dois anos — gritou meu pai.

As conversas por telefone com os meus pais costumavam ser estressantes. Eu ficava o tempo todo tentando convencê-los de que estava bem quando não estava. Nos últimos tempos, não sentia mais aquela vontade de desligar ou de jogar o celular no pântano.

Cruzei os braços.

— Depende. O que é que vocês têm para me subornar?

— Torta de frutas e seus sanduíches favoritos de frango frito? — Minha mãe ofereceu e meu estômago roncou quando pensei no frango delicioso que ela fazia. — Eu peço para Ethan pegá-lo, aí você não precisa dirigir. E traga essa sua namorada para a gente conhecer — pediu, cheia de esperança.

Olhei para Sawyer e os nossos olhares se encontraram. Ela sorriu.

— Com certeza.

CAPÍTULO 7



SAWYER

Desde que Critter e eu conversamos alguns dias atrás, eu me sentia melhor. Mais leve. Mas o medo persistente em torno de um futuro incerto estava começando a pesar. Eu me sentia esgotada. Meus olhos estavam tão cansados quanto minha mente. O pensamento que mais persistia, que sussurrava nos meus ouvidos como uma névoa que não se vê, era aquele em que Richard ainda estava por perto. Havia uma possibilidade de que ele viesse atrás de mim. Afinal de contas, eu tinha roubado dele e ele me odiava porque me culpava pela morte da minha mãe. Qualquer outro homem no mundo não teria razão alguma para vir me procurar, mas Richard Dixon não era qualquer outro homem. Eu sabia que cedo ou tarde ele viria. Eu sempre soube disso. Mas uma coisa tinha mudado.

Minha mãe.

Se Richard viesse atrás de mim e acabasse a

encontrando... eu odiava pensar no que poderia acontecer. Se saíssemos de Outskirts, só por um tempo, só até o culto itinerante arrumar tudo e ir embora, talvez pudéssemos evitar que ele descobrisse que ela estava viva.

Eu estava prestes a verbalizar minha ideia para Finn quando ele se sentou ao meu lado no embarcadouro e me distraiu com seu peito nu e músculos que formavam ondas. Quando ele sorriu para mim, a minha barriga e algo um pouco mais abaixo deram um pequeno salto de alegria.

— Que olhar é esse no seu rosto? O livro não é bom? — perguntou, apontando para o livro aberto no meu colo.

RELIGIÕES MODERNAS PARA UM MUNDO MODERNO.

Livro? Que livro?

Ele apontou novamente para o meu colo, sorrindo porque sabia que tipo de efeito exercia em mim.

— Ah. Sim. Esse livro. Não é que ele não seja bom. Só acho que não é exatamente o que eu estava procurando — respondi, olhando para o título do capítulo e lendo-o novamente para o caso de ter lido errado da primeira vez.

Não. Eu tinha lido certo.

— O quê? — perguntou Finn, inclinando o corpo para ver o que eu estava lendo. Inalei seu perfume fresco e recostei nele levemente para sentir melhor o calor do seu peito através da minha regata fina.

Passei os olhos rapidamente no artigo e dividi com ele os pontos que chamavam atenção.

— Existe uma religião chamada Igreja do Monstro do Espaguete Voador. A base dela é que os seguidores dessa religião acreditam que um ser que eles chamam de o Monstro do Espaguete Voador criou o mundo e tudo que existe nele. Ele é literalmente um macarrão com almondegas que voa — expliquei, apontando para a figura abaixo da legenda. Então fechei o livro e o coloquei de lado, balançando a cabeça sem conseguir acreditar naquilo.

— Você acha isso mais estranho do que acreditar que um homem caminhou sobre a água ou que ele se levantou dos mortos? — perguntou Finn, recostando-se apoiado nas mãos. — Ou que vacas são animais sagrados? Ou que existem pessoas que guardam uma torrada por décadas porque juram que podem ver a imagem de Jesus Cristo queimada nela pela torradeira?

— Bom, agora que você colocou dessa maneira, o Monstro do Espaguete Voador não parece assim tão estranho — respondi, achando graça.

Finn pegou minha mão.

— Faz sentido, mas a questão é que tudo isso pode parecer maluquice para nós, mas para muitas pessoas esse tipo de coisa traz paz, faz com que elas se sintam completas. Dá propósito a elas. Não cabe a ninguém decidir o que é maluquice e o que não é. Se uma coisa faz com que alguém se sinta completo, ela acaba dando mais poder a essa pessoa.

— Em qual religião você cresceu? — perguntei, me dando conta de que não fazia ideia se a família de Finn era de pessoas de fé ou não.

Ele fez uma careta.

— Uh, minha família era do tipo que ia à igreja na Páscoa e no Natal, mas só se o estacionamento não estivesse cheio demais e não tivéssemos que parar na lama do outro lado da rua. — Ele se sentou e tirou o cabelo do meu ombro, contornando minha clavícula com o dedo. — O que está acontecendo de verdade com essa coisa de religião, Say? Quer conversar a respeito?

Decidi dizer a verdade já que qualquer outra coisa soaria ainda mais estranha.

— Não sei mais no que acreditar. É estranho não ter uma fé, mas é libertador ao mesmo tempo. É como se com essa chance de viver a vida do meu próprio jeito, eu precisasse saber de tudo que há para saber para não me sentir como se um pedacinho de mim estivesse faltando — confessei. — Mas não tenho cem por cento de certeza. Acho que eu pensei que se lesse mais, se estudasse as religiões do mundo, de repente tudo fosse fazer sentido. Mas não. Nenhuma delas na verdade faz sentido para mim.

— As pessoas dessas religiões acham que elas fazem todo sentido — rebateu.

— Sim, é essa a questão. Todas elas têm fé no que acreditam e todas acham que estão certas e chamam isso de fé. Eu conheço a fé. O dicionário a define como confiança e crença em algo baseadas em entendimento espiritual mais do que em provas. Mas com tantas religiões no mundo, algumas delas têm que estar erradas. Estou certa? Quer dizer, se existe uma que é absoluta, então a maioria delas tem que estar errada.

Finn deu de ombros e descansou o seu queixo barbudo no meu ombro nu.

— Mas e se todas estiverem certas?

Ele beijou o espaço entre meu pescoço e meu ombro e eu relaxei com o seu toque.

Eu sorri.

— Que o Monstro do Espaguete abençoe a todos nós, então.

Finn deu risada antes de seu sorriso desaparecer e seu tom de voz ficar mais sério.

— Você sente falta? Pelo menos de parte daquilo tudo? Do seu passado, eu quero dizer?

— Não! — confessei com muito mais veemência do que pretendia. — Quer dizer, eu me sentia como uma intrusa na igreja porque eu realmente era uma intrusa. Eu não conseguia me adequar e simplesmente acreditar cegamente. E aqui fora, por mais que eu ame esse lugar, ainda me sinto como uma intrusa. Toda vez que Miller menciona um programa de TV ou faz alguma referência a alguma coisa que não entendo é só um lembrete de que eu não vim desse mundo — expliquei.

Finn ficou em silêncio por um momento, olhando para o chão.

— O quê? — perguntei, imaginando o que estaria passando em sua cabeça.

Ele piscou e olhou para mim.

— Acabei de ter uma ideia...

— E...

Ele balançou a mão desconsiderando aquilo.

— Eu conto mais tarde. Enquanto isso, por favor, não se baseie no Miller ou no que ele diz para nada. Uma vez ele ligou para o serviço dizendo que estava muito doente e que não tinha condições de trabalhar só para poder assistir três dias de um reality show sobre esposas em Mississippi.

Ele entrelaçou os dedos com os meus. Eu adorava como sua mão era grande comparada com a minha. Seu bronzeado em contraste com minha palidez.

— Eu só... eu quero conhecer as coisas — declarei. — Armar-me com conhecimento. Descobrir de onde foi que tudo isso veio e tomar a minha própria decisão sobre o que eu quero acreditar. Isso se eu quiser acreditar em alguma coisa.

Finn balançou a cabeça e havia agora outro olhar em seu rosto. Orgulho?

— Acho que essa é uma ótima ideia. Pesquise tudo e me diga quando começa o culto do Monstro do Macarrão Voador.

Ele deu um beijo rápido nos meus lábios.

— Monstro do Espaguete Voador — corriji.

— Isso é muito específico. — Finn deu risada, puxando-me para o seu colo.

— Eu estava pensando em escrever tudo em um tipo de diário. Assim eu poderia me lembrar de tudo que aprendi e fazer anotações.

— Que tal um blog? — sugeriu Finn.

— Um blog? — Torci o nariz diante do termo desconhecido para mim.

— Sim, é como escrever em um diário, exceto pelo fato de que você posta on-line, assim mais pessoas podem ter acesso. Elas podem aprender com ele, assim como você. Eu acho que você se sairia muito bem e posso te ajudar com a organização, se quiser.

— Você faria isso? Por mim? — perguntei, com o meu coração palpitando e com a pele esquentando com seu toque.

— Você ainda não sabe? — Finn deu um suspiro e seu olhar grudou no meu. — Eu faria qualquer coisa por você.

Meu corpo inteiro estremeceu contra o dele quando ele beijou meu pescoço. Então, sempre muito lentamente, ele contornou minha orelha com a ponta da língua. Tudo dentro de mim ganhou vida.

— O que você está fazendo? — perguntei, sem conseguir respirar direito.

— Eu estou ajudando — insistiu. — Você quer religião? — Ele empurrou para trás um cacho do meu cabelo. — Então eu vou ficar de joelhos e adorá-la pelo resto da minha vida. Quer salvar alguém? Já fez isso. Você me salvou. Quer o paraíso? — Sua mão subiu deslizando pela parte de trás da minha saia. Estremeci. Sua voz grave murmurou no meu ouvido: — Vou levá-la agora mesmo.

Eu estava ansiosa para que ele me tocasse. Para que me desse mais do que apenas suas palavras deliciosas.

— Sim. Paraíso. Por favor. — Suspirei quando ele enroscou os dedos na minha calcinha e a puxou para o lado.

— Toda molhadinha para mim. — Ele gemeu antes de abrir a calça jeans e erguer o quadril para abaixá-la. Ele me colocou de costas, fazendo-me apoiar na beirada do embarcadouro, não tirando os olhos dos meus quando investiu para dentro de mim, fazendo a minha espinha arcar e sair do embarcadouro como se fosse um raio de prazer me atingindo.

— Caralho, isso é tão bom. Você é tão gostosa. Toda vez. Toda vez, porra — murmurou Finn, gemendo.

Eu respondia às investidas dele enquanto ele me tomava rápido e com força. Não levou muito tempo para o prazer explodir dentro de mim. Vi estrelas. Depois de alguns golpes furiosos, Finn me seguiu até o limite e eu saboreei a sensação do seu gozo quente me preenchendo.

Desabamos em cima da figura do Monstro do Espaguete Voador. Finn descansou o peito nas minhas costas sem sair de dentro de mim.

— Sabe de uma coisa? Agora eu sou uma pecadora. Provavelmente, vou para o inferno — sussurrei, chamando a atenção de Finn para a Bíblia contra a qual a minha mão ainda estava pressionada.

— Isso não é verdade — discordou, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Como você pode ter tanta certeza?

Ele balançou para frente e eu fui lembrada instantaneamente de que ele ainda estava dentro de mim.

— Porque você é o meu paraíso.



— Conte-me mais sobre sua infância. Como era diferente daqui — pediu Finn enquanto traçava círculos preguiçosos em minhas costas e sobre as minhas nádegas redondas.

— Você já sabe quase tudo — respondi, virando-me para ele.

Estávamos na cama da casa dele, tínhamos saído do embarcadouro e ido para lá, e logo percebemos que estávamos longe de terminar o que tínhamos começado.

— Sim, mas eu quero saber tudo. O que faz você ser VOCÊ. Bom ou mau, o seu passado fez de você quem você é e eu amo quem você é.

— Ama? — perguntei.

Apesar de ele já ter dito aquilo, eu nunca me cansava de ouvir. Com Finn, eu me sentia quente de dentro para fora. O meu ser inteiro reagia a ele. Desde meu nariz até as pontas dos meus pés. Desde meu coração até minha alma.

— Amo. Eu amo você. Ferozmente. Possessivamente. Insanamente. Sempre.

— Isso foi lindo.

— Você é linda — exclamou, inclinando-se para beijar meu ombro. Ele continuou a contornar cada sarda e cada pinta do meu corpo.

— Se você for contornar todas elas, vamos ficar aqui por

um bom tempo — ressaltei.

A covinha de Finn apareceu com o seu sorriso.

— Estou contando com isso. Agora fale.

Pensei por um instante. Eu me sentia vulnerável me abrindo com ele. Tinha deixado de fora a maioria dos detalhes sobre a minha vida apesar de ele já conhecer a versão curta. Era quase como se eu os estivesse guardando para mim, porque eram a cruz que eu tinha que carregar e não queria sobrecarregar mais ninguém com ela.

— Acho que foi como viver em um universo diferente. Em que todos os dias eram iguais. A gente não fazia festa em datas comemorativas nem em aniversários. Eu não entendia se minha casa que era diferente por conta da rigidez e do temperamento do meu pai ou se todas as famílias da igreja eram daquele jeito. Todo dia a gente vivia a mesma mentira de novo e de novo. A mentira de que a igreja girava em torno da família. De que a família estava acima de todas as outras pessoas. De que era a coisa mais importante no mundo depois de Deus. E quem sabe, talvez, nas outras casas, nas outras famílias, eles fossem diferentes por trás das portas fechadas. Amáveis. Gentis. Talvez deixassem as mulheres comerem na mesma mesa ou olhá-los nos olhos.

Finn parou com o contorno e então recomeçou.

Eu continuei.

— Talvez as filhas pudessem falar sem precisar da permissão do homem da casa primeiro. Talvez eles não usassem a força física para disciplinar as coitadas das mulheres imbecis, que

tinham como único propósito na vida ter e criar os bebês e servir seus maridos. — Estremeci.

— Deve ter sido difícil.

— Fiquei insensível a tudo isso depois de um tempo. Era a única vida que eu conhecia. Havia dias em que sentava no meu quarto e me sentia culpada por querer ir embora. Por querer uma vida diferente. Achava que aquilo era egoísmo e que, por não priorizar os outros, eu era a maior pecadora de todas. E agora sei como ela foi corajosa e altruísta. Vai ver eu era realmente a maior das pecadoras, no final das contas.

Finn deitou ao meu lado, olhando de lado com a cabeça no travesseiro e a mão na minha cintura.

— Mas você colocou os outros à sua frente. Você ficou, não ficou? Pela sua mãe? Ela ficou por você e você ficou por ela. Ela não foi a única corajosa. Vocês duas foram. Uma pela outra.

— Você acha?

— Say, todos nós somos egoístas de certa maneira. É da natureza humana. Eu sou egoísta porque a quis para mim antes que você tivesse a chance de conhecer esse mundo e encontrar alguém melhor. Pense nisso dessa maneira. Se eu não fosse o idiota egoísta que sou, nós nem estaríamos juntos. — Ele envolveu o meu rosto com a mão. — Mas não importa. Porque nunca vou te deixar ir embora.

Finn subiu em cima de mim, deixando um rastro de beijos enquanto descia pelo meu corpo, passando pelo meu umbigo e descendo cada vez mais. O tempo inteiro, entre beijos e mordidas,

ele repetia as suas palavras anteriores.

— Eu amo você. Ferozmente. Possessivamente.
Insanamente. Sempre.

CAPÍTULO 8



SAWYER

— Não vá a lugar algum sozinha. Prometa para mim — pediu Finn, com a mão sobre a minha perna de maneira possessiva. Não havia nada no seu comportamento que sugerisse que ele estava brincando, e eu tinha a sensação de que ele não me deixaria sair do carro até que eu concordasse.

— Eu não vou — concordei, querendo tranquilizá-lo. — Prometo.

Finn inclinou o corpo na minha direção e deu um beijo na minha têmpora.

— Obrigado.

Fiquei corada.

— Vou subir até o apartamento da Josh e ela vai me levar para a biblioteca. — Saí do carro e fechei a porta.

— Eu venho te pegar. Assim tenho tempo para deixar tudo pronto para nossa viagem — declarou Finn, enquanto dava marcha

à ré, lançando casualmente uma ideia a respeito da qual eu nunca o tinha ouvido falar.

— Que viagem? — gritei, por causa do som do motor barulhento e dos pneus que rodavam sobre as pedras e sobre o cascalho.

— O quê? — gritou de volta, levando a mão à orelha e sorrindo de uma orelha a outra. — Não consigo ouvir!

— Que viagem? — gritei mais alto.

Ele começou a dirigir e piscou para mim antes de ir embora.



— Ai, merda! — gritou Josh. Eu me virei e a vi apoiada na sacada do terceiro andar do seu prédio. Achei que ela estava lá porque, caso contrário, Finn não teria saído dirigindo. — Parece que Finn está com más intenções.

Fazia alguns dias desde a última vez que eu tinha falado com Josh. Apesar de Finn ter contado para ela tudo que estava acontecendo, eu sentia como se houvesse um vazio na minha vida que precisava ser preenchido com alguns minutos na companhia dela.

— Por que seu rosto está estranho e você não pisca? Seus globos oculares vão saltar para fora? Porque um aviso seria bom. Ou... merda. Você vai ter um derrame? Porque eu acho que meu seguro residencial não cobre isso, então, se você vai, sugiro que dê

um passo para fora do prédio — brincou Josh, apesar de o seu olhar de preocupação ser genuíno. Ela abriu a porta e deu um passo para o lado para me deixar entrar. Entreguei a ela a sacola com a sopa da padaria que ela tinha me pedido para pegar no caminho.

— Acho que não? — disse, mas a frase saiu como uma pergunta. Coloquei minha bolsa no balcão.

— Com toda a merda pela qual você tem passado? Eu não ficaria surpresa. Como você está lidando com isso tudo?

— Eu estou... bem. É difícil ficar feliz por ter descoberto que minha mãe está viva e que Critter é meu pai porque ainda não sei se ela vai ficar bem e a ameaça do Richard ainda existe — expliquei, olhando para o balcão. — Ela sempre vai existir.

— Não. Vamos colocar nossas cabeças para funcionarem juntas e vamos pensar em alguma coisa. Vou colocar os meus neurônios para funcionarem até sair fumaça do meu crânio, pensando em algum jeito de te ajudar. — Ela ergueu meu queixo com a mão. — Agora cabeça erguida, docinho.

Josh veio até a mim e me abraçou forte. Ela estava com cheiro de loção de coco e a sua pele estava quente como se estivesse no sol até então.

— Eu estou aqui se precisar de mim. Sempre — lembrou-me, olhando em meus olhos para tentar me entender.

Assenti e desviei o olhar antes que as lágrimas caíssem. Eu já havia chorado o suficiente, mas sabia que assim que eu abrisse a torneira, ia ser difícil fechá-la novamente.

— Que história é essa de Finn levar você para viajar hoje à

noite? — perguntou Josh.

— Você sabe tanto quanto eu. Nada.

— Típico do Finn — comentou Josh, virando os olhos. Ela tirou a sopa da sacola e a colocou sobre o balcão, tirando a tampa cuidadosamente para liberar o vapor. Abriu uma gaveta e pegou uma colher.

— Aliás, para quem é isso? — perguntei.

Josh apontou para a porta fechada do quarto e gesticulou para que eu a seguisse até lá dentro.

Alguma coisa debaixo das cobertas na cama se mexeu e eu levei um tempo para perceber que tinha uma cabeça com cabelos escuros saindo pela parte de cima do monte de travesseiros brancos e fofos.

Não era uma cabeça qualquer.

Era a cabeça de Miller.

— Eu estou tãããããão doente — gemeu, rolando com o cobertor preso em suas mãos e o puxando para cobrir a cabeça.

Josh debruçou sobre ele e gritou na direção das cobertas.

— A única coisa que você tem é um caso de frescura típica de homem! Não é mortal, só é irritante demais. — Ela olhou para mim. — Especialmente para a população feminina.

Miller abaixou o cobertor novamente, revelando um nariz levemente avermelhado. Ele fungou.

— Não grite comigo. Não estou me sentindo bem. Acho que é a peste negra. — Ele abaixou a voz até que fosse um sussurro. — Quem sabe quanto tempo eu ainda tenho... —

lamentou, antes de uma sequência dramática de tosses em sua mão fechada.

— Está aqui sua canja — informou Josh, irritada, antes de colocar a tigela sem o menor cuidado na mesa de cabeceira, derramando um pouco pelo lado.

— Estrelinhas ou macarrão? — indagou Miller, sem nem mesmo olhar para a tigela ou para o que estava dentro. Ele puxou as cobertas para cima, outra vez, cobrindo o nariz e espiando Josh por cima.

Ela virou os olhos e colocou a mão no seu quadril projetado.

— A essa altura, você deveria agradecer por não ser arsênico. — Ela virou e me levou para fora do quarto.

— Está longe demais — reclamou Miller, choramingando e estendendo a mão na direção da sopa como se estivesse tentando pegá-la. Ela estava ao alcance do seu braço se ele realmente quisesse. — Eu não consigo... Eu não consigo alcançaaaaaaaaaar. Não me deixe desse jeito, mulher!

— Ele nem está com febre — informou Josh, ignorando Miller e fechando a porta.

— Sawyer, por que você a está deixando ser tão crueeeel!!!

Josh espirrou cobrindo o nariz com o cotovelo e pegou um lenço da caixa que estava próxima ao balcão para assoar rapidamente o nariz.

— Estou exatamente com o mesmo resfriado — disse, arremessando o lenço dentro do lixo e lavando as mãos na pia da

cozinha. — E você vê como a gente está lidando de maneira diferente?

— Só um pouco diferente — concordei.

Ela olhou para a porta fechada.

— Ele precisa parar de se fazer de vítima, porque, juro por Deus, se ele pedir mais alguma coisa eu vou jogá-lo na caminhonete e largá-lo na cela dos bêbados. Ele pode se recuperar lá como o Sr. Ward tem que fazer toda vez que os Panthers perdem e ele decide afogar as mágoas nas bebidas do avô.

— Você não faria isso! — gritou Miller do outro lado da porta.

— Ah é? Experimente! — respondeu, também gritando.

Depois de alguns segundos, como não houve nenhuma resposta, ela se virou para mim.

— Desculpe por isso. Você está bem? Quer dizer, você está REALMENTE bem? Parece que nunca temos tempo para conversar e eu ando tão ocupada lidando com o Sr. Louco e Possessivo.

Ferozmente. Possessivamente. Insanamente.

— Josh, posso perguntar uma coisa? Você não precisa responder, mas estou curiosa.

— Miller pediu para eu usar minha unha para alcançar uma coisa no nariz dele que ele não estava alcançando. Eu disse para ele que se ele me pedisse de novo, eu ia dar um chute no seu saco, mas o que eu quero dizer é que nenhuma pergunta depois dessa vai me ofender a esse ponto.

— Nojento, e anotado. Estou curiosa. — Apontei para o quarto. — Você o ama?

Josh praticamente fechou os olhos, deixando apenas duas fendas.

— Hoje pode não ser o melhor dia para me perguntar isso.

Josh e Miller eram o oposto um do outro, a impressão que dava era que eles se odiavam. Mas assim que descobri que eles eram um casal, e já há muito tempo, pude ver o amor que eles não queriam que mais ninguém visse. Conseguia relembrar todas as nossas interações e identificar as trocas de olhares. A maneira como Miller sabia onde ela estava no cômodo em todos os momentos. O jeito que pareciam estar sempre se tocando quando achavam que ninguém estava prestando atenção. Era tão evidentemente e óbvio que não sei como não percebi logo de cara.

— A última vez que vi os dois, vocês estavam brigando feio. Já conversaram? — perguntei, dando um gole na garrafa de água que ela havia tirado da geladeira e dado para mim.

Josh meneou a cabeça.

— Se você acha que aparecer na minha porta, espirrar na minha cara e dizer, antes de se jogar na minha cama, que me ama e que precisa dos meus cuidados é a mesma coisa que conversar, então sim. Acho que conversamos.

— A última vez que os vi, foi a primeira vez que eu vi você realmente brava com ele. Não de brincadeira, mas verdadeiramente brava.

Josh foi até o sofá e se jogou nele, colocando um pé

debaixo de si. Eu me sentei na extremidade oposta, na mesma posição que ela.

— Sim, aquilo — disse ela, mordendo o lábio inferior e balançando a cabeça antes de ficar com o olhar perdido na direção da parede. — Eu ainda não sei exatamente o que foi aquilo. Quando se trata do Miller, acho que tento segurar tanto todos os meus sentimentos que, quando eles conseguem sair, é um estouro.

— Vai ver que conversar com ele a respeito pode ajudar — sugeri, apesar de não ser uma pessoa apropriada para dar conselhos. Eu só tinha tido um relacionamento amoroso e seguia Tateando.

— Sabe de uma coisa? — perguntou Josh, estreitando os olhos. — Para alguém que se diz inocente a respeito de uma porção de coisas, você com certeza poderia dar uma de Dr. Phil sem fazer feio.

Eu não sabia quem era Dr. Phil, mas do jeito que Josh falou, parecia que era uma coisa boa.

— Ou então... — Ela cutucou o meu braço. — Você só é uma grande amiga.

Senti meu peito inflar.

— Antes de vir para cá, nunca tive uma amiga de verdade. Você é oficialmente a minha primeira. E obrigada. Por ouvir. Por tudo. Eu não sei o que faria sem você.

Ou Josh não estava surpresa ou escondeu bem.

— E não se esqueça de que você também tem a Senhorita Miller ali dentro. — Ela apontou o polegar na direção do quarto. —

Mas nós somos mais do que amigos, Say. Somos uma família.

Família.

Quando cheguei a Outskirts, eu não tinha ninguém, e agora parecia que eu incluía gente na minha família diariamente.

— Sinto muito. Sei que deve estar sendo bem difícil lidar com essa história da sua mãe e tudo mais — comentou Josh, pegando e apertando a minha mão. — Quer falar sobre isso?

— Não. Eu tive uma boa conversa com minha mãe quando ela ficou lúcida por um tempo e depois com Critter e depois com Finn. Acho que, por ora, já conversei bastante sobre isso.

E já chorei bastante. A ponto de estar emocionalmente exausta.

— Ótimo, porque depois de lidar com a Mocinha Afetada, um pouco de tranquilidade cairia bem — argumentou Josh.

— Eu ouvi isso! — gritou Miller. — Você tem que me salvar, Sawyer. Ela é muuuuuuito perversa.

— Essa droga dessa parede é fina demais — comentou Josh, antes de apertar minha mão. — Bem, você sabe que eu estou aqui para o que precisar, Sawyer. Seja o que for. Eu estou aqui. Finn também.

Tudo que eu pude fazer foi balançar a cabeça em resposta. Josh era realmente uma grande amiga e eu tinha muita sorte de tê-la. Estava me preparando para levantar quando ouvi a caminhonete de Finn parando no estacionamento, mas cambaleei e me sentei de novo, sentindo-me repentinamente tonta.

— Você está bem? — indagou Josh. Ela colocou as costas

da mão na minha testa e então sentiu os batimentos no meu pescoço. — Nada de febre. O pulso está um pouco acelerado.

— Eu estou bem. Acho que levantei rápido demais. Ou vai ver eu peguei o mesmo resfriado que você e Miller.

Ela moveu os dedos em volta da minha garganta apertando para cima e para baixo em vários pontos.

— Também não tem nenhuma glândula inchada. Vou fazer algumas perguntas. Você tem vontade de reclamar de um simples espirro ou de uma simples tosse? Você sente a necessidade de ser acalentada enquanto lamenta incessantemente sem nenhuma razão?

Meneei a cabeça.

— Não. Nenhuma dessas coisas.

Josh olhou para a porta do quarto e resmungou:

— Então você definitivamente não tem a mesma coisa que Miller.

— Eu também ouvi isso!

Josh o ignorou.

— Enfim, para onde você acha que Finn vai levá-la?

Eu estava queimando meus neurônios.

— Não faço a menor ideia.

— Estou ansiosa para saber. Ligue depois para contar assim que souber. Você não adora surpresas? — Josh bateu na almofada empolgada.

Eu adorava a ideia de que Finn estava planejando uma viagem para nós, mas vim de um lugar onde as surpresas

acabavam em olhos roxos, hematomas e sangramento. Então, não, com toda honestidade, eu não podia dizer que gostava de surpresas.

Nem um pouco.

Principalmente do tipo que a gente não está esperando.

CAPÍTULO 9



FINN

Quando o pequeno avião bimotor subiu, o olhar no rosto de Sawyer se transformou de uma maneira que eu jamais me esqueceria na minha vida. Ela ficou pálida quando ganhamos altitude, com a cabeça colada no encosto do acento.

— Você vai ficar bem? — perguntei.

— Eu nunca andei de avião antes — respondeu, com uma voz mais aguda do que de costume.

Ethan, vizinho dos meus pais que eles conheciam há três anos, estava no assento da frente do avião e virou para trás. Ele olhou para o rosto de Sawyer e disse:

— Primeira vez em um avião?

— Como você sabe? — perguntou, trêmula. A mão dela apertava a minha cada vez mais forte a cada batida e sacudida do avião. Mas eu nem me importava com o fato de que estava perdendo circulação. Estava empolgado demais por estar junto com

Sawyer em sua primeira viagem de avião.

— Só um palpite — respondeu Ethan, com um sorriso. — Você está se saindo muito bem! — Ele virou novamente para os controles.

Entramos em uma nuvem branca e fofa. O avião começou a chacoalhar como um ônibus em uma estrada de pedra.

— Isso é normal? — perguntou. Seu joelho pulava intensamente e coloquei a minha mão sobre ele antes que ela pulasse para fora do avião.

— Você está se saindo muito bem, amor — tranquilizei-a. — E sim, isso tudo é normal.

— Você se lembra de quando me contou todas aquelas coisas durante a tempestade para me distrair?

— Claro — respondi. Como eu poderia me esquecer? Foi uma das melhores noites da minha vida. Foi a primeira vez que tive Sawyer nos meus braços. Na minha cama.

— Você tem mais para contar? Elas poderiam ser bem úteis para mim nesse momento.

O avião mergulhou para a esquerda. Uma curva suave. Sawyer deu um pulo como se alguém tivesse dado um susto nela por trás.

Eu não sentia mais minha mão, mas continuava não me importando.

— Você sabia que na história da aviação uma turbulência nunca derrubou um avião?

Ela negou com a cabeça em resposta, fechando os olhos

com força.

— É verdade. Turbulências são perfeitamente normais. Não são indicação de problemas no motor. Pense que um avião passando por turbulências é como um carro passando em uma estrada acidentada. Estes aviões foram feitos para viajarem em estradas acidentadas. Ou no ar acidentado, melhor dizendo.

O avião se estabilizou e Sawyer agarrou o próprio tronco.

— Você está enjoada? — perguntei.

Sawyer meneou a cabeça com intensidade de um lado para outro.

Os solavancos diminuíram e o voo ficou suave.

— Olhe — disse, para Sawyer. — Abra os olhos.

— Não! — exclamou, colocando as mãos sobre os olhos que já estavam fechado.

— Você está sentindo? Os solavancos pararam. É bonito lá embaixo. Você tem que ver. — Como aquilo não funcionou, tentei outra tática. — Onde é que está minha namorada corajosa? Onde está a garota que jamais permitiria que alguma coisa a fizesse parar? Que era destemida quando deveria sentir medo? Preciso que aquela garota abra os olhos, porque eu sei que ela ficaria chateada se descobrisse o que está perdendo. Porque exatamente agora, de onde eu estou sentado, a vista é incrível.

Puxei com suavidade o pulso dela, afastando sua mão de cima dos olhos. Lenta e relutantemente ela os abriu, entrecerrando-os por causa do sol. Assim que sua visão se ajustou, eu me inclinei em cima dela na direção do vidro, forçando-a a se aproximar para

que pudesse ver o chão lá embaixo.

— Não é incrível?

Sawyer apenas balançou a cabeça. Os lábios dela se separaram. O deslumbramento tomou o lugar do medo em seus olhos. Os joelhos pararam de pular. A mão soltou a minha para tocar o vidro da janela, tentando conseguir uma visão melhor da terra abaixo de nós.

— É muuuito. Uau.

Durante o resto do voo, Sawyer não conseguiu desgrudar os olhos da janela. E instantes antes de aterrissarmos, ela se virou para mim e disse:

— Isso faz a gente pensar, não faz?

— Sobre o quê?

— Sobre como nada disso é importante. E, ao mesmo tempo, sobre como tudo isso é tão importante.

Eu não entendi exatamente o que ela quis dizer. Tudo que eu sabia era que a coisa mais importante do mundo para mim estava sentada bem ao meu lado, dando gritos de alegria enquanto as rodas tocavam a pista.

CAPÍTULO 10



SAWYER

— Onde estamos exatamente? — perguntei, quando Ethan nos deixou na entrada de um chalé, construído na lateral da montanha.

Finn agradeceu a Ethan, que apontou para a casa do outro lado da estradinha estreita.

— Minha casa fica ali se precisarem de alguma coisa.

Ethan deu marcha à ré e parou o carro na entrada da sua propriedade.

— Estamos nas montanhas da Geórgia.

— De quem é essa casa? — questionei, no mesmo instante em que um grito de empolgação rompeu o ar da noite.

— O meu bebê está em casa!

A porta da frente se abriu de repente e uma mulher pequena desceu da varanda com um pulo, correndo na direção de Finn com os braços abertos e colidindo com ele com tamanha força

que o fez dar um passo para trás.

— Ei, mãe. Também é bom te ver. — Finn deu risada com o rosto colado na cabeça dela, retribuindo o abraço.

Mãe.

A gente estava na casa dos pais de Finn.

Comecei a entrar em pânico mais do que quando estava no avião. Minhas mãos começaram a suar. Minha boca ficou seca. Sobre o voo, ele tinha comentado algumas horas antes pelo menos. Mas não tinha me dado aviso algum a respeito disso.

A mãe de Finn se afastou, mas manteve as mãos nos braços dele.

— Deixe-me dar uma olhada em você — disse, examinando o filho. Seus olhos eram castanho-escuros e repletos de simpatia. Seu cabelo curto tinha um tom avermelhado e claro. Ela não parecia nem um pouco com Finn e era pelo menos trinta centímetros mais baixa que ele.

— Você está ótimo, meu bem. — Seus olhos se encheram de lágrimas de alegria.

— Pare com isso, mãe. Mas você também está ótima — elogiou Finn. Colocou um braço em volta do meu ombro e me puxou para perto dele. — Mãe, essa é...

— É ela! — gritou a mãe de Finn, puxando-me para um abraço. — É tão maravilhoso conhecê-la finalmente. Você é absolutamente deslumbrante. Finn, você não me disse que ela era bonita desse jeito. — Ela sussurrou a seguinte palavra no meu ouvido: — Obrigada.

Quando me afastei para perguntar o motivo pelo qual ela estava me agradecendo, percebi que eu tinha me enganado. Ela tinha sim certa semelhança com Finn. A covinha que aparecia em sua bochecha quando sorria.

— Vocês vão ficar aí fora se abraçando a noite inteira ou vão entrar? — Outra voz alta, porém muito mais grave, ressoou vindo da porta.

Finn e a sua mãe me conduziram até os degraus da frente para que eu conhecesse o homem que era Finn, só que mais velho. Ele tinha o cabelo branco, enquanto o de Finn era loiro acinzentado. Tinha algumas linhas de expressão a mais em seu rosto levemente avermelhado. Mas a sua altura, a sua estrutura e até mesmo o jeito com o qual ele ficava em pé com os braços cruzados sobre o peito eram os mesmos de Finn.

— É assustador, não é, querida? — sussurrou a mãe de Finn quando me viu olhando para um e para o outro.

Consegui apenas balançar a cabeça. Eu não sabia se assustador era a palavra certa, mas era certamente interessante como parecia que o molde usado para fazer o pai de Finn tinha sido reutilizado para fazer Finn.

— É bom ver você de novo, filho — exclamou o pai dele. — Já faz muito tempo. — Ele estendeu a mão, mas no segundo em que Finn estendeu a dele, seu pai a pegou e o puxou para um abraço de um lado só. — Venha aqui.

— Também é ótimo ver você de novo, velho — afirmou Finn, parecendo genuíno. Não pude deixar de sorrir. A felicidade

dele era totalmente contagiosa.

— Velho? Eu não pareço ter nem um dia a mais do que cinquenta e dois — argumentou seu pai, estufando o peito.

— Isso porque você TEM cinquenta e dois — disse a mãe de Finn, com um empurrão de brincadeira no ombro do pai.

— Essa deve ser a Sawyer — supôs o homem, direcionando para mim a atenção e o sorriso matador igual ao do filho.

Não pude evitar sorrir de volta.

— É ótimo conhecer vocês dois, Sr. e Sra. Hollis. Obrigada por me receberem na sua casa. — Na mesma hora, eu me dei conta de que ainda estávamos na varanda. — Ou... no lado de fora da sua casa? — corriji.

Finn colocou a mão na minha lombar. Um gesto tranquilizador que eu precisava desesperadamente. Não sei por que motivo eu estava repentinamente nervosa por estar conhecendo gente nova. Eu vinha fazendo isso praticamente todos os dias há meses.

Mas essa é a primeira vez que você vê os pais do homem que você ama.

— Não precisamos de formalidades, querida. — O Sr. Hollis deu risada. — Pode me chamar de Joe e essa linda senhora aqui é a minha Josie.

— Joe e Josie? — Ergui as sobrancelhas diante dos nomes parecidos, porém adoravelmente adequados.

Josie colocou um braço em volta do meu ombro,

afastando-me de Finn e levando-me para dentro da casa. Joe e Finn entraram logo atrás.

— Você acha estranho? — sussurrou ela. — Deveria conhecer os nossos vizinhos. Sam e Samantha.

Dei uma risada.

— Mas acho que esses dois aqui ganham de nós em questão de nomes engraçados, hein? — Joe entrou na conversa.

— Como é... — A mãe de Finn diminuiu o passo e parou para girar o corpo quando caiu a ficha para ela.

— Eu sabia que você ia gostar — comentou Finn, com um sorriso orgulhoso —, já que é o seu livro favorito.

Josie bateu palmas e parecia que ia derreter no chão de madeira olhando para nós com um sorriso que tomava conta do seu rosto inteiro.

— Finn e Sawyer!

CAPÍTULO 11



FINN

Comemos o delicioso frango assado da minha mãe no jantar. O gosto era melhor do que eu me lembrava. A conversa foi leve e cheia de risadas. Eu me vi apertando várias vezes a mão de Sawyer ou esfregando o meu pé na batata da perna dela por baixo da mesa para deixá-la tranquila. Mas, depois de um tempo, ficou nítido que o nervosismo dela tinha desaparecido e que ela era simplesmente outra Hollis sentada à mesa do jantar.

Simplesmente outra Hollis.

Tinha algo naquilo que me fazia querer levá-la dali para uma caverna em algum lugar. Eu não achava que as duas camas de solteiro no meu quarto antigo seriam tão masculinas, mas teriam que dar para o gasto.

Os meus desejos de homem das cavernas teriam que esperar. Depois do jantar, meu pai e eu fomos nos sentar no deque nos fundos da casa e minha mãe insistiu que Sawyer ficasse para

ajudá-la com a sua famosa torta de frutas.

— Desde quando mamãe precisa de ajuda com a sobremesa? — perguntei, enquanto pegava o charuto que meu pai me oferecia e arrancava com os dentes a ponta para acendê-lo. Charuto não era bem o meu lance, mas aquilo era quase uma tradição. Sempre que eu os visitava, fumávamos um e jogávamos conversa fora.

— Ela não precisa. Aquela mulher consegue fazer uma sobremesa de olhos fechados e com as mãos amarradas para trás. — Ele ergueu o charuto que tinha na mão. — Já faz muito tempo que fumamos um desse — comentou, acendendo o próprio charuto e tragando até a ponta ficar vermelha antes de entregá-lo para mim para que eu fizesse o mesmo. Eu traguei e soprei.

— É verdade, pai — concordei. — Tempo demais.

— Agora você está melhor, filho? Porque você parece melhor do que da última vez que nos vimos, quando praticamente dispensou a sua mãe e a mim com um pé na bunda quando fomos ver como estava, depois que Jackie faleceu. Sei que você disse que estava bem quando na verdade não estava. Ficamos com o coração partido quando vimos que não tinha nada que pudéssemos fazer por você a não ser deixá-lo resolver aquilo sozinho. E eu sei que foi difícil, mas fico feliz que tenha continuado a atender as ligações da sua mãe. Significava muito para ela saber que você ainda estava se arrastando na bagunça que tinha feito da sua vida ao invés de desistir dela.

Eu odiava ser o responsável pela dor dos dois enquanto

enfrentava a minha.

— Sinto muito — desculpei-me. — Realmente sinto. Eu não conseguia enxergar nada além da minha própria mer... — Meu pai olhou para mim. Dei uma risada — Situação. E não tinha condições de entender o que estava fazendo vocês passarem.

Senti um aperto no peito imaginando os meus pais sofrendo por minha causa.

— Sim, você nos magoou. Mas sim, está perdoado. Sempre — declarou meu pai, afagando o topo da minha cabeça.

— Que tal mudarmos de assunto? — sugeri, brincando.

Meu pai respondeu com humor:

— A vida é curta demais para fugirmos dela quando podemos construir nosso caminho na metade do tempo e sentar com uma cerveja e com um charuto na outra metade.

— Não tinha nada que vocês pudessem fazer para me ajudar a enxergar meu caminho livre de toda a merda naquela época. Mas sim, estou melhor agora. E peço desculpas por ter feito vocês passarem por tudo aquilo.

Meu pai olhou para o charuto dele enquanto o girava em seus dedos como se ele, de alguma maneira, tivesse todas as respostas.

— Parece que Sawyer teve um papel importante na sua volta para nós. — Ele apontou na direção da janela onde minha mãe estava conversando entusiasmada, balançando no ar um rolo de macarrão, enquanto Sawyer ria de alguma história embaraçosa que ela provavelmente estava contando sobre minha infância. Era muito

importante para mim tê-la ali. Como parte da minha família. As três pessoas com as quais eu mais me importava no mundo estavam debaixo do mesmo teto, e aquilo me fazia sentir completo, de uma maneira que eu nunca achei que poderia me sentir.

Meu pai não poderia estar mais certo.

— Ela foi a primeira pessoa que apareceu e que me fez sentir vontade de viver. Eu não estava esperando por ela. Ou pelo modo com o qual me fez sentir. Me pegou completamente de surpresa.

— As coisas boas sempre nos pegam de surpresa. — Meu pai assentiu como se entendesse exatamente o que eu estava dizendo, apesar de nem eu entender direito. — Eu vejo o jeito que olha para aquela garota. É o que eu costumo chamar de fator “para sempre”. Eu o tinha nos meus olhos quando vi sua mãe pela primeira vez.

Ele soltou o ar dos pulmões como se nem ele conseguisse acreditar naquilo, e olhou de novo pela janela.

— Você ainda o tem quando olha para ela agora — afirmei.

— É isso que PARA SEMPRE significa, filho.

Eu ri e dei outro trago no meu charuto. Para sempre era exatamente o que eu queria com Sawyer. Mas eu já tinha tirado muita coisa dela. Como poderia pedir o “para sempre” quando ela experimentou tão pouco da vida?

— Sawyer sabe como você se sente? O quão profundo isso é para você? — perguntou, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Dei de ombros.

— Acho que sim, mas a vida dela é... complicada. Tudo isso é novo para ela. — Eu olhei para o céu. — Novo para mim também.

— Eu consigo ver isso. Você nunca olhou para Jackie desse jeito. Ela era uma boa menina e tudo mais. Sinto falta dela como se fosse uma filha minha, mas ela não tinha o seu fator “para sempre”.

— Não, ela não era. — Esperei a pontada de culpa já familiar acontecer depois daquelas palavras, mas ela não veio.

— Então, você não quer espantar Sawyer com a enormidade dos seus sentimentos. Agora me conta, filho, como você a tem cortejado?

— Como eu tenho o quê? — perguntei, engasgando com a fumaça e estendi a mão para pegar a cerveja no deque perto da minha cadeira e dar um gole generoso.

Meu pai levantou uma sobrancelha e lançou para mim um olhar tão fulminante que seria capaz de derreter metal. Ele mudou de posição na cadeira e se virou para mim.

— Você é um Hollis, filho. Por favor, diga que você tem cortejado a garota e não apenas praticado uma relação conjugal. Diga para mim que sabe como cortejar uma garota.

— Você realmente tem jeito com as palavras — comentei, dando risada. E ele tinha razão.

Meu pai revirou os olhos.

— Você quer tê-la “para sempre”, mas não a está

cortejando? Você a levou pelo menos para sair em um encontro apropriado?

— Eu... merda — disse, recostando na cadeira e dando outro trago no meu charuto. — Não. Não, não levei.

Meu pai zombou de mim.

— É melhor você fazer isso. Se não quer despejar seus sentimentos na sua garota “para sempre” correndo o risco de espantar as abelhas para fora da colmeia, então, filho, você vai ter que cortejá-la primeiro. — Meu pai soprou um anel perfeito de fumaça.

Olhei de novo na direção da casa. Meus olhos encontraram os de Sawyer rapidamente pela janela. Ela ficou corada e continuou a ouvir a história que minha mãe estava contando.

Eu adorava quando ela ficava corada. Adorava como o corpo inteiro dela ficava rosado quando estava com tesão.

Eu não adorava o fato de que meu pai estava certo.

— Odeio quando você tem razão — resmunguei, sem conseguir acreditar que eu vinha sendo tão ingênuo. Entre a minha volta à sociedade e toda a merda que vinha acontecendo com os pais de Sawyer, eu tinha me esquecido de namorar.

Senti uma pancada brusca na parte de trás da cabeça e, quando me virei, vi meu pai colocando um jornal enrolado no deque.

— Para que isso?

— Ela nunca teve um encontro, não é? — perguntou. — Vocês se envolveram. Estão praticamente morando juntos e você nunca a levou para um único encontro. — Meu pai revirou os olhos

e assobiou, desapontado. — Nem um filme, nem um jantar. Nada. Você é mesmo meu filho ou eu deveria fazer um daqueles testes de DNA?

— Merda — murmurei, passando a mão no rosto e coçando a barba por fazer no meu queixo.

— Caso ainda esteja se perguntando... — meu pai continuou. — Aquele tapa foi por ter colocado o carro na frente dos bois. Não foi isso que eu ensinei para você, filho.

— Não, não foi — concordei.

Meu pai ergueu o rosto e olhou para as estrelas, reclinando na sua cadeira de praia que ficava rangendo. Eu fiz o mesmo.

— De que lado você está, afinal de contas? — perguntei, depois de alguns instantes de silêncio.

Meu pai deu risada e eu sabia exatamente o que ele ia dizer, porque todas as vezes que eu tinha falado com ele no passado sobre minha mãe ou até mesmo sobre Jackie, ele havia respondido àquela pergunta da mesma maneira.

— Do lado dela, filho. Sempre do lado dela.



Eu tinha sido um babaca egoísta.

O que era apropriado, já que, quando se tratava de Sawyer, eu pensava com a minha cabeça de baixo e não com o cérebro. Meu pai estava certo. Eu tinha colocado o carro na frente dos bois, ou o blá-blá-blá confuso que ele dissera e que mexera

comigo.

Ela nunca teve um encontro.

Eu estava entrando nela sem nunca a ter levado para um encontro.

Claro, eu tinha dormido com uma porção de mulheres que nem tinham sido minhas namoradas, mas Sawyer era diferente de todas que eu conhecera, e era por isso que o namoro que eu planejava estava longe de ser tradicional.

Com tudo que vinha acontecendo, eu não tinha me dado conta de que nós tínhamos pulado completamente uma etapa. Na verdade, tínhamos pulado várias etapas. Fomos do beijo ocasional para que ela não entrasse em pânico para a rotina de tê-la na minha cama todas as noites. Eu estava superfeliz, mas não tinha parado nem por um segundo para pensar em todas as coisas que ela nunca tinha vivido. Todas as coisas que ela tinha perdido.

Sawyer sequer tinha vivido o ensino médio ou o baile de formatura ou um jogo de futebol e, assim que foi possível, eu a peguei para mim, e em algum ponto em todo o lindo caos de me apaixonar por ela, eu havia me esquecido de namorá-la.

Eu tinha merecido o tapa que meu pai me dera.

E precisei de outro quando um pensamento impuro típico dos homens passou pela minha cabeça quando Sawyer saiu do quarto usando um vestido de verão branco que abraçava cada curva de seu corpo.

— Você cortou o cabelo? — perguntou, quando me encontrou na varanda da frente da casa dos meus pais. Ela tinha

cheiro de lavanda e baunilha. Meu aroma favorito desde que a conheci e agora a fragrância que eu associava exclusivamente a todas as coisas relacionadas à Sawyer.

Eu precisava agradecer à minha mãe por ter levado Sawyer para fazer compras na cidade hoje. O vestido dela era do tipo que amarrava atrás do pescoço e levantava aqueles peitos fantásticos com apenas uma insinuação de decote. Eu já estava flexionando os dedos tentando me segurar e não o desamarrar para que ele caísse. O vestido delineava aquela cintura fininha e aquela bunda empinada, então abria apenas o suficiente para gentilmente roçar o meio da coxa dela, onde ele terminava.

Engoli com dificuldade.

Nervosa, Sawyer colocou um lado do seu cabelo ruivo atrás da orelha e caminhou lentamente sob a análise do meu olhar enquanto eu absorvia a criatura magnífica diante de mim.

— Você está deslumbrante — finalmente consegui falar, limpando a garganta e tentando focar. Por debaixo das sardas, ela ficou corada e eu tossi, porque meu coração tinha literalmente pulado uma batida. — A coisa mais bonita que já vi na minha vida.

— Sabe... Quando nos conhecemos, você costumava ser meio...

— Cruel?

Ela balançou a cabeça.

— Não, que palavra é aquela que a Josh usaria? — perguntou. — Um babaca. Você era um grande babaca.

Eu morri de rir.

— É errado eu achar que você xingando é hilário, adorável e um verdadeiro tesão?

— Acho aceitável. — Ergueu o olhar para mim por debaixo dos seus longos cílios pretos. — Obrigada. E... e o seu cabelo? Você cortou? — Sawyer pressionou os seus lindos lábios cor-de-rosa.

Eu não conseguia acreditar que aquela garota era minha.

— Finn? — chamou, arrastando-me para o presente.

— Ah. Sim. O meu cabelo. Minha mãe deu uma aparada. Ela disse que parecia que eu tinha me rastejado para fora do pântano, e não que eu morava ao lado dele. — Dei tapinhas no topo da minha cabeça como um macaco dançarino em uma atração de circo. — Ela estava certa. Eu estava precisando. E já fazia um tempo.

Sempre fui muito confiante com a minha aparência e adorava o jeito que Sawyer olhava e apreciava meu corpo, mas aquela era a primeira vez na minha vida que eu estava preocupado em ter a aprovação de uma garota. Era como se eu precisasse que ela acreditasse que eu era bom o bastante para ela.

Não era. Nunca seria.

Mas, ainda assim, eu queria que ela acreditasse.

Foi quando percebi como estava nervoso. O que era uma idiotice, porque nós estávamos praticamente morando juntos. Mas aquilo era diferente. Mais profundo de alguma maneira. Mais significativo.

— Ficou lindo — elogiou, avaliando a camisa de manga

curta que abraçava os meus bíceps, a calça jeans escura e justa e as botas pretas.

— VOCÊ está linda.

Aquele rosto corado, a maneira como a cor das bochechas combinava com aqueles lábios carnudos. A vontade de tocá-la chegava a doer, mas eu disse a mim mesmo que me comportaria. Ela merecia aquela noite e muito mais.

Mas não significava que a noite não seria longa.

— Você realmente não tem noção de que está sexy para caralho — comentei.

Eu tinha parado de fumar, mas acendi um para não jogá-la no deque e fazê-la gritar tão alto que acordaria meus pais, que tinham caído no sono na sala enquanto assistiam Jeopardy mais de uma hora antes de o sol se pôr.

— Você realmente tem jeito com as palavras, Finn Hollis.

— Os olhos dourados de Sawyer estavam iluminados com perguntas e deslumbramento. As pupilas dela estavam ansiosas e enormes. — Você tem certeza que é o mesmo cara que eu conheci na clareira?

— Não. Eu não sou o mesmo — admiti. — Desde que você apareceu.

Ela olhou para mim como se estivesse deslumbrada com as minhas palavras até eu dar um trago no cigarro e ela piscar rapidamente.

— Então, para onde exatamente você vai me levar?

— É... uma surpresa.

Soprei a fumaça e apaguei o cigarro. Eu a peguei pela cintura e a puxei para perto de mim. Inalando seu perfume.

Só um pouquinho dela para eu conseguir me segurar por um pouco mais de tempo.

— Você acabou de me cheirar? — perguntou, com uma risada nervosa.

— Com certeza. — Eu não tinha motivos para negar.

— Então, como é o meu cheiro?

— Delicioso. — Gemi. — Sempre delicioso.

Durante todo o percurso na caminhonete do meu pai, fiquei tentando controlar a minha ereção. Eu me sentia como um garoto de treze anos de idade que não conseguia se controlar direito. Eu nunca tinha ficado daquele jeito antes, mas era impossível não pensar no que estava acontecendo dentro das minhas calças quando tudo que Sawyer fazia parecia dar um choque bem no meio das minhas pernas. Como quando notei que o vestido tinha subido em suas coxas. Quando ela cruzou e descruzou as pernas e eu consegui ver um pedacinho branco de algodão no meio de suas pernas. Quando ela, diante do espelho retrovisor, deslizou a ponta do indicador sobre o brilho sutil do gloss que cobria aquele lábio inferior carnudo.

Sim. Vai ser uma noite longa pra caralho.

Você poderia achar que depois que eu tivesse Sawyer, o meu desejo por ela diminuiria, como tinha acontecido no passado com todas as outras garotas que tivera, mas aquele definitivamente não era o caso. Eu sentia que toda vez que Sawyer ficava perto de

mim, eu era ainda mais infectado por aquela doença que me fazia precisar dela.

Uma doença da qual eu nunca queria ser curado.

Uma doença com a qual eu morreria com satisfação, agradecendo ao universo, com o meu último suspiro, por tê-la concedido a mim.

— Você está bem? — perguntou Sawyer, descansando a mão na minha coxa e me dando um apertão gentil.

Reprimi um gemido.

— Nunca estive melhor — respondi, meio engasgado.

— Parece que você está pensando em alguma coisa.

— Eu? Não. Nada de nada.

Parei o carro no campo vazio ao lado da montanha e coloquei em ponto morto.

— Tem certeza? A gente pode fazer isso outra hora se você não...

— Não — respondi. — Você realmente quer saber no que estou pensando? — perguntei dando risada.

— Sim. Claro — respondeu, de maneira inocente, sem fazer ideia de como me afetava.

— Ok, o caminho todo até aqui eu vim pensando no quanto de você eu ainda não explorei. Em como eu gostaria de deslizar a minha língua por cada centímetro de sensualidade e sarda do seu corpo. No jeito que você fica corada antes de gozar. Em como você puxa meu cabelo quando estou beijando entre as su...

— Aaah. — Ela deu um gritinho, colocando a mão na boca.

Ficou corada outra vez e seus mamilos cresceram por trás do tecido do vestido.

— Mas eu estou tentando ser um cavalheiro antes que o meu pai me dê um chute no traseiro por eu nunca a ter levado para um encontro apropriado.

— É tudo por causa disso? — perguntou, aproximando-se para me dar um beijo na bochecha.

Fechei os meus olhos para me recompor e, quando os abri, fixei nos dela.

— Sim. E se não se importa, você poderia, por favor, parar de ser tão incrivelmente sexy para que eu possa fazer isso de maneira apropriada?

Ela recostou no banco e pressionou os lábios.

— Bem, e para onde estamos indo? — perguntou, olhando para a escuridão ao redor.

Dei a volta na caminhonete e a ajudei a descer, pegando a mochila e a cesta de piquenique que eu deixara no banco de trás mais cedo depois de ter embalado as coisas, com uma pequena ajuda da minha mãe.

— Estávamos vindo exatamente para cá — respondi, estendendo o cobertor no chão. — Sente-se.

Ela se sentou e ficou esperando enquanto eu pegava o resto das coisas que precisava. Coloquei o projetor portátil sobre o capô da caminhonete, apontando-o na direção da lateral da montanha. Peguei o controle e me juntei a ela no cobertor, pegando outro cobertor da bolsa para se ela ficasse com frio.

— Não existem muitas opções de encontro em Outskirts, e a mesma coisa acontece nas montanhas. Pesquisei e o cinema mais próximo da casa dos meus pais não é tão próximo assim. Uma hora dirigindo. E está passando um filme que eu acho que vi no ensino médio.

— Eu gosto mais disso — comentou Sawyer. — É mais... a gente.

— Você ainda não viu nada.

Coloquei a comida e os petiscos sobre o cobertor e entreguei a ela um pacote de pipoca. Fiz questão de ficar olhando para o rosto dela e não para a lateral da montanha que acendeu quando apertei o play no controle.

— Uau! — exclamou, erguendo o pescoço na direção da tela de cinema de seis metros agora projetada no topo da pedra na nossa frente. — O que é isso?

— Jantar e cinema — expliquei, antes de jogar uma pipoca na boca.

— Isso é muito legal — disse, colocando um punhado de pipoca na boca. — E isso é tãããããão gostoso — exclamou com a boca cheia e, quando uma pipoca pulou de sua boca, ela riu com as bochechas cheias como as de um esquilo.

Eu ia apertar o play quando Sawyer falou uma coisa que me fez parar.

— Eu adorei conhecer seus pais. Muito obrigada por me trazer aqui. Foi tudo como eu achei que deveria ser.

— Tudo o quê?

Ela deu um suspiro como se estivesse contente.

— Família.

Eu sempre soube que meus pais eram ótimos. Eles tinham tolerado uma porção de merda na minha infância e mais ainda quando cresci. Mas, de repente, eu estava vendo os dois pelo olhar de Sawyer.

— Sabe, nem passou pela minha cabeça que isso talvez pudesse deixá-la triste. Desculpa.

Ela meneou a cabeça.

— Não. Foi maravilhoso. Eles foram tão gentis e cordiais. Riram, sorriram e riram um pouco mais quando eu derramei água na mesa inteira. — Ela riu e eu dei um beijo na sua cabeça. — Eles foram incríveis.

— Eles são ótimos. E adoraram você.

— Porque você me ama — afirmou, como se estivesse finalmente entendendo aquilo.

Eu balancei a cabeça.

— Não, porque VOCÊ é incrível.

Apertei o play no controle antes de me esquecer completamente de tudo, exceto de deixar Sawyer nua e de transar com ela no meio do campo. Música começou a tocar no alto-falante ligado ao projetor. Os olhos de Sawyer se iluminaram quando ela seguiu a luz acima das nossas cabeças até a árvore larga à nossa frente onde rodavam os créditos de abertura do filme.

— Que filme é esse? — perguntou, pulando sentada sobre o quadril e batendo palmas. — Sobre o que é?

— Tinha só alguns filmes no porão dos meus pais que funcionavam com esse projetor. Um era sobre tubarões, outro sobre guerra e um era um documentário feito nos anos setenta sobre pornografia.

— O que é pornografia?

— Uh... bom... — Senti o meu rosto ficar vermelho.

Sawyer continuou inexpressiva enquanto eu tropeçava, procurando uma explicação, até que ela explodiu em uma crise de riso.

— Eu só estava brincando. Eu sei o que é. Mas adorei ver que foi você que ficou corado agora.

Joguei pipoca no cabelo dela, que desviou com bastante habilidade.

— *Enfim*, respondendo à sua pergunta anterior, o nome desse aqui é Juno. É para ser uma comédia. Fora isso, não sei muita coisa.

— Tenho certeza que vou adorar — assegurou, com o seu sorriso largo iluminado no meio da escuridão quase tão brilhante quanto a luz do projetor.

— Venha aqui — chamei, puxando Sawyer para meus braços.

Ela ficou aconchegada em mim enquanto beliscamos e assistimos ao filme, que não era tão engraçado quanto eu tinha imaginado que seria, considerando que no fim era sobre gravidez na adolescência e sobre entregar um bebê para adoção. Alerta de spoiler: acaba com a mãe e com o pai adolescentes chorando em

um quarto de hospital por terem perdido o bebê.

Quando subiram os créditos de encerramento, olhei para Sawyer, que tinha um olhar confuso no rosto.

— O que foi? — perguntei.

Ela levantou a cabeça para olhar para mim.

— Nada, isso foi simplesmente... isso foi tudo, Finn. Eu estou feliz. VOCÊ me faz feliz. Obrigada.

Ela recostou a cabeça no meu peito e pude sentir sua respiração na minha pele atravessando o vão entre os botões da minha camisa. Ela beijou meu peito por cima do tecido.

— Você pode... — ela começou a falar, mas então parou.
— Quer dizer, a gente pode...

— Sawyer, tudo que você tem que fazer é pedir. É só pedir que é seu. Eu já falei isso — disse, sentindo o calor da sua pele através das nossas roupas.

Ela mexeu com os botões da minha camisa. Coloquei a mão entre seus dedos e deslizei o botão para fora do buraco.

— Era isso que você queria? — perguntei, com a voz rouca.

Ela assentiu.

— Pode me falar — sussurrei. — Pode me falar o que você quer.

Ela ergueu o olhar para mim. Seus olhos dourados estavam escuros. As pupilas, grandes e brilhantes.

— Eu quero você.

— Obrigado, Jesus! — blasfemei, derrubando-a de costas

e tirando a camisa em tempo recorde.

Pressionei os lábios contra os dela. Ela abriu a boca imediatamente para que as nossas línguas pudessem se encontrar e dançar juntas. Gememos e sussurramos, um dentro do outro, enquanto ela procurava a fivela do meu cinto. Depois que ela o tirou dos passadores, soltei o botão e coloquei a mão debaixo do seu vestido, puxando aquela calcinha branca provocante pelas pernas. Ela usou os pés para empurrar a minha calça jeans para baixo. Meu pau duro saltou livre e gemi quando a ponta dele tocou o calor do cerne dela. Comecei a balançar para cima e para baixo tocando sua boceta, revestindo o meu pau com seu calor molhado. Provocando nós dois.

— Entre em mim, por favor — implorou, com uma voz rasgada, roçando contra meu corpo e erguendo o quadril para sentir mais de mim.

— Finalmente — exclamei, projetando o quadril para frente e entrando nela com um movimento longo e forte. Ela jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Sua vagina apertou em volta de mim e fui esmagado por todos os lados, cercado pelo lugar mais macio, mais molhado e mais quente, de onde eu nunca mais queria sair.

Ficamos ali em cima daquele cobertor naquele campo por horas, e fomos alternando, ora fazendo sexo, ora fazendo amor. Às vezes só ficávamos olhando um para o outro enquanto eu ainda estava rígido dentro do corpo dela, enquanto recuperávamos o fôlego. Em alguns momentos, falávamos sobre tudo; em outros,

sobre absolutamente nada.

Gozamos, rimos e começamos tudo de novo.

Quando já era mais de meia-noite, chequei o celular e me dei conta de que eu tinha várias ligações perdidas do Critter. Cliquei no ícone de mensagens e gelei. O mundo ao meu redor parou. Éramos apenas eu, Sawyer e o texto que, da tela na minha mão, olhava para mim com ódio.

— O que foi? — perguntou, virando-me pelo ombro para que eu olhasse em seu rosto.

— É o Critter. — Tudo que eu não queria nesse mundo era pronunciar as palavras que eu tinha que dizer em seguida. Ergui o olhar, tirando-o do meu celular. — A sua mãe. Ela desapareceu.

Sawyer respirou com dificuldade.

— Onde ela...

Não precisei que ela concluísse a frase.

Balancei a cabeça lentamente.

Eu queria poupá-la do que estava prestes a dizer, mas não podia. Meu coração se partiu por ela antes mesmo de dizer as palavras.

— Não sabemos.

CAPÍTULO 12



SAWYER

Assim que aterrissamos, entramos correndo na caminhonete de Finn e fomos o mais rápido possível para a casa de Critter, que saiu para nos encontrar no quintal.

— O que aconteceu? — perguntei, sentindo o pânico invadir meu corpo inteiro como um inimigo contra o qual eu tinha lutado e perdido no passado.

— Ela estava na varanda. Maddy entrou para pegar um pouco de chá para ela. Quando voltou, sua mãe tinha sumido. À princípio, acharam que ela só tinha saído, perambulando por aí. Mas nós procuramos no campo de girassóis e não havia nem sinal dela.

Finn entrou na conversa.

— Podemos nos separar e cobrir um território maior.

Critter meneou a cabeça.

— Você não olhou seu celular desde que aterrissou, né?

— Não, por quê? O que aconteceu? — perguntou Finn,

parecendo tão inquieto quanto eu diante da pergunta.

— Porque a Caroline está aqui. Ela está em casa. Está segura. Ela ficou confusa e saiu sem rumo. Ficou desaparecida apenas por algumas horas. Voltou cheia de lama e picadas de pernilongo. Mas, fora isso, ela está bem. Está descansando agora.

As minhas entranhas, que tinham se contraído com a notícia de que alguma coisa acontecera com a minha mãe, de repente se expandiram outra vez e eu finalmente consegui respirar. Era a primeira vez que eu respirava direito desde que Critter enviara as primeiras notícias sobre o desaparecimento dela. Aquilo tinha sido quase demais. Eu me senti tonta. Dei um passo trêmulo e, então, outro, antes de braços fortes me pegarem quando caí. Ergui o olhar na direção do lindo rosto preocupado de Finn. Ele estava gritando alguma coisa para mim, mas eu não conseguia ouvir as palavras. Só via os seus lábios se movendo enquanto o seu belo rosto se dissipava completamente até eu estar sozinha na escuridão.



Finn ficava grudado em mim, mais que nunca. Não só porque eu desmaiara e ele entrara em pânico, mas porque não sabíamos onde o Richard estava. Aparentemente, o amigo de Critter o perdera de vista quando ele entrou em um bar e nunca mais saiu.

Finn queria ir embora outra vez e prometi que iríamos em alguns dias. Depois do susto com minha mãe, a única coisa que eu

precisava era me sentir próxima a ela e ao Critter, e não podia nem imaginar ir embora de novo logo depois.

Enquanto não íamos, tentei levar minha vida como de costume e garantir que alguém do nosso círculo íntimo estivesse comigo a todo momento. Finn estava mais tenso do que nunca. Olhando pelas janelas de minuto em minuto. Andando de um lado para outro na frente da porta. Flexionando seus longos dedos e os estalando ocasionalmente.

— Você precisa se acalmar — disse eu, virando uma página do meu caderno.

— Eu vou. Assim que soubermos onde o canalha está.

— Ficar andando pra lá e pra cá não vai ajudar a encontrá-lo mais rápido — argumentei.

— Não — concordou. — Mas faz com que eu me sinta melhor. Se eu ficar parado sentado, é possível que eu seja arremessado pelo telhado.

— Então sente. Isso é uma coisa que eu gostaria de ver — provoquei, piscando.

Finn desviou a atenção da janela e virou os olhos.

— Espertinha — resmungou. Foi a primeira vez desde o nosso encontro que eu o vi sorrir.

Pude sentir seus passos pesados no chão quando se inclinou por cima do meu ombro.

— O que é isso? — perguntou, estendendo a mão por cima de mim na direção da mesa onde eu tinha deixado meu caderno aberto. — É parte da sua pesquisa?

— Não. Isso... não é nada.

Tentei pegar o caderno, mas era tarde demais. Finn já estava movendo os lábios enquanto lia as palavras em silêncio.

Minhas palavras.

— Sawyer. — Havia uma admiração em sua voz que eu nunca tinha ouvido. Ele abaixou a folha e olhou para mim. Seus olhos estavam repletos de deslumbramento. *Orgulho*. Senti um frio na barriga. — Você escreveu isso?

Mordi o lábio e mexi inquieta a caneta na minha mão.

— Sim? — A resposta saiu como se fosse uma pergunta.

Finn colocou o caderno sobre a mesa respeitosamente. Deu um beijo firme nos meus lábios que eu senti até a parte mais profunda da minha alma.

— Eu não sabia que você escrevia desse jeito.

Dei de ombros.

— Nem eu.

— É muito bom. Tipo, muito bom. Você tem mais?

— Tenho, mas em geral são só um monte de rabiscos. Arte e religião estão estreitamente relacionadas. Eu nunca soube disso. Pinturas. Tapeçaria. Poesia. Eu amei tanto a poesia que comecei a ler todos os livros do gênero que temos aqui. Eles foram... inspiradores. Tenho brincado com algumas ideias e com as sensações que as palavras me dão quando as escrevo. Eu me sinto calma quando as leio para mim mesma. Sob controle, quando tudo que eu sentia estava fora de controle.

— É realmente incrível.

— Esse livro é o meu favorito.

Estendi a mão na direção do livro que eu tinha guardado fora de ordem no canto da prateleira. Eu o pegava pelo menos algumas vezes por dia. E não queria ficar tirando a banquetta com rodinhas do lugar toda vez que quisesse pegá-lo na prateleira de cima. Coloquei gentilmente sobre a mesa o livro com o título “Poesia do Coração” e abri no poema de Maya Angelou, obra pela qual eu tinha me apaixonado no primeiro capítulo.

— Eu li isso e senti alguma coisa. Acho que era isso que a autora estava tentando fazer. Provocar emoções. Retransmitir um sentimento. Desabafar e fazer com que as pessoas conseguissem ver dentro de sua mente. Eu achei... brilhante. De tirar o fôlego. Então achei que talvez eu também fosse capaz de fazer alguma coisa como aquela. Obviamente, não como ela, mas como... não sei. Eu.

— Eu nunca li algo como isso.

Finn ergueu o caderno outra vez e eu me senti envergonhada quando ele decidiu ler novamente a minha tentativa de criatividade, só que dessa vez, para o meu pavor, ele leu as palavras em voz alta.

Um pássaro caiu de uma árvore hoje e cantou sua última canção quando atingiu o solo.

Talvez não fosse uma canção.

Talvez eu estivesse errada. Ou não.

Poderia ter sido um grito ou um apelo.

Um pedido de ajuda. Uma súplica para não morrer.

*Era impossível compreender e era impossível ajudar, então chamei aquilo de canção
poupando meu coração.*

Um pássaro caiu de uma árvore hoje e gritou seu último grito quando atingiu o solo.

— Mórbido demais, não é? — perguntei, encolhendo-me.

— Não. Pelo menos eu acho que não. É sobre percepção e sobre a impossibilidade de se mudar as coisas. O pássaro que está morrendo poderia ser qualquer coisa. Qualquer pessoa que você não pode ajudar ou qualquer situação que não pode mudar. É realmente... simplesmente uau. — Ele colocou os braços em volta de mim. — Eu estava começando a achar que você não tinha mais como me impressionar, e lá vem você de novo — murmurou.

O celular de Finn vibrou e ele me deu um beijo rápido antes de ir para os fundos da biblioteca, perto do depósito, para atender a ligação. Aquele era o único espaço onde suas palavras não ecoavam e nem eram amplificadas como se você estivesse berrando em um megafone.

O sino acima da porta da biblioteca sinalizou que tínhamos um visitante. Nós ainda não tínhamos muitos. Principalmente porque não estávamos oficialmente abertos. Mas eu queria que as pessoas se sentissem livres para vir dar uma olhada em nosso progresso. Eu adorava conhecer mais e mais gente daquela cidade que eu agora tinha como o meu lar.

— Ainda não estamos funcionando, mas fique à vontade

para dar uma olhada — disse eu, quando uma moça que me era familiar entrou, olhando ao redor como se estivesse perdida. Ela tinha o cabelo castanho como a cor de um rato e sem vida, penteado para trás em um coque simples na nuca. A blusa cinza de manga comprida e disforme e a saia preta na altura do tornozelo me fizeram lembrar tempos dos quais eu queria esquecer em breve.

Estou vendo coisas?

— Sawyer? — indagou a moça, como se não conseguisse acreditar no que estava vendo. Caminhou hesitante até o centro do salão com os braços soltos e as mãos entrelaçadas diante do corpo. Ela me olhou de cima a baixo antes de abrir a boca aparentemente surpresa. Suas sobrancelhas arquearam.

— Você parece... você está tão diferente.

Foi só quando ela parou na minha frente, a pouco mais de um metro de distância, que a reconheci.

— Bridget?

Ela assentiu e sorriu. Se estivesse sorrindo quando se aproximou, eu provavelmente não a teria reconhecido.

— Achei que você não se lembraria de mim.

Bridget era o que mais se aproximava de uma amiga que eu tivera, mas isso não significava muita coisa. Sem permissão para falar em público ou a uma distância que os adultos pudessem ouvir, e sem permissão para ficarmos sozinhas com outros da nossa idade, era difícil começar qualquer relacionamento. Bridget e eu conseguíamos nos comunicar olhando de rabo de olho ou erguendo o olhar, junto com os sussurros silenciosos ocasionais ou conversas

às escondidas.

— É claro que eu me lembro de você. O que está fazendo aqui? — perguntei, colocando os braços em volta dela e puxando-a para um abraço. Eu estava feliz em vê-la, mas a minha felicidade logo se transformou em preocupação. Ela estava muito mais magra do que eu me lembrava. Eu podia sentir sua caixa torácica apertada contra mim.

Pelo canto do olho, vi Finn, que encerrou rapidamente a ligação, mas que manteve distância, assistindo à nossa interação atentamente. Acenei para que ele soubesse que estava tudo bem, mas mesmo assim ele não tirou os olhos de nós duas.

Bridget enrijeceu, surpresa, e percebi meu erro. O abraço.

— Sinto muito — desculpei-me, dando um passo para trás.
— Eu não pensei direito.

Enquanto eu crescia, a única pessoa que abracei ou que me abraçou foi minha mãe. Eu imaginava que a vida da Bridget era bem parecida, se não fosse pior. Sua mãe não fazia contato visual com ninguém praticamente. Nem ela. Era incrível como eu tinha adotado o abraço tão rapidamente como forma de cumprimento.

— Tudo bem. Afeto sempre foi uma coisa natural em você. Eu sempre via quando você estendia a mão ou dava um passo para se aproximar de alguém antes de se corrigir.

Ela deu uma risada nervosa. Eu também.

— Você era muito observadora.

Ela olhou em volta do salão.

— Eu não tinha muita coisa para fazer a não ser olhar

quando ninguém achava que eu estava olhando. Falando em olhar, dá para ver que você mudou muito desde a última vez que a vi. No funeral da sua mãe — comentou Bridget, me olhando de cima a baixo outra vez.

Era mais curiosidade do que elogio, mas agradei de qualquer maneira.

Repentinamente me sentindo exposta demais, puxei para baixo a bainha cortada do short jeans preto que não cobria quase nada da minha perna.

— Sim, as coisas com certeza mudaram para mim — afirmei. — Eu fui embora depois daquilo.

— Achei que você estivesse morta.

— Por quê?

— Porque seu pai nos disse que você estava morta. Disse que tinha se matado assim como sua mãe. — Ela fixou os olhos em mim. — Eu não acreditei nele nem por um instante. Sabia que você era mais forte do que aquilo.

De repente me ocorreu que ela podia não estar sozinha.

— Bridget, eu estou feliz de ver você, mas o que está fazendo aqui? — questionei, olhando para Finn, que já estava espiando por todas as janelas. — *Como* você pode estar aqui?

— Ah, não se preocupe. Eu estou sozinha. Eles acham que estou distribuindo panfletos para divulgar o culto na tenda — explicou, endireitando sutilmente a coluna. Seus olhos finalmente encontraram os meus, pelo menos por um segundo. — Você não é a única rebelde a sair da Luz Divina, sabia?

Eu sorri.

— Então onde é que estão os seus panfletos? — perguntei, olhando para as suas mãos vazias.

Bridget sorriu timidamente e sussurrou:

— Eu os joguei na primeira caçamba de lixo que encontrei. — Uma pequena risada escapou da sua boca e ela imediatamente a cobriu, recompondo-se, apesar de estar nítido para mim o orgulho que ela estava sentindo de sua rebeldia.

Eu também estava orgulhosa dela.

— Você está certa. Talvez eu não seja a única rebelde a sair da igreja — comentei. — Mas, por mais feliz que eu esteja por vê-la novamente, Bridget, por que é que você está aqui?

— Eu... vim encontrá-la. Ouvi alguns dos mais velhos conversando, inclusive o seu pai, e eles estavam falando de você. Ele disse para todos nós que você estava morta, mas eu o ouvi contando a verdade para o Pastor Dimitri, dizendo que estava morta para ele. Que não estava morta de verdade. Então ele disse que você estava por perto e que...

Medo. Meu corpo foi preenchido com puro medo. Senti calafrios e, ao mesmo tempo, comecei a suar, e o meu ser registrou o medo que se instalava no meu coração e na minha mente.

— E o quê? — perguntei, tentando encorajá-la a continuar e tentando me manter indiferente.

— E que todos nós iríamos vê-la novamente em pouquíssimo tempo — sussurrou, olhando para o chão.

Finn enrijeceu o corpo, mas não fez movimento algum para

se aproximar.

— O que... o que mais ele disse? — perguntei, tentando parecer o mais calma possível.

Bridget se mexeu, mudando o apoio para o outro pé.

— Eu...

Uma voz masculina desconhecida gritou, chamando por ela do lado de fora da janela.

— Bridget, para onde você foi? Bridget, onde você está? Temos trabalho a fazer!

— Tenho que ir — disse ela, seguindo com pressa na direção da porta já com a mão estendida para a maçaneta. — É o meu marido.

— Marido? Bridget, que marido? — perguntei. — Você não precisa ir. Eu posso ajudá-la. Você pode ficar. Eu vou protegê-la se quiser ficar.

— Você sempre foi tola, Sawyer. Você, melhor que ninguém, deveria saber. — Bridget balançou a cabeça e correu até a porta sem nem olhar uma segunda vez para Finn, por quem ela passou no caminho. Seus ombros agora estavam curvados e seus olhos, voltados para o chão. O uniforme tradicional para as mulheres da Luz Divina. — Ninguém pode me proteger.

— Espere! Não vá embora. O que mais você tinha para me dizer? — perguntei, sentindo o pânico crescer no peito.

Bridget olhou para mim com compaixão nos olhos cansados.

— Sandy Bennett. Lembre-se de Sandy Bennett.

— Bridget, onde você está? — A voz do lado de fora ficou mais alta e mais irritada. Ela abriu a porta e a luz do lado de fora me cegou temporariamente.

— Espere, Bridget!! — gritei novamente. Mas era tarde demais.

Ela já tinha ido embora.

CAPÍTULO 13



Deixei Sawyer com Josh no bar porque Critter insistiu que precisávamos conversar. Maddy estava com a mãe de Sawyer e, quando perguntei se a enfermeira podia mantê-la suficientemente segura, Critter me contou que ela era mais segurança do que realmente uma enfermeira e que ele e eu, nas palavras dele, “não íamos querer mexer com ela”.

— Para onde vamos? — perguntei para Critter, que chegou com o aerobarco atrás da minha casa e mal diminuiu a velocidade para que eu pudesse pular a bordo. — Achei que você quisesse falar alguma coisa?

— Estou mexendo a boca e tem som saindo dela, certo? Isso não é falar? — indagou Critter de maneira ríspida, virando o barco e seguindo na direção do pântano em uma velocidade que ninguém que não tivesse crescido aqui ousaria tentar.

— Aquela garota que apareceu. Bridget. Ela nos deu um

nome. Josh está pesquisando e investigando. Vamos ver aonde isso vai dar antes de fazermos qualquer coisa que possa separar a sua família por outros vinte e dois anos.

Critter me lançou um olhar que quase abriu um buraco no meu crânio.

— Esperei por vinte e dois anos, caralho, para que esse bastardo aparecesse de novo no meu pântano, e é melhor você acreditar que eu vou garantir que ele nunca mais saia daqui.

— E qual é exatamente o seu plano?

— A boa e velha hospitalidade do sul — respondeu Critter, com uma voz rouca.

Merda.

— E isso significa o quê?

— Significa que eu vou arrancar aquela cabeça dos ombros dele com um tiro e, então, vou acender um charuto. Depois, talvez, eu comemore com uma torta.

— Tá certo. Vá em frente. Estoure os miolos dele. Entendi. Parece um plano e tanto.

— Não. Você não estava me ouvindo. Também tem a parte do charuto e da torta.

Apoiei a cabeça nas mãos.

— Critter, quero que esse babaca desapareça tanto quanto você. Caroline acabou de voltar. Se nos pegarem, vamos voltar para onde você começou e aí vai ser você que vai pagar pelos crimes do Richard. *DE NOVO*. Não deixe que ele ganhe. Dessa vez não. Você não quer vê-la melhor? Conversar com ela? Então temos que ser

espertos em relação a isso aqui. Não estou dizendo que a hospitalidade do sul está fora de cogitação. Só estou falando que talvez não seja uma boa ideia entrarmos em uma igreja e matar o pastor enquanto ele está pregando no púlpito, como se fôssemos uma milícia idiota e caipira de duas pessoas.

Critter virou os olhos.

— Não seja tão dramática, *Karen* — zombou. — Você nunca matou um homem antes? Eu servi em duas ocasiões e vou dizer uma coisa, é preciso um pouco mais de sutileza do que simplesmente sair metendo bala nele, ou seja lá como vocês moleques dizem hoje em dia.

— Eu não conheço uma pessoa sequer que fale desse jeito — resmunguei. — Exceto Miller, talvez.

Critter olhou para as águas escuras diante de nós.

— Conheci outros homens como Richard. Ele não vai parar até que elas voltem submissas ou mortas. E como sabemos que ele não vai conseguir a submissão delas... ele tem que desaparecer — declarou Critter, com uma mistura de raiva e tristeza. — Ele tem sorte de ainda não estar morto, mas ele foi um homem difícil de encontrar. Ele cobria bem os seus rastros, escondendo-se por trás daquela igreja dele. Coloquei vários investigadores particulares atrás dele ao longo dos anos. Eles não encontravam merda nenhuma, até que o último voltou e disse que o Richard e a Caroline estavam mortos. Acidente de carro. — Critter fechou os olhos brevemente como se estivesse se lembrando da dor que tinha sido intensa demais para suportar. — Achei que ela estivesse morta.

Achei que meu mundo tinha morrido. — As mãos dele apertaram com força o volante. — Agora eu acho que meu investigador deve ter encontrado Richard e aquele filho da puta deve ter molhado a mão dele para que me desse informações falsas. Tomara que aquele babaca do investigador nunca cruze o meu caminho.

Passamos por cima de um trecho de terra como se fosse água. Mas quando vi o próximo ao longe, levantei e semicerrei os olhos como se não conseguisse acreditar no que estava vendo.

— Merda! — praguejei. Tinha alguma coisa logo à frente do barco. — Pare, Critter! — gritei, direcionando a atenção dele para um tufo de cabelo e um pedaço de tecido.

Critter desviou bruscamente e me derrubou. Caminhei na água até o mato e subi, vendo que aquilo que quase tínhamos atingido definitivamente não era uma coisa.

Era uma pessoa. Alguém que eu vira poucas horas antes. A mesma pessoa que dera o aviso de que o Richard estava aqui.

Bridget.



SAWYER

Brava. Eu estava muito mais do que brava.

Tudo que eu via era vermelho. Vermelho vivo, vermelho sangue.

Por dentro, eu era um carro derrapando e cantando pneu

ao frear em uma estrada molhada. Por fora, eu era um suave sorriso falso e música de elevador.

— Quem fez isso com você? — perguntou Josh com gentileza. Havia muita solidariedade em sua voz enquanto ela pacientemente esperava Bridget, espancada e machucada, responder às perguntas que já tinha repetido várias vezes sem ter nem mesmo um murmúrio como resposta. — Estamos tentando te ajudar — continuou. Sua postura era nitidamente a de uma policial, mas sua compaixão por aquela mulher deitada naquela cama de hospital entre nós me surpreendia.

— Bridget, eu falei para você. Podemos ajudá-la. Podemos protegê-la. Olhe para mim. Eu estou aqui, não estou? Eles estão me mantendo a salvo. Podem mantê-la a salvo também. — Eu a tranquilizei, colocando a mão no braço que não estava na tipoia. Bridget olhou para minha mão como se eu a estivesse queimando. Puxei-a de volta e esfreguei-a como se estivesse apagando a chama.

— Não por muito tempo — murmurou, com um olho roxo e fechado de tão inchado que estava. Ela tinha sido seriamente espancada e nós não fazíamos ideia de como tinha ido parar no meio do pântano e, ainda assim, sobrevivido.

Até agora.

— Bridget, se você voltar para lá... — Deixei a minha voz morrer, sabendo exatamente o que aconteceria. Aquele era um aviso para mim. Ela poderia ter morrido. Eles não teriam se importado.

Eram monstros que desfilavam por aí como Cristãos.

— E se eu pudesse... — Josh estava começando a falar quando dois homens entraram no quarto. Eu não fazia ideia de quem era o primeiro, mas tinha o broche da Igreja Luz Divina na camisa. O segundo ficou atrás da porta na sombra com o chapéu cobrindo o rosto.

— Não responda nada — ordenou o primeiro homem, colocando-se em pé ao lado da Bridget. — Essa é a minha esposa.

— Que estranho... — disse Josh enquanto levantava para mostrar que estava usando o uniforme da polícia. Seu distintivo cintilou sob a luz fluorescente. Ela pressionou os lábios. — Não ouvi nenhum “graças a Deus você está bem”. Eu nem mesmo ouvi um ‘eu estava morrendo de preocupação’. A única coisa que eu ouvi foi a sua declaração de que ela é sua esposa, como se o senhor estivesse vindo pegar seu cachorro no canil. — Josh apontou para o olho da Bridget. — É assim que o senhor trata o seu cachorro?

— Eu estou em choque. É só isso — explicou o homem, pegando a mão de Bridget de um modo desajeitado, como se ele nunca tivesse feito aquilo antes. — Como você se atreve a me acusar de tratá-la como um cachorro?

— Não, não foi bem isso. Acho que eu sugeri que o senhor a trata pior do que a um cachorro.

— Será que podemos conversar depois, *policia*l? — A palavra saiu da boca daquele homem com desprezo. — Eu gostaria de um momento a sós com a minha esposa.

— Só se a *vítima* concordar — respondeu Josh, colocando

ênfase na palavra vítima.

Bridget não olhou nos nossos olhos, mas balançou a cabeça.

— Tudo bem. Ele é meu marido.

— Bridget, você não precisa falar com eles! — gritei, enquanto Josh seguia na direção da porta. — Podemos ficar. Você não precisa ficar sozinha com eles. Nunca mais. — Josh me virou pelos ombros e me tirou do quarto, fechando a porta depois que saímos. — Não podemos deixar Bridget ali dentro com eles! — exclamei. — Eles são monstros. Olha o que fizeram com ela!

— Eles não vão fazer nenhuma merda comigo aqui fora. — Ela colocou a mão no cinto. — Eu tenho uma arma e essa porra toda aqui. O que eles vão fazer? Lutar comigo com umas orações de merda? Sawyer, se tocarem em um fio de cabelo daquela garota, eu entro atirando como se estivéssemos no velho oeste.

O olhar da Josh era firme e sério.

— Obrigada — agradei, satisfeita por não ser a única pessoa que estava tentando protegê-la.

— Mas tem uma coisa que você precisa saber — falou, com os olhos grudados na porta.

— O quê? — indaguei.

Ela deu um suspiro e apontou para a janela por onde víamos o marido de Bridget curvado sobre a cama dela.

— Aquela garota ali vai sair desse hospital com esses caras ainda hoje.

— Não! — gritei, sentindo um enjoo só de imaginar.

— O que eles fizeram com ela foi um aviso e ela entendeu muito bem a mensagem. Nem mesmo um olhar ou um piscar de olhos ou um tremor na mão dela me dizem o contrário.

— Não! — exclamei, estendendo a mão na direção da maçaneta. — Minha mãe ficou com o homem que a torturava. Eu não vou recuar e ficar vendo esse tipo de coisa acontecer outra vez. Eu não posso, eu não vou!

Josh me puxou de volta e me colocou sentada na cadeira do corredor. Ela agachou para que apenas eu a ouvisse.

— Você precisa entender que nem todas elas são fortes como você.

A porta abriu e o sentimento familiar de medo começou a gotejar pela minha espinha quando aqueles homens passaram por mim. Não consegui olhar para eles. Estava indignada demais para dar tanto a eles.

— Nós voltaremos — informou o marido de Bridget, quase alegremente, como se estivesse se gabando — para levá-la para casa.

Quando a campainha do elevador tocou e as portas deslizaram se abrindo, os dois homens entraram. Antes que elas deslizassem e fechassem novamente, o outro homem falou. Aquele que tinha permanecido nas sombras.

— Sim. Nós voltaremos. Para *levá-las* para casa.

CAPÍTULO 14



FINN

Eu gostaria de poder voltar no passado e nunca ter visto aquela garota deformada caída entre os juncos no pântano. Queria arrancar a imagem de Bridget do meu cérebro porque aquilo era tudo que eu via, só que toda vez que aquela imagem aparecia, não era Bridget que eu via caída ali com os ossos quebrados e coberta de sangue.

Era Sawyer.

Pensar naquilo chegava a me dar enjoo. Tive que encostar o carro duas vezes no caminho até o bar do Critter para expulsar aquele pensamento através de todo o conteúdo do meu estômago. Depois de vomitar na estrada, coloquei para fora as minhas frustrações batendo com os punhos no volante. Colocando minha raiva para fora através de gritos para absolutamente ninguém.

Critter estava nos fundos do bar, fumando o charuto dele e direcionando um caminhão de bebida que estava dando ré até a

porta.

— Um pouco cedo essa manhã, não é? — perguntei, no momento em que o motorista do caminhão pulou para fora e entregou a ele uma prancheta, antes de deslizar e abrir a porta de trás e puxar para fora a rampa de metal.

— É? Eu não tinha notado — respondeu Critter.

— Talvez notasse se dormisse um pouco.

— Ando ocupado demais para dormir. Ocupado demais com os meus pensamentos — explicou, dando um trago no charuto.

Eu conhecia aquele cara desde que me entendia por gente. Costumava roubar os girassóis do campo em volta da casa dele quando ainda usava fraldas. E eu não me lembro de nenhuma vez tê-lo visto parecer cansado. Até aquela manhã. Eu era muito novo quando a mãe de Sawyer foi embora e seria impossível me lembrar de como ele lidou com aquilo. Apesar de ter certeza de que ele parecia tão cansado quanto agora.

— Quer me contar alguma coisa? — perguntei, na esperança de que conversando talvez eu pudesse aliviar um pouco sua mente.

Critter subiu a rampa e inspecionou o carregamento. Rabiscou sua assinatura na papelada antes de devolvê-la ao motorista, que enfiou os papéis em qualquer lugar e começou a descarregar. Ele, que nunca foi de ficar sentado fazendo nada, pegou uma caixa e o seguiu para dentro do bar, colocando-a no depósito ao lado do escritório. Fui atrás deles e fiz o mesmo.

— Nada que você ia querer ouvir — resmungou.

— Por que não experimenta? — desafiei.

Critter pegou outra caixa do caminhão. Eu estava me curvando para pegar uma também quando ele virou para mim, largou a caixa no chão e colocou a mão no bolso para pegar o celular. Ele apertou alguns números e levantou a tela para que eu pudesse ver seus contatos indicando alguém listado apenas como 190-B.

— O que é isso? Ou *quem* é esse?

— Isso... — explicou, enfiando o celular no bolso da calça jeans de novo. — Isso aqui é um número para o qual eu poderia ligar e com um único toque eu poderia fazer Richard Dixon sumir da porra da face da terra agora que sei onde ele está.

— Então por que você ainda não fez isso? — perguntei, curioso.

— Porque ela me pediu para não fazer — respondeu Critter, esfregando a mão no rosto.

— O quê?

Critter pegou outra caixa.

— Caroline. Ontem à noite, ela teve um momento de lucidez. Mais longo do que de costume. Ela disse que ter o sangue imundo dele em minhas mãos não me faria melhor que ele. Ela me fez prometer que eu não faria aquilo e agora tenho que descobrir um jeito de dar um fim no reinado de horror daquele filho da puta de outra maneira.

— Nós — corriji. — NÓS temos que descobrir como dar um fim nisso tudo.

— E como está Sawyer depois de tê-lo visto no hospital?
— quis saber ele.

— Ela fala o tempo todo que está bem, mas sei que não está. Eu não estaria se tivesse ficado no mesmo quarto que o homem que sequestrou minha mãe, ameaçou a vida das duas e as atormentou por anos! — Ao dizer aquelas palavras, eu mesmo senti vontade de derramar sangue, mas vi como Critter estava cambaleando na beira do precipício e eu não queria ser a pessoa que o empurraria, fazendo-o quebrar a promessa que tinha feito à esposa.

— Sim, eu conheço bem o currículo daquele cara — esbravejou Critter. — Mas valeu por me atualizar. É sempre bom ter um curso de reciclagem a respeito de todas as coisas horríveis relacionadas ao homem que eu me imaginei matando por mais de duas décadas.

— Ele não está na lista de pessoas que Sawyer e eu vamos convidar para o nosso casamento — comentei sem pensar.

Critter virou para mim e lançou um olhar como se eu fosse o inimigo. Virei para trás para ter certeza de que Richard não estava em pé atrás de mim.

— O quê? — perguntei.

Ele semicerrou os olhos para mim.

— Você está falando sério? Está pensando em se casar com a *minha* filha?

Pensei cuidadosamente nas minhas próximas palavras, mas a resposta foi simples. Aquele não era um dia para mentir para

o Critter.

— Sim. — Fiz uma careta. — Senhor?

— Filho...

— Agora eu sou seu *filho*?

— É sim. — Critter apontou para mim e ficou balançando o dedo enquanto falava. — *Filho*, se você machucar a minha menina de *alguma* maneira, juro que esfolo você vivo, dou a sua carcaça para os meus cães de caça comerem e exponho o que sobrar na minha porta da frente para que sirva de aviso para os outros.

Ele despenteou o meu cabelo como costumava fazer quando eu era moleque, e eu não gostei daquilo assim como não gostava naquela época. Eu o alisei para trás e Critter sorriu, limpando o balcão e os copos como se não tivesse acabado de ameaçar a minha vida de maneira bastante real e medonha.

— Uau, Critter. Já fazia um tempo que eu não tinha uma boa conversa de pai pra filho. Mas tenho que dizer que nunca esperei isso de você — disse eu, voltando a ajudar Critter e o cara da entrega a carregar as caixas para dentro.

— Bom, mas não vai ficar esperando que eu faça de novo porque isso foi um aviso de cortesia. E vai ser o único.

— Anotado.

— O que é isso? — perguntou Critter quando o motorista entregou a ele uma garrafa de uísque que não tinha sido tirada de nenhuma das caixas. Ele girou a garrafa transparente nas mãos e o motorista deu de ombros.

— O chefe disse para eu entregar a você. É um presente.

Uma amostra para experimentar. Algo novo que ele vai tentar vender, imagino. Não tenho certeza. Eu só entrego a biritá, engravidando a minha esposa e pago a maldita escola das crianças. Não necessariamente nessa ordem.

— Obrigado, Pete. Fale para o Mike que é melhor que isso não seja uma merda de ianque. A última garrafa que ele mandou para mim, acabei usando para treinar tiro ao alvo no meu campo.

Pete virou a garrafa na mão do Critter. Colado na parte de trás tinha um bilhete que dizia:

NÃO É UMA MERDA DE IANQUE.

Critter deu risada.

— Completamente sulista, Critter — comentou Pete, antes de correr sem muita pressa e subir no caminhão. Acompanhei Critter até o bar vazio.

Ele colocou um charuto na boca e abriu a garrafa de uísque, colocando dois copos sobre o balcão. Encheu os dois até a metade e empurrou um para mim.

— Hoje é uma daquelas manhãs que pede uísque.

— Eu nunca soube que você era do tipo de homem que bebe uísque no café da manhã.

— Você também nunca soube que eu era casado e tinha uma filha.

— Boa observação.

Critter bateu o copo dele no meu sem esperar que eu o

pegasse e o esvaziou com duas goladas generosas, batendo com ele no balcão com tanta força que foi uma surpresa não ter quebrado.

Eu estava girando o copo no qual ainda ia dar um gole enquanto Critter já estava pegando mais.

— E o nome que aquela menina Bridget deu a Sawyer?

— Sandy Bennett — respondi. — Josh está cuidando disso. Ela está investigando o nome em todas as agências às quais tem acesso.

Critter secou seu segundo copo e suspirou.

— Sabe, no instante em que eu descobri que Caroline e Sawyer estavam vivas, tive que colocar a minha necessidade de machucar aquele filho da puta em segundo plano em relação à minha necessidade de querer rachar o crânio dele ao meio. Sabe por quê? Porque a família vem em primeiro lugar. As minhas meninas vêm em primeiro lugar. E infelizmente Caroline estava certa. Você estava... bom, meio que certo. Eu não vou para cadeia agora que acabei de conseguir minha família de volta. Não vou viver sem as duas outra vez. — A expressão dele ficou mais suave. — Não consigo.

Olhei para ele.

— Eu entendo — disse, passando a mão pelo cabelo e soltando o ar dos pulmões, tomado pela frustração.

Eu tinha pensado a mesma coisa umas mil vezes. Senti uma pontada no peito. E me lembrei da dor que carreguei comigo depois que Jackie morreu. Tinha sido suficiente para me atirar em

anos de solidão. Critter sabia daquilo e tinha estendido a mão para mim, mas nem mesmo ele conseguiu me alcançar.

— No meu ponto de vista, você e eu estamos no mesmo barco. Nós dois sofremos perdas terríveis — revelou Critter, repetindo meus pensamentos.

— Acho que já está mais do que na hora de conseguirmos uma vitória. Ou um descanso. *Ou alguma coisa.*

Assenti e contornei a borda do copo com o dedo.

— É uma loucura como um único homem foi capaz de causar toda essa tristeza. Todo esse sofrimento. Daria para pensar que tem um exército dele lá fora. Ou que ele é o próprio diabo.

Critter colocou as duas mãos no balcão e fechou os olhos por um instante, como se estivesse lutando com alguma coisa. Quando abriu os olhos novamente, falou com uma convicção que eu nunca tinha visto nele ao falar de qualquer outra coisa antes.

— Eu tenho notícias para você — disse ele, antes de tossir e bater no peito com o punho fechado. — Richard Dixon é o próprio diabo.

O rosto do Critter ficou pálido e os olhos ficaram arregalados. Ele começou a tossir. Quando vi que aquilo não passava, levantei e dei a volta no balcão. Ele estava batendo no peito com o punho fechado. Agarrou no balcão para se apoiar, mas não conseguiu se segurar, e eu o peguei quando estava caindo, colocando-o no chão enquanto ele tentava respirar. O olhar dele se apagou. Peguei o celular em pânico. Minha mente não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Fique comigo, Critter. Você já resistiu a tanta coisa, não vai desistir agora, velho.

Critter olhou para o teto sem parecer focar em nada. Seus olhos começaram a se fechar.

Os tinidos no alto esvoaçaram por todo o teto, indicando que a porta tinha sido aberta. Com meu celular no ouvido, ergui o olhar e vi Sawyer em pé ao meu lado olhando para Critter.

Ela reprimiu um soluço.

— Nãããããão! — gritou.

Meu coração ficou apertado. Por ele. Por ela.

E ele parou de respirar.

CAPÍTULO 15



SAWYER

O hospital era o último lugar onde eu queria estar outra vez.

Visitando Critter.

Critter era forte. Saudável. O homem mais teimoso que eu conhecia. Mas também era o mais afetuoso. O mais amável. Eu adorava tudo nele, desde sua voz grave de barítono até seu bigode ridículo, que apenas ele poderia ostentar.

Quando eu tinha ido até lá para ver Bridget, queria que ela se salvasse. E eu queria ajudá-la a conseguir aquilo.

Com Critter deitado ali, preso a tubos e máquinas, eu não queria apenas salvá-lo, queria respirar vida nele. Queria bater em seu peito com meus punhos fechados e gritar com ele até que acordasse e me dissesse que ficaria bem.

Ele *tinha* que ficar bem.

TINHA. QUE. FICAR. BEM.

Finn estava em pé no canto, conversando com a médica de Critter enquanto eu estava sentada ao lado da cama, segurando sua mão com a cabeça apoiada em seu peito.

— Então é disso que se trata — disse a médica. Eu estava tão envolvida com a minha própria desolação que não tinha ouvido uma única palavra do que ela tinha dito a Finn.

— Desculpe, eu não entendi, o que exatamente você está dizendo? — perguntei. — Foi um ataque cardíaco? — Levantei a cabeça do peito do Critter, mas continuei com os dedos entrelaçados nos dele.

A médica olhou para mim por cima da armação dos óculos e colocou a prancheta debaixo do braço. Eu sabia que o que quer que fosse que ela me diria não seria bom, já que Finn estava agora apoiado na parede em busca de amparo. Seu rosto estava vários tons mais pálido do que quando chegamos ali.

Eu fiquei imóvel. Podia ouvir meu coração batendo quando ela falou.

— Versão resumida? — perguntou, como se estivesse com pressa. Assenti e prendi a respiração. — Seu pai foi envenenado.

CAPÍTULO 16



SAWYER

ENVENENADO.

Finn e eu passamos dois dias no hospital. Dormíamos sentados em cadeiras, encostados um no outro. Um dando apoio ao outro, não apenas física, mas emocionalmente também. Estávamos pra lá de cansados e eu via que o estresse estava pesando para ele, assim como estava pesando para mim. Ele amava Critter como se fosse seu próprio pai, e eu já amava Critter antes mesmo de saber que ele era meu pai.

Eu me via entoando mentalmente “por favor, acorda, por favor, acorda, por favor, acorda”. Toda vez que a máquina apitava, minhas esperanças ressurgiam, fazendo-me acreditar que era um sinal de que ele estava acordando.

E toda vez elas eram esmagadas quando ele não acordava.

— Aconteça o que acontecer, vamos enfrentar isso juntos

— disse Finn. Eu adorava como ele tentava me consolar quando ele próprio estava sentindo o mesmo desespero.

— Quer comer alguma coisa? Já faz um tempo que comeu. Balancei a cabeça.

— Não. Eu só vou ficar aqui. Com ele.

Ergui os joelhos contra o peito e coloquei os braços em volta das pernas.

— Sabe, ficar olhando para ele como se fosse uma linha de pesca na água, esperando que alguma coisa aconteça, não vai fazer com que melhore mais rápido — disse, tentando arrancar um sorriso de mim.

Continuei com os olhos em Critter.

— Eu só quero que ele acorde.

— Você ouviu a médica. Eles deram uma injeção para que ele reaja. Ele é forte. Vai conseguir. Eu sei que vai — assegurou Finn. Ele era um ótimo ator ou realmente acreditava no que estava dizendo.

— Como você pode ter tanta certeza? — perguntei, sentindo meus olhos ficarem cada vez mais pesados. Sentindo o nó em minha garganta e no meu coração ficar ainda maior a cada segundo que se passava.

Finn deslizou da cadeira onde estava e se ajoelhou na minha frente.

— Você se lembra de quando tivemos aquela conversa sobre fé? Acho que você me disse que o dicionário a definia como “a crença em algo baseada em entendimento espiritual mais do que

em provas”.

Assenti. Tirar os olhos do corpo inerte de Critter me destruiu por dentro, mesmo que por um instante apenas, mas eu queria olhar para Finn. Eu não só precisava ouvir o que ele estava tentando me dizer, como também precisava sentir.

Ele juntou as nossas mãos.

— É por isso que tenho certeza de que ele vai sobreviver. Eu não acredito em muita coisa. Mas tenho fé nele. Esse homem esperou muito tempo para ficar com a família. Confie em mim. Ele não vai deixar vocês duas agora.

— Ele sempre foi teimoso como uma mula.

Finn e eu olhamos para porta por onde minha mãe entrou em uma cadeira de rodas conduzida por Maddy.

— Mã... Oi — corrija-me. Havia certa lucidez nela, mas eu queria agir com cautela, então me contive quando quis chamá-la de mãe.

Maddy a conduziu até a cama do Critter e então saiu do quarto, ficando de guarda na frente da porta.

Com lágrimas nos olhos, minha mãe estendeu a mão para mim.

— Venha aqui, meu bem. Venha ficar um pouco com sua mãe.

Eu nunca tinha escutado minha mãe soando tão forte, falando tão claramente.

Aquilo era temporário? Ela estava de volta? Meus pensamentos, minha barriga e minha mente estavam uma confusão,

fazendo com que meus batimentos cardíacos acelerassem.

Por um instante, só fiquei ali. Olhando. Pasma. Era como se ela nem fosse a mesma mulher. Minha mãe balançou os dedos estendidos.

— Agora eu vou cuidar de você. Prometo.

Foram aquelas palavras que romperam toda e qualquer barreira que ainda me afastava da minha mãe. Fui tomada imediatamente por uma onda imensa de alegria indescritível. De paz. A corrente invisível que nos ligava como mãe e filha estava sendo reparada, elo por elo, a cada passo que eu dava em sua direção. Eu podia sentir.

Em meu coração.

Finn deu um passo para o lado para que eu pudesse me ajoelhar ao lado da minha mãe, mas aquilo não era perto o suficiente para ela, que estendeu as mãos e puxou meu braço.

— Venha aqui — pediu, enquanto me puxava para seu colo. Ela ergueu os meus pés sobre a lateral da cadeira de rodas e me segurou como um bebê. Eu desabei. Fiquei ali soluçando na blusa branca da minha mãe enquanto ela afastava para trás o cabelo da minha testa. Soluçando, coloquei para fora minhas questões. Minha frustração. Minha confusão. Meu amor. Ela sussurrou para mim o quanto me amava enquanto eu dava a ela todas as lágrimas que tinha reprimido ao longo da minha vida.

Depois que me acalmei, fiquei ali no colo da minha mãe e juntas ficamos vendo o peito do Critter subir e descer com a ajuda das máquinas.

— Vou deixar vocês duas a sós por um tempo — disse Finn, pedindo licença.

Minha mãe o fez parar antes que ele pudesse chegar à porta.

— É você o jovem por quem minha filha está tão desesperadamente apaixonada? — A pergunta me fez sorrir por dentro. Eu tinha sentido a mesma coisa durante a visita aos pais de Finn. Como se fosse daquele jeito que as coisas deveriam ter sido desde o início. Com apenas algumas palavras, minha mãe estava me dizendo que ela não só tinha voltado a ser a minha mãe, mas que agora ela era a mãe que sempre tinha desejado ser.

Eu me senti mais forte por causa dela. Eu queria SER mais forte por causa dela.

Finn sorriu. Ele não pareceu nem um pouco abalado com o comentário dela quando até por dentro eu estava vermelha.

— Sim, senhora. Sou eu — respondeu Finn. — É um prazer conhecê-la oficialmente. Apesar de achar que já nos conhecemos antes. Muitos anos atrás.

Minha mãe assentiu.

— Muitos anos. Você cresceu um pouco desde a última vez que eu o vi — comentou minha mãe brincando, mas sua voz ainda estava triste e pesada.

— Só um pouco, eu imagino.

Saí do colo da minha mãe e sentei-me em uma cadeira ao seu lado. Ela juntou a mão na minha como tinha feito um milhão de vezes. Olhei para onde elas estavam unidas e ainda não conseguia

acreditar que aquilo era real.

— Você costumava roubar os girassóis dela — falei para Finn, lembrando-me do que minha mãe tinha dito durante nossa primeira conversa.

— Ele fazia isso mesmo — confirmou.

— Acho que vocês descobriram todos os meus segredos agora — disse Finn, balançando o corpo para trás, apoiado nos calcanhares.

— Critter está muito feliz que você e Sawyer encontraram um ao outro — revelou minha mãe, olhando para Finn e, então, para Critter.

Ele está?

O sorriso de Finn era triste.

— É bom ouvir isso. A última conversa que tivemos a respeito de mim e Sawyer acabou com ele dizendo que... bom, a gente não precisa entrar em detalhes aqui, digamos apenas que acaba comigo em pedaços.

— Ele te ameaçou? — perguntei em choque, e secretamente feliz por saber que Critter queria tanto me proteger, mesmo conhecendo Finn a vida inteira e só me conhecendo há alguns meses.

— Claro — respondeu Finn, apoiando na parede. — É isso que os bons pais fazem para proteger suas filhas. Eu não ia esperar nada menos que a ameaça de uma surra uma semana sim outra não, no mínimo.

Minha mãe olhou para Critter.

— Ele vai viver para ameaçá-lo de novo. Porque, assim como você, Finn, eu tenho fé de que ele vai sobreviver. Eu posso sentir.

Ela colocou a mão no peito.

Finn pediu licença outra vez para ir até a cafeteria, onde disse que pegaria alguma coisa para eu comer, quisesse eu ou não.

— Duas décadas e isso ainda não acabou. — Minha mãe suspirou. — Mas tem que acabar. E tem que acabar agora. — Havia determinação em seus olhos quando ela disse em voz alta os pensamentos que eu tinha comigo desde o início.

Minha mãe continuou e eu me vi balançando a cabeça para tudo que ela estava dizendo. A cada frase, eu ficava mais e mais furiosa.

— Depois de todos esses anos, aquele homem ainda encontra uma maneira de aterrorizar essa família, mesmo com tudo que ele já nos fez passar. Ainda não é o bastante. Me manter com ele contra minha vontade não foi o bastante. Ameaçar minha família não foi bom o bastante. Envenenar o meu marido... — Ela parou e se recompôs. — Esse foi o golpe final. Estou cansada de ficar esperando sem fazer nada. Ele não vai parar. Nunca vai ser o bastante... — Sua voz foi ficando fraca. — Nunca vai ser o bastante até que todos nós estejamos mortos.

— E, pelo que parece, não existe nada que possamos fazer quanto a isso — desabafei, com as minhas frustrações vindo à tona outra vez.

— Ou talvez exista — sussurrou, e ergueu o canto da boca

esboçando um meio sorriso.

Ela respirou fundo e, de repente, se levantou da cadeira de rodas. Eu dei um pulo, meio que esperando que talvez precisasse pegá-la no caso de uma queda. Mas ela não caiu. Endireitou os ombros e caminhou até o lado da cama do Critter, como uma rainha pronta para cuidar do reinado enquanto o rei estava temporariamente incapacitado. Ela ergueu a mão dele e a beijou antes de cobri-la com a sua outra.

Aquela era uma mulher cuja vontade, cuja existência, tinha sido queimada e transformada em cinzas. E ainda assim lá estava ela, pronta para lutar por sua família. A determinação que irradiava dela era quase tangível. Eu senti orgulho. Senti minha própria vontade de lutar crescer dentro de mim outra vez.

Pela primeira vez depois de muito tempo, senti que tudo estava bem. Acho até que dava para dizer que o que eu estava sentindo era fé. E talvez tenha sido por causa daquela fé que uma voz grave soou como um estrondo da cama atrás de mim.

— Que dramalhão todo é esse, diabo?

CAPÍTULO 17



Entrei no quarto e encontrei Critter acordado e alerta. Ele olhou para Caroline, virou para Sawyer e depois para Caroline de novo. Sorriu e seu bigode virou para cima.

— Já falei para não ficarem fazendo drama! — resmungou, ajustando a posição na cama, tentando sentar mais ereto.

Sawyer abaixou e colocou os braços em volta de Critter. Os ombros dela balançavam de alegria, fazendo meu coração pular algumas batidas e as lágrimas brotarem no fundo dos meus olhos.

Posso ter crescido cercado por aquelas pessoas, mas descobrir que Sawyer era parente de Critter tinha sido provavelmente a melhor notícia que eu tinha recebido na vida, apesar das ameaças dele direcionadas a mim.

Porque agora aquela não era apenas a minha família. Era a NOSSA família.

— Ei, mãe. Ei, filha. — Critter colocou um braço em volta

de Sawyer e outro em volta da Caroline.

— Isso é lindo demais, cara.

Olhei para Miller, que estava soluçando ao ver aquela cena. Lágrimas escorriam pelo rosto dele. Fios de saliva conectavam seus dentes.

Eu ri porque não tinha como NÃO rir.

Josh virou os olhos e começou a arrastar Miller para fora do quarto.

— Vamos dar um tempo a eles. Você pode vir falar com ele mais tarde — disse ela.

— Promete? — perguntou Miller, com uma voz aguda enquanto Josh o conduzia para fora do quarto acenando por cima do ombro.

A médica apareceu assim que eles saíram. A mesma que tinha visto Critter no primeiro dia, quando ele tinha sido trazido pela ambulância.

— Como está se sentindo? — perguntou, enquanto checava os números em uma máquina acima de sua cabeça.

Critter fez uma careta de dor enquanto Caroline ajustava seu travesseiro. E continuou com a careta até poder recostar outra vez.

— Como estou me sentindo? — Critter repetiu, com as sobrancelhas cheias avançando para a testa. — Como se eu estivesse em um maldito hospital. Mas estou vivo. Então, é isso.

— Você está — comentou Caroline. — Você está aqui.

— E você também, amorzinho.

Os olhares que eles trocaram eram tão repletos de amor que me lembrei imediatamente das palavras do meu pai. Critter e Caroline tinham aquele fator “para sempre” sobre o qual ele tinha falado. Olhei para Sawyer e pude ver nosso futuro juntos. Nossa vida aqui em Outskirts. Se eu não sabia daquilo até então, naquele momento eu soube. Sawyer tinha sido feita para ser minha para sempre. E eu tinha sido feito para ser dela.

— Achei que nunca mais falaria com você outra vez — admitiu Sawyer. — Quando eles estavam removendo... — Ela fez uma pausa.

— Desculpa ter assustado você... — disse Critter. — Não farei isso novamente. Eu prometo.

A médica começou a falar e falar sobre alguma coisa, usando palavras como toxicidade, ingestão, contramedidas e na hora exata. E terminou com “o senhor tem sorte de estar vivo”.

— Obrigado, doutora — agradeceu Critter. — Mas que diabos aconteceu? Devo me preocupar de que possa acontecer de novo?

Todos ficamos tensos. Todos nós, é claro, exceto a médica, que simplesmente deu de ombros e manteve os olhos na prancheta.

— Não, a não ser que o senhor esteja planejando ser envenenado outra vez em breve.

O quarto ficou em completo silêncio enquanto os olhos de Critter se arregalaram lentamente. Os punhos dele se fecharam formando duas bolas sobre a cama. O único ruído naquele quarto era o eco dos saltos da médica enquanto ela atravessava o

corredor.

E o som do sangue de Critter borbulhando.

CAPÍTULO 18



SAWYER

Fazia algumas semanas que Critter tinha recebido alta do hospital. Desde então, Josh estava ajudando minha mãe e ele a preparar um processo contra Richard. Eles não me envolveram. Disseram que era melhor que eu soubesse o mínimo possível sobre o que estavam tramando.

Finn ainda queria sair da cidade. Eu preferia ficar e me manter próxima da minha família — seguia precisando ter alguém comigo o tempo todo por medida de segurança.

Pelo menos Critter estava em casa agora. E com ele e minha mãe melhorando a cada dia (ela não tinha voltado a achar que estava vivendo duas décadas atrás desde o hospital), eu me sentia aliviada. Mas tinha mais alguma coisa me incomodando. Algo que eu não conseguia explicar.

Depois de todos os eventos dos últimos meses, eu me sentia completamente exausta.

Puxei uma cadeira de uma das mesas e me sentei, apoiando um pé sobre o outro. Como Critter estava passeando com minha mãe, Josh se ofereceu para ajudar durante algumas horas depois do turno na polícia. Assim como Finn, que estava lavando louça, e Miller, que estava nos fundos recebendo uma entrega.

E por falar nisso, o entregador que tinha dado a Critter o uísque que acreditavam tê-lo envenenado tinha desaparecido com a família, ele nunca mais tinha sido visto desde aquela manhã.

Covarde.

— Por que é preciso quatro pessoas para fazer o trabalho de um único homem? — perguntei para Josh, que estava completando os porta-guardanapos.

— Eu sabia que aquele homem era uma máquina, mas puxa vida! Ele realmente faz isso tudo.

Eu tentei rir, mas estava cansada demais para juntar energia.

— Você anda estranha ultimamente. É sua mãe? Critter? — perguntou Josh. Suas pulseiras douradas bateram umas nas outras fazendo barulho quando ela estendeu o braço e colocou a mão em cima da minha. Seu sorriso era genuíno, porém, triste. Linhas de preocupação marcavam todo seu rosto, que, em geral, era liso e perfeito.

Meneei a cabeça no exato momento em que outra onda de náusea tomou conta de mim, revirando meu estômago, ameaçando colocar para fora tudo que eu tinha comido naquela manhã. Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, até que, felizmente, a

ameaça diminuiu.

Esprei um pouco para ter certeza de que aquela sensação tinha desaparecido por completo antes de falar.

— Não, não é minha mãe nem Critter. Eu só não tenho me sentido muito bem. Acho que comi alguma coisa que não me fez bem.

— De novo? Não tem como alguém comer alguma coisa que não fez bem com tanta frequência. — Josh deu a volta na mesa e colocou uma cadeira do meu lado. — Tipo COMO você não tem se sentido bem? — perguntou, puxando a cadeira para mais perto até seus joelhos tocarem minha coxa.

— Não é nada — respondi, gesticulando e dispensando qualquer preocupação. — Só estou um pouco tonta. — Eu me sentia enjoada só de pensar em vomitar. — Mas não vomitei — acrescentei, como se aquilo fosse fazer toda diferença no meu diagnóstico.

— Isso não é específico o bastante, Say. — Josh recostou e colocou os pés na mesma cadeira que a minha. — O que mais você tem sentido? — perguntou, dando de ombros de maneira casual e olhando para as próprias unhas. — Não deixe nada de fora.

Pensei por alguns instantes.

— Ahn... tem algumas outras coisas... — disse, tranquilamente.

— Que tipo de coisa? — questionou Josh, dez vezes mais alto, como se gritar fosse fazer com que eu me abrisse.

Olhei em volta para ter certeza de que Miller e Finn não estavam por perto.

— Coisas... coisas que eu não me sinto à vontade para falar a respeito.

Josh balançou a cabeça como se tivesse entendido e tirou os pés da cadeira inclinando o corpo mais para perto.

— E se eu listar alguns sintomas comuns de algumas coisas e você simplesmente balançar a cabeça indicando sim ou não? — perguntou. — Seria mais fácil assim?

— Isso eu consigo fazer — respondi, sentindo-me muito mais confortável com o que ela tinha sugerido.

— Você está... dolorida em algum lugar? — perguntou, enquanto completava o porta-guardanapo que estava na mesa à qual estávamos sentadas.

Acenei positivamente com a cabeça.

— Ok. Alguma dessas áreas inclui as suas áreas delicadas de mulher? Você sabe... Peitos? Vagina? As duas coisas?

Acenei positivamente outra vez.

— Você se sente mais cansada do que de costume? — perguntou. — Deixa pra lá. Eu já sei a resposta para essa pergunta. Sim. Essas bolsas debaixo dos seus olhos não apareceram de um dia para o outro.

Ela estava certa.

— Estou cansada demais para me sentir insultada.

— Você anda mais sensível a cheiros ultimamente?

— Não que eu saiba — respondi, mas acrescentei: —

Apesar de que você borrifou desinfetante nessa mesa o suficiente para um hospital.

— Ok. Agora mais uma: você ficou menstruada no mês passado? — perguntou Josh.

Pensei na pergunta, mas eu não tinha como dar uma resposta definitiva.

— Eu não tenho certeza. Na verdade, nunca controlei isso. Mas não foi recente, então é possível que já tenha um tempo desde a última vez.

— Um tempo quanto?

— Bom, eu estou aqui há mais de três meses. Não me lembro de ter ficado desde que cheguei aqui — respondi.

Josh olhou para mim, virando a cabeça e acenando com ela como se estivesse esperando que eu chegasse a alguma conclusão que eu não sabia qual era.

— E? Você acha que é o quê? — perguntei. — Gripe?

Josh inclinou o corpo para frente e colocou uma das mãos em cada um dos meus joelhos.

— Sawyer, você acha que existe alguma possibilidade de que esteja grávida?

Eu quase ri enquanto balançava a cabeça.

— Não. Não é possível.

— O que você quer dizer com “não é possível”? Nem tente mentir e dizer que você e Finn não estão no rala e rola.

Josh cruzou os braços sobre o peito.

— Se rala e rola significa o que eu acho que significa,

então sim. A gente está. Mas eu não posso engravidar.

— E por que não? — questionou Josh.

— Porque Finn e eu não estamos casados. — Assim que as palavras saíram da minha boca, me dei conta de como minha resposta tinha sido estúpida. Eu estava repetindo uma coisa que tinham me ensinado quando eu era criança. Algo que eu nunca nem tinha pensado em questionar. Mas se tivesse dedicado algum tempo para pensar naquilo, teria chegado à conclusão à qual eu tinha acabado de chegar em cerca de vinte segundos. Aquilo não era só uma mentira. Era completamente ridículo. — Eu sei, eu sei. — Suspirei. — Acabei de perceber como isso soou ridículo.

Josh parecia estar contemplando as próprias palavras enquanto mordia o lado de dentro da própria bochecha. Ela falou lenta e cautelosamente.

— Sawyer, eu não sei o que você aprendeu, mas um homem pode sim engravidar uma mulher sem que eles sejam casados. Se você não acredita em mim, pergunte para minha prima Corinne. Ela tem filhos com homens de todas as cidades daqui até Miami.

Começou a se formar um nó no meu estômago. Coloquei as mãos onde eu tinha soltado o botão de cima do meu short naquela mesma manhã quando me preparava para trabalhar. Eu me lembro de ter achado que ele tinha encolhido por ter configurado errado a secadora.

— Você já assistiu a algum episódio do Teen Mom^[1]?

— Uh. Não.

— Deixe-me fazer outra pergunta. Você e Finn usam alguma coisa quando vão ao que interessa? — perguntou Josh.

Usam alguma coisa? Tipo o quê?

Dei um longo suspiro de frustração. Senti a minha pele formigar. Um aviso de sobrecarga emocional iminente.

— Eu não sei. Existem outras coisas para se usar além das... você sabe. Das partes íntimas?

Josh ajoelhou na minha frente, apertando os lábios para não rir, e bateu de leve na minha perna cada vez que incluía uma nova opção na lista.

— Eu estava falando sobre controle de natalidade. Preservativo? Pílula? Tirar?

— Não que eu saiba — respondi.

Josh deu um suspiro.

— Menina, a culpa é minha. Eu sabia que você e Finn estavam se aproximando. Eu devia ter contado para você a história da sementinha.

— Você usa sementes? — perguntei, arregalando os olhos.
— Como?

— Você só pode estar de brincadeira! — exclamou Josh.

— Ok, agora eu estava brincando — admiti. — Mas eu ainda não sei o que você quer dizer.

Eu estava tentando fingir que estava tudo bem. Tentando fazer piada daquilo tudo, mas a verdade era que eu nunca tinha me sentido tão envergonhada em toda minha vida.

— É só uma expressão. E uma bem idiota, agora que eu

parei para pensar.

Dei um suspiro, odiando ver como eu ainda era ingênua a respeito do mundo. Eu achava que estava me saindo bem para alguém que não tinha crescido dentro das convenções americanas, imersa na cultura pop.

Eu estava errada.

Acima de qualquer outra coisa, eu estava envergonhada.

É claro que se pode engravidar mesmo não sendo casada.

O casamento não era um ritual mágico de fertilidade.

— Ai... — Eu sentei ereta. — *É possível que eu esteja grávida.*

É possível que eu esteja grávida.

— Isso só te ocorreu agora? — indagou Josh, dando um tapa no meu braço com um guardanapo dobrado.

— Parece que sou meio lenta para entender as coisas... — comentei.

Era possível que houvesse um bebê dentro de mim. O NOSSO bebê. Uma vida que dependia de mim. Uma fagulha do que eu poderia apenas descrever como amor incondicional surgiu no fundo do meu âmago e, a cada segundo que passava, ela crescia até eu estar praticamente cantarolando de amor por aquele bebê que eu ainda nem sabia se estava realmente carregando.

— Quando um não quer, dois não brigam, Sawyer. Finn também estava lá.

Sim, ele estava.

Oh, oh. Finn. O que ele pensaria quando eu contasse que,

por causa da minha estupidez, poderia estar esperando um filho dele?

Um tipo estranho de empolgação percorreu meu corpo e eu me vi lutando com um sorriso. Ele tinha dito que queria ter filhos um dia. Comigo. Respirei fundo para me acalmar. E fiz aquilo na hora certa porque a porta dos fundos se abriu e ele entrou, descontraído, pendurando a camisa encharcada de suor na nuca, sobre os ombros.

Assim que me viu, soube que tinha alguma coisa acontecendo. Eu estava provavelmente com a palavra pânico estampada na testa.

— Puta merda. O que foi que aconteceu? — perguntou Finn. — O que tem de errado, Say?

Ele atravessou o bar e agachou onde Josh estava até então. Ela tinha se levantado para dar espaço a ele e estava em pé, apoiada no balcão.

Cobri o rosto com as mãos, mas ele as afastou com gentileza e ergueu meu rosto para que nossos olhos se encontrassem. Balancei a cabeça. Envergonhada de que mesmo que eu pudesse encontrar as palavras, ainda assim não seria capaz de confiar nelas de maneira apropriada.

— Eu não consigo. Eu simplesmente não consigo.

— O que foi que aconteceu? — Finn repetiu a pergunta, só que dessa vez para a Josh e em um tom muito mais áspero.

Josh não fez piada, nem sorriu. Continuou séria, apesar de calma. Sua voz foi suavizada para um tom que eu nunca a tinha

visto usar. Dava para ver que ela estava se esforçando muito para não me fazer sentir ainda pior do que eu já estava.

— Sawyer não tem se sentido bem.

— Ainda? — questionou Finn. — Gastroenterite? Resfriado? Vou até o armazém. O que você acha que eu compro pra você? Melhor ainda, podemos levá-la ao médico aqui descendo a rua. Ele atende sem hora marcada. Vamos lá. — Levantou e me puxou com ele, vendo em mim sinais óbvios de alguma doença.

Olhei para Josh, esperando alguma ajuda. Implorando com os olhos para que ela não fizesse de mim a pessoa que teria que contar a ele. Eu estava sendo covarde, mas tinha sido muito forte nas outras áreas. Eu podia falhar na bravura com aquela pequena coisinha.

— Espere — disse ela, puxando a camisa de Finn. — Sente aí.

Finn se sentou, relutante, e eu fiz o mesmo.

— Alguém vai me dizer o que está acontecendo?

— Sawyer não lembra direito quando foi a última vez que o “Chico” deu as caras, mas ela não acha que foi esse mês — contou. — Nem depois de ter vindo para Outskirts.

Estremeci.

Finn ficou parado que nem uma estátua.

Eu me encolhi e fiquei esperando que ele tirasse as mãos das minhas, mas ele não tirou.

— Por que você não falou nada? — perguntou, com gentileza, apertando as minhas mãos.

Senti o meu rosto ficando vermelho.

— Eu não sabia. Não achava que era possível. Eu me sinto tão estúpida.

— Por quê? — Finn passou a mão no meu cabelo. Quando ia abaixar a minha cabeça outra vez, ele me impediu. — Olhe para mim, Say. — Finn estava sorrindo, rindo da minha vontade de esconder o rosto dele. — Por que você se sente estúpida? Vamos lá. Olhe para mim.

Ergui o olhar lentamente. Nossos olhos se encontraram.

— Achei que eu só não estava me sentindo bem... — Apertei os lábios e parei. — E eu não achava que essa era uma possibilidade porque... eu achava... — Coloquei as últimas palavras para fora como fogo contínuo. A sentença mais rápida que eu tinha dito na minha vida. — Eu achava que a mulher tinha que estar casada para engravidar. — Até eu tive que rir dessa vez. — Está vendo? Eu sou estúpida. E por isso estou me sentindo muito, muito envergonhada nesse momento.

— Ei! — disse Finn, em tom um tanto bravo. — Você não é estúpida e eu nunca mais quero que fale isso de si mesma. — As narinas de Finn dilataram. Ele me puxou da cadeira para seu colo. — Josh, você faria um favor para a gente? Você iria até o armazém e...

— Já estou indo! — gritou Josh da porta da frente, já com a bolsa pendurada no ombro. — Daqui a pouco eu estou de volta — avisou, e saiu.

— Eu não sei muito bem o que dizer — confessei. — Mas

isso explicaria porquê esse short não está mais cabendo em mim.

Olhei para o meu botão solto.

Finn sorriu.

— A gente compra um novo para você.

O sorriso de Finn se desfez conforme ele foi deslizando a mão na minha coxa. Subiu até a altura do meu estômago, levantou o tecido da minha camiseta e colocou a mão sobre a minha barriga.

— Tomara que você esteja aí — sussurrou.

Meu coração palpitou no peito como se tivesse criado asas e estivesse tentando escapar. Foi então que percebi. Eu também queria que tivesse alguém ali. Uma pessoinha que Finn e eu tivéssemos criado juntos.

— Mas desculpe por ter sido tão ingênua. Eu tinha que saber mais sobre essas coisas.

E Finn murmurou:

— Não. Você não precisa se desculpar. A culpa foi toda minha porque EU sei sobre essas coisas. Sei como isso tudo funciona. Eu poderia ter usado preservativo. Poderia ter falado com você sobre pílulas. Mas não fiz nada disso.

— Por quê? Você esqueceu? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu não esqueci, Say. Desde o dia em que perdi minha virgindade aos dezesseis, eu nunca esqueci. Nem uma vez sequer.

— Não estou entendendo.

— Existe uma ligação entre nós, Say. Imaginar que você

está esperando um filho meu é... tudo. Se eu soubesse que você não estava ciente do que poderia acontecer, teria falado a respeito. A culpa é minha. Mas, ainda assim, não me arrependo. Nem um pouco.

— Então, o que você está dizendo é que tudo isso é culpa sua? — perguntei, olhando para aquele rosto lindo antes de estender a mão para envolvê-lo e sentir a barba curta arranhando a minha palma.

Finn deu uma risada e me abraçou com força.

— Não. Isso não é culpa de ninguém. E eu não quero que nenhum de nós pense dessa maneira. Se vamos ter um bebê, isso é uma coisa para celebrarmos. É o destino. Isso somos nós.

Soltei o ar e relaxei nos seus braços enquanto ele beijava minha testa.

— Eu amo você — declarei.

Finn murmurou com o rosto nos meus cabelos e suas palavras atingiram diretamente o meu âmago:

— Ferozmente. Possessivamente. Insanamente. Sempre.

Josh voltou em tempo recorde com uma sacola cheia de marcas diferentes de teste de gravidez, mas logo recebeu um chamado a respeito de um veículo atolado e teve que sair.

Finn ficou no bar e eu fui até o banheiro. Segui cuidadosamente as instruções na parte de trás de cada uma das caixas.

Quando saí do banheiro, Finn programou o *timer* do fogão para três minutos. Ele me puxou para perto dele e ficou sussurrando

palavras de conforto com os lábios colados na minha testa enquanto esperávamos.

Quando o *timer* tocou, ele olhou para mim.

— Quer que eu veja?

Acenei positivamente com a cabeça. Ele ficou no banheiro por mais tempo do que precisaria para olhar e contar as linhas.

— E? — gritei.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Finn apareceu com um sorriso enorme naquele rosto lindo. E com lágrimas nos olhos azuis. Ele veio até mim com passos firmes e me levantou no ar.

— Amor? — disse, beijando minhas pálpebras e minhas bochechas.

— E aí? — perguntei, sem conseguir respirar direito.

O sorriso dele ficou ainda maior quando olhou no fundo dos meus olhos e sussurrou:

— Vamos ter um bebê.

— Sério?

A felicidade aqueceu meu corpo de dentro para fora. Meu corpo inteiro estava formigando.

Finn e eu criamos uma vida.

Juntos.

[1] Reality show americano que acompanha a vida de quatro adolescentes nos primeiros anos de maternidade.

CAPÍTULO 19



SAWYER

Tem alguma coisa na maternidade iminente que provoca uma mudança dentro de você. Uma mudança voltada para o futuro. E ela também realça o seu lado mais protetor. O tempo todo em que eu estava acordada, ficava pensando em como proteger melhor meu bebê.

Fui ao médico com Finn logo depois de fazer todos os testes. O médico confirmou que eu estava com mais de dois meses e meio de gravidez, o que significava que eu provavelmente tinha engravidado logo depois que Finn e eu ficamos juntos. Se eu tivesse demorado um pouco mais para descobrir, minha barriga é que ia ter me alertado. Foi como se, no instante em que descobrimos que eu estava grávida, ela tivesse ficado saliente, como se o bebê tivesse descoberto que sabíamos e não era mais um problema mostrar para as pessoas.

Isso me fez lembrar outra coisa que a maternidade

iminente muda.

Ela pega o seu nível de paciência atual e rasga em pedacinhos

Eu estava no meu limite. Como jamais havia estado.

Fiquei na biblioteca tentando escrever para acalmar minha mente, mas só me vinham duas palavras: Proteger. Defender.

Eu não era uma poetiza de verdade, de maneira alguma, mas até mesmo eu sabia que duas ou três palavras não eram suficientes para formar alguma coisa que fizesse sentido.

Frustrada com a escrita, desisti.

Decidi ler o poema *The Caged Bird*, de Maya Angelou.

Todas as vezes que eu o tinha lido ao longo daqueles meses em Outskirts, tinha me sentido triste, brava ou poderosa, dependendo do meu humor.

Eu o li de novo e de novo.

Nada.

Dei um suspiro e fechei o livro. Peguei um pano e comecei a limpar a camada de pó da capa esfarrapada. Já que eu não conseguia me concentrar em mais nada, podia aproveitar o tempo para fazer algum tipo de trabalho.

Maddy estava de guarda do lado de fora. Já que minha mãe não precisava mais de cuidados em tempo integral, ela tinha se oferecido para ficar conosco, ajudando a nos proteger até que o assunto com Richard tivesse sido resolvido.

Se é que algum dia aquilo ia ser resolvido.

Eu realmente queria que aquilo fosse resolvido.

Os sinos acima da porta da biblioteca tocaram, me tirando dos meus pensamentos. Maddy colocou a cabeça para dentro.

— Josh ligou, disse que esse aqui estava a caminho.

— Obrigada — respondi, sentindo-me grata por ela ter decidido continuar conosco, apesar de achar estranho ela continuar usando aquele uniforme cor-de-rosa com uma cara sorridente.

Entrou, então, um jovem atarracado que eu nunca vira antes. Ele tinha uns trinta e poucos anos e não chegava a ter um metro e setenta. O brilho das luzes no alto reluzia na sua cabeça completamente desprovida de cabelo. Suas bochechas sem barba alguma eram tão redondas quanto o resto dele, dando-lhe um ar ainda mais jovem. As mangas da sua camisa branca mantida para fora da calça estavam enroladas até os cotovelos. O colarinho estava manchado de suor.

Ele olhou em volta do salão, das paredes aos livros, com curiosidade e deslumbramento no olhar. Ele era encantador de um jeito que nunca achei que um homem adulto poderia ser.

Esbocei um sorriso para esconder a preocupação.

— Olá. Na verdade, ainda não estamos funcionando. Mas... sinta-se à vontade para dar uma olhada. Posso ajudar com alguma coisa? — perguntei.

O homem olhou para mim e sorriu instantaneamente, exibindo dois dentes frontais brancos e brilhantes que eram levemente mais compridos que os demais. Sua voz era suave e aguda, quase feminina.

— Ora, ora! Olá, docinho de coco. Ai. Meu. Deus. Amei seu

cabelo. Tão feroz. Eu quero arrancar para poder fazer com ele uma peruca para mim. — Ele viu a confusão que eu podia sentir que estava estampada na minha testa. — E sim, isso foi um elogio.

— Obrigada? — agradei para aquele homem único, porém, maravilhosamente estranho.

— Eu sou o Wilfredo — apresentou-se, levando a mão ao peito e curvando o corpo na altura na cintura. — Meus amigos me chamam de... Wilfredo.

Não pude evitar a risada. Sua personalidade era imensa e ocupava a maior parte do espaço da minha pequena biblioteca.

— Eu sou...

— Sawyer, eu sei. Joshzinha me falou. Ela contou que você reabriu a biblioteca, aí eu tive que vir até aqui e ver com os meus próprios olhos.

Ele olhou em volta, prateleira por prateleira, deslizando as mãos sobre as lombadas dos livros que costumavam ficar empoeirados e que, graças a Finn e a mim, estavam agora quase todos limpos, restaurados e em condições de serem emprestados outra vez.

— Bravo, minha querida. Ótimo trabalho. Isso aqui está longe de parecer o lugar condenado que costumava ser.

— Você é daqui?

Coloquei o livro de poesia na mesa.

Wilfredo balançou a cabeça.

— Nasci e cresci na lama, mas me mudei para Califórnia alguns anos atrás depois que conheci o homem dos meus sonhos

pela internet.

Ele piscou rapidamente e olhou com melancolia para as luzes fluorescentes acima dele.

— Parece romântico — comentei, terminando de limpar o livro e colocando-o no lugar habitual na prateleira.

— É... — Ele suspirou dramaticamente. — E foi. Até eu chegar lá e meu sócio do Justin Bieber parecer muito menos o Biebs e muito mais... o Lyle Lovett.

Ele franziu o nariz para que eu entendesse aquilo como algo ruim.

— É uma pena.

— Na verdade, não. Posso não ter encontrado o homem dos meus sonhos, mas me apaixonei pela Califórnia. Estou lá desde então. E você? Josh falou que não faz muito tempo que está por aqui. O que está achando da nossa cidadezinha retrógrada no meio do nada dos Estados Unidos?

— Na verdade, eu amo esse lugar — respondi, mas não encontrei em lugar algum os sentimentos que costumavam acompanhar aquela fala. — Eu me sinto em casa.

— É, eu entendo. Eu quero odiar esse lugar, realmente quero. Mas é sem dúvida uma ótima cidade. — Wilfredo puxou uma cadeira e sentou enquanto se abanava com um panfleto amarelo. Ele deu uma risada. — Quer dizer, se a população homo aumentasse para mais de... digamos... um, e com um eu realmente quero dizer O ÚNICO, que no caso sou eu, então eu voltaria para cá em um piscar de olhos. Moraria com meu lindo e musculoso garoto

do pântano de macacão. E ficaria assistindo ele limpar a lama das coisas ou pegar coisas pesadas, ou seja lá o que for que façam por aqui que possa parecer sexy e que eu possa imaginar se pensar com afinco. — Ele sorriu. — Estaria vivendo a minha própria fantasia gay caipira. Ah, isso sim seria vida.

Eu ri e me sentei de frente para ele.

— Eu acho que gosto de você, Wilfredo.

— Gosto de você também, Sawyer. E aí, qual é a sua história? Como veio parar em Outskirts?

— É uma história muito longa — respondi, com um suspiro.

— Então, conte a versão curta da sua longa história. Eu tenho tempo. Minha irmã ainda está no Dr. Maloy, ali descendo a rua, para fazer o último check-up antes do parto. É por isso que estou de volta à cidade. Para estragar a minha nova sobrinha e o meu novo sobrinho. Os mais novos membros da ninhada de filhotes que não para de crescer da minha irmã.

— Parabéns.

— Obrigado. Agora, voltemos para a sua história. Versão curta. Vai.

Ele estalou os dedos e fechou os olhos.

— Bom...

Pensei por um instante em como deixar a minha história mais curta e não arrastar meu novo amigo para o clima pesado da minha vida. Gostei de ter alguém novo perguntando sobre meu relacionamento com Finn, isso me fez lembrar de que ainda éramos novos um para o outro. Era como ter um segredo, e cabia apenas a

mim decidir o quanto de nós eu ia querer dividir.

— Eu precisava de uma mudança e, quando descobri que a minha mãe tinha terras aqui, decidi vir para dar uma olhada. Peguei o trailer e a caminhonete velha dela e estou aqui desde então.

— Eu tenho a sensação de que sua versão curta é como resumo do resumo da sua história.

Wilfredo enxugou o suor que formava gotas em sua testa com um lenço que estava em seu bolso.

Inclinei o corpo para frente e sussurrei:

— Eu diria que está certo.

— Conseguiu um homem para você, Ruiva? — perguntou Wilfredo. — Sei que não se colhe muita coisa por aqui, mas... — Ele parou quando viu minha mão repousar sobre minha barriga de grávida que começava a crescer. Ele puxou o ar. — Desembucha, garota. Quem é ele?

— Se você é daqui, então provavelmente o conhece — respondi, mordendo o lábio. — Finn Hollis?

O queixo do Wilfredo caiu e seus olhos ficaram arregalados. Ele gritou tão alto que tive que cobrir os ouvidos. Então, apressadamente, fez um sinal da cruz de trás para frente.

— Jesus Santíssimo, você traçou o senhor do pântano?

— Uh, ele é... Bom, a gente...

— Ele te engravidou. Ai meu Deus! Eu MATARIA para poder ter aquele homem me engravidando. — Ele estendeu a mão com a palma virada para mim. — Não, minha ruivinha doce, nem

mais uma palavra sequer. Eu só preciso ficar sentado aqui e deixar toda essa sensualidade ser absorvida por um instante. — Ele fechou os olhos e continuou se abanando com o papel transformado em leque em sua mão até o celular tocar. — É a minha irmã, tenho que ajudá-la a entrar de novo no carro antes que ela caia. — Ele tirou as pernas da mesa e levantou. — Foi legal te conhecer, Sawyer. Espero te ver de novo antes de voltar para a Califórnia.

— Eu ia adorar — respondi, com sinceridade. Wilfredo tinha trazido com ele uma luz irradiante que eu não me importaria de ter por perto com mais frequência.

— Você ainda está trabalhando no Critter? — perguntou ele. — Josh contou que vocês estavam dando uma ajuda para ele.

— Sim, com certeza. Turno do jantar amanhã se quiser dar uma passada.

— Estarei lá!

Wilfredo olhou para o papel que tinha nas mãos como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa e o colocou sobre a mesa.

— Aqui, eu já estava me esquecendo. Estava na sua porta quando cheguei, mas acabei usando para me abanar. Essa cidade está quente que nem o inferno. Acho que tem coisa que nunca muda. Até mais, Sexy Sawyer! Cuide bem desse bebê! Até amanhã. E guarda um lugar para mim debaixo da Sandy Bennett.

Ele acabou de dizer o que eu acho que ele acabou de dizer?

Os sinos em cima da porta tocaram outra vez. Wilfredo

tinha ido embora tão rápido quanto tinha aparecido. Partindo como uma bola de feno multicolorida de diversão.

Eu estava repetindo aquelas palavras na minha cabeça quando fui jogar fora o panfleto que Wilfredo tinha deixado comigo. Eu só percebi o que era quando estava dentro do lixo. E o meu coração quase parou.

Não era só um leque ou um panfleto. Era o panfleto. Da Luz Divina.

Um arrepio de medo atravessou meu corpo como uma onda. Uma alfinetada aguda de medo fисgou minha espinha, aquela que eu sempre sentia quando meu pai estava por perto.

Cobri a boca em um grito silencioso enquanto meu sangue corria frio. Minha cabeça começou a girar. Não foi o panfleto em si que me fez segurar na mesa em busca de apoio. Foi o recado escrito a mão com tinta vermelha grossa e brilhante por cima do texto impresso.

Tal mãe tal filha.

- Ezequiel 16:44

CAPÍTULO 20



SAWYER

Depois de receber o que eu sabia que era uma ameaça do Richard, era de se imaginar que estaria em pânico. Com medo.

Eu não sentia nem um, nem outro.

Na verdade, uma sensação misteriosa de calma tomou conta de mim quando fui até o Bar do Critter e examinei os milhares de porta-retratos que cobriam as paredes. Quando vi que não encontrava o que estava procurando, arrastei uma escada do depósito e comecei a ler cada tinido pendurado no teto. Levei uma hora para achar o que eu estava procurando. Dois tinidos com barbantes um pouco mais curtos do que todos os outros, pendurados diretamente acima da mesa de canto dos fundos, próximo à janela.

Eu tive um encontro com Sandy essa noite. Acho que é ela a minha outra metade.

-Bennett

Esse poderia ser considerado o pior encontro da história.

-Sandy

Sem saber exatamente o que estava procurando, fiquei nas pontas dos pés e tateei em volta das vigas. Sem a menor dúvida, ali em cima, entre os dois tinidos, havia um celular. Eu o liguei e quase caí da escada com o que apareceu na tela.

— O que você está fazendo aí em cima? — perguntou Finn, quando entrou pela porta. Ele me agarrou pelas pernas e me tirou da escada, colocando-me em pé no chão com gentileza. — Você poderia ter se machucado.

Ergui o celular.

— O que é isso? — perguntou.

Sabendo que o que eu tinha acabado de ver poderia mudar tudo que dizia respeito ao Richard, eu o entreguei a Finn com cuidado, como se aquilo fosse uma pedra preciosa — apesar de para mim ser muito mais valioso.

— Acho que acabei de encontrar Sandy Bennett.

No reino animal, quando a mãe sente que seu filhote está em perigo, ela faz o que for preciso para mantê-lo fora de risco. Mesmo que pareça ridículo ou ilógico para quem vê de fora. Mesmo que signifique sacrificar a própria vida.

Uma girafa tenta afastar um grupo faminto de leões chutando e atacando.

Uma elefanta, geralmente dócil, parte repentina e

agressivamente para cima de uma pessoa se ela se aproximar demais do seu bebê enquanto ele bebe água de um rio.

Um jacaré fêmea carrega os filhotes na boca por até um ano para mantê-los em segurança e para garantir a todo custo que sobrevivam até a idade adulta.

Uma urso parda cria seus filhotes perto de alguma população de humanos, seus maiores inimigos, para afastar ursos machos adultos, que são famosos por matarem filhotes que não são deles.

Mães humanas são bem parecidas. Somos animais, afinal de contas. Nossa natureza grita para que nós os protejamos a todo custo.

Pode chamar de hormônios.

Pode chamar de instinto.

É a natureza — escrita no nosso DNA. Ela vem à tona assim que nos tornamos mães. Fazemos coisas impossíveis, às vezes malucas, para mantermos nossos filhos em segurança.

Mas o que as pessoas de fora não entendem é que às vezes esse tipo de proteção vem com um monte de maluquice.

Porque se é necessário algum tipo de maluquice para proteger o meu filho.

Então que seja.

A ameaça escrita naquele panfleto foi meu limite e despertou dentro de mim meu instinto básico de proteção.

Eu não podia mais ficar sentada sem fazer nada, esperando que alguma coisa acontecesse. Não podia ficar ali como

uma girafa em um campo aberto com aqueles que amo esperando os leões famintos nos cercarem e pularem em cima de nós.

Não, eu não podia. Não podia mais.

E era por isso que essa girafa estava indo direto para a toca do leão.

CAPÍTULO 21



FINN

Eu ia ser pai. Estava extremamente apaixonado por uma criança que ainda nem tinha conhecido porque ela era minha. Não conseguia nem imaginar abandonar aquela criança. Ou Sawyer.

Família era tudo que importava no mundo.

Família também era o motivo pelo qual eu estava ali parado no parque de eventos do condado de Brillhart, debaixo da elaborada tenda da igreja. Era ideia de Sawyer. Ideia que eu era contra. Que ainda era contra.

Não por ser uma ideia ruim, mas porque ia contra a minha maior necessidade e desejo de colocá-la no meu ombro e carregá-la de volta para a nossa caverna, onde eu sabia que podia mantê-la em segurança.

Lá estava eu, parado ao lado da entrada aberta de uma tenda, olhando diretamente para o homem que todos nós tínhamos passado tempo demais temendo. Odiando. Eu não podia dizer que

estava nervoso. Era mais como se estivesse nervoso por ele. Ele estava a pouquíssimos metros de mim. Tudo que eu precisava era fechar a entrada da tenda e então estenderia os braços por cima da mesa e colocaria as minhas mãos em volta do...

— Posso ajudar? — perguntou Richard, quando percebeu minha presença. Ele perguntou da mesa onde estava e, para minha surpresa, ele parecia... normal na melhor das hipóteses. Cabelo castanho. Olhos castanhos. Óculos característicos dos anos 80. Armação preta e simples de tamanho médio. Ele também era mais baixo do que eu tinha imaginado. Muito mais baixo do que o personagem enorme que o precedia. Eu o imaginava enorme. Musculoso. Ameaçador. Aquele cara não chegava a ter nem um metro e oitenta. Não era largo. Eu poderia dizer até que ele era magricela e fora de forma.

Mas aquele não era um homem normal.

Aquele homem tinha batido em Sawyer.

Ele a tinha machucado. Ele a tinha ameaçado.

Meu sangue começou a ferver. Alonguei os dedos tentando não fechar os punhos e atingir a cara daquele homem.

Aquilo não era parte do plano.

Infelizmente.

— Sim, acho que o senhor pode... me ajudar — finalmente respondi, com a voz mais amigável que consegui. — Eu queria saber mais sobre a igreja. Vi os panfletos.

— Estamos nos aprontando para o início do culto, mas o que gostaria de saber? — perguntou ele. — Você é de alguma igreja

atualmente?

Balancei a cabeça negativamente e olhei o escritório, que parecia mais corporativo e menos cristão, principalmente por se tratar de uma tenda.

— Não, não sou. A não ser que o senhor considere ser arrastado para a missa de Páscoa e de Natal pelos pais todo ano quando criança a mesma coisa que ser de uma igreja.

— Não considero — disse Richard com rigor, tirando os óculos de leitura e limpando-os na manga da camisa branca. Ele me examinou rapidamente com aqueles pequenos olhos redondos e pude ver em sua cara que estava me dispensando. Ele colocou os óculos outra vez e pegou uma caneta, abaixando a cabeça e voltando para o trabalho. — O culto acontece três vezes por dia. Os horários estão anexados no quadro do lado de fora do meu escritório. Temos alguns panfletos também, caso queira pegar um. Estaremos aqui apenas durante o verão, mas temos nossa igreja principal na Carolina do Norte, caso queira voltar conosco e ver do que se trata.

Aquela era a propaganda dele? A igreja era a vida daquele cara e AQUILO era a propaganda que ele usava? Miller teria feito muito melhor.

— Eu já tenho um panfleto — informei, balançando o pedaço de papel amarelo que eu tinha na mão. — Mas sabe... eu preciso mais do que o culto simplesmente. Tenho me sentido um tanto perdido ultimamente. Estou procurando por alguma orientação na vida real através de Deus.

— Como assim? — perguntou Richard, parecendo aborrecido. Ele ficava olhando para o relógio. Em nenhum momento me convidou para sentar.

— Eu perdi uma pessoa próxima recentemente. Na verdade, não foi recentemente. Foi dois anos atrás. Mas parece que não consigo seguir adiante. Quando ouvi que vocês estavam vindo para a cidade, quis procurá-los. Preciso saber quais são os planos que Deus tem para mim.

Richard balançou a cabeça.

— Todos nós precisamos de Deus, filho. Se quiser, você pode se inscrever para receber orientações do Pastor Maryn. Ele está do outro lado, próximo à tenda, fazendo as inscrições para a tarde. Ele ficará mais do que feliz em ajudar — disse Richard, estendendo a mão na direção da saída e me dispensando. — Espero vê-lo durante o culto.

Merda.

A coisa não estava rolando do jeito que eu esperava. A segurança do meu mundo inteiro estava em jogo. Eu tinha que mantê-lo aqui o máximo possível. Pelo menos por mais alguns minutos.

Hora do Plano B.

Eu estava nervoso, quase desesperado, quando me virei novamente para Richard.

— Sinto muito se tomei seu tempo. É que tenho muito tempo agora que minhas terras e meus bens estão sendo gerenciados por uma nova equipe. Eu não tenho nada além de

tempo para pensar e dinheiro para gastar, mas não tenho mais ninguém com quem fazer isso. Tudo parece barato. Carros, casas, coisas. Eu ia preferir muito mais gastar dinheiro com coisas que importam. Como a minha alma. — Abri a porta. — O Pastor Maryn também cuida das doações? Esqueça, pode deixar que eu mesmo falo com ele. Estou vendo que o senhor está ocupado. Tenha uma boa tarde, senhor.

— Filho, por que você não volta e se senta um pouco? — chamou Richard.

Segurei a risada antes de me virar.

— Desculpe, eu estava tão distraído antes... — desculpou-se, empurrando os papéis para o lado. — Que tal você falar e eu ouvir. Aí veremos então, talvez, se Deus pode nos orientar em relação ao grande plano que Ele tem para você.

Richard apontou para a cadeira na frente da mesa da mesma maneira que tinha apontado para a porta apenas segundos atrás.

Eu me sentei.

— Obrigado. Eu fico realmente grato — agradei, com a maior sinceridade possível, apesar de as palavras “*eu vou matar você, seu filho da puta*” serem as que realmente passavam pela minha cabeça.

— Pode me contar de novo? Por que é que você tem todo esse tempo? — perguntou Richard, apoiando os cotovelos sobre a mesa com os indicadores pressionados juntos em forma de torre.

Era quase fácil demais. Dinheiro. Ele queria falar sobre o

meu dinheiro.

Fiquei jogando um monte de merda em cima dele. Na maior parte do tempo, ele ficou ouvindo e balançando a cabeça. Ocasionalmente, citava alguma coisa da Bíblia que eu sabia que não significava o que ele achava que significava. Não era porque eu não tinha escolhido uma religião que era ignorante a respeito do tema. Depois de um tempo, perguntou sobre minha família.

— Os meus pais se mudaram daqui um tempo atrás. Eu já não os vejo mais com tanta frequência. Na verdade, a gente não se dá muito bem.

Uma das muitas mentiras que contei a ele naquela tarde. Era difícil mentir sobre os meus pais quando acho que nunca houve uma época em que pensei coisas ruins deles. Acho que eles nunca perderam nenhum dos meus jogos de beisebol ou treinos. Eles estavam lá. Física e emocionalmente. Em questão de pai e mãe, eu tinha ganhado na loteria.

Olhei para Richard.

Outros não tinham a mesma sorte.

— Por que você não se dava bem com os seus pais, filho? Depois de Deus, a família é a coisa mais importante.

Papo furado.

— Não consigo dizer em que momento exatamente as coisas começaram a dar errado... — comecei a falar abaixando a cabeça e escondendo-a nas mãos para dar um pouco de efeito dramático à cena. Agradei mentalmente à Sra. Doogan, minha conselheira escolar na época do ensino médio, por ter me

convencido a escolher aquele semestre de teatro como uma das minhas eletivas. Ergui a cabeça. — O senhor tem uma família, Pastor?

Richard assentiu.

— Sou viúvo, mas tenho uma filha.

— Sinto muito por sua esposa — comentei.

Apesar de ela estar VIVA. O que eu tinha esperanças de que ele não soubesse.

— Todos nós temos a nossa parcela justa de problemas, filho. Minha esposa e eu nem sempre falávamos a mesma língua. E a minha filha está passando por uma fase rebelde. Mesmo com a minha orientação, ela se perdeu no caminho.

— Mais uma vez, sinto muito saber disso.

Richard gesticulou para que eu desconsiderasse aquilo.

— Não sinta. Tenho total certeza de que em breve ela encontrará seu caminho de volta até nós. — Ele cruzou uma das pernas sobre o joelho. — De um jeito ou de outro.

O caralho que ela vai.

— E se ela não encontrar? — indaguei.

— Essa não é uma opção — respondeu Richard, com uma voz bastante séria, olhando para as próprias mãos. — Rebeldia nunca é uma opção. — Ele limpou a garganta, ergueu o olhar novamente para mim e sorriu. — Não quando se trata de Deus.

Richard levantou e caminhou para trás de mim. Olhou pela janela da tenda de plástico e, então, abaixou a aba para que a cobertura deixasse o ambiente com uma luz mais suave.

— Eu tenho um culto daqui a alguns instantes. Um dos nossos últimos desse verão. Peço que me desculpe por não poder dar-lhe mais tempo. Mas me diga uma coisa. Os seus problemas reais estão ligados à sua relação com sua família ou estão ligados à sua relação com Deus? Ou... — Ele deu a volta na mesa outra vez e se debruçou sobre ela, apoiando as mãos abertas. As sobrancelhas dele fechavam em um cenho. E havia um sorriso torto e cruel naqueles lábios. — Ou... é uma mulher que está o levando a procurar pelo plano sagrado de Deus?

— Bom... — Eu comecei a falar e estava prestes a derramar um pouco mais de merda a respeito de algum problema inventado quando ele me interrompeu.

A voz dele assumiu um tom completamente diferente. Dessa vez o tom era grave. Implacável.

— Porque eu acho que o problema real pode ser consequência dos seus pecados. Especificamente da sua fornicação... com a minha *filha*.

Eu quase ri.

— Disseram que o senhor sabia de tudo. Estou surpreso de ver que levou tanto tempo para descobrir quem eu era.

Naquele exato momento, ouvi uma microfonia aguda que vinha dos alto-falantes da tenda grande ao lado. Pude ouvir a voz de Sawyer alta e claramente.

Sorri para Richard que estava ali em pé, ereto, e que parecia confuso quando correu na direção da porta. Eu me coloquei na frente dele, bloqueando a passagem.

— E, na verdade, fornicção com sua filha não é um problema de maneira alguma. Considerando que ela não é *sua filha*.

Richard estava furioso quando marchou passando por mim e entrando na tenda grande, mas parou quando viu Sawyer em pé na frente do salão se dirigindo à multidão enorme que tinha se reunido para o culto.

Ela ergueu o celular “Sandy Bennett”.

Ele tinha chegado na hora certa.

CAPÍTULO 22



SAWYER

Existe um certo medo que surge com qualquer tipo de situação em que se tenha que falar em público. Ainda assim, enquanto eu atravessava o corredor debaixo daquela tenda cercada por aquele tipo de gente que tinha feito parte do meu dia a dia por vinte e um anos, não senti medo algum.

Nenhum. Talvez porque era aquilo que tinha feito parte da minha rotina por muito tempo.

As palmas das minhas mãos estavam secas. Minha respiração estava tranquila.

Eu estava me sentindo poderosa. Forte.

E pronta para encarar meus demônios.

Talvez porque o bebê que crescia na minha barriga estava me trazendo um novo sentimento de coragem, um que eu nunca tinha experimentado. Talvez porque eu estivesse prestes a colocar para fora as palavras que tinha desejado dizer por muito tempo e

para muitas pessoas, e por isso minha empolgação estava se sobrepondo ao meu medo.

Critter, Maddy e Miller estavam cuidando das entradas e saídas. Josh estava em pé ao meu lado, vestindo o uniforme da polícia e assumindo completamente o papel de policial brava. O trabalho dela também era garantir que eu não fosse interrompida antes de ter dito tudo que tinha para dizer.

A tenda estava cheia. Todos os lugares disponibilizados tinham um corpo nele.

Quando chegamos ao púlpito, Josh se esticou e pegou o microfone.

— Senhoras e senhores... — vociferou. — Teremos uma breve apresentação sobre segurança pública antes do início do culto de hoje. Pedimos desculpas pela interrupção. Por favor, ouçam cuidadosamente e logo terá acabado. Obrigada.

Josh acenou com a cabeça para mim. Era minha vez.

Olhei para um mar de rostos. Alguns familiares. Alguns não.

— Meu nome é Sawyer Dixon... — comecei a falar, mas parei quando vi meu pai em pé no canto do fundo da tenda, encarando-me como se tivesse visto um fantasma. Achei que não seria capaz de encontrar as palavras para continuar porque meu coração estava batendo tão alto que eu não sabia se conseguiria ouvir minha própria voz.

Quando comecei a falar, Richard atravessou o corredor, empurrando o que encontrava pelo caminho, mas Josh o encontrou

no meio do caminho e balançou a cabeça, impedindo que seguisse adiante.

— Assim como muitos de vocês, eu cresci nessa igreja. Assim como minha mãe também. Todos os dias da minha vida eu vivi com medo. Medo de que meu pai matasse minha mãe. Eu tinha medo de que ele me matasse. Eu tinha medo de que não nos matasse e que tivéssemos que continuar a viver aquela vida de tortura para sempre. Ele repetidamente batia, estuprava e deixava minha mãe passando fome, até que chegou num ponto em que ela não conseguia mais seguir adiante e decidiu se matar.

Respirei fundo para me acalmar.

— E, por um tempo, fiquei muito brava. Eu não sabia por que estava tão brava, até que percebi que não estava brava com ela. Estava com inveja. Com inveja porque ela tinha encontrado uma maneira de fugir e eu ainda estava ali. Tinha passado a ser a pessoa que apanhava ouvindo que estava sendo disciplinada. Eu era ameaçada e ouvia que aquelas eram as palavras de Deus, ou o plano de Deus. Fui privada de amor porque nessa igreja toda mulher, toda menina, é considerada indigna de afeto. Nós somos privadas de carinho. Nós estamos tão abaixo dos homens, que não podemos comer na mesma mesa ou fazer contato visual. Ainda assim, enquanto meu pai sugava nossa força vital a cada segundo que se passava, ele continuava a pregar que a família vinha em primeiro lugar.

— Mentirosa! Você não tem provas! — esbravejou meu pai, sacudindo o punho fechado no ar.

— Fique calminho aí — avisou Josh, colocando a mão no coldre. — Ela está chegando nessa parte.

As pessoas na plateia começaram a sussurrar discretamente umas com as outras, e os meus olhos se depararam com uma moça que estava de pé no fundo.

Bridget.

Sorri para ela, que me olhou como se eu estivesse em uma missão suicida.

Endireitei os ombros e olhei para Finn, depois para Miller, e então para meu verdadeiro pai.

Critter.

Que parecia bravo, porém orgulhoso, dali de onde estava. Na extremidade oposta da tenda em relação a Richard.

Era bom tê-lo como testemunha daquilo. Era bom estar ali dizendo as coisas que durante minha vida inteira eu tinha achado que precisavam ser ditas.

— Uma pessoa me disse recentemente que não importa o que sua religião acredita, não importa se ela parece boba ou estúpida para os outros. O que importa é o que você tira dela. Como ela faz com que se sinta. Nada relacionado a Richard ou a essa igreja fez com que eu me sentisse melhor ou amada ou mais sábia. Ou mais gentil. Fingindo se tratar de amor, Richard ensina o ódio.

— Isso tudo é mentira. Não deem ouvidos a ela. Ela se desviou do caminho. Ela deixou a igreja. Isso é trabalho do diabo. Tudo isso!

Richard gritou, seu rosto ficando vermelho de raiva. E

exatamente como ele sempre tinha feito comigo...

Eu o desprezei.

No meu coração. Na minha mente.

Na minha vida.

Ele não era importante o suficiente para merecer minha atenção. Para me olhar nos olhos.

Então, segui adiante.

— Não vou avisar de novo — alertou Josh, colocando-se bem na frente de Richard.

— Nunca o denunciei, porque não tinha evidências, nada que provasse o que estou contando pra vocês hoje.

Peguei o celular do meu bolso de trás e olhei para Miller no fundo do salão. Ele fez um sinal com a cabeça para que eu seguisse adiante.

— Mas eu fui embora e encontrei um novo lar. Uma nova família. As coisas mudaram. — Pensei na criança que crescia na minha barriga. — Tudo mudou.

As pessoas começaram outra vez a sussurrar discretamente umas com as outras.

Apertei o play no celular.

A luz do projetor que Miller tinha instalado na noite anterior ganhou vida na parede da tenda atrás de mim. O público reagiu com surpresa quando o primeiro vídeo do celular mostrou o marido de Bridget empurrando a cabeça dela contra a mesa da sala de jantar enquanto gritava com ela por ter feito contato visual acidentalmente. O segundo vídeo era de Richard e parecia que tinha sido feito

através da janela do segundo andar da nossa casa. Richard estava montado em cima da minha mãe na cama deles. Era difícil assistir. Eu me sentia impotente na época e assistir àquilo agora me fazia sentir da mesma maneira.

Eu me virei para encarar o público e analisar as reações ao invés de assistir ao vídeo. A maioria das pessoas tinha os olhos colados na tela e se encolhia ao ver aquelas mulheres tendo que enfrentar a força da ira.

Vídeo após vídeo, todos mostravam membros de alto escalão da igreja fazendo o mesmo tipo de coisa. Quando a exibição chegou ao fim, Josh já tinha algemado Richard, e estava conduzindo-o para fora dali. Ele berrava por cima do ombro:

— O diabo venceu essa rodada, mas Deus PREVALECERÁ no final.

— É esse o ponto — afirmei. — Tudo isso foi feito tendo Deus e a disciplina como pretextos. Eu não sei que tipo de deus assistiria a esses vídeos e julgaria que representam de maneira apropriada a sua vontade. E se é esse o tipo de deus no qual vocês escolhem acreditar, então certamente não é um deus que eu quero conhecer.

— Estou orgulhoso de você — revelou Finn, levando-me para longe dali, na direção oposta da plateia, passando pela abertura na tenda atrás do púlpito.

Assim que chegamos do outro lado, alguém se colocou no nosso caminho. Dei um passo para trás, assustada. Finn me protegeu com seu corpo, que ficou tenso quando se preparou para

enfrentar o ataque.

— Sou só eu. Bridget.

Olhei por trás de Finn, que deu um passo para o lado. Eu me aproximei dela como faria com uma criança pequena que poderia facilmente se assustar.

— Obrigada por ter deixado o celular para nós.

Bridget chutou o chão empoeirado.

— Não, eu que agradeço a você por tê-lo usado. Eu o roubei anos atrás. Fiquei fazendo vídeos aqui e ali sem que ninguém soubesse. Nunca soube realmente o que ia fazer com eles ou como ia fazer com que as pessoas os vissem. Sou eu que tenho que agradecer.

— Você precisa de algum lugar para ir, Bridget? — perguntou Finn, usando o mesmo tom suave que o meu.

Ela negou com a cabeça.

— Meu marido também foi levado. Acho que vou ficar bem. Vou voltar para a Carolina do Norte e saquear a casa. Pegar tudo de valor e, seguindo seu exemplo... vou fugir.

Havia uma empolgação. Uma vida em sua voz que antes não estava lá. E Bridget, então, saiu saltitante, deixando meu coração pulando também enquanto a via partir.

— Está vendo o que você fez, amor? — indagou Finn, puxando-me para seu braço. — Ela vai ter a própria vida agora. Uma vida de verdade por sua causa.

Eu estava quase chorando. Não conseguia acreditar naquilo.

— Não. — Neguei com a cabeça. — Não por minha causa.
Por causa dela.

— Tem razão — concordou Finn. — Acho que Bridget era muito mais forte do que a gente achava.

Bridget provara ser mais do que aquilo que eu tinha julgado. Eu nunca mais cometeria aquele mesmo erro. Porque, como tínhamos acabado de testemunhar, Bridget era uma força que merecia ser reconhecida.

E o dia de reconhecimento havia chegado.

CAPÍTULO 23



SAWYER

Por conta da seriedade dos crimes de Richard, ele não teve direito à fiança. Estava esperando o julgamento na prisão do condado de Brillhart. Fomos informados que as evidências eram fortes e que ele ficaria sem ver a luz do sol por um longo tempo.

Se algum dia isso viesse a acontecer.

Eu não sabia se algum dia me acostumaria a não ter que olhar para trás por cima do ombro, apesar de os meus passos parecerem um pouco mais leves e o ânimo entre aqueles com os quais eu mais me importava ter melhorado consideravelmente.

Finn pediu que eu o encontrasse na biblioteca. Claro, enfrentaríamos um furacão naquela mesma noite. Meu primeiro.

Quando eu perguntara ao Miller como tinha que me preparar para o furacão, ele riu e falou:

— Esse é de categoria um. Você só precisa comprar um pouco mais de cerveja.

— O que vocês fazem quando um furacão é de categoria cinco? — perguntei.

Josh respondeu dizendo que a melhor maneira de se preparar para um furacão de categoria cinco era colocar a cabeça entre os joelhos e dar um beijo de adeus na própria bunda.

Eu ia fazer questão de me lembrar daquilo.

Cheguei na biblioteca na hora exata.

— O que é isso tudo? — perguntei, olhando em volta do salão escuro. A única luz vinha de um projetor no alto. Finn estava em pé no fundo da sala, mexendo com botões em várias caixinhas pretas. — Finn?

Ele pegou minha mão e me conduziu até o centro do salão, de onde tinha afastado todas as mesas e colocado um cobertor e travesseiros por todo o chão.

— Pode me chamar de Professor Hollis, e essa noite você é minha aluna. Sendo assim, sente-se, mocinha.

Ele foi até a frente da sala e ficou em pé na frente de uma tela larga pendurada no teto.

— O que está acontecendo? O que é isso? — indaguei, enquanto me acomodava entre os travesseiros macios. — Achei que estávamos aqui por causa do furacão, mas a tempestade só deve chegar mais tarde.

— Você está certa. Estamos aqui porque esse é o ponto mais alto da cidade e o mais distante da água em caso de alagamento. Mas achei que poderíamos vir para cá mais cedo. Eu queria passar um tempo instruindo essa sua mente preciosa e muito

sexy a respeito do nosso mundo estranho. Em nome da nossa busca pelo conhecimento, eu queria ensinar algumas coisas para você antes que a energia acabe.

— Ok — concordei, desconfiada, sentando igual índio.

Finn sorriu e aquela covinha que eu tanto adoro apareceu.

— Seja bem-vinda a uma versão extremamente reduzida do nosso mundo. Sou o Professor Hollis e serei o responsável por moldar a sua mente essa noite — explicou Finn, estendendo os braços dramaticamente.

Dei risada ao ver como ele estava levando aquilo a sério e fiquei comovida com todo o trabalho que tivera.

— Vamos começar?

Finn ergueu os óculos falsos de armação preta de plástico até o dorso do seu nariz. Ele estava usando um jaleco branco comprido. Com um controle remoto na mão, afastou-se para o lado do projetor e apertou um botão, fazendo aparecer na tela uma foto em preto e branco de um macaco.

— Você pode notar que há uma caneta e uma caderneta no chão à sua frente, Senhorita Dixon. Recomendo que faça anotações para se preparar para o teste.

Peguei o caderno e a caneta e acenei para que Finn continuasse.

— Muito bem. Primeira lição. Evolução.

Ele apertou o controle. Na tela estavam escritas exatamente as mesmas palavras que ele estava dizendo.

— As pessoas vieram dos macacos.

Ele apertou o controle outra vez. Era um desenho. O retrato de um homem usando uma peruca branca com a Bandeira Americana de fundo.

— Lição dois. Política Americana.

Ele balançou a cabeça e passou por mais dois slides.

— Tudo que você precisa saber é que a política moderna não está arraigada em nenhum tipo de domínio factual criado pelos seres humanos.

Ele apertou o controle outra vez e apareceu uma foto de um grupo de cerca de vinte adultos sentados em um sofá em um café.

— Agora, vamos falar sobre cultura pop. O que você sabe sobre a série “Friends”?

— Absolutamente nada.

— Ótimo, porque foi de lá que eu tirei o Professor Hollis.

Miller apareceu usando um jaleco igual e óculos de armação de plástico. Ele pegou o controle remoto de Finn e eles trocaram longos e firmes apertos de mão e olhares de seriedade falsa.

— Eu nem ouvi você entrar! — exclamei para Miller, enquanto Finn se juntava a mim no chão.

Ele lustrou as unhas no jaleco.

— Eu fiz de propósito. A maioria das pessoas não escuta mesmo. Eu SOU parente distante do Batman. O que me leva ao nosso próximo assunto.

Ele apertou o botão no controle remoto e a tela mostrou

dezenas de ilustrações de homens e mulheres todos vestidos com fantasias coladas e máscaras. Alguns eu reconheci, outros não.

— Super-heróis e todas as razões pelas quais eles são incrivelmente impressionantes.

Eu ri durante uma hora inteira ouvindo as lições do Miller, que iam de “Por que as músicas do Nickelback não são tão ruins assim” a “Por que Bruce Willis deveria ser indicado para a canonização”.

Eu me recostei em Finn e fiquei rindo enquanto Miller mudava de um assunto para outro. Enquanto ele dava sua aula, Josh, Critter, Wilfredo e até mesmo minha mãe chegaram com coolers e outros suprimentos nas mãos. Quando minha mãe ficou cansada, Critter a levou para a área privativa nos fundos, onde ele tinha preparado uma cama dobrável para que ela descansasse.

— E a última lição que eu planejei para hoje, pessoal, é... — Miller apertou o controle e uma sementinha apareceu na tela. — A história da sementinha. Agora quando um homem e uma mulher amam muito um ao outro, eles... — Ele fez um gesto com as mãos, colocando o indicador para dentro e para fora de um buraco que ele tinha criado com a outra mão. Eu ri quando finalmente entendi o que ele estava sugerindo. Ri tanto que a minha barriga começou a doer. — Eles fazem isso. Então, a sementinha do homem laça aquele ovo da mulher e BUM. É assim que os bebês são feitos. E se você tiver muita, muita sorte e encontrar a pessoa certa... — Miller abriu um sorriso para Josh. — Ela vai até fazer um sanduíche para você depois.

— Buuuuuuu!

— Já para a diretoria vocês dois! — gritou Miller.

Critter, que estava sentado a uma mesa perto dali, virava os olhos, mas estava rindo.

— Você faltou à aula nesse dia, filho?

Miller deu de ombros.

— Na verdade, eu recebi um prêmio de frequência no ensino médio.

— Aquilo não era um prêmio de frequência. — Finn deu risada. — Era um aviso para seus pais dizendo que se você continuasse a faltar às aulas, ia acabar sendo expulso porque já tinha perdido mais do que qualquer outro aluno.

— E? Que parte disso não é um gritante prêmio de frequência? — Miller pegou uma cerveja e Josh revirou os olhos. — Espere só até seus seios ficarem gordos e sua barriga ficar toda redonda com um bebê meu — murmurou ele, puxando-a para um beijo.

— Para minha sorte, eu só ia colocar minhas vísceras para fora e me sentir uma merda por nove meses — comentou Josh, empurrando-o para longe.

— Aposto que você ia ficar sexy vomitando até não aguentar mais. — Miller ergue as sobrancelhas.

— Você é nojento — repreendeu ela, mas não o empurrou dessa vez quando ele se aproximou e a beijou na ponta do nariz.

— Por falar em enjoo... — comentei, com a mão no estômago quando o cheiro de uma bala qualquer que Josh tinha

acabado de abrir estava prestes a me fazer colocar o almoço para fora. Eu tinha lido que enjoos ocasionais eram comuns, mas aquilo era muito mais do que ocasional.

— Você está bem? — perguntou Finn, com uma preocupação crescente estampada em seu rosto. — Esse pequenininho aí está fazendo você passar por maus bocados?

— Eu estou bem. Esse menininho ou menininha provavelmente tem pernas compridas como o pai.

— Eu gostaria de poder engravidar alguém — comentou Wilfredo, com um suspiro, mergulhando em um dos coolers e fazendo sua cabeça desaparecer.

— Mas você pode engravidar alguém. Você é um cara. Presumidamente um cara com um pinto — argumentou Miller.

— É, mas, a não ser que sexo gay repentinamente comece a exigir o uso de pílulas, isso nunca vai acontecer. Pelo menos não no sentido bíblico. Porque apesar dessas criaturas serem fenomenais e ferozes, o máximo que eu posso fazer é querer ser uma delas. — Ele apontou para nós, girando o indicador em um pequeno círculo e fazendo careta.

Miller olhou para Josh e balançou a cabeça lentamente.

— Somos dois, amigo. — Ele balançou a cabeça. — Eu e você.

— Obrigada por isso tudo — agradei, dando um beijo na boca de Finn.

— Obrigado — disse Finn, e meu coração começou a palpitar.

— Por quê? Eu não fiz nada. — Dei risada.

Finn colocou a mão na minha barriga.

— Você está fazendo tudo.

— Como assim você só trouxe três packs de cerveja. É um furacão! Acho que nunca vou conseguir perdoar você! — gritou Miller para Wilfredo, que permaneceu calmo e tirou da sua mochila uma garrafa de vodca.

— Que tal uma dose? — disse Wilfredo, sacudindo a garrafa.

Miller a arrancou das mãos dele.

— Perdoado.

— Não esqueça que estou te devendo um pé na bunda por engravidar minha filha — disse Critter, semicerrando os olhos para Finn.

— Ah, não vou me esquecer — respondeu Finn. — Eu não poderia esperar menos que isso.

Critter balançou a cabeça.

— Ótimo. Então estamos falando a mesma língua.

Às vezes eu não sabia se eles estavam brincando ou não. Mas eu achava que era melhor ficar de fora e deixar que fizessem o que achavam que precisavam fazer para provar quem era mais homem.

— Vou dar uma olhada na mamãe — anunciei.

Finn me ajudou a levantar e eu passei cuidadosamente por cima dos travesseiros, colocando o pé no chão e passando por entre meus amigos e familiares até a área privada nos fundos.

Miller estava virando a garrafa de vodca direto na boca e o líquido transparente escorria pelo seu queixo até a camiseta preta.

— Acho que pode ser que eu queira tentar a sorte com o furacão — murmurou Josh, quando passei por ela.

Quando cheguei à área privativa, abri lentamente a porta que dava para o local onde funcionava nosso depósito e entrei, fechando-a em seguida para que a voz alta do Miller não acordasse minha mãe caso ela estivesse dormindo. Caminhei nas pontas dos pés até a cama dobrável e a encontrei vazia.

Olhei rapidamente o resto da sala e não a encontrei. Alguma coisa estava estranha, como se tivesse ocorrido alguma mudança no ar que eu não conseguia explicar. Parecia mais denso. Mais pesado.

— Mãe?

Dei uma olhada no canto escuro onde eu estava guardando alguns livros que precisavam ser enviados para restauração. E vi uma movimentação.

— Você está aí. — Soltei o ar dos pulmões aliviada. — Você me assustou. O que está fazendo aí nos fundos? Todos os livros mais novos estão nas prateleiras no salão principal. Tem alguma coisa em especial que está procurando?

Ajoelhei para amarrar o caderço que eu tinha acabado de notar que estava desamarrado quando ouvi passos.

Passos pesados.

Aqueles *não* eram os passos da minha mãe.

— Sim. VOCÊ — respondeu uma voz masculina grave e

rouca.

Congelei por um instante e me dei conta, então, de que para escapar daquela vez eu ia ter que agir rápido. Dei um pulo na direção da porta, mas não fui rápida o bastante. Aquela mão grande surgiu em volta do meu peito e outra cobriu o meu nariz e a minha boca para abafar meu grito antes mesmo que ele tivesse chance de sair.

— Shhhh, eu estou com a vadia da sua mãe, e vai depender de você se ela continua viva ou não.

Richard sussurrou de maneira repreensiva no meu ouvido. Ele tinha exatamente o mesmo cheiro que eu me lembrava. Cheiro de uísque e arrogância.

— Tranquei todas as portas desse prédio pelo lado de fora. Se você tentar chamar a atenção para si, se der um gritinho mínimo que seja, eu coloco fogo nesse lugar todo com cada um daqueles pagãos presos do lado de dentro.

Ele me mostrou um isqueiro de metal e o abriu com o dedo, acendendo uma chama alta o bastante para que eu pudesse ver que ele estava falando sério e que levaria adiante a sua ameaça.

Eu me senti impotente. Em pânico.

Meu coração estava acelerado e tudo que eu conseguia pensar era em proteger Finn e meu bebê.

Não tinha nada que eu pudesse fazer a não ser obedecer. E quando ele me arrastou para fora, para debaixo do céu escuro daquela noite, achei que ele tinha tropeçado em alguma coisa, mas eu estava enganada. Ele tinha derrubado alguma coisa com um

chute. E aquela coisa era um galão de gasolina.

Com um movimento do punho, ele atirou o isqueiro e a pequena chama para dentro do galão, fazendo-o explodir imediatamente em uma bola de fogo que era tudo menos pequena.

Tentei ir até eles. Mover as minhas pernas, mas elas não cooperavam. Minha respiração estava fora de controle e eu inalava cada vez mais o que quer que fosse que ele tinha pressionado na palma da mão enquanto cobria meu nariz e minha boca.

Eu me senti enjoada. O som da risada cruel de Richard me cercava enquanto me arrastava cada vez mais para longe da biblioteca. A tempestade ainda não tinha trazido a chuva, mas o vento espalhava as chamas rapidamente e, no momento em que minha visão começou a ficar turva, eu vi a última coisa que queria ver na vida.

O telhado da biblioteca afundou... e desabou.

CAPÍTULO 24



FINN

Tudo aconteceu muito rápido. Ouvimos um som que parecia uma explosão, então o teto do depósito começou a desabar.

Sawyer.

Corri para o depósito com Critter enquanto o Miller tentava abrir a porta da frente, que estava trancada pelo lado de fora. Juntos, Josh e Miller conseguiram forçá-la o suficiente para que todos pudessem sair. A chuva forte tinha apagado o fogo.

Critter e eu, com as palmas das mãos queimando, tínhamos empurrado para o lado o telhado que tinha caído, e procuramos em pânico por Sawyer e Caroline.

Foi só depois de empurrar a última viga caída que nos demos conta... elas não estavam lá. Dei um suspiro de alívio, mas logo senti uma forte pontada de medo atravessar meu peito como um raio.

Olhei para Critter, que chutava alguns destroços com um

rugido de fúria.

— Não! De novo não, não! — berrava, puxando o cabelo.

Fechei os punhos e tentei respirar pelo nariz para acalmar meu coração, que batia acelerado.

Parecia que Critter e eu estávamos falando a mesma língua, e naquele momento ela tinha uma única palavra.

Richard.

CAPÍTULO 25



SAWYER

Tudo que eu ouvia eram grilos. O vento jogava folhas molhadas e lama no meu rosto. A chuva que caía era leve, mas o vento soprava com tanta força que cada gota que atingia a minha pele parecia uma ferroada. Eu sentia cheiro de enxofre e de coisa podre.

Tentei abrir os olhos, mas eles não colaboravam. Eu estava sentada em alguns centímetros de água. Meu short estava completamente encharcado.

Finn.

Minha família. Meus amigos.

A biblioteca. O telhado desabando.

Aquilo tudo me fez recuperar a sobriedade e me puxou para fora da névoa em que eu estava. Despertei. Meus olhos se abriram de repente e eu me vi no pântano, presa a uma árvore e com os pulsos amarrados para trás.

Eu estava aterrorizada, acreditando que tinha perdido todas as pessoas que, para mim, eram as mais importantes desse mundo. A única coisa que me ajudava a não tremer descontrolada de medo — a única coisa que me fazia continuar a respirar — era a vida que crescia dentro de mim.

Eu estava me sentindo enjoada. Tudo doía. Meu corpo pesava sobre meus ossos como se eu estivesse carregando carne e músculos que não era meus. Como se a gravidade estivesse fazendo hora extra para me puxar para o centro da terra.

Era difícil levantar os braços. Meus olhos não queriam abrir completamente e eu era forçada a olhar para a escuridão desse mundo através de pequenas fendas. Efeitos daquilo que Richard tinha usado para me sedar muito provavelmente.

Tudo doía. Meu corpo, meu coração, meu espírito.

Foi então que ouvi uma voz e, em um primeiro momento, achei que estava imaginando coisas, mas aquela voz não era apenas nítida, mas calma também.

E pertencia a minha mãe.

— Quando você estava crescendo, eu via muito de mim refletido nos seus olhos. Aquilo me assustava. Uma parte de mim queria que você fosse complacente. Obediente. Uma pessoa que ficasse em pé na fila e que esperasse a sua vez. Que fizesse o que dissessem para fazer e fosse feliz desse jeito. Mas ocasionalmente eu via fogo nos seus olhos. Eu reconhecia a rebelde em você. Sabia que tinha perguntas maiores do que as respostas que a igreja podia dar. Os seus olhos mostram quem você é, Sawyer. Sempre

mostraram. Eles me disseram que você não tinha nascido para aquela vida, assim como eu. Eu tive medo por você, mas uma parte maior de mim sentia orgulho, alívio. Eu sabia que você não podia ficar lá. Aquele fogo em você contra a postura controladora e abusiva do Richard... não tinha como acabar bem.

Ela apertou os lábios e ergueu o olhar para o céu.

— Sempre foi uma surpresa para mim você não ter fugido antes. E uma decepção, de certa maneira.

— Eu não podia deixar você — argumentei. — Eu jamais conseguiria.

Ela balançou a cabeça.

— O que torna tudo ainda pior. Você deveria sim ter me deixado.

— Não. Além do mais, você disse que, se eu fizesse isso, Richard ia ameaçar matá-la.

Minha mãe assentiu.

— Ele teria me ameaçado sim. Mas nada disso importava. Você era tudo que importava. Você é tudo que importa agora.

Abaixei o olhar para a minha barriga.

— Não. Eu não sou tudo que importa agora.

Senti um aperto no peito quando vi o olhar de dor no rosto da minha mãe. Decidi me manter forte por ela. Vencer aquela agitação dentro de mim e ficar ali pelo meu bebê e pela minha mãe.

— Eu decepcionei você — disse ela. E o vento empurrou aquelas palavras que voaram na minha direção, atingindo diretamente meu estômago.

— Não! Você foi colocada em uma situação que ninguém imagina ter que enfrentar. Nem consigo imaginar ter que fazer as escolhas com as quais você se deparou. Eu entendo agora. Entendo as razões pelas quais você fez tudo que fez, e sou eu que tenho que me desculpar. Por ter duvidado de você. E, além disso, você está certa. Nós somos muito parecidas.

— Talvez. Eu já te contei a história do seu nome? — perguntou. Minha mãe estava tentando tirar minha atenção da água que estava subindo. Eu precisava daquilo, porque os puxões sem fim dos meus punhos não estavam me levando a lugar nenhum.

A água estava subindo cada vez mais rápido. Era só uma questão de tempo e ela estaria acima das nossas cabeças.

— Não — respondi, negando com a cabeça. — Você pode me contar agora?

Meu sangue estava sendo bombeado intensamente por todo meu corpo. Eu me sentia extremamente ciente do que se passava ao meu redor. Em meu corpo. Eu estava tensa como nunca tinha me sentido antes.

Além de estar completa e absolutamente aterrorizada.

Minha mãe conseguiu dar uma risada forçada.

— Richard queria colocar seu nome de Mara. O significado bíblico era amargo ou amargura. Era como se tudo que ele fizesse para você fosse uma punição pelos meus pecados e ele não queria que fosse diferente com seu nome.

— Provavelmente — resmunguei, roçando a coisa que mantinha as minhas mãos presas contra a casca da árvore para

tentar partir as amarras.

Minha mãe olhou para o céu como se pudesse ver a história que ela estava me contando se desenrolar acima dela.

— Quando Critter e eu começamos a ficar juntos, costumávamos nos deitar nos campos de girassol dele por horas assistindo ao pôr do sol e ouvindo apenas o barulho das folhas ao nosso redor. Conversávamos, bebíamos vinho e ficávamos com os nossos narizes queimados do sol.

Ela suspirou enquanto se lembrava de tempos mais felizes e de repente teve uma crise de tosse.

— Mãe! Mãe, você está bem? — gritei, odiando me sentir tão impotente.

Ela acenou com a cabeça. Quando se recuperou, dei um suspiro de alívio.

Ela continuou.

— Você já conhece parte da história. Mas um dia apareceu esse menininho de cabelo loiro quase branco. Ele não tinha mais do que seis ou sete anos de idade. Fiquei olhando enquanto dirigia o triciclo dele para dentro do campo e, com seu canivetezinho enferrujado, ele cortou uma flor, acenou para Critter e foi embora. — Ela deu uma risada suave. — Quando perguntei ao Critter sobre aquilo, ele disse que o menino fazia a mesma coisa quase toda semana. Quando perguntei o que ele fazia com as flores, Critter disse que tinha encontrado o menino no campo um dia e ele estava triste porque estava enfrentando problemas com a mãe por falar palavrão.

Ela balançou a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar naquilo.

— Critter cortou uma flor e a entregou ao menino. Ele disse para ir pedir desculpas à mãe e entregar a flor. Bom, deve ter funcionado, porque toda semana depois daquilo, Critter disse que o menino estava lá com sua própria faca cortando uma flor. Uma para a professora, porque ele tinha dito que matemática era para pessoas que não têm calculadora. Outra para a senhora da padaria, porque ele tinha derrubado a vitrine de bolos que ela tinha levado todo o final de semana para fazer.

— Isso até que é fofo — comentei, sentindo o coração partir ao meio enquanto a minha mente ficava relembando repetidamente a cena do telhado desabando na biblioteca. Existia a possibilidade de que tivéssemos um menino que parecesse com Finn. Talvez ele nunca tivesse a chance de conhecer o pai.

Enquanto eu desmoronava por dentro, minha mãe falava como se estivéssemos na varanda tomando chá.

— Era fofo. Acontece que aquilo era tão frequente que eles vieram negociar e Critter cercou um canteiro só para o menino, onde ele podia pegar os girassóis quando quisesse.

A água estava subindo e agora cobria o meu short e as minhas coxas. Eu sabia que para ter alguma chance de cortar aquelas amarras eu tinha que ser mais rápida.

Minha mãe olhou para mim e ergueu a voz, porque o vento agora estava mais forte.

— Você recebeu o nome de Sawyer por causa de Finn.

Ela suspirou feliz, como se estivéssemos prestes a sair para pegar os vestidos das minhas madrinhas de casamento, e não a ponto de ver o fim de nossas vidas em um pântano sombrio.

Minha barriga parecia dura. Eu queria fugir daquele pesadelo. Segurei o grito que ameaçava sair rasgando pela minha garganta.

— Mãe, por que você não está em pânico? — consegui perguntar, engolindo o medo com dificuldade.

Ela sorriu para mim.

— Eu estou apavorada por você e pela vida que você e a sua criança correm o risco de nunca terem. Mas eu? Eu aprendi a aceitar a minha própria morte anos atrás.

Minha mãe continuou falando e eu continuei tentando me soltar.

— Critter e eu até brincamos que, se algum dia tivéssemos uma menina, ela poderia se casar com Finn, porque ele já sabia o que a maioria dos homens jamais aprenderia: como pedir desculpas.

Foram meus olhos então que ficaram marejados quando imaginei uma pequena versão de Finn causando problemas por toda a cidade de Outskirts e consertando-os com uma flor e um sorriso brincalhão com covinha.

— Como você convenceu Richard a concordar com o nome?

Ela parecia quase orgulhosa quando me respondeu:

— Sawyer significa lenhador, em celta. Tudo que eu fiz foi

estender um pouco a verdade. E, como eu não podia sugerir o nome para ele de maneira direta porque ele simplesmente negaria de maneira agressiva, comentei com algumas das senhoras da igreja, mas disse a elas que Sawyer significava carpinteiro, a ocupação de Jesus. Claro que antes de eu dar à luz a você, o nome já tinha chegado aos ouvidos do Richard. Um dia ele anunciou para mim que seu nome seria Sawyer, como se o nome tivesse sido dado a ele em uma visão do próprio Deus.

Ela começou a rir descontroladamente.

— Que ardiloso da sua parte, mãe. Eu não conhecia esse seu lado.

Ela deu um forte suspiro.

— Eu tinha esse lado.

Seus olhos perderam o foco e, de repente, era como se seu olhar passasse direto por mim sem que pudesse me ver. Sua cabeça começou a fazer um movimento orbital, com pequenos círculos.

— Mãe? — gritei.

Nenhuma resposta.

— Mamãe! — chamei mais alto.

Seus olhos se fecharam e ela começou a piscar rapidamente, como se estivesse tentando desobstruir a mente.

— Sawyer? — perguntou, então seus olhos se fecharam e seu queixo caiu contra o peito, revelando um ferimento cheio de sangue no topo da sua cabeça que parecia bastante sério. Ela precisava de ajuda.

Logo.

— Fique comigo, mãe! — gritei para ela.

A água agora estava acima das nossas cinturas e continuava a subir.

Seus olhos ainda estavam fechados, mas ela falou outra vez. Só que parecia que estava longe e não ali na minha frente.

— Mamãe... — disse ela. — Eu... Eu gosto quando você me chama assim. É muito melhor do que *mãe*.

Então, silêncio.

— Mamãe, mamãe! — gritei, esperando por no mínimo outra resposta incoerente.

Ainda assim, nenhuma resposta.

— Mamãããããããã! — berrei, enquanto a água, que agora estava na altura do meu peito, subia. Se minha mãe continuasse na posição que estava, ela estaria respirando aquela água turva em poucos minutos. — Você precisa levantar a cabeça, mamãe. Levanta a cabeça!

Meus gritos viraram berros.

Puxei as amarras que mantinham minhas mãos presas e rugi quando mais uma vez não se romperam.

Eu tinha que ficar calma. Pensar. Limpar a minha mente.

Com a água subindo ao nosso redor e com o medo de perder as vidas da minha mãe e do meu bebê, que ainda nem tinha nascido, controlei o pânico e tentei encontrar alguma clareza em meio ao caos.

Eu tinha crescido em um lar onde a religião era rígida e a

imposição tanto das leis de Deus como do meu pai era ainda mais rígida. Eu tinha abaixado a cabeça milhares de vezes e repetido palavras de fé, porque me diziam que elas precisavam ser ditas. Mas eu nunca tinha rezado de verdade. Eu não colocava significado naquelas palavras que eu dizia. Não acreditava nelas o suficiente para que fossem verdadeiras, não tinha aquele tipo de fé em que outras pessoas achavam fácil confiar cegamente.

Querido Deus, Universo, Senhora, Senhor, Monstro do Espaguete Voador,

Eu não sei mais como rezar. Na verdade, acho que nunca soube. Aprendi a sempre agradecer e a nunca pedir por nada porque o Senhor me daria tudo que eu precisasse e pedir por mais seria a mesma coisa que questionar a sua vontade.

Um pecado.

Mas eu venho descobrindo que tanta coisa era mentira, que vou arriscar seguir minha intuição e assumir que pedir ao Senhor por algo que eu preciso, e não simplesmente quero, é aceitável. Talvez, apenas dessa vez.

Eu começaria agradecendo por tudo que o Senhor me deu, mas não há tempo. Vou direto ao assunto, oferecendo a Ele uma barganha. Talvez seja errado, mas não quero pedir uma coisa tão grande sem oferecer algo em troca.

Preciso tentar, porque não tenho simplesmente uma coisa a perder.

Eu tenho tudo a perder.

Por favor, eu imploro, poupe a vida da minha mãe, ela já

passou por tanta coisa. Ela aguentou o impensável. Merece a chance de viver sua felicidade.

De ser feliz. Quero que ela saiba como é viver sem medo e como é ser amada incondicionalmente por alguém que não espera nada em troca. E pela sua generosidade em poupar a vida dela, eu ofereço a minha. Mas só depois que o bebê tiver nascido e estiver em segurança nos braços do pai. Então eu irei com o Senhor. De bom grado e feliz no instante em que eu souber que estão todos em segurança e juntos.

Por favor, deixe minha família viver e eu farei tudo que o Senhor quiser.

Absolutamente tudo.

Repeti minha oração de novo e de novo e, em algum momento, devo ter adormecido, porque estava sonhando com uma mulher loira de sorriso brilhante e um cachecol roxo de seda em volta do pescoço caminhando na minha direção. Mas seus pés não tocavam a água, ela caminhava por cima. Talvez aquilo fosse apenas uma alucinação. Ou talvez eu já estivesse morta. Entrei em pânico. O verdadeiro pânico foi injetado nas minhas veias como uma injeção de adrenalina.

Se eu estava morta, significava que o bebê também estava morto.

— Não! Eu não posso estar morta. Não posso estar morta.

A mulher agachou diante de mim e sorriu. Sua calça e blusa brancas não tinham nenhum amassado, nenhuma mancha. Ela tinha cheiro de roupa limpa. Parecia que eu a conhecia, mas

não sabia de onde.

— Não se preocupe. Você não está morta. Pelo menos por enquanto. Seu bebê está a salvo, mas você tem que me ouvir com muita atenção.

— Você é... Deus?

A mulher deu risada e aquilo soou leve e brilhante. Angelical.

— Ah, querida, eles não iam me querer cuidando de nada. Seria tipo um *happy hour* vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Seria muito mais uma fraternidade colegial do que uma vida santa após a morte. Se é que você me entende...

— Acho que entendo... — respondi. — Então quem é você?

Ela juntou as mãos.

— Eu sou alguém que está aqui para ajudar.

— Como?

A mulher pensou por um instante enquanto batia com as unhas perfeitamente pintadas no queixo.

— Sabe como as pessoas tendem a dizer para sempre olharmos para frente e nunca para trás, ou algo assim, quando nos deparamos com uma situação ruim?

— Claro, minha mãe dizia isso o tempo todo.

— Bom, estou aqui para dizer que isso tudo é besteira. É o que está atrás de você que conta. É o que está atrás que vai salvar você. Não fique aí esperando o seu cavaleiro de armadura brilhante aparecer para resgatá-la, por mais sexy que eles possam ser às

vezes. SEJA você seu próprio cavaleiro. Resgate a si mesma. Finn pode ter até resgatado seu coração, mas o resto depende de você agora.

Com a mesma velocidade que ela tinha aparecido, antes que eu tivesse a chance de perguntar o que exatamente ela queria dizer, a mulher de branco desapareceu.

Abri os olhos e senti a água no meu queixo. Ela ficava agora espirrando nos meus olhos. Olhei de lado para minha mãe, cujo rosto estava agora a poucos centímetros da água que subia. Quis que meu sonho fosse real de alguma maneira e que o que estava atrás de mim fosse realmente me salvar. As únicas coisas atrás de mim eram a árvore onde eu estava amarrada e os inúmeros animais do pântano que estavam me esperando passar da vida para a morte para que pudessem atacar minha carcaça.

Eu não desistiria.

Eu nunca desistiria.

Senti uma nova determinação crescendo dentro de mim. Um novo tipo de poder, bravura. Era exatamente do que eu precisava para seguir em frente.

Em uma última tentativa de soltar as minhas mãos, mergulhei os dedos, procurando por alguma coisa que eu pudesse usar como faca para cortar a corda. A água corria em volta de nós mais como um rio do que um pântano, então era possível que as coisas ali debaixo já fossem outras.

Encostei-me em alguma coisa dura com o dedo onde instantes atrás não havia nada. Aquilo tinha pelo menos quinze

centímetros e estava quebrado ou cortado em uma ponta. Eu não sabia se aquilo era um cano ou um pedaço partido de madeira ou pedra, mas tinha esperança de que servisse. Coloquei aquilo entre as cordas e comecei a serrar. Eu o derrubei uma e outra vez de novo antes de conseguir fazer algum estrago real na corda. Esbravejei, jogando minhas frustrações na água que subia e que agora já alcançava minha boca. Meus pensamentos estavam embaralhados e eu apertava os lábios com força.

Eu não ousava olhar para minha mãe, sabendo muito bem que ela provavelmente já estava submersa. Não podia deixar que nada me distraísse da tarefa que tinha em mãos.

As vidas de nós duas dependiam daquilo.

Eu tinha que ser rápida, mas sabia que fazer aquilo com pressa não me levaria a lugar nenhum. Comecei a cantarolar a canção de ninar que minha mãe costumava cantar para mim durante as tempestades para diminuir meu medo. Enquanto minha mente fugia para aquela época, ela me reconfortava. E enquanto ela mesma não tinha conforto algum, eu continuava a serrar.

Puxei todo o ar que pude no exato instante antes de ter a água cobrindo a minha boca e em seguida o meu nariz.

Depois de repetir três versos da cantiga de ninar na cabeça, meus pulmões começaram a queimar como se estivessem pegando fogo. Empurrando o objeto uma última vez contra as amarras e gritando uma última vez debaixo da água, alguma coisa se rompeu com um estalo e as minhas mãos se soltaram.

Emergi da água, buscando o ar desesperadamente depois

do que parecia ter sido uma eternidade. Quando meus pulmões se encheram novamente, foi como se tudo parasse. O respingo de cada gota de chuva que tocava a água. As folhas que caíam das árvores e farfalhavam com o vento. Eu conseguia ver tudo agora. O cheiro de tudo era mais forte.

O som de tudo era mais alto. Parecia mais nítido.

Minha mente estava completamente limpa. Eu estava calma. Em paz.

Era como se tivesse sido batizada na água suja. Batizada pelo próprio furacão e entregue ao pântano renascida.

Eu não era mais Sawyer, a garota que fugia do passado. Eu era Sawyer, a garota de Outskirts.

Uma verdadeira cidadã da cidade, assim como eles.

Lembro-me de ter lido um artigo para meus estudos de religião em que um pastor do Alabama dizia que quando Deus o colocava em meio a águas turbulentas, não era para afogá-lo, mas para purificá-lo dos pecados e da culpa.

De repente ficou claro para mim o que ele queria dizer.

Levantei e assoprei a água do nariz, pulando na direção da minha mãe e atravessando com dificuldade a água densa e a vegetação. Levantei a cabeça da minha mãe para tirá-la da água com uma das mãos e soltei as amarras com a outra. Quase caí de alívio quando ela puxou o ar com força para os pulmões. Coloquei o braço dela sobre meus ombros e tinha dado apenas um passo para subir o barranco quando perdi o ponto de apoio e juntas escorregamos e caímos ruidosamente dentro da água outra vez.

Levei um susto com o homem que apareceu de modo assustador acima de nós. Um homem que eu jamais queria ver outra vez. Meu coração batia contra minha caixa torácica como se fosse pular do meu peito na direção do Richard. O vento estava mais forte e uivava por entre as árvores.

Richard rosnou:

— Acho que vocês arranjam um problema. Mas tenho que reconhecer. Eu meio que esperava estar me livrando de corpos nesse momento. Mas vocês duas sempre foram péssimas em ouvir e seguir ordens. Não é um grande choque para mim que não queiram simplesmente calar a boca e morrer quando é essa a ordem.

As palavras do Richard provocavam medo, mas principalmente raiva. Acumulada ao longo de quase vinte e dois anos, ela crescia com força nas minhas veias, acendendo um fogo de revolta debaixo da minha pele.

— Ei, Richard? — chamei, olhando nos olhos dele pela primeira vez na vida. — VAI SE FODER!

A reação dele foi dar risada.

— Você se acha tão corajosa. Mas depois que a pessoa morre, nada disso importa, sua pecadora — ameaçou.

— *Pai*, não podemos escolher que pecados toleramos. Você critica publicamente os pecados, mas no fim você mesmo é uma contradição ambulante cheia deles. Cheia de maldade. Pode ser acusado de luxúria, gula, ira, inveja, soberba e muito mais. Eu sei, porque via como bebe álcool como se sua sede não tivesse fim.

Via como batia e estuprava minha mãe. Fui testemunha de como fala da vontade de Deus como se fosse o único homem do mundo que a entende. — Ri de como aquele homem era realmente ridículo. — Bom, eu odeio dizer isso, mas você não entende. Você não entende nem um pouco.

— Blasfêmia! Blasfêmia! — esbravejou, e apontou o dedo para baixo na minha direção. — Sua vadia! Como se atreve?

Encontrei uma liberdade repentina nas minhas palavras, mas eu precisava de tempo para descobrir como tirar a minha mãe e a mim mesma do pântano vivas.

— Dizem que a verdade liberta. Bom, Pai, pelo seu próprio bem. Espero que ela faça exatamente isso. Porque a sua verdade é que você é um babaca egoísta que vai direto para o inferno.

Lá estávamos nós na lama, olhando nos olhos do louco que antigamente se atrevia a se chamar de meu pai quando não chegava nem aos pés do homem que meu verdadeiro pai era. Minha mãe escorregou dos meus braços. Ela caiu para o lado na lama, produzindo um som abafado.

Richard apontou para ela.

— Falei para sua mãe muito tempo atrás que, se algum dia ela me traísse, eu ia matar você bem diante dos olhos dela. É uma pena que não esteja consciente para me ver cumprir a promessa. — Richard ajoelhou e colocou a mão para trás para pegar alguma coisa no bolso. — Adeus, Filha.

Era de se imaginar que o momento em que se sabe que o fim está próximo era aquele em que você mais sente medo. Mas

não. Conforme eu percebia que tudo estava acabado, não pude deixar de me sentir orgulhosa.

Orgulhosa da mulher que eu me tornara. Orgulhosa dos relacionamentos que construíra. E orgulhosa da maneira com a qual estava enfrentando Richard nos meus últimos instantes.

Finn também teria ficado orgulhoso.

Fiz questão de olhar para Richard diretamente nos olhos. Se ele ia me matar, teria que fazer aquilo enquanto eu desobedecia às suas regras estúpidas até o último instante. Até o bebê deu um primeiro chute desafiador na minha mão enquanto eu cobria minha barriga de maneira protetora.

Aquilo me fez rir. Eu estava literalmente rindo na cara da minha própria morte.

Richard não teve a chance de alcançar a arma que estava tentando pegar, porque um objeto sem ponta atingiu sua cabeça. Houve um ruído abafado seguido de outro, ambos soaram como uma bisnaga de pão crocante sendo partida ao meio.

O olhar do Richard estava inexpressivo quando caiu de cara na água.

— Mamãe?

Olhei para cima e vi minha mãe ali em pé com algum tipo de pedra branca na mão.

— Você está certo — afirmou, para o corpo inconsciente do Richard. — Nada disso importa. VOCÊ não importa.

Ela continuou encarando-o com ódio, segurando a pedra como um troféu.

— Durante os seus sermões, você frequentemente falava sobre os laços familiares. — Ela ria enquanto citava as palavras do Richard: — Acho que era alguma coisa do tipo: “Não existe laço maior nesse mundo do que aquele entre uma mãe e seu filho. E se alguém tentar destruir esse laço? Que Deus tenha piedade dessa alma”.

De pé acima dele, ela endireitou os ombros.

— Que Deus tenha piedade da sua alma, Richard.

— Ele está...? — comecei a perguntar, mas parei quando vi a movimentação fraca de uma respiração curta no peito dele.

Minha mãe meneou a cabeça negativamente.

— Não acredito que seja fácil assim. — Ela se virou para mim e, ajoelhando, me olhou de cima a baixo. — O bebê está bem?

— Está sim. Eu estou bem. Mas você está machucada.

Puxei com gentileza sua cabeça para olhar o ferimento mais de perto.

— Foi uma batida feia e mais nada — afirmou, fugindo do meu toque.

— É mais que isso... — ressalttei. — Você ficava apagando o tempo todo.

— Apaguei antes sim, mas acho que foi só efeito daquilo que ele ficou segurando no meu nariz. Mas, devo dizer, nada ajuda mais a ficar acordado do que a possibilidade da morte iminente.

— Mas você acabou de desmaiar, agora há pouco — questionei.

Ela balançou a cabeça e recuou.

— Não. Aquilo foi o que chamam de atuação. Teve uma época em que eu fazia aula de teatro. Sabia disso? — perguntou, enquanto me ajudava a levantar. Eu estava impressionada, orgulhosa e completamente apaixonada pela minha mãe.

— Não, eu não sabia disso — respondi. — Mas talvez você possa me contar essa história em breve.

Deixamos Richard na água e prosseguimos com dificuldade até o barco que ele tinha deixado entre dois troncos de árvore cortados. Passou pela minha cabeça que minha mãe provavelmente não tinha visto o telhado da biblioteca cair.

Tínhamos que voltar. Tínhamos que ver se eles conseguiram sair da biblioteca. Mas primeiro, eu precisava alertar minha mãe sobre o que poderíamos encontrar quando voltássemos.

Ou do que poderíamos não encontrar.

Eu sentia como se o tempo tivesse parado à nossa volta, assim como o vento da tempestade. Os sons e cheiros do pântano que tinham parecido amplificados uns instantes atrás tinham desaparecido. Havia quase que um silêncio. Tenho certeza que se você ouvisse com a atenção suficiente conseguiria escutar a minha tristeza.

As palavras que eu sabia que precisava dizer cresciam na minha garganta e ficavam ainda maiores conforme criavam raízes e envolviam meu coração, apertando com tanta força a ponto de eu não saber mais como ia respirar de novo. Quem dirá falar...

— Mãe... — comecei com dificuldade. — Tem uma coisa que eu preciso contar.

Fechei os olhos levemente.

— O quê? — indagou, parecendo completamente assustada, como deveria.

Mas uma vibração alta e barulhenta atravessou o pântano, chacoalhando cada galho de cada árvore como o início de um terremoto. Um aerobarco surgiu, voando sobre uma camada grossa de vegetação como se ela não existisse. Mesmo com a chuva forte, pude enxergar os rostos naquele barco. Eu os reconheceria a quilômetros de distância. Minha alma os reconheceria em qualquer lugar.

Todos os sentimentos que achei que nunca mais experimentaria — felicidade, alegria, entusiasmo e amor — voltaram para mim de uma única vez. Um peso enorme tinha sido tirado das minhas costas e pude voltar a respirar. Eu estava tão leve que senti como se estivesse flutuando acima do meu próprio corpo.

Critter estava pilotando. Finn estava em pé na frente.

Os dois estavam inteiros.

Os dois estavam vivos.

CAPÍTULO 26



FINN

Eu ainda não fazia ideia de como Sawyer e a mãe dela tinham conseguido se livrar de um homem que não ia parar diante de nada até que ele tivesse o que queria. E o que ele queria era a vida das duas. Ou através da submissão, ou da morte. O que me deixava descontroladamente furioso.

Um nó se formou no estômago só de pensar no quão perto ele chegou de conseguir o que queria, só de me lembrar do desespero que senti quando achei que o pior já tinha acontecido.

Tivemos sorte.

Mas não era porque eu não sabia como elas tinham conseguido se libertar que eu estava surpreso. Nunca existiu duas pessoas mais determinadas nesse planeta. Ninguém com uma força de vontade maior. Ninguém mais corajoso.

Elas podem não achar isso, mas estavam bem equipadas para lidar com gente como Richard Dixon.

— Nunca senti tanto medo na minha vida — confessei para Sawyer, quando ela acordou de um cochilo de vinte horas. Ela rolou, deu uma olhada em mim e sorriu como se eu fosse a coisa mais importante desse mundo para ela. — Não consigo deixar de pensar no que poderia ter acontecido com você se...

— Psiu. Venha aqui — disse Sawyer, estendendo o braço. Ela rolou para que ficássemos deitados um de frente para o outro com nossos braços e pernas entrelaçados, do mesmo jeito que fizemos na primeira noite que ela passou na minha cama. Só que dessa vez uma das minhas mãos estava apoiada sobre nosso bebê que crescia.

Eu não dormi muito. Meu descanso foi assistir minha garota dormir, o peito e a barriga dela subiam e desciam toda vez que inspirava.

— Senti sua falta — revelou, sonolenta. E apesar de as palavras serem simples, os olhos dela diziam muito mais.

— Eu também — sussurrei.

Os olhos dela se arregalaram e encontraram os meus.

— Richard! — exclamou, parecendo repentinamente em pânico.

— Ele não vai machucá-la de novo.

Ela relaxou nos meus braços mais uma vez.

— O que aconteceu com ele?

Fiz uma careta. Eu imaginava o que tinha acontecido com ele, mas não era a mesma coisa que Critter tinha DITO que tinha acontecido.

— Critter disse que ia levar Richard de volta para a cadeia de onde ele tinha fugido.

Dizer em voz alta não fazia daquilo nem um pouco mais crível.

— Você acha que foi isso que ele fez? — questionou, conhecendo Critter tão bem quanto eu.

Puxei o ar por entre os dentes.

— Acho que é melhor a gente não saber.

— Essa parece uma frase que ele diria — disse, colocando a mão no meu rosto. Inclinei o corpo para frente e beijei-a, precisando senti-la em mim, necessitando, apesar de ela estar nos meus braços, lembrar que ela realmente estava ali. Que realmente estava bem.

— Eu estou aqui. — Ela me tranquilizou, sabendo exatamente o que eu precisava ouvir.

— Sim, você está.

Ela olhou acima da minha cabeça na direção do criado-mudo. Eu virei e vi que Sawyer estava olhando para as roupas sujas dela que estavam empilhadas, assim como para a pedra que a mãe dela tinha ficado segurando contra o peito quando encontramos as duas.

— Aquilo foi real — sussurrou.

— O que foi real? — perguntei, virando para olhar seu rosto.

— Você está vendo aquele cachecol? — perguntou, apontando para o pedaço de pano roxo enlameado no topo da pilha.

— Tive a visão de uma mulher loira que me salvou. E ela estava usando esse cachecol. Sei que parece bobeira, mas foi o que me ajudou a sobreviver.

Dei um suspiro preferindo não pensar quão assustada ela provavelmente tinha ficado, mas contente por ter encontrado conforto de alguma maneira, mesmo que tivesse sido em uma visão ou sonho.

— E por que essa pedra está aí? — indagou.

Não pude evitar o sorriso que cresceu no meu rosto.

— Era a pedra que sua mãe estava segurando. Foi com ela que sua mãe bateu na cabeça do Richard.

— Que pedra estranha — comentou.

Sentei para examinar mais de perto.

— Você tem razão. Nunca vi uma pedra redonda como essa por aqui.

Eu a peguei e virei. Quase a derrubei quando vi o que estava do outro lado.

— O que foi? — perguntou Sawyer, Sentando-se na cama.

Aquela pedra definitivamente não era uma pedra.

Era um crânio.

De repente me deu um estalo. O cachecol roxo. O crânio.

Veio à minha mente uma foto pendurada no bar do Critter. Em que eu estava com o braço em volta da Jackie. Ela usava o cachecol roxo que eu comprara para ela na feira de artesanato. Tinha até pedido para que bordassem suas iniciais na parte interna. JC. Exatamente as mesmas iniciais que estavam levemente visíveis

por atrás das manchas de sujeira.

Abaixei a cabeça e a segurei com as mãos. Primeiro, senti um negócio no estômago como se eu fosse passar mal. Respirei fundo pelo nariz, mas não ajudou. Aquilo era ela. Aquilo era Jackie. De repente, eu tinha voltado dois anos no passado e era como se tivesse acabado de perdê-la outra vez. Sua morte parecia uma faca na minha garganta.

— O quê? O que é isso? — questionou Sawyer, de novo. Foi a voz dela que me trouxe de volta para o presente. Foi a voz dela que me fez lembrar que não estávamos mais dois anos no passado. Eu tinha quase perdido Sawyer. O amor da minha vida. A mãe do meu bebê. Mas não tinha perdido. E algo me dizia que a loira na visão de Sawyer era alguém bastante familiar para mim.

Existia uma razão pela qual nós não a encontramos, apesar das inúmeras buscas ao longo dos anos. E apesar de parecer ridículo até mesmo pensar nisso, acho que ela ficou lá por Sawyer... por mim.

Senti um calor crescer por dentro. Uma sensação de conclusão. Finalização. Amor. Encontramos Jackie... ou talvez ela tenha nos encontrado.

— Finn? — chamou Sawyer novamente.

Virei rapidamente o crânio outra vez.

— Nada, achei que tinha visto uma minhoca nela. Era só uma folha.

— Essa foi uma reação muito intensa para uma minhoca — comentou, desconfiada. — Ainda mais para alguém que cresceu no

pântano.

Deitei de volta na cama e puxei Sawyer comigo.

— Minhocas são nojentas — afirmei, apertando o corpo dela contra o meu e curtindo a sensação dos seus lábios tocando levemente minha mandíbula.

— Não, por favor, me conte o que foi.

Dei um suspiro.

— Ok, mas vai parecer meio maluco — alertei, enquanto delineava as sardas ao redor do olho direito dela.

— Para sua sorte, estou acostumada com maluquices.

Contei tudo a ela, que não esboçou expressão alguma até o fim.

— Isso não é maluquice, Finn. É lindo.

Ficamos em silêncio por um tempo depois disso. Contentes de respirar um ao outro.

— Sabia que você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci na minha vida toda? — perguntei, sem conseguir mais guardar comigo o que eu estava sentindo.

— Por que você está falando isso? — indagou, enquanto deslizava as mãos por todo o meu corpo, como se também não conseguisse acreditar que eu estava lá. — Foi você que saiu rastejando de um prédio em chamas.

— Não foi bem assim — expliquei. — Caiu uma tempestade na hora certa e ela apagou as chamas antes que pudessem se espalhar.

— Achei que você tinha sido esmagado pelo telhado —

disse ela, descansando o queixo no meu peito e olhando para mim com os olhos vidrados. Eu tinha que protegê-la daqueles tipos de sentimentos, da dor.

— Não, foi só a parte do depósito. — Eu a tranquilizei. — Estou aqui. Estou bem. — Repeti as mesmas palavras que ela tinha usado instantes atrás para me reconfortar.

Ri comigo mesmo.

— O que é tão engraçado? — perguntou, com aquele sorriso radiante iluminando não só o quarto inteiro, mas também meu coração.

— Achei que você era a donzela em perigo. Eu estava enganado. — Envolvi a mandíbula dela com a mão. — No final das contas, você era tanto a donzela quanto o cavaleiro.

Eu a beijei com vontade e passamos o resto daquela noite e o dia seguinte sem nos afastarmos mais que alguns centímetros um do outro. Se fosse do meu jeito, passaríamos o resto das nossas vidas na cama, mas se fizéssemos isso, eu não teria a chance de mostrar para Sawyer uma surpresa que tinha para ela. E mesmo tendo aprendido que ela odeia surpresas, aquela era uma que eu mal podia esperar para entregar.

CAPÍTULO 27



SAWYER

Minha mãe e eu começamos a ir juntas a uma terapeuta. Eugenia Collins era especialista em algo que ela chamava de Síndrome do Trauma Religioso. Ela também tinha experiência com pessoas que tinham vivenciado a violência doméstica, tanto física quanto mental.

E apesar de saber que provavelmente também seria bom para Finn conversar com alguém como Eugenia, ele insistia que estava bem. E por causa do modo com o qual ele vinha assobiando e saltitando por aí enquanto se preparava para a chegada do bebê, eu estava inclinada a acreditar nele.

Duas vezes por semana, fazíamos a viagem de uma hora de carro até o consultório dela e cada uma de nós fazia uma sessão sozinha antes de fazermos uma terceira juntas. Era esclarecedor aprender como e por que reagimos às coisas e como a culpa é tão facilmente atribuída quando ninguém é culpado, senão a própria

pessoa que faz o outro se sentir daquele jeito.

Sei que as sessões faziam bem para minha mãe porque eu podia ver no seu sorriso. Eu via sua expressão suavizada. O jeito que ela apertava minha mão toda vez que a terapeuta dizia alguma coisa com a qual ela concordava. Havia felicidade pura à sua volta e, mais uma vez, eu não conseguia deixar de pensar em como ela era realmente corajosa.

Para ser honesta, muito mais do que a terapia era o tempo que eu passava com minha mãe que me fazia bem. Na maioria das vezes, eu ia dirigindo e, enquanto ouvia as histórias que ela contava, aprendia mais sobre a mulher que tinha me dado a vida. E a cada semana que se passava, a vida ia voltando para seus olhos com mais força, até que comecei a conhecer minha mãe como a pessoa rebelde, engraçada, ousada, teimosa e carinhosa que ela realmente era.

Ela começou a trabalhar com Critter no bar. Tocando o negócio, eu diria. E os dois assumiam as funções de quatro pessoas, exatamente como Critter costumava fazer, só que agora ele não precisava mais fazer aquilo sozinho. Ela parecia em casa ali. Em paz. E se você visse os dois interagindo, não acharia que tinham passado duas décadas separados. Acharia que eles tinham passado a vida inteira juntos. Provavelmente porque, de certa maneira, eles nunca tinham deixado um ao outro, pelo menos não em seus corações.

Mamãe também estava ansiosa para ser avó. Muitas noites eu a ouvi se gabando do futuro neto ou neta para os clientes no bar.

E por falar em avós, eu finalmente consegui conhecer a minha. A mãe do Critter. A voz estridente que vinha da cozinha. Uma mulher que eu não tinha conseguido ver em forma física durante todo o tempo em que estava na cidade. Quando Critter me apresentou a ela pela primeira vez como sua neta, ela simplesmente deu de ombros e disse: “eu sei”, antes de voltar para o que estava fazendo na cozinha. E por alguma razão aquilo fez o meu coração sorrir. Eu não tinha só uma família, tinha uma família que incluía uma avó maluca.

Finn e eu tínhamos finalmente concluído a biblioteca. Ele também tinha encontrado sua paixão. Começara a comprar os conjuntos habitacionais inacabados que se espalhavam pelos arredores de Outskirts. Daquilo que tinha começado como uma brilhante promessa de um futuro e que tinha se transformado em um pesadelo de cidade fantasma, Finn tinha conseguido criar lares acessíveis, ecologicamente corretos e de baixo consumo de energia. O primeiro já estava pronto e vendido, e agora ele estava trabalhando em vários outros.

Finn também conseguira convencer uma empresa muito grande de locação de veículos a construir sua central perto de Outskirts, doando a terra para a construção do prédio. O que significava que aquelas casas que estava construindo não ficariam vazias e que o dinheiro tão necessário seria trazido para cá, enquanto a cidade em si continuaria pequena e tão charmosa quanto nunca.

Mas a construção não era a paixão de Finn. Eram as

pessoas.

Eu, o nosso bebê e as pessoas de Outskirts.

Eu tinha decidido revezar os retratos da parede do bar, com a permissão do Critter, é claro, para uma exposição que tinha criado na biblioteca, dedicada às pessoas de Outskirts. O plano era depois incorporar mais da história da cidade.

Minha primeira exposição foi dedicada ao amor e à amizade. Ela incluía uma foto velha do Critter e da minha mãe. Duas fotos de Josh e Miller, uma deles brigando e outra deles se beijando. Uma foto minha e de Finn, com as mãos dele na minha barriga, assim como uma foto de Finn, Miller, Josh e Jackie quando ainda eram adolescentes. No centro, ficava um porta-retratos especial. Eu tinha lavado o cachecol roxo que, de alguma forma, voltara conosco do pântano e o pendurei no canto do retrato de Finn e Jackie.

— Obrigada — sussurrei, beijando as pontas dos meus dedos e tocando o porta-retratos com eles.

— Que nome você dá a essa criação artística? — perguntou Wilfredo, aproximando-se e parando atrás de mim.

— Isso? — De dentro para fora, eu irradiava alegria. — Isso é algo que eu gosto de chamar de “Os Renegados”.

Alguns instantes depois, com um corte da tesoura gigante que Finn e eu segurávamos juntos, reabrimos oficialmente a Biblioteca Pública de Outskirts para os aplausos e gritos dos nossos familiares e amigos.

— Está pronto? — perguntei, puxando a corda ligada à lona que cobria a nova placa acima da porta. Demos um passo para

o lado para evitar que ela caísse sobre nossas cabeças. Finn riu até olhar para cima e ler a placa.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE OUTSKIRTS
DEDICADA À MEMÓRIA DE JACKIE CALLAHAN

Os olhos de Finn se encheram de lágrimas.

— Você fez isso? — indagou, olhando para mim maravilhado e em choque. Ele sorriu, segurou meu rosto com as duas mãos e deu um beijo na minha boca. — Obrigado — agradeceu, afastando-se lentamente. — Você é tudo.

Eu me derreti por dentro.

Finn tinha contratado uma equipe para retirar do pântano o que faltava dos restos mortais da Jackie. No fim, o objeto que eu tinha usado para me soltar das amarras era um fragmento irregular de um dos seus ossos. Depois que tudo foi retirado, os pais dela pediram para que fosse cremada, e Finn enviou as cinzas para eles no Tennessee, local para onde eles tinham se mudado depois do falecimento da filha.

Finn intensificou o beijo como se estivesse tentando me mostrar a profundidade da sua gratidão, mas dedicar a biblioteca à Jackie era o meu jeito de demonstrar meu agradecimento a ela.

Critter limpou a garganta perto da gente.

— Vocês dois precisam parar com essa merda.

Finn se afastou, mas manteve um braço sobre meu ombro.

— Eu já a engravidei — argumentou.

Critter marchou na direção dele e Finn desviou, brincando, antes de correr para dentro da biblioteca. Não sendo alguém que desiste facilmente, Critter foi atrás dele com passos lentos e determinados.

— Acho que vamos entrar — disse minha mãe, enroscando o braço no meu.

— Espere... — pedi. — Tem uma coisa que eu quero que fique com você.

Soltei a correntinha do meu pescoço e coloquei o colar com o pingente de girassol na mão da minha mãe, fazendo-a fechar os dedos sobre ele.

— Não — disse, tentando erguer novamente os dedos, mas eu não permiti.

— É seu. O destino dele sempre foi ser seu — afirmei.

Apesar de relutante, minha mãe balançou a cabeça concordando. Ela abriu a mão e ergueu o pingente, que brilhou sob o sol da tarde. Eu a ajudei a colocá-lo em seu pescoço e, assim que a correntinha estava presa, ela colocou a mão sobre o pingente, pressionando-o próximo ao seu coração.

— Sabe... — começou. — Quando encontrei as chaves do depósito em que Richard estava guardando minha caminhonete e meu trailer, fiquei em choque. Eu me perguntei por que ele os tinha guardado durante todos aqueles anos, mas aí percebi que ele os estava guardando da mesma maneira que fazia comigo. Ele não queria nem precisava que realizassem a função para a qual tinham sido feitos, ele só queria possuí-los. Acho que de certa maneira ele

os tinha como troféus por ter me roubado de volta. Eu pensei em pegar você e pular para dentro daquela caminhonete e sair dirigindo um milhão de vezes. Mas eu não podia arriscar, não podia colocar a sua segurança em risco. Eu só estou...

Ela fungou e envolveu o pingente com os dedos.

— Não precisa, Mamãe. Está tudo bem agora. Você não precisa explicar nada. Estamos aqui. Não vamos a lugar algum — declarei, pegando a mão dela entre as minhas e colocando-a contra meu peito.

— Só preciso que você saiba que, quando comprei aquele terreno, deixei aquela caixa para você e escrevi aquela carta, eu não queria me matar, apesar de ser o plano. Eu só não consegui pensar em nenhum outro jeito de fazer com que você saísse. Ele não ia parar a não ser que eu estivesse morta. E eu não queria que você, uma pessoa com tanta vida nos olhos, acabasse como eu.

— Mamãe... — disse eu, puxando-a para meus braços e desfrutando da sensação do batimento cardíaco dela em contato com o meu.

— Eu nunca quis morrer. Só queria que você sobrevivesse. Eu me afastei.

— E sobrevivi. — Usei a palma da minha mão para enxugar as lágrimas do rosto dela. — E você também.

Quando minha mãe e eu entramos na biblioteca, ela foi procurar Critter e eu me deparei com Finn observando a exposição que eu tinha criado.

— Isso é incrível — exclamou, sem tirar os olhos dos

retratos na estante.

— Obrigada — agradei, sentindo-me orgulhosa do que tínhamos realizado.

Finn virou-se para mim.

— Eu também tenho uma surpresa para você — disse, puxando-me para seus braços com um brilho travesso nos olhos.

— Tem outras pessoas aqui — alertei entredentes, envergonhada nos braços dele.

Finn deu risada.

— Como se eu fosse deixar que alguma delas me impedisse — disse ele. — Depois que todos forem embora, eu mostro.

Quando a última pessoa saiu e Finn me pegou pela mão para me levar para longe dali, fiquei surpresa.

— Ah, é tipo uma surpresa de verdade — comentei, enquanto o seguia. Para a minha surpresa, passamos pelo Bronco dele estacionado na rua e continuamos andando.

— Para onde a gente está indo? — perguntei.

— Você vai ver, não está longe. Está bem para caminhar? — perguntou.

— Estou sim — respondi. O bebê tinha crescido, mas eu parecia muito mais desconfortável do que realmente estava.

Nós dois caminhamos de mãos dadas em um silêncio agradável. O calor da pele de Finn pressionava com firmeza contra a minha, do jeito que deve ser. Apesar de eu estar com uma barriga grande e redonda cheia do bebê, os meus passos estavam mais

leves do que nunca.

Finn quebrou o silêncio.

— Sabia que o Critter me ameaçou de novo?

— Ele não fez isso — disse eu, cobrindo a boca com a mão e tentando não rir.

Finn balançou a cabeça.

— Com certeza ele me ameaçou. Disse que agora que estou namorando a filha dele, e porque eu a engravidei sem ter me casado com ela antes, a gente não pode mais ser amigos.

— O quê? Mas ele não estava falando sério... estava?

Finn sorriu e a covinha dele apareceu.

— Ele disse que me subiu na lista e fez de mim “o inimigo número um” perante os olhos dele. Se eu não fosse o pai do neto ou neta dele, ele já teria se livrado de mim de maneira apropriada muito tempo atrás. — Finn usou os dedos para desenhar no ar as aspas da palavra “inimigo”. — E se eu machucar você, ele vai... vou usar as próprias palavras dele agora: “arrancar todos meus órgãos vitais e deixar um rastro deles na rodovia daqui até Tuscan”.

— Quanta criatividade — exclamei. — O que mais ele disse?

Finn balançou a cabeça de um lado para outro.

— Bom, depois de me fazer prometer que nunca vou machucá-la, ele disse que vai me fazer cumprir a promessa.

— Isso até que não é ruim.

— Na mira do revólver.

Eu ri.

— Isso é mais a cara dele.

Eu conseguia facilmente imaginar Critter dizendo aquelas exatas palavras. Eu adorava todas as suas ameaças. Elas faziam com que eu me sentisse especial e, de certa maneira, acho que Finn também não se importava com elas.

— E aí, você pensou se vai querer mudar o seu último nome? — perguntou Finn, quando viramos em uma rua na qual eu nunca tinha estado antes.

— Critter e mamãe sugeriram que, já que ela mudou legalmente o último nome dela, eu deveria pensar em fazer o mesmo. Acho que é uma boa ideia. Um novo começo.

Admirei os carvalhos enormes enfileirados ao longo da rua. Havia também o que parecia ser uma calçada recém-colocada, a primeira que eu tinha visto em Outskirts.

— Nunca me senti como uma Dixon de qualquer maneira.

Finn bateu com seu ombro no meu.

— Isso porque você nunca foi uma Dixon de verdade, você era uma... Critter — declarou Finn, e fez uma careta empurrando para fora o lábio inferior para mostrar os dentes e enfiando-o no queixo.

Retribuí, batendo nele com meu quadril.

— Haha. Eu sei que é um nome ridículo, mas é o nome ridículo do meu pai. O que faz dele um ótimo nome.

Passeamos em um silêncio confortável outra vez até que paramos em uma casa no final da rua. Uma casa novinha em folha, pelo que parecia. Ela era branca com janelas pretas e uma porta

vermelha.

— Uau, essa casa é tipo uma versão de dois andares da minha casinha.

— Eu sei que não é como a casa vitoriana de três andares que você gostou tanto, mas decidi transformá-la em um abrigo para mulheres e crianças.

Meu choque era quase maior que a felicidade extrema que tinha acabado de tomar conta de mim, como se alguém tivesse virado um balde de água sobre minha cabeça.

— Aquela casa é sua?

Finn olhou para as chaves que tinha na mão.

— É sim — respondeu, como se estivesse relutante em admitir. — Era onde Jackie e eu morávamos. Essa era a nossa casa.

Estiquei o braço e deslizei com leveza os nós dos dedos ao longo da barba de vários dias que escondia seu maxilar.

— Era uma casa bonita, mas agora vai ser ainda mais bonita por conta dos seus planos para ela.

Finn virou e beijou a palma da minha mão antes de me girar de volta para que eu ficasse de frente para a casa.

— Você gosta dela? — perguntou, abrindo a pequena cerca de estacas e me puxando para dentro. Os canteiros de flores em cada lado da porta estavam repletos de girassóis altos que alcançavam a metade da altura das janelas.

— Adoro! — respondi. — Mais até do que da casa vitoriana.

E era verdade. Tinha alguma coisa naquela casa que dava a ela mais cara de lar. Que a deixava mais real.

— É nela que você tem trabalhado? — perguntei, sem conseguir tirar os olhos de lá.

Finn tinha começado a assumir alguns projetos de construção menores, mas eu não fazia ideia que ele estava construindo casas como aquela.

— Quem é o cliente? — Eu estava com inveja da pessoa que ia morar naquela casa, mas orgulhosa por Finn ter criado algo tão bonito. Antes que ele pudesse responder, eu acrescentei: — Posso ver lá dentro?

Senti que precisava pelo menos vê-la uma vez antes que a casa fosse mudada e se tornasse a casa de alguém.

Finn deu aquele sorriso que me deixava arrepiada e encaixou os dedos nos meus. Ele me levou pelos degraus da frente e abriu a porta, conduzindo-me para que eu entrasse primeiro e seguindo logo atrás de mim.

Meu queixo caiu. Eu não conseguia falar. Não conseguia respirar. Era a visão mais incrível que eu já tinha tido.

— Isso é mesmo de verdade? — sussurrei.

Eu não estava em choque por causa do lindo piso de madeira cinza que cobria a grande sala de estar e ampla cozinha aberta de cor branca. Não era por causa das molduras detalhadas em volta das janelas ou por causa da escadaria de ferro que fazia uma curva. Nem era por causa da grande sala de jantar, que tinha uma mesa de madeira escura enorme estendida até o centro e que

facilmente teria espaço para dez pessoas em volta dela.

Não, a minha reação era por causa dos milhares de tinidos que cobriam todo o teto da sala. Eles ficaram balançando agitados até Finn fechar a porta. Apesar de o teto ser alto, os barbantes eram longos. Quando avancei mais para dentro da sala, eles ficaram balançando a cerca de cinco centímetros acima da minha cabeça.

— O que é isso tudo? — perguntei, adentrando ainda mais na direção dos tinidos pendurados até me ver cercada por eles por todos os lados.

Finn não respondeu, os tinidos responderam por ele. Cada um deles tinha a mesma mensagem rabiscada a mão:

Quer casar comigo?

-Finn

Eu me virei com tanta rapidez que se fosse um pouco mais alta, teria me enroscado nos tinidos.

Finn estava agachado e apoiado em um dos joelhos diante de mim, estendendo um anel de diamante com o formato de um girassol. Luz, felicidade e promessa encheram os seus olhos brilhantes e azuis, que já eram lindos.

— Bem... — disse, fazendo-me sentir como se eu estivesse prestes a explodir de felicidade — e quanto àquela mudança de nome?

Incapaz de dizer palavras reais porque a alegria aparentemente esvazia o cérebro de pensamentos realmente

coerentes, eu me juntei ao Finn no chão, ajoelhando-me para encará-lo. Quando percebi que ele ainda estava esperando por uma resposta, balancei a cabeça com tanta força que acho que deixei as palavras soltas.

— Sim! — Eu finalmente consegui colocar para fora.

Finn colocou o anel no meu dedo e me puxou para seus braços. Além de Outskirts, aquele era o lugar no qual eu mais gostava de estar.

— Estou muito feliz de estarmos aqui, Say — sussurrou, e seus lábios encontraram os meus. E se com a expressão “aqui” ele se referia à casa, à cidade ou ao momento do nosso relacionamento, não importava. A minha resposta era a mesma.

— Eu também — sussurrei.

— Tenho mais um para você — disse ele, puxando outro tinido do bolso de trás da sua calça e entregando-o para mim junto com uma caneta preta.

Ela disse _____.

-Finn

E, é claro, em meio a lágrimas de alegria, eu escrevi um SIM enorme.



No começo, Finn e eu éramos apenas dois renegados,

cada um à margem de uma sociedade diferente. Juntos, encontramos nosso lugar. E não era na cidade. Era nas pessoas da cidade. As pessoas que nos amavam. Era um no outro. Era na vida nova que crescia dentro de mim e que tínhamos criado.

Era na família.

Na nossa família.

— E apesar de já ser tarde demais... — Finn sorriu maliciosamente. — Sinto como se eu ainda estivesse te devendo uma lição melhor sobre reprodução.

Ele deslizou as mãos por debaixo da minha blusa.

— É mesmo? — perguntei, enquanto ele soltava o meu sutiã e o atirava no chão. Ele foi rápido com a própria camiseta, expondo seu abdômen definido e peito largo.

Minha boca ficou seca. Meu corpo todo entrou em atividade.

Finn arrancou o jeans e a cueca, expondo sua bunda firme e seu abdômen cheio de músculos. Lambi os lábios diante da visão do homem lindo que eu tinha. Ergui o quadril enquanto ele tirava minha calcinha e meu short. Ele levantou e voltou para o meio das minhas pernas onde eu mais queria que ele ficasse. Seu calor rígido pulsava na minha entrada.

— Você está pronta para a aula? — perguntou, erguendo as sobrancelhas de maneira perversa. Sua voz estava rouca.

— Estou — sussurrei, pronta para qualquer coisa que quisesse me dar. — Estou pronta.

— Ótimo. Porque não consigo mais esperar.

Estávamos enlouquecidos e apaixonados. Necessitados e desesperados.

Ele investiu para dentro de mim com um longo movimento que me fez puxar o ar com dificuldade para os pulmões, enchendo-me de prazer ao mesmo tempo que enchia o meu coração de amor.

Eu me ajustei ao tamanho de Finn, os meus músculos internos apertaram em volta dele. Finn gemeu, e aquele som me fez apertá-lo de novo e de novo até o prazer se tornar quase doloroso. Até haver lágrimas nos meus olhos e nos tornarmos as duas únicas pessoas no mundo.

Ele segurou minhas mãos acima da minha cabeça e não continuou até eu olhar em seus olhos.

— Eu amo você, Say.

— Eu amo você — respondi. O sentimento entre nós dois, a ligação que tínhamos, colocou mais lenha na fogueira, e nosso prazer aumentou ainda mais, atingindo níveis que eu não achava que seriam possíveis.

Uma lágrima caiu do canto do meu olho. Aquilo tudo era demais.

Mas não era o suficiente.

Finn beijou a lágrima e começou a se mexer em um ritmo lento e contínuo que me fez erguer o quadril para encontrar cada investida dele. De alguma maneira, fomos do sexo selvagem para o amor apaixonado.

— Eu vou fazer você gozar agora — murmurou, com um gemido grave antes de me envolver com os braços para me erguer

e conseguir atingir um ângulo que me fez ver estrelas com cada movimento lânguido.

— Por favor... — pedi, sentindo-me como se estivesse na beira de um precipício.

— Porra. Eu estou sentindo. Sei que você está quase lá. Caralho, você está muito apertada em volta de mim.

Ele investiu com mais força, entrando e saindo de novo e de novo, até que seus movimentos ficaram frenéticos e nós dois fomos inundados por sensações e sentimentos.

Eu não conseguia saber onde ele estava me tocando ou onde seus lábios estavam no meu corpo.

Eu o sentia em todo lugar.

Na minha pele.

No meu coração.

Na minha alma.

Os músculos do meu baixo-ventre enrijeceram e ele colocou a mão debaixo da minha regata, tocando levemente com o polegar o mamilo que doía, o que enviou uma onda de choque de prazer para o meu cerne.

— Eu... eu...

Não consegui terminar a frase porque já tinha ido longe demais. Gozei em uma explosão de luz branca ofuscante quando o prazer disparou dentro de mim.

— Puta que pariu!

Finn investiu uma última vez e eu o senti crescer dentro de mim, liberando seu calor com um impulso que me fez estremecer

uma última vez com as ondas intensas que percorreram meu corpo.

A intensidade do sentimento não foi a mesma da primeira vez na biblioteca. Eu não sabia como ou por que um prazer como aquele existia, mas tudo que eu sabia era que Finn o tinha dado a mim, e muito mais.



Alguns meses depois, meu pai me conduziu por um corredor improvisado em um campo cheio de girassóis. Durante os últimos instantes da luz do dia, no local exato em que os meus pais tinham se casado, segurei nossa bebê recém-nascida entre nós enquanto Finn e eu juramos sempre amar um ao outro.

Ferozmente. Possessivamente. Insanamente. Sempre.

FIM

EPÍLOGO



SAWYER

Quando paramos na Oficina do Gary, franzi a testa e virei para Finn.

— Por que estamos aqui?

— Vamos! — disse ele, pulando para fora da caminhonete.
— É uma surpresa.

— Achei que a essa altura você já soubesse como me sinto em relação a surpresas — comentei.

— Bom, minha esposinha, acredito que nesse momento você está segurando nos braços uma dessas surpresas — respondeu, com humor.

— Aí você me pegou — comentei, olhando para nossa filha, que tinha a covinha do pai e seus olhos azuis brilhantes.

Finn contornou a oficina aberta e seguiu até o fundo do pequeno prédio. Pegou Sunny dos meus braços e a aconchegou contra o peito, e o meu coração pulou uma batida como sempre

fazia quando eu o via cuidar na nossa filha.

— O que você acha? — perguntou Finn, dando um passo para o lado e revelando a surpresa que estava a pouquíssimos metros dali.

Fiquei petrificada. Meu queixo caiu. Puxei o ar para os pulmões com força, cobrindo a boca sem conseguir acreditar.

— É... você... Eu não consigo acreditar...

Tentei dar alguns passos para frente sem acreditar no que estava vendo, até que consegui deslizar a mão sobre a tinta nova e brilhante no capô da caminhonete até então enferrujada da minha mãe e confirmar que aquilo era real.

Era o Rusty com certeza, só que agora ele era tudo menos enferrujado. Estava com a cor original, um azul-turquesa que teria combinado... Antes que eu pudesse terminar meu pensamento, inclinei-me para a direita para conseguir ver além da caçamba da caminhonete.

Sem a menor dúvida, lá estava a Blue. Não havia sinal algum dos estragos causados pela tempestade que a tinham transformado em não muito mais do que uma pilha retorcida de sucata de metal.

— Ela funciona agora — anunciou Finn. — E muito bem, na verdade. A parte interna dos dois está toda renovada, mas lá no fundo, ele ainda é o velho Rusty e ela ainda é a velha Blue pelos quais você acabou se apaixonando.

— Por quê? — perguntei, dando a volta. Os olhos de Finn estavam colados em mim enquanto ele balançava levemente a bebê

e esfregava suas costas com movimentos circulares.

— Como assim por quê? Porque você os amava e eu vi como perdê-los partiu seu coração. Eles foram seu primeiro contato com a liberdade. Eu não podia deixar que você os perdesse para sempre.

Esse homem. Esse homem maravilhoso.

— Não. Não é por isso que eu amo tanto esses dois.

— Não? — perguntou, seguindo atrás de mim enquanto eu caminhava em volta do Rusty e da Blue.

Balancei a cabeça e me virei para olhar para ele, colocando uma das mãos aberta nas costinhas da Sunny e a outra no peito de Finn.

— Eu os amo tanto, porque foram eles que me trouxeram até você.

Finn inclinou o corpo para baixo, pressionando os lábios contra os meus, no exato momento em que uma voz nos interrompeu.

— Aqui está, chefe — disse Gary, jogando as chaves para Finn. — Eles podem não valer o que você gastou para consertá-los, mas se eu conseguisse uma reação como essa, bem, aí eu pensaria na hipótese de dar uma polida no velho Ford Pinto que eu tenho na garagem.

Quando Gary desapareceu nos fundos da oficina, Finn jogou as chaves para mim.

— São seus.

— Obrigada. — Respirei, colocando os braços em volta de

Finn, tomando cuidado com Sunny em seus braços. — Você deu vida a eles outra vez. Obrigada.

— Assim como você me fez viver de novo — disse ele, apertando levemente meu queixo e dando um beijo puro na minha testa. Fechei os olhos e apoiei os lábios nos seus, inspirando seu perfume fresco e amadeirado. Tinidos. Tinidos em todo lugar.

— Agora vamos, temos muita estrada para percorrer essa noite.

— Essa noite?

— Sim, essa noite. — Finn abriu a porta do passageiro e fez um gesto majestoso estendendo o braço. — Já que eles pertencem a você, eu normalmente a deixaria dirigir, mas como você ainda está aprendendo e tecnicamente não tem carteira de motorista, eu farei as honras por ora.

— Por mim tudo bem — concordei, enquanto entrava e Finn afivelava Sunny na cadeirinha que ele já tinha instalado no pequeno banco de trás.

— Para onde estamos indo? — perguntei, empolgada.

— Para a casa dos meus pais. Achei que como temos toda essa família agora, seria melhor começarmos a visitá-los com mais frequência junto com a netinha, ou então vamos ter que ficar ouvindo um monte.

Finn virou a chave. O motor rugiu para a vida. Não tossiu. Não cuspiu.

O som vibrava dentro de mim. Dei um gritinho de alegria e deslizei as mãos pelo painel.

— Todo mundo pronto, família? — perguntou Finn, olhando para Sunny no banco de trás e depois para mim outra vez.

— Sim.

De um modo geral, Blue e Rusty eram no fundo a mesma caminhonete e o mesmo trailer; eles só estavam agora mais brilhantes e em condições perfeitas de funcionamento.

Eles estavam novos outra vez. Tinham sido resgatados da ruína.

Tinham renascido para uma vida que estavam destinados a viver.

Exatamente como Finn. Exatamente como eu.

Apenas um casal de renegados.



Francamente, eu tinha esperado tempo demais para ter Richard naquela posição para simplesmente entregá-lo às autoridades. Ele ia encontrar uma autoridade sim, mas estou certo de que ia encontrar uma muito mais ao sul do que a Delegacia de Polícia de Outskirts.

— Sabe, quando criança, eu acordava na manhã de Natal com um frio na barriga. Empolgado pensando em que presente eu poderia ter ganhado. No que poderia estar lá debaixo da árvore esperando por mim. — Eu me apoiei na árvore que seria o último lugar de descanso de Richard e olhei para baixo na direção dele. — Estou me sentindo meio que daquele jeito nesse momento.

Ele lutou contra as amarras.

— Ah, não adianta tentar se desamarrar. Não tem como você conseguir se soltar desses nós.

Richard tentou gritar, mesmo com a mordaça de pano que

eu tinha enfiado em sua boca.

— Não se preocupe, Richard. Eu não vou matá-lo. — Acendi um charuto e enfiei o isqueiro de volta no bolso da minha camisa. — Prometi às meninas que não mataria e, diferente de você, cumpro as minhas promessas.

Respirei fundo.

— Está sentindo esse cheiro? Você não adora o ar do pântano? Esse cheiro de enxofre depois de um bom furacão? É como se o mundo estivesse se limpando de todas as coisas mortas que ele não precisa mais.

Olhei para Richard e os olhos dele estavam arregalados. Baguncei seu cabelo.

— Você está entendendo onde eu quero chegar?

Eu estava meio chateado que aquilo tinha que acabar. Estava me divertindo muito. Mas eu não podia ficar. Tinha que voltar para Caroline. Para minha família.

— Isso me faz sentir tão bem, me traz tanta satisfação. Tanta satisfação, na verdade, que sinto que preciso de um cigarro de pré-vingança. Mas como eu não tenho um, e não fumo esse tipo de coisa, esse charuto vai ter que dar conta.

Um barco se aproximava ao longe. Lentamente, em silêncio. Sem nenhuma luz.

Hora do show.

Eu me agachei na frente do Richard.

— Você roubou minha esposa e minha filha e não teve a decência como homem de dar a elas uma vida boa. Você é do tipo

mais baixo que pode existir. Alguma última coisa a dizer?

Puxei a mordaça de sua boca.

— Você vai para o inferno por isso — esbravejou Richard, enfurecido.

Empurrei a mordaça de volta na boca dele, levantei e dei uma baforada. Dei de ombros quando o barco chegou mais perto.

— Então eu acho que vamos nos encontrar por lá. — Dei um tapinha em seu ombro. — Guarde um lugar para mim no ônibus. — Sorri e coloquei o charuto na boca. — E compre um ventilador para mim, pode ser? Dizem que lá embaixo é quente pra caralho.

Os olhos do Richard se voltaram rapidamente para o homem vestido todo de preto que pulou do barco. O diabo loiro em pessoa, Jake Dunn, analisou sua presa sem nem se dar o trabalho de olhar para mim. Ele não disse nada — o garoto nunca dizia — mas balançou a cabeça de maneira brusca e aquele foi o sinal para que eu saísse.

— Sinto muito, não posso ficar para assistir ao show, mas tenho certeza que o Jake aqui vai garantir que você seja bem cuidado enquanto ele consegue lentamente sua passagem para o sul.

Richard gritou por trás da mordaça quando Jake se aproximou.

Com Jake no comando, não havia dúvidas de que Richard Dixon estava finalmente prestes a ter o que merecia, e muito mais.

— Cuide para que seja bem doloroso — gritei por cima do ombro, pulando no meu barco e ligando o motor.

— Vai ser — garantiu Jake, em um tom de voz tão grave que era quase inaudível.

Dei outra baforada e acenei para Richard com o dedo do meio.

— Eu vou orar por você — berrei, enquanto me afastava ouvindo os berros e gemidos abafados do Richard, que começava a sentir um gostinho do que Jake estava prestes a servir. — Apodreça no inferno, seu filho da puta — murmurei para mim mesmo, enquanto manobrava o barco em meio à vegetação densa no meu caminho de volta para casa, para minha esposa e filha.

Para minha família.

Afinal, eu tinha um trabalho difícil para realizar com elas. Duas décadas é muito tempo para compensar. Natais e aniversários. Datas especiais. Eu já estava planejando todos os dias de compensação na minha cabeça.

Depois daquela noite, decidi que nunca ia deixar a lembrança do Richard roubar de mim outro momento ou pensamento feliz. Ele já tinha levado muita coisa. Ele não ia conseguir mais nada. Nem mesmo um pensamento. De mim, não.

A única exceção era quando eu não conseguia dormir de noite. Nessas ocasiões, meus pensamentos iam até ele. Eu ficava ali deitado acordado, com os braços em volta da Caroline e pensava em como Richard tinha morrido. Depois de pouquíssimo tempo, aquilo resolvia meu problema de falta de sono e eu adormecia como um neném embriagado com o leite da mãe.

A morte do Richard era a nova contagem de ovelhas.

E com toda minha família em casa e em segurança, eu nunca tinha dormido melhor.



— O que é isso? — perguntei, virando a cabeça para o lado para poder ouvir melhor a música que vinha por trás das portas de aparência comum.

— Isso? — Finn sorriu e ergueu minha mão até sua boca para dar um beijo inocente nos nós dos meus dedos. Inocente ou não, fez os pelos dos meus braços se arrepiarem. — Esse é o som da religião número nove.

— Os sons da religião número nove são incríveis — admiti, indo na direção da porta como se a música estivesse movendo os meus pés por mim.

— Espere até você ouvir como soa do lado de dentro — disse Finn, abrindo a porta dupla.

A melodia explodiu ao nosso redor e minha pele toda ficou instantaneamente arrepiada. Um sentimento de pura alegria tomou conta do meu peito.

Sentamo-nos na fileira dos fundos para não atrapalhar as outras duas dúzias de pessoas mais ou menos que estavam presentes.

O interior da igreja não tinha nem um pouco cara de igreja. Não tinha vitral nem representações da via sacra ou da Virgem Maria. A área principal de adoração era um salão amarelo simples com várias fileiras de cadeiras brancas dobráveis em cada lado do corredor improvisado. As paredes eram decoradas com pinturas a dedo cheias de cor e vida feitas por crianças, junto com quadros de avisos que transbordavam panfletos e avisos presos com alfinetes.

A música estava sendo executada por uma pequena banda montada no canto da frente do salão. Uma garota de calça jeans rasgada e regata do Guns-N-Roses, que parecia ter mais ou menos a minha idade, estava cantando em um microfone em um pedestal com os olhos fechados. Sua voz era melódica. Marcante. Eu podia sentir as palavras na minha alma enquanto ela balançava com a música que ela mesma estava ajudando a criar. Fiquei imediatamente hipnotizada por sua voz e por suas palavras.

Cantamos por amor e por amor somente.

É o amor que sempre nos traz para casa da gente.

Vivemos para a luz, mas a escuridão ainda existe.

É a luz dentro de nós que afastará o final mais triste.

— Uau — sussurrei.

Finn respondeu da sua maneira habitual. Apertando minha mão para mostrar que estava ali.

Quando a música acabou, o pastor falou para a multidão

sobre amor e perda. Foi muito diferente do que eu estava acostumada. Eu sempre sentia como se estivesse sendo castigada nos cultos por todos os erros que nem sabia que tinha cometido. Aquilo era para cima. Envolvente. Era como ter uma conversa, e não como ter alguém gritando com você.

O pastor nunca ficava na frente da multidão ou atrás de um púlpito. Ao invés disso, ele subia e descia o corredor fazendo contato visual com cada pessoa ali presente, inclusive eu e Finn.

Quando o culto terminou e o salão estava quase vazio, Finn me levou para conhecer o pastor.

— Vou deixar vocês dois conversarem — disse Finn, pedindo licença para atender uma ligação do lado de fora.

O pastor gesticulava na fileira da frente do salão agora vazio. Ele começou se apresentando como Pastor Dave, mas “você pode me chamar só de Dave”.

— Finn me contou sobre sua situação e um pouco sobre sua história. E ele também disse que você está em busca de uma nova fé nesse momento — disse Dave. Suas palavras eram calmas, claras e completamente livres de qualquer julgamento.

Eu ri.

— Acho que eu nunca pensei nisso dessa maneira, mas sim, de certo modo estou em busca de uma nova fé. Estou escrevendo um blog sobre diferentes religiões, suas histórias, e o que a fé realmente é e o que ela significa para diferentes pessoas. Achei que a melhor maneira de escrever sobre elas seria conhecê-las pessoalmente.

O sorriso do Dave era gentil, exibindo linhas finas ao redor de sua boca. Tive a impressão de que ele tinha um pouco menos de cinquenta anos de idade.

— Eu acho isso fantástico. Bom, o resumo da nossa pequena congregação é que somos uma igreja interconfessional, o que significa que não consideramos que uma única fé é a fé “correta” ou a fé “verdadeira”. O que fazemos aqui é reconhecer que somos todos irmãos e irmãs nesse mundo e que todos nós estamos nisso juntos. É isso que celebramos nos nossos cultos. As pessoas se preocupam muito com o que é “certo” e com o que é “errado” na religião. É aí que elas deixam de entendê-la. Elas se prendem demais nos detalhes. Nas minúcias. Nós aqui focamos na bondade que temos nos nossos corações porque Deus vive nos nossos corações, não nos detalhes.

— Eu nunca tinha pensado nisso dessa maneira — comentei.

Conversamos por mais uns quinze minutos. Então agradei pelo seu tempo e levei em consideração suas palavras. Quando eu tinha acabado de me despedir, Finn se juntou a nós na porta.

— Pastor Dave? — eu o chamei e ele virou para trás.

— Sim?

— Você acha que tudo bem se eu vier para o culto na próxima semana?

— Nada nos deixaria mais feliz do que tê-la conosco, Senhorita Sawyer.

Eu sorri e Finn pegou a minha mão.

— Foi legal, não foi? — perguntou, dando um beijo no topo da minha cabeça.

— Sim, sim, foi legal — respondi. — Foi melhor do que eu esperava. Por muito tempo, vi a religião e a fé como uma coisa monstruosa. Isso foi... felicidade. Uma celebração. Eu não sabia que podia ser assim.

— Nem eu — concordou Finn, olhando para mim com um calor em seu olhar. Eu tinha certeza que ele não estava falando da igreja. Meu corpo inteiro esquentou.

Finn continuou a andar com o braço sobre meus ombros e a intensidade da nossa conexão começou a vibrar entre nós.

Eu não sabia se eu ia ser membro da igreja por muito tempo. Tudo que eu sabia era que o Pastor Dave estava certo.

Deus é o amor em nossos corações.

E o meu coração?

Ergui o olhar para Finn mais uma vez e pensei na nossa menininha que era a cara do pai.

Meu coração estava transbordando.

— Eu te contei que escolhi um nome para o blog? — perguntei para Finn, enquanto caminhávamos de mãos dadas. Eu tinha me esquecido completamente de contar a ele.

— Não, o que foi que escolheu?

Eu parei e virei para encará-lo, esticando o pescoço para olhar em seus lindos olhos azuis.

— As Aventuras Religiosas de Sawyer e Finn.

AGRADECIMENTOS



Obrigada, Sr. Frazier, pelo seu constante encorajamento. Eu não conseguiria fazer nada disso sem você. A escrita. A vida. Tudo. <3

Obrigada, Ellie do Love-N-Books, pelas revisões e toda essa merda.

Obrigada, Becca do Evident Ink, por ser a Swift do meu Sheeran. Obrigada por me lembrar de que pessoas têm sentimentos. Obrigada por tolerar os meus prazos impossíveis e por não ser uma completa idiota em relação a isso.

Obrigada, Jenn Watson, pelas suas habilidades insanas de RP e pela sua amizade. #CaliforniaLove

Obrigada, Kimberly Brower da Brower Literary & Management — minha agente.

Obrigada, Wander Photography, pela ótima foto de capa. Margaritas no Sr. Frazier!

Obrigada, como sempre, a todos vocês meus leitores da

Frazierlândia. Que grupo incrível de leitores. Eu sou muito grata por ter vocês todos na minha vida.

Obrigada a todos vocês, blogueiros e leitores, que divulgam amplamente o amor que têm pelos meus livros. VOCÊS são tudo.

Com amor,

T.M.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@GiftBoxEditora](#)